

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL
EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA - PROMESTRE

Andreia Cristina Pereira

O corpo negro e a escola

Belo Horizonte

2022

Andreia Cristina Pereira

O corpo negro e a escola

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Ensino de Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Admir Soares Almeida Junior

Belo Horizonte

2022

P436c
T Pereira, Andreia Cristina, 1982-
 O corpo negro e a escola [manuscrito] / Andreia Cristina Pereira. - Belo Horizonte, 2022.
 165 p. : enc, il.

 Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
 Orientador: Admir Soares de Almeida Júnior.
 Bibliografia: f. 154-165.

 1. Educação -- Teses. 2. Educação -- Relações raciais -- Teses.
 3. Educação -- Relações étnicas -- Teses. 4. Educação física -- Estudo e ensino -- Relações étnicas -- Teses. 5. Educação física -- Estudo e ensino -- Relações raciais -- Teses. 6. Imagem corporal -- Relações raciais -- Teses. 7. Escolas -- Relações raciais -- Teses. 8. Escolas -- Relações étnicas -- Teses. 9. Negros -- Educação -- Teses. 10. Negras -- Educação -- Teses. 11. Estudantes negros -- Identidade racial -- Teses.

 I. Título. II. Almeida Júnior, Admir Soares de, 1969-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19342

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)
Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA ANDRÉIA CRISTINA PEREIRA

Realizou-se, no dia 30 de março de 2022, às 09:00 horas, por videoconferência, a 337ª defesa de dissertação, intitulada *O corpo negro e a escola*, apresentada por ANDRÉIA CRISTINA PEREIRA, número de registro 2019653448, graduado no curso de NORMAL SUPERIOR, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Admir Soares de Almeida Junior - Orientador (EEFFTO - UFMG), Prof(a). Rodrigo Ednilson de Jesus (UFMG), Prof(a). Joelcio Fernandes Pinto (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

A Comissão considerou a dissertação:

(X) Aprovada

() Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 30 de março de 2022.

Prof(a). Admir Soares de Almeida Junior – Orientador (Doutor)

Prof(a). Rodrigo Ednilson de Jesus (Doutor)

Prof(a). Joelcio Fernandes Pinto (Doutor)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Maria Marta Meira Pereira e Osvaldo Luiz Pereira. O amor de vocês tem sido minha bússola. Amo-os infinito!
Ao povo negro e a todos os que lutam e acreditam em uma educação antirracista!!

AGRADECIMENTOS

*“Povoada
Quem falou que eu ando só?
Nessa terra, nesse chão de meu Deus
Sou uma, mas não sou só
Povoada
Quem falou que eu ando só?
Tenho em mim mais de muitos
Sou uma, mas não sou só...”
(Povoada - Sued Nunes)*

Eis que chega o momento de agradecer por tudo que me trouxe até aqui e por tudo que essa caminhada me possibilitou aprender. Sei bem que não é uma caminhada que faço só e eu tenho muito para agradecer, sendo essa, uma vitória a ser partilhada.

Agradeço primeiramente a Deus e a meus pais. Eles são o presente que me trouxe até aqui e muito do que sou e onde estou, devo a eles. A batalha, a luta, a crença e o abençoar diário deles, me fortaleceu e, em muitos momentos, foi a lembrança do esforço deles que não permitiu que eu desistisse. As crianças queridas que habitam minha vida Alice, Isabelle, Maisha, Guilherme e o Yuri Samuel, que está para chegar, para que os tempos sejam menos desafiadores para eles. Que este meu esforço somado ao de muitos outros, torne a vida um pouco mais suave.

Agradeço a meus avós, a parte mais distante ancestralmente que conheço dos meus. Vocês batalharam muito, eu sei! Minha menção especial aqui é a minha avó Vitalina (viva no coração e na plantinha com seu nome em minha varanda), que faleceu dias depois de minha qualificação. Como me sinto honrada de perceber coisas suas em mim. No dia do seu velório sabendo que 93 anos, foi tempo, eu agradei. Vi uma família imensa, que bem sabemos se manteve, inicialmente, por sua luta. A senhora que não sabia ler e escrever, sabia do valor da educação e de como ela podia mudar as coisas.

Agradeço a meus irmãos Ana, Fabiana e Kadu que seguraram muito minha onda nos últimos tempos, quando a ausência se fez uma constante. Saber que vocês estavam cuidando de tudo mais de perto e ajudou muito, me deu um pouco mais de sossego para o que precisava ser feito.

Ao Léo meu companheiro. Sei que foi difícil! Agradeço o amor, o cuidado e, quando te foi possível, a paciência com minha impaciência, meu choro e desespero, porque a vida de mestranda preta, não é fácil!

Agradeço ao meu orientador Joélcio pelas trocas e a caminhada que nos foi possível. Foi um momento de grande aprendizado e crescimento, que muito acrescentou. Conto com você no frente! A caminhada no território da Educação Física (sua casa), ainda é longa! Vamos à luta!

Agradeço aos professores da Linha da Educação Física do Promestre, pela acolhida de minha pesquisa. Aos meus companheiros de caminhada no mestrado, Bruno, Cristiane e Tatilla.

A Mônica Regina professora da Rede Municipal de Nova Lima, uma segunda mãe, aquela que me apresentou o movimento negro! Sou grata!

Agradeço professora Luciana de Souza Matias, pela amizade, pelo cuidado e pelo incentivo em tempos em que desacreditei que era possível! A encruzilhada hoje tem outro significado para mim!

A Iraê Mariana e Felipe Bandeira pela amizade e pela companhia! Foi muito importante contar com a torcida de vocês!

Agradeço aos companheiros de caminhada Madu Santos, Catherine Hermont, Thaína Assis, Packisa Araújo e José Sabóia. Sem vocês, os últimos meses seriam impossíveis. Grata pelos bons conselhos e partilha de cuidados com a saúde mental. Sigo com o aprendizado, já é hábito.

Gratidão Grupo Ébano Movimento Negro de Nova Lima, minha primeira casa de acolhida no Movimento Negro. Agradeço também as parcerias que a experiência na Companhia Baobá e no Coral Agbara me proporcionaram, momentos de conexão com a vida e crescimento. Vocês trouxeram a porção de dança e canto tão importantes a movimentar a vida.

Aos membros da Associação Cultural Odum Orixás¹, Mulheres do Coletivo Odum, meu espaço de resistência e de luta no Movimento Negro. A cada um de vocês, minha gratidão e afeto.

Em especial ao Programa afirmação na pós da UFMG, vocês foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Minha gratidão eterna a cada um e nominalmente a minha tutora da afirmação na pós, a maravilhosa Deise Kinsk.

Deixo aqui minha homenagem à companheira de caminhada, Patrícia Monteiro, que iniciou essa caminhada junto comigo e hoje brilha no Orum! Gratidão pelo tempo juntas!

¹ A Associação Cultural Odum Orixás surge em 1972, como Balé Folclórico do Negro Odum Orixás. Idealizado pelo sociólogo Paulo Cesar Valle, em parceria com a musicista Celsa Rosa e com a atriz Eliane Maris, a dança foi a primeira linguagem artística utilizada para as discussões a respeito da condição do negro. Com o tempo, outras manifestações culturais, como teatro, música, artesanato e poesia, vão ocupando espaço no grupo, pioneiro na luta pelo fortalecimento e afirmação da cultura afro-brasileira em Minas. A Associação Cultural Odum Orixás é um espaço cultural de resistência que completa 50 anos em 2022.

Agradeço aos professores Maria Aparecida, Edwirges Neves, Cláudio Emanuel, Rogério Corrêa, Tânia Aretuza, Yone Gonzaga, Rodrigo Ednilson, Vitória Régia, Igor Maciel, Mara Evaristo, Aline Rogéria, Ana Maria Silva e Thiago Pestana. Vocês foram um aprendizado e a troca no momento certo. Grata por toda contribuição, ajuda e presença. Que a gente não se perca!

Aos meus colegas da Rede Municipal de Belo Horizonte, membros do Núcleo Étnicorracial de Venda Nova e Coordenação Ampliada, pela parceria na luta. Meu espaço de refazimentos no fazer docente!

Agradeço a Prof.^a Ivanilde Guedes de Mattos, ao Prof. Admir Soares de Almeida Junior, ao Prof. Rodrigo Ednilson de Jesus, ao Prof. José Alfredo Debortoli, professora e professores da banca examinadora, pelo interesse, colaboração e disponibilidade. É muito importante contar com o olhar de vocês neste momento.

Deixo neste espaço minha homenagem à Dona Carmem dos Santos, que nos deixou nos últimos dias de finalização desta escrita. Gratidão pelos ensinamentos, pelo cuidado e pelo amor plantado. Estas páginas também são suas!

E por fim, agradeço aos meus alunos, cada um deles, motivo maior de minha luta! Sonho com um futuro melhor e real para vocês. Estou na luta!

*“...Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada...”*
(E vamos à luta – Gonzaguinha)

RESUMO

Este estudo teve então como objetivo central identificar e analisar a produção acadêmica sobre o corpo e a escola, mais especificamente, o corpo negro na Educação Física escolar. Tal movimento foi pautado pela perspectiva decolonial de educação e debruçou-se no campo da educação das relações étnico raciais e no território da educação física escolar. Neste sentido, pretendeu-se discutir, como o campo de produção de conhecimento tem se investido de sua responsabilidade social para incentivar e produzir conhecimento sobre o corpo negro, a escola e a Educação Física. A questão que motiva essa trilha é se a produção de conhecimento educacional tem sido consistente e suficiente para o enfrentamento da invisibilidade do corpo negro no ambiente escolar e da Educação Física, seja pela quantidade ou qualidade das pesquisas sobre tal temática. Certa de que a trajetória escolar marca os sujeitos das mais diversas maneiras, seja, na construção de identidades e/ou na fragmentação de subjetividades, acredito ser importante estabelecer diálogos que proporcionem, interações com as histórias ancestrais, fornecendo assim aos estudantes um outro olhar sobre si e sobre a história. Trazendo para o chão da escola um currículo vivo que considere a história, saberes identitários e dos negros e negras. O corpo é minha primeira porta de entrada, de acesso ao mundo, aos espaços. Minha conexão com os outros, com os meus sentidos e com o meu sentir. Assumir o corpo preto, assumir uma identidade negra dói. Neste lugar tomamos contato com muitas contradições, que habitam o que somos e o mundo que precisamos viver nele. Saímos do espaço, do lugar da inadequação, para buscar uma trajetória, que nos liberte de querer, ser quem não precisamos. O movimento aqui é inicialmente, um movimento de olhar para dentro, não só de mim, mas para as permanências, ciclos viciosos que mantém corpos pretos protagonizando os mesmos espaços e lugares de uma violência da qual eu sou apenas um exemplo, uma pequena e dolorosa mostra dela.

Palavras-Chave: Corpo-Negro, Educação, Escola, Educação Física, Educação Básica

ABSTRACT

This study had as its central objective to identify and analyze the academic production on the body and the school, more specifically, the black body in school Physical Education. This movement was guided by the decolonial perspective of education and focused on the field of education of ethnic-racial relations and on the territory of school physical education. In this sense, it was intended to discuss how the field of knowledge production has invested its social responsibility to encourage and produce knowledge about the black body, school and Physical Education. The question that motivates this trail is whether the production of educational knowledge has been consistent and sufficient to face the invisibility of the black body in the school environment and in Physical Education, whether due to the quantity or quality of research on this topic. Certain that the school trajectory marks the subjects in the most diverse ways, whether in the construction of identities and/or in the fragmentation of subjectivities, I believe it is important to establish dialogues that provide interactions with ancestral histories, thus providing students with another look at itself and about the story. Bringing to the school floor a live curriculum that considers history, identity knowledge and black men and women. The body is my first gateway, access to the world, to spaces. My connection with others, with my senses and with my feeling. Assuming a black body, assuming a black identity hurts. In this place we come into contact with many contradictions, which inhabit who we are and the world we need to live in. We leave the space, the place of inadequacy, to seek a trajectory that frees us from wanting, being who we don't need. that keep black bodies starring in the same spaces and places of a violence of which I am just an example, a small and painful sample of it.

Keywords: Black Body, Education, School, Physical Education, Basic Education

QUADROS DA PESQUISA

QUADRO 01 – Informações Básicas - Conbrace	51
QUADRO 02 -Artigos/Resumos Expandidos Conbrace - Geral	54
QUADRO 03 - Resumo Quantitativo Por GTT - Lançado Na Tabela	54
QUADRO 04 - Síntese Das Produções De Conhecimento Sobre Corpo Na Escola	55
QUADRO 05 - Informações Básicas Copene	77
QUADRO 06 - Artigos Publicados/Escolhidos - Corpo Negro no Copene	83
QUADRO 07 Produção Copene	84
QUADRO 08 – O Corpo Negro No Copene - O Que Dizem os Pesquisadores da Educação Física.	129

SUMÁRIO

1 - PREFÁCIO	7
2- APRESENTAÇÃO	9
3- MEMORIAL	10
4 - INTRODUÇÃO	18
4.1 - Considerações Sobre a LDB - Lei de Diretrizes e Bases	21
4.2 – Algumas Narrativas Sobre o Corpo	25
4.3 - Identidade Cultural	37
4.4 – Objetivos	45
4.4.1 – Objetivo geral:	45
4.4.2 – Objetivos específicos:	45
4.5 – Justificativa	46
5. CAMINHOS DE MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	47
5.1 - Estratégias de Busca	49
5.2 - Critérios de Elegibilidade nos Anais do CONBRACE e COPENE	50
6 – PRODUÇÃO CIENTÍFICA DAS INSTITUIÇÕES	50
6.1 – CONBRACE	50
6.1.1 – Produções Sobre o Corpo, nos Anais do CONBRACE	52
6.1.2 - Produções Teóricas Acerca da Temática Corpo, nos Anais do Conbrace	55
6.1.3 - Produções Teóricas Conbrace	65
6.2 – COPENE	77
6.2.1 - A Produção Científica nos Anais do Copene	82
6.2.2.- Produções Teóricas Encontradas nos Anais do COPENE	99
6.2.3 - Corpo Negro, Gênero e Sexualidade	100
6.2.4 - Corpo Negro e Diáspora	101
6.2.5 -Corpo Negro e Biologia.	102
6.2.6 -Corpo Negro e Necropolítica.	103
6.2.7 - Corpo Negro e Arte - Formas de Reexistir	105
6.2.8 -Corpo Negro e a LEI 10.639/2003	107
6.2.9 -Corpo Negro e Educação Básica	111
7 - CORPO NEGRO E EDUCAÇÃO FÍSICA: PRODUÇÕES PRESENTES EM AMBAS AS INSTITUIÇÕES (CONBRACE E COPENE)	115
7.1 -Produções Teóricas Acerca da Temática Corpo Negro nos Anais do CONBRACE	115

7.2 - Atravessamentos Corpo Negro X Questões Raciais – para além dos Anais do CONBRACE – Novas Lentes.	123
7.3 Produções Teóricas Acerca da Temática Corpo Negro nos Anais do Copene	128
8 - CONSIDERAÇÕES DO MOMENTO	143
9 - RECURSO DIDÁTICO	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	154

1 - PREFÁCIO

A Escrita no contexto atual

Estamos em meio uma pandemia, que assolou o mundo e que evidencia a imensidão de abismos de desigualdades que estamos imersos. O ano é 2021, e não é possível que eu escreva ou que me coloque aqui sem explicitar em que condições realizo minha escrita. Preciso falar do cenário educacional e político que impactam minha vida, minha atuação docente, meu existir e resistir neste mundo.

A pandemia a meu ver não tornou a vida de pessoas pretas pior, só evidenciou uma infinidade de desigualdades e abismos sociais já existentes. Trago e evidencio tudo isto, porque na verdade, as vivências de ausência e das impossibilidades de acesso de meus alunos tocam em mim de maneira pessoal. Sinto uma tristeza imensa quando vejo tudo aquilo que eles não podem ter. Principalmente quando considero que a maioria dos meus estudantes representa a criança negra que eu também fui e que depois de tanto tempo, ainda passam por situações de não acesso e de não poder, que se instauram no cotidiano social e escolar, apresentando dificuldades de uma formação mais digna, mais qualificada e mais humana. Dói ainda pensar que tal situação está intimamente relacionada com uma estrutura de sociedade que é racializada e que está organizada para não abarcar e não caber pessoas pretas e pobres.

A pandemia ainda assola o país e os mais prejudicados educacionalmente são as crianças pretas e pobres, não por fatores novos, mas por contextos que já existiam nas vidas e trajetórias das pessoas, marcada por uma pós abolição que não se deu efetivamente.

Neste momento para além das dificuldades tecnológicas que aumentam a distância entre todas/todos, a educação dos afetos e com afetos se faz fundamental, principalmente com as crianças pequenas. Infelizmente, percebe-se uma tristeza que assola, que trava e que impede a caminhada. Hoje sinto que a força, a inspiração para o meu fazer está repleta destes encontros/desencontros e que o (não) fazer em sala de aula mina uma parte importante de mim, que vive, se renova e se transforma no fazer pedagógico.

Olho para o cenário imposto por esta pandemia e é um cenário triste, que precisa de ações e de posturas para tornar diferente as impossibilidades que o modo de vida que foi construído impôs às crianças pretas e pobres.

A sala de aula é um espaço valioso, mas sem querer ser romântica em meio a

tragédia, ousou dizer que, estamos resistindo. O fazer educacional tomou outros caminhos e os espaços de aprendizados são vastos. O contexto é de luta, de resistir, de não deixar perder direitos já conquistados. Enquanto professora negra, tenho a tarefa junto do núcleo étnico racial, onde sou representante de minha escola, de fazer valer, pelo menos em partes, as legislações referentes a Lei 10639/2003 e pautá-la neste momento, principalmente quando identifica-se que o trabalho a ser realizado com as crianças às vezes é tomado como desnecessário para o momento.

O processo educacional se faz nos contatos com o outro, preciso sentir o outro, olhar para o outro, para a realidade do outro, para o espaço do outro.

O tempo de hoje me pede “ginga”, como diria Alan da Rosa, de corpo e sorriso, de presença. E por vezes, como está, será a presença sentida, calorosa, que toca o outro sem tocar, que chega o outro sem chegar e que por fim atravessa, todas as construções e constatações realizadas.

O momento me afeta e/ou vem me afetando de maneira muito intensa, as infinidades de desigualdades que afetam a vida de meus alunos, marcam incisivamente meu fazer docente, não tem sido fácil. Não digo só pelas questões referentes à aplicação de conteúdos escolares, mas pelo que tange o humano, a desumanização de meus estudantes e seus direitos não preservados.

Outro ponto importante para mim, e que considero muito pertinente mencionar, é o contexto de mulher, negra, pesquisadora, dona de casa, filha, enfim, um contexto marcado por muitas questões que tornam um pouco mais difícil, a tarefa de passar pelo mestrado na pandemia. Minha vida é constituída e marcada em muito por estas coisas, que fazer mestrado não me liberaram de ser, fazer ou estar.

Minha vida é marcada por uma infinidade de outros fazeres, lugares e pessoas e, de certa forma, absorvo e participo deste cenário pandêmico também como a mulher do movimento negro ligada e conectada com uma infinidade de ações para nutrir, alimentar os meus. Posso ficar em casa, mas não pude e nem quis me acomodar neste lugar. E tudo isto exaure o corpo e a alma. O movimento para mim, o dançar, o gingar e o cantar são ações que me mantêm de pé. A associação da qual sou parte, neste momento desconectou-se em parte deste movimento, para ajudar na luta pela vida dos tantos que a pandemia assolou. Quando trago tais fatos para esta escrita, preciso e desejo evidenciar a importância deste movimento em minha ação e na manutenção de minha própria vida.

2- APRESENTAÇÃO

Compreendendo então a centralidade da “corporeidade” na formação das pessoas me lancei ao desafio de investigar essa temática. Este estudo teve então como objetivo central identificar e analisar a produção acadêmica sobre o corpo e a escola, mais especificamente, o corpo negro na Educação Física escolar. Tal movimento foi pautado pela perspectiva decolonial de educação e debruçou-se no campo da educação das relações étnico raciais e no território da educação física escolar.

Neste sentido, pretendeu-se discutir, como o campo de produção de conhecimento tem se investido de sua responsabilidade social para incentivar e produzir conhecimento sobre o corpo negro, a escola e a Educação Física.

A questão que motiva essa trilha é se a produção de conhecimento educacional tem sido consistente e suficiente para o enfrentamento da invisibilidade do corpo negro no ambiente escolar e da Educação Física, seja pela quantidade ou qualidade das pesquisas sobre tal temática.

Assim, o trabalho desta investigação foi organizado e apresentado nos seguintes tópicos:

1) Memorial – Neste item apresento minha história de vida onde registro as minhas experiências escolares e não escolares demarcando as incursões de meu corpo preto no território escolar e fora dele, considerando todo o marcador político que é ser, reconhecer e me afirmar como mulher e professora preta.

2) Introdução – Neste espaço descrevo os estudos sobre educação das relações étnico raciais, escola e educação física com o objetivo de situar o leitor a respeito dos aportes teóricos que estão me subsidiando e, ao final, descrevo os objetivos do trabalho.

3) Metodologia - Apresento os métodos que utilizarei para desenvolvimento do trabalho, bem como a ideia de um recurso didático para a divulgação da pesquisa realizada.

4) Produções teóricas - Descrevo as produções educacionais sobre a temática do corpo negro e sua relação com a escola e a Educação Física.

5) Notas sobre a produção teórica, apresento as minhas considerações sobre os achados da pesquisa.

3- MEMORIAL

Das vivências ao objeto de pesquisa: o que constitui uma docente que pesquisa

Início essa escrita fazendo referência a dados que trazem para a cena a potência que é ser uma mulher negra. Tenho 39 anos e contrariando uma infinidade de pressupostos e estatísticas, ainda estou viva e sou aluna do mestrado profissional da UFMG.

Sou professora da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, atuo na educação infantil e no ensino fundamental de uma mesma escola. Minha luta por uma educação antirracista que seja concebida de outra forma é uma constante, faz parte do meu fazer pedagógico e constitui em alguma medida, a pessoa que venho me tornando. Começo essa narrativa pela minha origem, minha ancestralidade mais próxima, que orgulhosamente é parte do que sou.

Nascida e criada em um bairro periférico da cidade de Nova Lima - MG, venho de uma família de 4 irmãos e sou a mais velha. Filha de Marta e Osvaldo, minha mãe é professora formada e meu pai trabalhou a maior parte de sua vida profissional na Mineração Morro Velho, em Nova Lima.

Este momento específico da escrita é para mim um mergulho na dor e relutei por um longo tempo em lembrar esta parte da minha vida, colocar em pauta fatos que, de alguma forma, marcam minhas escolhas no decorrer desta caminhada.

Ingressei no antigo pré-primário, em 1987, e o primeiro contato com a escola não foi tão aprazível. Eu chorava tanto, que a minha mãe me levou de volta para a casa. Lembro-me que quando quis ir à escola, levei debaixo do braço um tapete tecido por minha avó. (embora ela não soubesse ler, sabia da importância da escola). Então, junto com o tapete ela me enviou também o seu amor em palavras sobre a importância da escola. Cada menção apaixonada dela sobre a escola e as professoras me acompanha até hoje e contribuiu para que eu me tornasse docente.

Aprendi a ler e meu desempenho era muito bom. Também na escola, tive a oportunidade de descobrir meu gosto pelo canto e pela dança, mas não pude desenvolver essa habilidade como eu gostaria e hoje infiro que foi em decorrência do meu pertencimento étnico-racial. Recordo-me e descrevo dois episódios que me marcaram muito e que reforçam as minhas indagações.

O primeiro foi uma homenagem do Dia das Mães. Para a apresentação, ensaiamos a música “Charleston²”, minha mãe se esforçou bastante para possibilitar a minha participação. Lembro-me que ela providenciou a meia calça e a cartola e a minha avó fez o casaquinho. Aquele figurino preto rendeu para além da empolgação com a dança, alguns lembretes sobre a cor que me habita. Foi um episódio difícil, mas não foi pior que o referente ao relativo à música cantada por Xuxa na década de 1980: *Arco íris de energia*³.

O segundo episódio culminou com uma situação que hoje poderia ser qualificada como uma discriminação racial. Eu era fã da Xuxa, (não tínhamos muitos modelos de representação negra no espaço midiático na época. E, ainda hoje, os que há estão aquém do percentual de pessoas negras na população negra).

Aprendi a coreografia e a realizava com maestria, mas fui colocada no fundo do palco, junto com os meninos para balançar os balões. A professora justificou dizendo “você não tem cabelo para balançar”. Essa expressão doeu e ainda dói.

Não consigo me lembrar neste ponto a composição de minha turma ou a quantidade de alunos, mas ainda sei da dor, ela ainda é sentida e reverbera vez ou outra em muitas partes dentro e fora de mim, como uma lembrança que é minha ou como uma repetição na vida de estudantes e nos espaços escolares por onde transito.

Hoje, fico pensando que minha mãe iniciou o alisamento de meu cabelo, no ano anterior à formatura do pré-primário numa tentativa de evitar situações como as relatadas.

O alisamento era uma tortura, pois o couro cabeludo era esticado e era muito dolorido. Sou asmática desde que nasci, então o cheiro da pasta no cabelo no nariz me deixava em crise. Tanto sofrimento para ter um tipo de cabelo que não balançaria, nem muito menos evitaria situações tão constrangedoras, mas era a opção imposta por um contexto social de padronização do belo, baseado nos modelos europeus, ou seja, cabelo liso. Acredito que naquele momento mamãe estava fazendo seu melhor, ela queria me proteger, tentava amenizar o sofrimento de uma discriminação em virtude do cabelo crespo.

² Charleston é uma dança surgida na década de 1920 pouco depois da Primeira Guerra Mundial, sendo um divertimento dos cabarés, onde as mulheres dançavam e mostravam mais as pernas porque as saias eram mais curtas e tinham o cabelo à la garçonne. O nome se origina da cidade de Charleston, na Carolina do Sul.

³ Arco íris de energia – música constante do disco Xou da Xuxa 3 - 1988

Neste contexto é importante acrescentar que o alisamento, assim como outras estratégias para “cuidar” do cabelo foram utilizadas, mas, fatores econômicos também são uma questão e como nós éramos três meninas em casa, essa deixou de ser uma alternativa e passamos então a andar trançadas, inicialmente um alívio, posteriormente trouxe, revelou outras faces do racismo, que falarei sobre em momento oportuno.

No ano seguinte, mudei de bairro e, por consequência, de escola. Fiquei alegre, pois não tinha um desejo de passar por nada daquilo e minha esperança era que o fato de ingressar em outra escola mudaria, apagaria aquelas dores, mas eu era inocente. Confesso que foi com muita dor, que vivenciei situações piores.

A professora daquele ano e do ano seguinte foi meu pior pesadelo. Ainda tenho memória dos beliscões e, se fechar os olhos, talvez ouça os gritos. Meu lugar era o fundo da sala, sempre tive baixa estatura, não era para eu estar lá e não entendia o porquê, mas hoje entendo.

Em 1990, um fato curioso marcou a minha história: encontrei uma professora que, de alguma forma, se colocou em minha defesa como pôde. Era uma aluna calada, quieta e silenciosa, não havia motivos para não poder fazer as aulas de educação física, eu era lenta como outros, mas para mim não tinha perdão, não podia entregar depois as atividades ou fazê-las em casa. Esta professora (que pude reencontrar na mesma rede de ensino quando me tornei docente), começou a intervir junto a outros colegas e tive algum alento, um pouco de paz.

As escolas da cidade de Nova Lima - MG, têm tradição católica muito marcada, então os alunos autorizados pela família são convidados a coroar Nossa Senhora na festa de Nossa Senhora do Pilar. Geralmente participavam desta atividade os alunos(as) da 3ª e da 4ª série, eu era aluna da primeira delas.

Minha mãe assinou a autorização e a enviou, todavia, a professora não permitiu que eu saísse para o ensaio da coroação. Diante da situação embaraçosa entrou em cena a professora que mencionei anteriormente, pois, ela não só conseguiu que eu saísse da sala, mas também conseguiu que eu coroasse Nossa Senhora. Uma subversão para o costume, pois as crianças que comumente coroavam a santa eram brancas.

Nesta escola, no ano seguinte tive as primeiras professoras negras (embora não sei se se reconheciam assim). É importante mencionar que a turma também era maciçamente composta por crianças negras, meninos e mais velhos, “fora de faixa”. Encerrei meu ensino fundamental nesta escola periférica, repleta de contextos que dificultavam o gosto

e o desejo pela escola. Tive colegas mais velhas(os), que saíram de lá direto para o trabalho, não seguiram estudando. Eu permaneci! Meus pais eram muito incisivos na importância de estudar para ter uma vida melhor!

A maioria de nós foi direcionada para uma escola com fama de ser uma instituição ruim. Destaco que é possível dizer aqui que havia uma segregação dos alunos. Nesta escola havia um grupo grande de alunos racialmente parecidos comigo e que frequentavam as turmas F e G, ou seja, as turmas consideradas, na ocasião, como as mais fracas, uma vez que os alunos ditos “melhores” ou mais “fortes” eram colocados na classe A. E assim sucessivamente.

Para uma “menina” de 10/11 anos, a questão estética é uma delicada. Mamãe trançava meus cabelos, na verdade havia algum tempo, mas na nova escola o que era expressão de cuidado na compreensão de minha genitora, no contexto escolar era motivo para puxões, tapas, murros, enfim uma infinidade de violências orquestradas por colegas de turma. Eu me mantinha em silêncio, não me manifestando em relação às violências sofridas, queria ser invisível, de verdade, queria paz! As professoras também se silenciavam, faziam de conta que não percebiam.

Segui neste espaço buscando o anonimato, gostava de ler, gostava de escrever. Este era o único espaço que me mostrava boa aluna, me esforçava para fazer o melhor que podia. Não gostava, não participava das atividades fora de sala, como o recreio e educação física.

Eu merendava, me sentava e só conversava com as poucas amigas que tinha e algumas delas seguiram comigo até o Ensino Médio. Eram meninas negras, menos retintas, mas negras. Fugíamos para o canto da quadra nas aulas de Educação Física, só fazíamos as atividades, se obrigadas.

No meu caso, eu tinha baixa estatura para a idade, era asmática, enfim eram as justificativas para não participar das aulas, quando na verdade era a minha dificuldade com as mudanças de meu corpo e aquele uniforme realçava as pernas grossas e o quadril largo e, para mim, um problema, pois não gostava de como eu era. Meus “problemas” só aumentavam: cabelo, pernas, quadril, pouca altura, enfim, fora dos padrões de beleza que eram apresentados ou apontados como belos.

É importante mencionar que as danças na escola eram organizadas pela professora de Educação Física. Portanto, não tenho lembrança de dançar na escola. Geralmente a professora reunia quem não tinha par, para fazer uma coreografia que não necessitasse de

outra pessoa. Tal fato me marcou tão profundamente, que hoje, enquanto professora que geralmente ensaia as danças na escola, não proponho danças em pares.

No ano seguinte tive muitas questões de saúde, passei o ano todo internada basicamente, então repeti o 6º ano, o que confesso que foi muito bom. Para além dos muitos colegas semelhantes a mim, ganhei de presente, as professoras Maria Aparecida, professora de Língua Portuguesa e Edwirges, professora de História. Duas professoras negras.

A professora Maria Aparecida era baixinha e preta e, assim como eu, trançava os cabelos. Sua presença em minha formação fez diferença. Para além dos conteúdos, ela me fez querer ser professora de Português. Tinha paixão pelo que fazia. Eu ainda estava nas últimas turmas, mas este contexto tornou tudo um pouco melhor. Ela plantava sonhos e possibilidades e apresentava uma leitura da vida e do mundo que me fazia querer ser vista, ser visível. Ela ainda está na minha vida, nos falamos esporadicamente e quero muito que ela possa ver aonde eu cheguei.

A professora Edwirges me acompanhou até o 8º ano. Ela organizou um projeto escolar em que consegui levar nossa turma à Rede Minas para participar de um vídeo-clip sobre escola, utilizando a música tema “Estudo errado” de Gabriel Pensador. É uma lembrança linda que me acompanha e aquece meu coração! Perdi contato com a professora Edwirges, mas essa lembrança ainda guardo! Sinto um enorme desejo de destacar a importância destas mulheres negras em minha formação. Cada uma à sua maneira, tinha em suas práticas e lugares sociais, o desejo de outras narrativas, que, de alguma forma, ajudam em meu fazer pedagógico e pessoal. Na verdade, não consigo pensar minha trajetória sem considerar e pensar sobre os aprendizados e fortalecimentos plantados por estas pessoas.

Fiz apenas o 1º ano do ensino médio de manhã e, no ano seguinte, fui estudar a noite. Precisei auxiliar em casa nas questões financeiras e iniciei minha vida profissional, efetivamente em 1996, aos 14 anos, dando aulas de reforço para crianças do bairro.

Outra professora negra de grande importância para a minha formação foi a Mônica Regina Jacinto⁴. Ela me apresentou o movimento negro, sua história e a importância deste para a compreensão da temática em nossa sociedade. Sou muito marcada por este encontro. Minha consciência racial e minha formação política ganharam

⁴ Professora da rede municipal de Nova Lima. Ativista do movimento negro da cidade. Poeta e autora publicada, do título, “Entre recortes e ventiladores, desafios e conquistas de um anjo azul”, pela editora Viseu, 2021.

neste ponto outra compreensão, pois, foi possível conviver com homens e mulheres que nutriam desejos intensos de mudanças, com uma vivência racializada muito mais intensa e longa que a minha, pois, eu tinha idade para ser filha da maioria delas.

O Movimento Negro⁵ é presença marcante em minha vida no mesmo momento em que sou empurrada para o universo do trabalho, fora do meu eixo familiar e da “proteção dos meus”. Ao iniciar um trabalho como babá, nos finais de semana, quase perdi os sonhos. A permanência neste movimento, convivendo com aquelas pessoas, me manteve de pé, idealizando e realizando investimentos em minha educação.

Em 2003, a Prefeitura de Raposos estabeleceu convênio com a Unipac Barbacena, oferecendo curso de Normal Superior. Resolvi encarar, prestei vestibular e passei, em primeiro lugar! Então tive direito a bolsa. O curso de Normal Superior me direcionou para outro caminho, já que além da experiência profissional, cresci como ser humano e me identifiquei no mundo como mulher negra que sou. Tal fato oportuniza analisar sistematicamente as práticas docentes que estabeleceria ao me tornar professora regular na educação. E os prismas ou lugar de análise agora são diferentes. Existem códigos, marcadores no currículo⁶, que implementam as práticas dos educadores que eram determinados por questões políticas, sociais, econômicas e raciais e a faculdade me levou a essa reflexão. Ajudou-me a perceber que o currículo não é neutro, assim como não o é, o silêncio das professoras diante de violências raciais sofridas pelos estudantes negros no contexto da escola, e algumas dessas, realizadas inclusive, pelas professoras.

Existia na organização de meu currículo formativo, uma infinidade de pesquisadores e teóricos brancos, mas tratando das questões raciais no espaço escolar eram basicamente escassos, se considerar a grade do currículo formal. É neste sentido, que caminha meu destaque para a formação estabelecida a partir dos encontros “não formais”, que a experiência formativa desta professora me proporcionou.

Conheci neste espaço outros profissionais com um trabalho voltado, efetivamente, para o combate ao racismo no espaço escolar e este foi um salto, para corroborar e ampliar meu olhar para o fazer pedagógico que eu realmente acreditava.

⁵ Movimento Negro – esse importante ator político será apresentado no capítulo 2.

⁶ O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação. (MOREIRA; SILVA, 1995, p. 7-8)

Na sequência, no ano de 2005, na faculdade, protagonizei uma das passagens mais importantes de minha trajetória no espaço acadêmico. Atuei na mediação de debates que tinham como tema as questões raciais no espaço escolar. Entre os palestrantes, estava o professor Cláudio Emanuel dos Santos⁷, pessoa marcante em minha carreira, estudioso atuante no trabalho das questões raciais. Essa atividade foi o divisor de águas na minha vida pessoal e profissional, pois me fez assumir potencialmente meu lugar como mulher e educadora negra.

Este contato com um profissional da educação, negro, com uma trajetória respeitável, admirável foi um aspecto muito marcante na minha vida pessoal e profissional. Aquele encontro descortinou um outro horizonte para mim, pois, além da participação na mesa, a qual me tirava do anonimato naquela faculdade, ouvi-lo falar me trouxe outros horizontes, percebi minhas capacidades e potencialidades e valorizá-las.

Em 2007, iniciei carreira como professora contratada na Prefeitura Municipal de Contagem (PMC) e trabalhei até agosto de 2010. Após me formar, esse foi meu primeiro emprego e minha oportunidade de pôr em prática o que havia aprendido. Em 2007, fui encaminhada para o Educarte (Centro de Atenção a Criança e Adolescente), no Parque São João, onde atendíamos crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, em jornada complementar à carga horária escolar. Lá organizava atividades no espaço de recreação e pude constatar, um pouco frustrada, confesso, que os três anos de curso e o estágio realizado pouco me ajudaram naquele espaço, que desenvolvia educação não-escolar. Isso porque o cenário exigia não só conhecimentos educacionais, mas principalmente saberes sociais, familiares, emocionais e raciais, pois as crianças que ali frequentavam gritavam por socorro e exigindo respostas imediatas.

Importante destacar que nenhum currículo por mais completo que fosse, daria conta de uma formação profissional completa. Sabemos que a formação profissional se desenvolve com mais materialidade nos primeiros anos de atuação pedagógica e nunca para de se aperfeiçoar. O que estou afirmando é que percebo hoje, uma ausência de discussões, leituras e reflexões referentes as questões raciais no currículo que me formou professora.

⁷ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1993) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003), doutorado em Educação no Programa Conhecimento e Inclusão em Educação da Faculdade de Educação da UFMG (2019). Atualmente é professor da carreira de EBTT do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Cultura e Sociedade, em Arte-educação, na área do brincar. Músico percussionista e Articulador cultural. Fonte: Plataforma CNPQ Lattes.

Assumi o cargo na Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) no ano de 2011 e trabalho desde então entre o Morro do Borel e da Antena, no bairro Jardim Europa, região de Venda Nova. Trabalhei com turmas de 1º e 2º ciclos, com intervenção pedagógica e Coordenação da escola integrada. Em 2014, assumi, também na mesma rede, um cargo na educação infantil, onde atuei na coordenação e hoje estou professora de Artes, Corpo e Movimento.

Já são 13 anos atuando no cenário educacional. Percebo por olhares atentos, que o corpo constrói história, tem memória e possui uma identidade que muitas vezes é ignorada nos espaços, tempos e rituais escolares que foram adotados na construção e aplicação do currículo.

Minha profissão me coloca frente à minha realidade de vida, todos os dias. Olho para os estudantes no espaço em que atuo e vejo em alguns deles e das situações vivenciadas por eles, muitas das sentidas e vivenciadas por mim no espaço escolar, na minha relação com meus professores e colegas e até no que está proposto para o ensino deles. Não estou dizendo com esta afirmação que não houve mudanças, mas que as que se deram ainda não são suficientes para eliminar as situações de racismo que, por vezes, os acomete.

Certa de que a trajetória escolar marca os sujeitos das mais diversas maneiras, seja, na construção de identidades e/ou na fragmentação de subjetividades, acredito ser importante estabelecer diálogos que proporcionem, interações com as histórias ancestrais, fornecendo assim aos estudantes um outro olhar sobre si e sobre a história. Trazendo para o chão da escola um currículo vivo que considere a história, saberes identitários e dos negros e negras.

Neste ponto considero importante acrescentar ainda que, a pesquisa pode soar como uma biografia para alguns ou como uma narrativa de vida para as pessoas que me conhecem, no entanto, o intuito é aproximar os leitores, para que possam entender quais são os entraves e desafios encarados no dia a dia. Sei bem que isso não significa que as pessoas vão vestir a minha pele para entender, no entanto, é importante que a linha de raciocínio estabelecida, sirva de fio condutor para que as pessoas que naturalizam o racismo entendam que os corpos negros precisam provar dez vezes mais que são capazes de realizar algo, o que não ocorre com a branquitude⁸.

⁸ “Branco não é uma cor. Branco é uma definição política que representa históricos privilégios sociais e políticos de certo grupo que tem acessos às estruturas dominantes e instituições da sociedade. Branquitude representa a realidade e história de certo grupo. Quando nós falamos sobre o que significa

Dito isto, acrescento que foi a minha vivência pessoal enquanto estudante negra e depois como docente que me fizeram querer compreender quais os argumentos teóricos têm sido produzidos sobre o corpo negro na escola e que podem reforçar ou refutar vivência de discriminação racial no chão da escola. Pensando nisso, elaborei o projeto de pesquisa com o qual ingressei no Mestrado e que deu origem a essa dissertação.

4 - INTRODUÇÃO

Neste ponto, considero ainda minha trajetória pessoal e os objetivos que me trouxeram aqui e vejo como válido dizer que acredito verdadeiramente que buscar maior conhecimento acadêmico, me fez refletir sobre a relação do corpo com o espaço escolar, principalmente dos meus alunos. Além disso, auxiliou/auxilia em meu desenvolvimento profissional e a rebote, no desenvolvimento dos meus colegas, considerando efetivamente a importância do trabalho coletivo, em constante diálogo e com isso, a percepção da importância de se pensar/discutir as questões raciais no espaço escolar.

É importante pensar uma educação, um currículo afrocentrado⁹, que contemple nas narrativas referentes a “formação do povo brasileiro” e histórias dos povos que não invisibilize as lutas, a cultura, a construção de conhecimento e a potência das pessoas negras, um currículo que considere a implementação da Lei 10.639/03 e da Lei 11.645/08.

A ausência destas narrativas impacta todas as pessoas, negras e brancas, porque naturaliza a convicção sobre quem tem ou não valor, quem construiu ou não a história, quem deve ou não ser respeitado. A lente a ser acrescida neste ponto, então, precisa despotencializar as narrativas de carência, passividade, impossibilidades e falta, geralmente relacionadas às pessoas negras.

Neste ponto uma infinidade de reflexões me atravessa, quando coloco-me

ser branco, então falamos sobre políticas e absolutamente não sobre biologia. Assim como negro corresponde a uma identidade política que se refere à historicidade das relações políticas e sociais, não à biologia.” Grada Kilomba

⁹ Os termos “centro” e “afrocentrado, as expressões “estar centrada” ou ser “uma pessoa afrocentrada” dizem respeito às perspectivas de localização dentro de suas próprias referências históricas e culturais, sem nenhum desmerecimento às outras. Mas, evitando a marginalização ou invisibilização de sua própria trajetória histórica e cultural e, por conseguinte, todas as consequências negativas de não se reconhecer no projeto civilizatório e de produção de saberes ao longo da história. (NOGUERA, 2010, p. 3).

questionando sobre os encontros e desencontros que a práxis¹⁰ me apresenta. Toda movimentação realizada por meu corpo preto, no chão da sala de aula, quer de alguma forma e com muita força estabelecer confluências com a criança que fui e a profissional de educação que me tornei.

É uma constante em minha prática o tensionamento das escolhas pedagógicas, e proposições do currículo e caminhos pedagógicos escolhidos pela escola, na rede de ensino na qual atuo. Tenho buscado espaços tais como, o Núcleo de Estudos Étnico Raciais, que me auxilia em minha reflexão e ação. Sou movida de alguma forma pelas minhas vivências enquanto estudante preta que fui, mas acrescido a isto, tenho também a consciência do ser mulher negra atuando na educação. Não é possível para mim hoje, o silêncio ou não me posicionar. Considerando meu compromisso e meu desejo com uma educação mais equânime.

Se tivesse que estabelecer elementos para orientar a caminhada e seus desafios cotidianos, diria que são passos direcionados, por um desejo em traçar novos pressupostos e estabelecer mudanças, mas movida, quase que incessantemente, por meus afetos que direcionam minhas ações e proposições.

O caminho proposto aqui não é um caminho estabelecido só, é cunhado pelos encontros e atravessamentos que o caminhar trás. Um jeito de caminhar que é coletivo e que pulsa forte nas conexões que busco estabelecer.

A passagem pelo movimento negro, pelo Cia de teatro Ceacon, pela companhia de dança afro, pelo Coral Agbara, pelo Núcleo étnico raciais da PBH ou pela associação que atualmente faço parte. Todos eles estão comigo neste caminho e foram lentes acrescidas a meu modo de ver, pensar e sentir a vida.

Neste ponto considero importante acrescentar de maneira mais alongada sobre estas experiências, mesmo porque eles estão presentes neste corpo que aqui se apresenta. Início aqui com minha experiência de dançar, quando ingressei na Companhia Baobá em 2005. Minha passagem ali me colocou em contato com a trajetória de outras mulheres

¹⁰ “...uma práxis que promove a união da relação dialética entre ação e reflexão sobre a realidade transformadora das condições reais de opressão, alienação e dominação, por isso, libertadora; uma práxis desveladora da realidade e, ao mesmo tempo, fonte perene do processo contínuo de (re)construção, de formação/educação do homem, ou seja, do processo de humanização dos homens; uma práxis articulada à revolução, a profundas e radicais transformações, dando ênfase para a ação dialógica e política junto às massas populares na perspectiva de sua conscientização, de sua inserção crítica na realidade; e, ainda, de uma práxis humana verdadeiramente criativa, que, em síntese, é o oferecimento aos homens de permanentes oportunidades de renovação de sua vida, de suas práticas sociais, produtivas, educativas e políticas, de novas aprendizagens, de novas invenções enquanto sujeito da história.(CARVALHO, Sandra Maria Gadelha, MARTINS, Paulo,2017)

negras, uma vez que, a dança me abriu portas, janelas e os olhos. Ela foi, em alguma medida, encarar de frente minha pele preta e a história de mulheres significativas e fundamentais na história, ouvir falar, saber de Mercedes Batista e Marlene Silva me oportunizava viver essa minha parte da identidade com orgulho, com gosto por existir.

A dança, ousar dizer, é a minha primeira inquietação em relação ao corpo negro na vida. A experiência de dançar me deu coragem para sentir-me capaz de passar em uma seleção para um coral africano. Fiz parte do Coral Agbara Vozes da África por 3 anos e esta oportunidade me colocou cantando, dançando e conectada com uma língua ancestral. Cantar em Yoruba realmente me apresenta um sentimento que, de fato, ainda não sei nomear. Consigo dizer apenas que era coletivo e comunicado no exercício do cantar e do dançar, que me ligava às pessoas que o compunham, suas histórias e um sentimento de pertencer.

Hoje ainda presente no espaço da arte, na Associação Cultural Odum Orixás, tenho condições de exercitar, conectar e vivenciar as porções vividas no movimento negro, na Companhia Baobá, no Coral Agbara, no teatro agrupadas. Neste espaço que de resistência do movimento negro todas estas experiências se encontram, me fortalecem e conectam com o meu corpo e com a coletividade que me cerca.

Gomes (2017), corrobora com sua escrita potente e repleta de sentimentos, o que afirmo, quando diz:

como uma coletividade onde se elaboram identidades e se organizam práticas através das quais se defendem interesses, expressam-se vontades e constituem-se identidades, marcados por interações, processos de reconhecimento recíprocos, com uma composição mutável e intercambiável. Enquanto sujeito político, esse movimento produz discursos, reordena enunciados, nomeia aspirações difusas ou as articula, possibilitando aos indivíduos que deles fazem parte reconhecerem-se nesses novos significados. (GOMES, 2017, p.47)

Nesta perspectiva, penso que a constituição e as experimentações vividas, por mim, no campo da educação e antecedem a mulher professora, são antecedidas pela mulher professora, que indagada, transplanta para o campo estes significados produzidos junto da coletividade e tece a partir daí, uma série de sentidos outros, interposições que a posicionam no espaço escolar e na vida de outra forma, mesmo porque um conteúdo afrocentrado é, em certa medida, constituído das experimentações dos corpos, histórias e trajetórias presentes nos diversos espaços.

Ousar dizer, sem desconsiderar a pluralidade da qual sou parte, que estamos em busca de espaços que levem a estabelecer caminhos mais firmes e mais seguros.

Caminhos onde a morte, a falta, a ausência de oportunidades e de acesso não estejam localizadas no campo da regra para as pessoas negras. O medo imposto a nós, por nossas diferenças é imenso. Na verdade, precisamos reafirmar caminhos que nos possibilitem alcançar espaços aos quais temos direito e nos são negados diariamente.

Na imensa trajetória e composições tecidas ao longo de tudo, temos que ratificar a potencialidade de nossa diversidade. Essa precisa ser evidenciada constantemente, uma vez que nossa credibilidade, não está em nossos sobrenomes, tampouco em nossa “tez”, temos que desnudar a mesma a cada segundo de existência. Transpondo tais aspectos, para realidade escolar, acredito que nossa função neste território é transpor nossos estudantes, para o conhecimento de sua história e dos diversos aspectos que ela contém, no trato com a educação para as relações étnico raciais.

4.1 - Considerações Sobre a LDB - Lei de Diretrizes e Bases

A LDB, (Lei 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), também é conhecida como Lei Darcy Ribeiro, veio para substituir sua versão anterior, de 1971. As discussões sobre uma nova lei que orientasse a Educação brasileira tiveram início ainda em 1988, durante o processo de aprovação da Constituição, que deu aos municípios a atribuição de oferecer o ensino básico à população.

É a lei mais importante, do sistema educacional, pois traz as diretrizes gerais da educação brasileira, seja ela pública ou privada. Foi sancionada em 20 de dezembro de 1996 e caminha para completar seus 25 anos e teve importância primordial nas mudanças que se deram no campo educacional, desde então. Foi responsável por consolidar medidas que ampliaram o acesso e melhoraram o financiamento do ensino no Brasil, com importantes avanços nas últimas décadas. A lei também introduziu mecanismos de avaliação do ensino, que hoje se materializam em iniciativas como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e o Censo Escolar.

Para efeitos deste texto, é imperioso destacar alguns artigos da LDB, que fundamentaram a abordagem desta pesquisa, tais quais:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (LDB p. 8, ano 1996).

E ainda:

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (LDB,1996, p. 18)

Os artigos destacados, fazem referência a duas funções sociais importantes que são: a formação para a cidadania e a formação para o trabalho. Assim, o Brasil indica por meio de seus preceitos legais que a educação formal tem como finalidade básica fornecer espaço, conteúdo e metodologia que possibilite às crianças, adolescentes e jovens a compreensão de seus direitos e deveres para o pleno exercício da cidadania e inserção no mundo de trabalho.

A LDB (Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional), passou por várias reformulações ao longo de sua existência e vem incorporando as leis regulatórias, “temas” que se reconhece a relevância para a sociedade e que em alguma medida possam vir a auxiliar no desenvolvimento e implementação da cidadania. Estes temas contemplam e abarcam a “diversidade” da população brasileira, entendendo-a como aspectos cruciais para a formação básica de nossas crianças, visando combater o racismo presente em práticas e currículos.

Em 2003, houve um importante avanço na luta antirracista no país, quando se concretizou a implementação da lei 10.639/2003. A legislação tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, sendo elas públicas ou particulares, desde o ensino fundamental até o ensino médio. É importante destacar que a promulgação desta Lei (nº 10.639/2003) é um grande marco no cenário da educação brasileira, que só foi possível após muitos anos de lutas, persistência, e resistência de grupos que compõem o Movimento Negro brasileiro. Bem como a Lei 11645/2008, que inclui no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática, "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Crelier; Silva (2018), afirmam que:

as alterações acontecem por existir um reconhecimento do silêncio e da negação da temática étnico-racial negra em todos os níveis de ensino, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) [...]. E que é notório que a legislação evoca não somente o ensino dos aspectos culturais e históricos, mas propõe uma reflexão profunda das representações da sociedade acerca da população negra na escola, a fim de transformá-la. (CRELIER; SILVA 2018, p. 1311).

Em consonância com o apontado por Crelier; Silva (2018), a produção de Silva (2018), traça um panorama histórico demarcado entre 1889 e 2003. Segundo o autor foi longo o caminho de lutas percorrido pelo movimento social negro até a promulgação da lei 10.639/03, [...] cuja finalidade maior é a alteração do quadro de exclusão e invisibilidade com que a história e a cultura africana e afro-brasileira foram tratadas durante a maior parte da nossa história. [...] o direito à educação sempre figurou como importante bandeira de luta do movimento negro brasileiro, com vistas à conquista da cidadania plena por parte dos afrodescendentes.

Segundo Silva (2018), é possível constatar que durante e ao longo de todo o regime republicano, os negros procuraram se organizar para reivindicar o acesso à educação escolar, em seus diferentes níveis, bem como a inserção da História da África nos currículos escolares. Assim, ainda que a lei 10.639/03, não tenha incorporado todas as reivindicações do movimento negro, ela não deixa de trazer a forte marca das aspirações de ao menos, três gerações de combativos militantes.

Neste sentido, outra lei importante é a Lei 13005/14, do Plano Nacional de Educação PNE, lei brasileira que regulamenta e define 20 metas para o desenvolvimento nacional, estadual e municipal e os objetivos a serem alcançados a cada 10 anos. Com o PNE, o Sistema Nacional de Educação funcionará em regime de colaboração para definir diretrizes, o mesmo, foi o responsável por garantir, que os diálogos referentes a LDB, se seguissem independente dos interesses políticos distintos.

De acordo com Saviani (2007), o PNE é a principal medida de política educacional decorrente da LDB, e foi desenvolvido ainda no governo de Fernando Henrique Cardoso, tendo sequência em sua implantação, durante o governo Lula, que teve início em 2003.

A LDB/96 tornou obrigatória e gratuita a Educação Básica, além de especificar quais etapas são contempladas: pré-escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Com o tempo, expandiu o ensino básico para nove anos e passou a determinar a matrícula de crianças a partir dos 4 anos. Neste contexto a Educação Infantil saiu do campo da assistência para o campo da Educação. Isso influenciou bastante no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) que passou a contemplar essa etapa inicial e o Ensino Médio também. Neste processo houve ainda uma divisão regulamentada de responsabilidades, o

regime de colaboração entre a União, os Estados e os Municípios, definido pela lei, que auxiliou de alguma forma o sistema educacional. A LDB trata especificamente da educação formal, aquela desenvolvida nas instituições de ensino credenciadas para tanto, porém, divide a educação em ampla e estrita, sendo que a primeira é de responsabilidade da Família (educação informal) e a segunda do Estado (educação formal). A educação no sentido amplo, é tudo aquilo que acontece nos diversos ambientes formativos, ou seja, é o que se aprende em qualquer lugar ou espaço. Já a educação no sentido estrito, é a que acontece em ambientes formais, ou seja, uma educação escolar, sendo essa a única que a LDB irá disciplinar e organizar.

Importante destacar também que ao longo de sua história a Educação Brasileira já apresentou outras funções sociais, tais como a erradicação do analfabetismo, a formação para o urbanismo, a disciplinarização dos corpos (VAGO, 2001), dentre outras. Todas elas apresentavam representações de educação que ora suprimiam a cultura local, valorizando referências externas e/ou silenciavam/apagavam as culturas originárias do povo brasileiro. Nestas intervenções educacionais, o corpo dos estudantes foi de alguma forma impactados ora diretamente, ora indiretamente, seja pela adoção de espaços e tempos diferentes da cultura dos estudantes, seja pelas intervenções pedagógicas que adotavam uniformes, aulas de “bons hábitos”, meninas separadas de meninos, etc. (Ribeiro, Silva, 2012). Assim, faz-se necessário identificar e discutir a produção bibliográfica que aborda essa temática, o que passo a fazer nos momentos seguintes.

4.2 – Algumas Narrativas Sobre o Corpo

A discussão aqui apresentada, traz para a cena estudos referentes ao corpo e suas incursões pelo espaço escolar. Torna-se relevante ressaltar a importância do corpo/movimento no processo de formação humana e de apropriação de formas de estar no mundo. Segundo Sarmiento (2006), é por meio do movimento que as crianças se apropriam, de importantes alterações em sua maneira de ser e viver o mundo. O corpo da criança traz histórias, modos de ver, sentir e pensar o seu lugar a partir da sua identidade que é mutável, no que diz respeito à sua experiência enquanto sujeito. A infância proporciona tempos de descoberta em que a sensibilidade se perfaz nas relações. Tais vínculos se corporificam intrinsecamente às formas como se dão o encontro com o outro e sua maneira de estabelecer trocas. O movimento articula sensações e percepções como uma forma de conhecer a si mesmo, o outro e o território. Traz o corpo como protagonista da experiência em tornar-se sujeito, em sua completude, incluindo as emoções. Ainda segundo Sarmiento:

Cada criança vive no interior de um sistema simbólico que administra o seu espaço social. Que ao crescer, esses modos de administração simbólica do seu comportamento vão mudar, por vezes milimetricamente, por vezes de maneira abrupta, e, portanto, a criança está também no “entre-lugar”¹¹ de uma condição geracional em transformação, combinando em cada momento concreto um passado e um futuro que se fundem, por vezes de forma caótica e através de impulsos contraditórios. (SARMENTO, 2006, p. 19)

As experiências individuais vivenciadas pelas crianças, trazem informações muito sutis. Cada criança, traz como registro em seu corpo códigos que traduzem o seu ser sujeito no tempo e no espaço, a partir do seu contexto local e social. Em minha percepção o “entre-lugar”, é lugar de conflito, nada está plenamente estabelecido. O sujeito precisa lidar com um lugar dentro e fora, com os conflitos dele mesmo e dos outros. A sociedade, o espaço e o lugar deste estão em alguma medida agregando, confrontando e modificando, o que se é e como expressa-se, o que se sente e como expressa-se, enfim somos em muito, as relações que estabelecemos, nosso corpo é em sua expressão mais

¹¹ ...é no surgimento dos entre-lugares – a sobreposição e o deslocamento de esferas da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nacionalidade, interesse comunitário, e valor cultural são negociados. [...] A representação da diferença não deve ser lida de forma apressada como o reflexo de um conjunto de características étnicas ou culturais preestabelecidas dentro de uma tradição. A articulação social da diferença, [...] é uma negociação complexa e contínua que tenta autorizar hibridezes culturais que surgem no momento de transformações históricas (BHABHA, 1998, p. 2).

profunda a soma de nós e nosso Lugar. Nesta minha afirmação é importante dizer que este entre lugar é também um lugar de impermanências, de projeções que se modificam o tempo todo. Nossas ações são a projeção de nossos sentidos, do que sentimos diante das nossas experimentações e vivências. Como aponta Lopes (2012), a seguir:

[...] a fluidez discursiva típica desse novo ethos pode ser compreendida como geradora de múltiplas identidades coexistindo no mesmo sujeito social ou de fluidez identitária. Isso não quer dizer, por outro lado, que só esse ethos possibilita tal fluidez e nem que ela seja só possível no mundo de fluxos em que vivemos. A vida social sempre foi constituída por um contínuo fazer e desfazer identitário. (LOPES, 2012, p. 214)

Para pessoas negras reconhecer a própria identidade e vivenciá-la é um processo, uma construção, em torno deste fazer e desfazer identitário. Marcado desde a infância, desde o momento que é ou está “socialmente” inserido, assim para além do apontado por Lopes (2012), torna-se importante entender outro aspecto da discussão, considerando que:

O corpo, portanto, como parte de um projeto político, precisa ser afirmado, precisa tomar-se visível, precisa recuperar sua resistência ontológica. Os corpos negros foram produzidos como invisíveis, sem peso ontológico, habitantes da zona do não-ser, do estereotipados pelo olhar imperial. Esta invisibilidade é diferente da invisibilidade sadista que institui um sistema de dominação como a ordem natural das coisas para o seu próprio proveito. A invisibilidade estrategicamente utilizada pelo eu-imperial é aquela em que ele define os termos da relação, porém não anuncia sua posicionalidade, fazendo com que a realidade pareça natural e inevitável. (COSTA 2016, p.516)

Considerando agora, também os pensamentos de Lopes (2012) e Costa (2016), já apontados, nesta perspectiva, torna-se relevante dialogar com algumas produções teóricas (OLIVEIRA, 2004 e 2006; SARMENTO, 2006; NÓBREGA, 2005) da área da educação que apontam existir significativas alterações na composição corporal quando este está em pleno contato com outros corpos. Nesse sentido, as questões trazidas por Nóbrega (2005) têm como parâmetro o conhecimento do corpo, com base nos processos cognitivos vivenciados pelo indivíduo. Processos estes direcionados por um padrão, *modus operandi* pré-estabelecido, que está pautado nas ideias ocidentais, eurocentradas, higienistas, como aponta fragmento de texto de Oliveira (2006):

Evidencia-se a transposição de uma perspectiva que defendia um branqueamento da sociedade, para um discurso que aponta a educação do corpo de caráter higienista para a melhoria da população. A educação física, ressaltada na revista, tinha por função melhorar as condições biotipológicas promovendo uma homogeneidade da população, tendo como modelo a autoredulação grega (física, moral e intelectual) e o culto ao padrão grego

de estética corporal espelhado em sua estatutária. Aponta-se um processo onde está presente tanto continuidade quanto descontinuidade nos discursos e propostas de promoção da saúde por meio da escola. (OLIVEIRA, 2006, p.209)

Como destacado, o autor faz uma análise crítica às permanências ou singularidades de um projeto de reforma moral pela via da educação corporal. Para tanto, ele evidencia os locais em que o corpo dentro do projeto de civilização foi localizado, olhado, pensado e incluído. O corpo é apontado na narrativa do autor como "...o frágil e minúsculo corpo humano tem uma centralidade inaudita no processo de escolarização...". Pensando em trajetórias escolares, corpos de estudantes e espaços escolares/educacionais, especulo, que corpos frágeis, minúsculos e vistos como humanos são esses? Que padrões ou lentes foram e são usados para conceber e pensar um corpo ideal?

Tais questionamentos tem como objetivo central a problematização e contextualização das produções teóricas. Assim, penso que os corpos presentes no espaço escolar (crianças, adolescentes, jovens, adultos, negros, brancos) independentemente da posição que ocupam (discentes, docentes, funcionários, coordenadores, diretores), carregam cada um à sua maneira, suas histórias de vida que conformam suas subjetividades e que deveriam ser respeitadas e valorizadas, pois, são esses corpos que constituem uma sociedade, uma cultura e uma nação.

Mas parece que o discurso de supremacia, de superioridade, de meritocracia, próprio de uma educação colonial, foi encarnado por vários destes corpos. Faz-se importante questionar quanto deste discurso ainda habita os olhares, os pensamentos e o hábito das pessoas que vivem neste espaço, quando concebem, pensam, verbalizam e confirmam os determinismos desta educação?

Recentemente em conversa com colegas professoras, percebi o incomodo delas, com a busca das profissionais de apoio a inclusão e da cantina da escola, por uma ascensão social, por meio do curso de Pedagogia. Ou seja, elas queriam ser professoras! Percebi em algumas perguntas do tipo: "para quê? Nossa... podia fazer outra coisa!!" Uma dada discriminação em relação a profissão. São apontamentos simplórios, que em algum aspecto revelam uma discriminação em relação às aspirações daquelas pessoas negras. Se não estivermos atentas aos lastros de permanência da história e de uma manutenção colonialista nas questões colocadas, já que os corpos sobre os quais se dirigia e apontava tais questionamentos tinham como características marcadas, o fato de não serem brancos. Kulmann Jr (2000), narra em seu artigo sobre histórias da educação

brasileira, algo que talvez fundamente ilustre, a minha visão destes acontecimentos. O autor relata que:

O preconceito com relação ao trabalho manual e aos cuidados de alimentação e higiene associa-se à sua dimensão de doméstico, o que resulta na desqualificação do profissional que trabalha com as crianças menores e na divisão de trabalho entre professoras e auxiliares. (KULMANN JR, 2000, p.13),

Algo como, não é para elas. Afinal, qual é a postura? como é alguém que pode ser professora, pode estar na escola, ensinando, formando, ocupando o lugar de educar? Não é objeto deste estudo, mas um ponto importante a destacar é que as notas de Oliveira 2004, citando o estudo histórico de Goellner (2003) e dissertação de mestrado de Souza (2004), traz em sua definição de corpos um “modelo ideal”, que justifica, explica os comentários presentes na conversa relatada, como pode se perceber no evidenciado na porção de texto que segue:

O recente estudo histórico de Goellner (2003), que nos instiga já pelo seu título, *Bela, maternal e feminina*, bem como a recém defendida dissertação de mestrado de Souza (2004), tratando de como foi concebida a educação da mulher nos anos iniciais do século XX no Paraná, nos oferecem indicações preciosas: sobre a sensibilidade da mulher foram forjadas representações que permitiram concebê-la como educadora por excelência, responsável primeira pela educação, principalmente na escola primária ou de primeiras letras.(OLIVEIRA, 2004,p.231)

Parafraseando Hooks¹²(2018), me interrogo então, “Não serei eu uma professora?”. Existe nesta minha indagação muitos sentimentos e lembranças implicitamente colocados em fatos e essa imensidão de confrontos e encontros de ideias e de histórias que é o espaço escolar. Somos marcados por diversidade, somos diversos, mas se o formato ou lente que se olha e se é olhado é única, a retina embaça e o que escapa, o que não cabe na lente é praticamente impedido de existir ou pelo menos de se mostrar como é. Para este período historicamente apontado na pesquisa destes autores, “*Bela, maternal e feminina*”, não eram adjetivos comumente dirigidos a mulheres não brancas, logo não seria eu a professora, uma professora ou se assim o fosse estaria apagada dos imaginários, escondida das histórias.

¹² Sojourner Truth, mulher negra que havia sido escravizada e se tornou oradora depois de liberta em 1827, denunciou, em 1851, na Women’s Convention – no discurso que ficou conhecido como “*Ain’t I a Woman*” – que o ativismo de sufragistas e abolicionistas brancas e ricas excluía mulheres negras e pobres. A partir do discurso de Truth, que dá título ao livro, hooks discute o racismo e sexismo presentes no movimento pelos direitos civis e no feminista, desde o sufrágio até os anos 1970.

Neste ponto, considero importante dialogar com Barbosa (2009), pois a autora, faz uma resenha muito interessante do livro *A cor da escola: imagens da Primeira República* de Maria Lúcia Rodrigues Müller. Neste profícuo apanhado da história, constam fotografias e produções escritas que demarcam a ausência de pessoas negras no quadro de discentes e que tal fato caminha junto de uma ideia de branqueamento presente na sociedade, daquele momento e com resquícios nas organizações e composição dos quadros escolares.

Representações e permanências que dizem o porquê de retirar da foto. A ação apaga o indivíduo da história, da memória do imaginário e de uma construção e coloca no lugar da não existência, no lugar do não ser. Em outras palavras, o incentivo passa a ser o branqueamento, a acomodação deste corpo e aculturação de um estar no mundo mais contido e mais controlado, em um formato que seja modelo, que seja o ideal, que seja branco.

Subsequente a estas indagações e tendo como referência a linha do tempo estabelecida por Tarcísio Mauro Vago (2004) em seus estudos sobre os corpos na escola, pode-se dizer que, espaços educacionais são apontados como o caminho para estabelecer a postura adequada a ser adotada pelo corpo no mundo, e que o que dita e determina o lugar do corpo são fatores econômicos e sociais. Tal afirmação pode ser corroborada pelo fragmento de Vago (2004), como segue:

A socialização é marcada por uma eficiência que busca produzir um resultado. A uma referência aqui a produtividade, diretamente pensada para as crianças filhas de trabalhadores, com um destino social pensado apenas no trabalho em suas novas configurações na indústria, não servia mais apenas a idéia de desentortar e desempenar, enfim, quer se corrigir em sua postura para atingir uma atitude corporal correta. (VAGO,2004, p. 93)

Em alguma medida, as afirmações são exemplificadas por Vago (2000), que em sua pesquisa de mestrado retrata a inserção da Ginástica/Educação Física no cenário educacional da cidade de Belo Horizonte, nas duas primeiras décadas do séc. XX, onde o autor problematiza o movimento de afirmação de uma “nova cultura escolar”. A pesquisa evidencia que naquele momento e naquele contexto existia uma intenção de intervir nos costumes e na maneira de vivenciar a cultura, nas “filhas de populações pobres”, buscando na mesma medida estabelecer maneiras mais “civilizadas¹³” de ser, segundo os

¹³ Além das leis indispensáveis da moral outras há que, como serem de somenos importância, fazem imenso para a felicidade do homem na convivência social. São leis da civilidade. [...] Os homens não sabem apreciar um diamante bruto, o que apreciam é o diamante lapidado, polido. A civilidade é o

gestores da época. Percebe-se ainda hoje a existência de resquícios desta educação na maneira como ainda são pensadas e organizadas, proposições pedagógicas para espaços escolares.

Neste contexto, como aponta Vago (2000), uma educação traduzida como “cultivo dos corpos”, que pode ser ilustrada pelo fragmento de texto a seguir:

Neste modelo educacional os saberes comunitários ou de outros povos presentes na população formadora da cidade de Belo Horizonte, não estavam pautados, muito pelo contrário, existia nas propostas estabelecidas, ações para eliminar estas percepções de mundo, da vida, assim como todas as estéticas de comportamento e pensamento. Buscava-se e qualificava-se o conhecimento consagrado como necessário à uma educação focada no progresso, ancorados em uma racionalidade científica, destacando-se sua consonância com teorias racistas e higienistas que circulavam no País, a escola, em seu novo molde. (VAGO, 2000, p.126)

Percebe-se neste movimento, a forma de organizar a oferta da ginástica/educação física no espaço educacional como uma estratégia de civilizar, de invisibilizar culturas e corpos que não coubessem no formato proposto, visto como ideal, como podemos constatar no texto a seguir:

Nesse movimento, os corpos das crianças tomaram-se alvo do investimento da escola, sendo colocado no centro das práticas educativas: constituí-lo, ou reconstituí-lo, racionalmente, tornou-se atribuição da escola. Mas, mesmo esse investimento tinha limites claros: nem todos os corpos interessavam à escola. (VAGO, 2000, p.126)

Considero importante ressaltar que embora entenda ou mesmo saiba que estas ações pertenceram a um tempo histórico diferente, com outras organizações, contextos e olhares, elas trazem à tona um sentimento de descontentamento e porque não dizer, de insatisfação, frente à dureza, presente no contexto histórico deste período. É doloroso e incisivo o incômodo que trouxe a leitura desta pesquisa, pois fica nítida aqui o imperioso apagamento histórico e cultural, presente nas propostas curriculares escolares daquele período, considerando e reforçando até de maneira muito explícita o desejo de manter os “não civilizados”, como braço para o trabalho, desde que passassem pelo processo de civilidade imposto.

padrão por onde o público afere o nosso valor. Civilidade é, portanto, o conjunto de atenções corteses e delicadas, que tomam decoroso e agradável o nosso trato com os homens. Chama-se também urbanidade, cortesia, política, trato do mundo, bom tom e polidez. É para os costumes, o que o polimento é para as obras de arte. É o apanágio da alta civilização, e o mais forte lio da sociabilidade. (Pe. Theophilo Dutra, apud Maria Cecília Barreto Amorim Pilla)

Mais que instruir, era preciso educar; e, ainda, dar uma profissão. Impor novos hábitos culturais às crianças e ao mesmo tempo prepará-las para a sua inserção nas práticas do trabalho eram duas pretensões de primeira grandeza atribuídas à escola. (VAGO 2000, p.124)

Fica evidenciado na concepção curricular da época que a organização da educação naquele período não primava por preservação de singularidades e tão pouco queria a preservação da cultura e das vivências das populações que formavam a cultura local. Falava-se de desenvolver a nação, de ter um corpo que a servisse, que fosse útil, mas o ponto de partida para realizar tal organização e compor este currículo oficial estava fora, desejava-se naquela época a formatação de um brasileiro que não era aquele que habitava o Brasil real, tal como era formado por uma gama de povos, mas maciçamente marcada pela cultura de negros e indígenas. Endossa o afirmado e serve bem para ilustrar esse pensamento, os grifos de Vago (2004):

Ora, tomar o que se fazia em escolas da Inglaterra como inspiração é algo por demais emblemático. Aqui, é preciso tomar em consideração, ainda que brevemente, o movimento de escolarização de jogos populares em escolas inglesas, a partir do século XVIII. Nessas escolas, a regulamentação e a racionalização desses jogos teriam produzido o aparecimento do esporte na modernidade, sob o impacto dos processos de urbanização e industrialização, que os marcam profundamente — o esporte é uma invenção moderna, e não por acaso foi na Inglaterra que ocorreram seus primeiros desenvolvimentos, expandindo-se paulatinamente para fora dela. (VAGO, 2004, p.90)

Outro ponto importante para analisar é que a maneira destes brasileiros reais, de se organizarem/conceberem aprendizados era diferente do esperado e trazia implícita no bojo de suas origens, outras vivências/maneiras de entender o fazer comunitário, o que não servia aos interesses econômicos da época. É evidente aqui o esforço de formatar estes “corpos”, para alcançar os objetivos esperados. Se tomarmos certa proximidade com o cenário histórico da época, embora não seja este ponto objeto desta pesquisa, de certo encontraremos um cenário de lutas e de resistências por parte destes povos, que já habitavam Belo Horizonte, antes do planejamento da capital mineira. Não sendo, portanto, tais ações aleatórias, mas sim calculadas, medidas e pensadas para encobrir, esconder e invisibilizar a cultura e o modo de um povo de olhar para a vida que era mais comunitário, porque não dizer aquilombado. Neste contexto existe um poema de Beatriz do Nascimento, uma intelectual negra, muito importante, para esta discussão, intitulado

“20 de novembro”, que ilustra em alguma medida, os olhares e sentimentos aos quais me refiro, quando utilizo, lanço mão, do termo “aquilombado”:

O Quilombo é memória, que
 não acontece só pros negros,
 acontece pra nação.
 Ele aparece, ele surge, nos momentos de crise da nacionalidade!
 A nós não cabe valorizar a História.
 A nós nos cabe ver o continuum dessa História...
 Porque Zumbi queria fazer a nação brasileira,
 já com índios e negros integrados dentro dela.
 Ele quer empreender um projeto nacional,
 de uma forma traumática,
 mas não tão traumática quanto os ocidentais fizeram,
 destruindo culturas, destruindo a História
 dos povos dominados. (NASCIMENTO,1989, p.12)

Estabelecendo neste ponto, uma interlocução que atravessa o tempo, histórias e fatos, olhando para o cenário apontado, com certa atenção e sendo cuidadosa para não me colocar aqui no lugar de juiz, nem tão pouco, classificar as pessoas responsáveis por tais escolhas pedagógicas, como os “algozes”. Retorno por um momento, ao tempo histórico do qual sou parte. Localizo-me aqui como uma professora que pesquisa educação e está imersa no fazer diário. Percebo, a partir deste prisma, ainda que com outras roupagens, fragmentos muito vividos desta maneira de conceber educação, de pensar os corpos das crianças, ainda estão pairando em nossos cenários educacionais.

Percebe-se que em muitas das proposições curriculares, ainda que implicitamente, existam permanências de pensamentos nesta ordem. A maneira como Belo Horizonte, a capital foi organizada, pensada, está de certa forma, ancorada nos princípios higienistas/eugenistas, que querem expulsar corpos que não estejam dentro do padrão determinado por uma dada parcela da sociedade. Lança-se mão da escola, com o objetivo de normatizar as pessoas. Em certa medida o corpo das populações pobres citado no texto, pode ser lida como negros e periféricos, como aponta pesquisa de Oliveira (2006):

Evidencia-se a transposição de uma perspectiva que defendia um branqueamento da sociedade, para um discurso que aponta a educação do corpo de caráter higienista para a melhoria da população. A educação física, ressaltada na revista, tinha por função melhorar as condições biotipológicas promovendo uma homogeneidade da população, tendo como modelo a educação grega (física, moral e intelectual) e o culto ao padrão grego de estética corporal espelhado em sua estatutária. Aponta-se um processo onde está presente tanto continuidade quanto descontinuidade nos discursos e propostas de promoção da saúde por meio da escola. (OLIVEIRA, 2006, p 209)

Pode-se dizer a partir do exposto, que tais maneiras de pensar a organização escolar contemplam uma lógica que está no cerne da constituição, “da nação” e que não se esvaiu com o tempo ou com o tal civilizar das pessoas. Tal afirmação vai de encontro a pesquisa recente de Dantas (2020), que afirma:

Viu-se como o papel da educação pública e privada estava profundamente relacionado ao padrão de poder que separava as identidades entre superiores e inferiores, entre brancos e negros, por exemplo. O histórico da educação pública precária é longo, antes mesmo da Proclamação da República, e não apresentava o mesmo patamar de qualidade do ensino privado, não significando, portanto, concorrência entre os estudantes que tinham como pagar pela educação, o quais eram majoritariamente brancos. (DANTAS,2020, p. 13).

Observando o exposto e considerando o cenário caótico em que está inserida a educação neste momento, poderíamos dizer que tal ação conseguiria tratar apenas de esquecimento, mas se considerarmos as pesquisas referentes a educação e a inserção do corpo, desde o início deste processo, podemos dizer que tais modos de operar servem a um público e tem objetivos bem específicos. Bento (2002), importante pesquisadora das questões raciais e de gênero, tem um conceito que dá calço à essa afirmação, quando assegura que:

[...]Tudo se passa como se houvesse um pacto entre brancos, aqui chamado de pacto narcísico, que implica na negação, no evitamento do problema com vistas a manutenção de privilégios raciais. O medo da perda desses privilégios, e o da responsabilização pelas desigualdades raciais constituem o substrato psicológico que gera a projeção do branco sobre o negro, carregada de negatividade. O negro é inventado como um “outro” inferior, em contraposição ao branco que se tem e é tido como superior; e esse “outro” é visto como ameaçador. Alianças intergrupais entre brancos são forjadas e caracterizam-se pela ambiguidade, pela negação de um problema racial, pelo silenciamento, pela interdição de negros em espaço de poder, pelo permanente esforço de exclusão moral, afetiva, econômica, política donegros, no universo social.[...] (BENTO, 2002, p.7)

Justifica afirmar que, todas as catástrofes ou eventos na sociedade brasileira atingem as pessoas de maneira diferenciada e de acordo com o local ocupado por elas na pirâmide do trabalho. Oferecer aos discentes da educação pública uma dada “formação humana”, que observo, serve a uma organização maior, um intento maior. Existe aqui um desejo da manutenção de corpos pretos e pobres no espaço da miséria e da servidão, pois o não oferecimento por parte da escola tem também uma dada intencionalidade. Não quero com esta fala dizer que os professores são os culpados, apenas que amparados pelas

normas curriculares vigentes no momento, eles tendem a servir aos interesses de permanências e manutenção de privilégios. Mesmo porque a educação ocupa um papel importante e uma peça chave para atuar junto da sociedade.

Cito para elucidar minhas palavras, alguns pesquisadores que me antecederam e que entendem e percebem o importante lugar da educação e das decisões/posições que ela em suas organizações toma, assume. Assim como a consequência destas:

O corpo aprende e é a sociedade que lhe ensina o que é necessário a cada momento histórico, está inserido é moldado para ela. Podemos observar as representações do corpo das mulheres, em diversos momentos na nossa sociedade(...). As desigualdades vivenciadas, construídas social e historicamente são naturalizadas desde o nascimento, influenciam a educação de nossos corpos em diversos aspectos e pertencimentos, sendo fundamentada muitas vezes no currículo escolar..."(CRUZ, ROBERT.2017, p. 49).

Considerando então os panoramas de desigualdades raciais colocados por Gomes (2003) e as permanências persistentes que elas trazem, torna-se relevante acrescentar este prisma para pensar e olhar para o que propõe Farah (2010).

A autora aponta um panorama histórico acerca da crescente demanda de pesquisa em torno da temática Corpo, a partir da década de 1990. Aponta diferentes tendências investigativas e as embasa em reflexões de autores que se aprofundam nessa temática, tendo como ponto de partida questões educacionais, aprofundando com substância nas questões de escolarização, poder, educação, currículo e formação de professores, como Oliveira (2006), vai apontar a escola.

As pesquisas em questão trazem a necessidade e o desafio de pesquisar o corpo considerando uma multiplicidade de olhares sobre ele. Em consonância com Gomes (2003), considero olhar para este corpo de maneira racializada, o que acrescenta uma infinidade de outras reflexões. Segundo a autora, quando nomeia de "...o tenso processo de construção da identidade negra", ao apontar a importância da escola como uma instituição que é suporte para essas tensões.

Ainda de acordo com Gomes (2003) é possível afirmar que:

A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. (GOMES,2003, p.172).

O corpo é minha primeira porta de entrada, de acesso ao mundo, aos espaços. O corpo é minha conexão com os outros, com os meus sentidos e com o meu sentir. A tensão mencionada por Gomes (2003), está para além do significado da palavra. Passa e atravessa lugares que a palavra não consegue nomear. Assumir o corpo preto, assumir uma identidade negra dói. Neste lugar tomamos contato com muitas contradições, que habitam o que somos e o mundo que precisamos viver nele. Saímos do espaço, do lugar da inadequação, para buscar uma trajetória, que nos liberte de querer, ser quem não precisamos.

Habitar uma pele preta para mim, já foi algo mais tenso e demasiadamente doloroso. Já mencionei anteriormente que sou de uma família de 4 irmãos, o que não disse e que na escala e dentro desta identidade do ser negro, este quarteto é composto por alguém com um pouco de melanina a menos que eu. Nada tão significativo assim, mas meu desejo era habitar essa pele, que sempre foi apontada, como “a mais bonita das meninas”, parece ser inicialmente um dilema simples e único, mas não. É o lugar de muitos corpos, de muitas pessoas pretas. Ocupar um lugar mais próximo do apontado como o ideal, o adequado, o bonito. Habita aqui um desejo de ser aceito, de ser visto.

Pensar, falar, indagar o corpo preto nesta escrita é para mim um exercício de espelho, de olhar para o reflexo de muitas histórias, que mudam apenas os atores e lugares, mas que se repetem e mantêm-se contínuas. Poderia dizer que o movimento aqui é inicialmente, um movimento de olhar para dentro, não só de mim, mas para as permanências, ciclos viciosos que mantêm corpos pretos protagonizando os mesmos espaços e lugares de uma violência da qual eu sou apenas um exemplo, uma pequena e dolorosa mostra dela.

Neste sentido, Gomes (2003) vai nos dizer que:

Nesse percurso, os negros deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura, sua história, seu corpo e sua estética. Muitas vezes esses olhares chocam-se com a sua própria visão e experiência da negritude. Estamos no complexo campo das identidades e das alteridades, das semelhanças e diferenças e, sobretudo, diante das diversas maneiras como estas são tratadas pela sociedade. (GOMES,2003, p.172)

Neste sentido, me coloco refletindo, que existe uma lógica cruel na organização da cidade. Toda estrutura está montada a fim de separar e excluir determinados grupos de pessoas. Questões sociais, raciais, políticas e socioeconômicas, marcam lugares de transitar. Nosso direito de como e com quem podemos fazê-lo demanda uma organização

dos espaços que diz e/ou cerceia minha capacidade.

Essa propositura dialoga com a fala do geógrafo e intelectual negro Milton Santos (1978), que de forma bem apropriada possibilitou a compreensão de que “o lugar empresta características aos sujeitos e os sujeitos ao lugar”, um dos pressupostos importantes para pensarmos a cultura e as práticas culturais advindas dela no construto da formação das identidades. Por isso, a necessidade de situar o lugar! O lugar dos pés é anterior ao lugar da fala, é o lugar do pertencimento. O corpo negro apesar de todas as violências que foi submetido vem transformando em movimento, uma fala corpórea que traz a ancestralidade através da diáspora e a reinventa em forma de dança, jogo e luta para falar, girar, organizar e sociabilizar distintos corpos de diferentes lugares em um único espaço: o lugar da roda! Neste ponto se direciono meus sentidos para este lugar, onde meus pés se plantam e se fazem diariamente, sinto-me contemplada, abraçada em meu sentir pelos apontamentos de Gomes (2002) corrobora a afirmação com a seguinte assertiva:

O ato de educar envolve uma exposição física e mental diária. Porém, ao mesmo tempo em que se expõem, os educadores também lidam com o corpo de seus alunos e de seus colegas. Esses corpos são tocados, sentidos. A relação pedagógica não se desenvolve só por meio da lógica da razão científica, mas também, pelo toque, pela visão, pelos odores, pelos sabores, pela escuta. Estar dentro de uma sala de aula significa colocar a postos, na interação com o outro, todos os nossos sentidos. (GOMES, 2003, p. 173)

O proposto por Gomes (2003) em sua afirmação, conversa bem com o proposto por Contreras (2003), quando afirma que:

[...]Somente Se pode aprender vivendo. Ou melhor, só podemos aprender ao sentir-nos transpassados por algo que nos chega como vivo e se mantém vivo em nós, afetando a forma em que queremos encarar o viver. O sentido de uma forma de entender a educação e o como se faz deve completar seu próprio sentido com aquilo que chega ao coração e não só à razão. Mas a razão deve fazer algo com isso: deve pensá-lo, para torná-lo assim experiência (CONTRERAS 2003, apud CAPARROZ & BRACHT, 2007, p.32).

Na verdade, o educar passa por meu envolvimento e por minha disposição de estar na roda, de compor a roda, como alguém que é parte de um momento e de oportunidade única e ímpar de aprendizado. Digo aqui de disposição porque ela é imprescindível para estar de fato e para as construções e trocas que faremos no espaço. Este é um lugar de incertezas. Nesta interação não sabemos de resultados e nem temos respostas acertadas e precisas. cada indivíduo que chega, traz consigo todos os

sentimentos e impressões que são próprias, individuais ou coletivas, no que diz respeito ao quanto foi afetado.

Farah (2010) aponta o corpo como uma unidade que nos dá acesso ao mundo, considerando-o em diferentes aspectos e dimensões, aliada a necessidade de aceitarmos a condição de que somos *sujeitos-corpos*, isto é, entendermos o *corpo* como nossa identidade, nossa unidade de existência que nos dá visibilidade e possibilita acesso de maneira singular e diversa.

A concepção presente nas definições da autora sobre o corpo, aponta que em toda e qualquer ação que realizamos, é possível verificar três dimensões explícitas: biológica, psicológica e social, assim como dimensões implícitas, absolutamente interdependentes das anteriores: antropológicas, econômicas, históricas, entre outras.

Partindo da perspectiva da autora, significa dizer que somos constituídos de estruturas e sistemas, ou seja, de uma anatomia e fisiologia diversos. Nosso corpo, materialmente dizendo, nos remete à temporalidade marcada e traduzida inicialmente em nosso nascimento. De outro modo, significa também que é possível inferir sobre a constituição da psique por meio da constituição corpórea (anatômica), mas também da dinâmica corporal (os gestos, as posturas e as atitudes) que é o reflexo de nossas experiências em todas as fases da vida.

4.3 - Identidade Cultural

Dantas (2020) defende que a questão racial não é um tema identitários no Brasil, mas se constitui em um fator estruturante nas relações sociais. Pode-se dizer que crucial na maneira como os eventos vez ou outra se dão. Considerando sua relevância para esta discussão Dantas nos apresenta ainda uma outra questão quando traz a seguinte afirmação:

Pode-se sugerir que a relação branda da casa-grande e senzala de Freyre é parte da dominação simbólica, ou da dominação intersubjetiva à luz da colonialidade do poder, mas que não representava a totalidade das relações. A resistência foi sendo reprimida fisicamente e ocultada ideologicamente para perpetuar o mito das relações pacíficas entre brancos e negros no Brasil, como mecanismo de controle social. (DANTAS,2020, p.8)

Trazendo para o campo desta pesquisa a racialidade das relações, como elas se dão e a importância da educação, como um mecanismo poderoso para efetivação de mudanças. Precisamos olhar com mais esta lente para os corpos, independentemente de

sua idade.

Concomitante ao fragmento de texto acima, outro aspecto importante a ser considerado é o apontado por Garanhani; Naldony (2011), que vão ponderar que a criança, desde que nasce, entra em contato com o mundo simbólico da cultura, sendo que a apropriação de conhecimentos e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento, se dão a partir das interações que ela estabelece com as pessoas e com o meio cultural em que está inserida. Em consonância com o citado, Richeter (2006) diz:

O corpo fala da nossa história de vida e “fala” não apenas na infância, mas em todas as fases da vida. Na educação infantil, a valorização do movimento corporal é ainda mais necessária, considerando que, nesse momento do desenvolvimento do indivíduo, ele tanto lê quanto se expressa de forma mais acentuada por meio do corpo. A criança pulsa vida, busca conhecer o mundo, para isso, o movimento é um elemento essencial. (RICHETER, 2006, p.36)

Autora citada acima é uma pesquisadora do movimento na infância, que serve de referência para a proposição deste trabalho. E, embora a temática deste trabalho não seja infância e/ou exclusivamente o corpo infantil. Considero importante termos aliadas a afirmação de Richeter (2006), a lente da racialidade já mencionada anteriormente. Nesta medida é preciso dizer que o simples fato de realizar a pesquisa não sanará as lacunas históricas presentes na maneira como as narrativas sobre o povo preto foram estabelecidas, nem mesmo reverter o apagamento histórico, cultural e diverso que foi arquitetado de forma a desconsiderar culturas e “Histórias Afro-Brasileiras e Indígenas”. É necessário que os currículos escolares sejam permeados, desde os anos iniciais, de oportunidades de conhecer e apreender os caminhos trilhados pelas/os indígenas, pelas/os negras/os e por todos aquelas/es apagadas/os da história. Do contrário, podemos afirmar que as práticas pedagógicas que não levam em consideração tal princípio, podem ser nomeadas de epistemicídio¹⁴.

Em consonância com esta afirmação torna-se importante dialogar com pesquisadores desta temática, que bem exemplificam este pensamento. dialogando com

¹⁴ O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc.

outros estudiosos tais como, Rosa (2013), Gomes (1995),(2008) e (2017), Hooks (2013),(2020); Rufino (2016),Carneiro (2005) Sodré (2002) (2012), (2017), Fanon (2008), Maranhão (2016), Mattos (2007,2020 e 2021) e Nóbrega (2019, 2021). Proponho a pensar sobre o prisma da racialidade a partir das lentes destes e destas que me antecedem pesquisando, pensando o ser negro em diversas esferas e espaços.

Nesta perspectiva Carneiro (2005), vai dizer que o racismo epistêmico tem sido um instrumento operacional que tem contribuído fortemente para a consolidação das hierarquias raciais que são produzidas pelo próprio epistemicídio [...]. Este realiza-se através de múltiplas ações que se articulam e se retroalimentam, relacionando-se tanto com o acesso e/ou a permanência no sistema educacional.

Retomo neste ponto, as pesquisas de Vago (2000) e Kullman Jr (2020) e Dantas (2020), pois, elas retratam um período marcante da educação, pode-se dizer que os dados históricos apresentados por elas são relevantes, para pensarmos a maneira de organização e/ou concepção da escola, da educação, pois, tais maneiras exemplificam, práticas de epistemicídio, se nos atentarmos a maneira de conceber, pensar as infâncias e/ou a educação física.

As ações descritas pelos autores que tomo como referência neste ponto, compunham um projeto de dominação, estruturado e complexo, no intuito de manter posição e privilégios, pode-se dizer que, minar o conhecimento histórico de outros povos ou como já foi apresentado sua não resistência, enfraquece e desarticula a ação deles. Conforme Bento (2002), a escola aqui, tal como as disciplinas inseridas em seu currículo servem em alguma medida, a manutenção de poder dos povos brancos.

As crianças são seres protagonistas em seus processos e considerando que são diversas não existem respostas acertadas quando estas têm a oportunidade de experienciar vivenciar outras propostas de processos formativos. Neste ponto penso então que meu problema de pesquisa passa por este lugar.

Considerando esta porção ancestral, numa dimensão que a palavra não alcança e que não encontro palavras para descrever, vejo como necessário dialogar com a pesquisa de Trindade (2014), descrita como uma intelectual negra das “brechas”, para além da academia e da militância, uma professora. Pesquisadora das questões raciais, que sistematizou em alguma medida os valores civilizatórios e sua presença nas constituições na diáspora¹⁵ estabelecidas a partir dos escravizados, povo preto que aqui chegou e

¹⁵ A palavra diáspora, segundo a estudiosa, vem-nos da cultura grega, com os significados de dispensar

estabeleceu resistências, que foram embebidas por si só das memórias corporais presentes.

Com o intuito de refletir e dialogar com as atuais pesquisas sobre espaços, tempos e rituais escolares, apresenta-se as considerações relevantes acerca da busca por investigar e estudar a problemática apresentada. Os autores sugeridos têm estudos que fazem apontamentos históricos sobre o corpo NEGRO e a educação, avaliando a todo tempo sua tênue ligação com o espaço e as relações sociais estabelecidas.

Por conseguinte, a educação assume esse lugar com a ginástica e a educação física, que ocupa, então, um lugar central no domínio de posicionamentos e movimentos do corpo do sujeito. Dessa maneira, pode-se citar a presença da ginástica na escola, como é exemplificado por Nóbrega (2015):

A ginástica será um dos elementos da pedagogização da sociedade, observada no século XIX. A ginástica científica como um novo código de civilidade, no século XIX, uma pedagogia do gesto e da vontade, fundada numa higienização dos movimentos da cultura da rua. O corpo reto e o porte rígido como modelos para a sociedade burguesa. (NÓBREGA, 2005, p. 604).

Tal definição sobre a ginástica aguça reflexões em torno dos sujeitos, pois estes possuem um corpo que é sua identidade, que os autoriza ou interdita de acordo com os espaços e/ou interações que desejam realizar em todas as dimensões e em uma infinidade de aspectos sociais, físicos, culturais ou mesmo ideológicos. Em outras palavras, corpos diretamente ligados ao tempo e ao movimento da vida, com posturas e ações que são mutáveis, e não rígidos como supracitado, e que variam em suas respostas, com reações de acordo com o espaço e suas interações com ele.

O corpo como espaço recortado por práticas de saber, de poder, de subjetivação, instituídas por diversas disciplinas, não poderia, a meu ver, ser abordado em sua totalidade. [...] dos sentidos que a historicidade cria em narrativas temporais distintas; dos encontros e desencontros que constituem a nossa existência. (NÓBREGA, 2005, p. 611 – 612).

Outra importante referência sobre a educação do corpo no período Renascentista

ou semear, referindo-se a histórias de migração, colonização e exílio, mas é possível constatar que seu sentido muda em novos contextos geopolíticos. Nesse aspecto, em nossas formações culturais, menção especial merecem as comunidades afroamericanas, a partir do tráfico negreiro. Outro ponto crucial trazido à tona pela estudiosa e que não devemos perder de vista ao longo desta reflexão teórica é o fato de que inicialmente o significado de diáspora alude à criatividade multicultural decorrente dos contatos fecundantes das sociedades em expansão, mas que seu conceito foi permeado de exclusão e vitimização a partir da história do exílio/êxodo do povo judeu. Na atualidade, “o conceito reaparece ressemantizado na pluralidade de suas conotações viajantes, entendida a condição migrante e seu Grau Zero — Revista de Crítica Cultural, v. 4, n. 1, 2016 | 77, pensamento descentrado como consubstancial à alta modernidade” (BOLAÑOS, 2010, p. 168).

pode ser encontrada em Montaigne (1972 apud NÓBREGA, 2005). O filósofo reflete sobre a natureza e o significado das expressões corporais como uma linguagem do corpo que projeta o indivíduo para fora de si mesmo e o expõe ao elogio ou à sanção do grupo. Nóbrega (2015) faz uma análise histórica sobre os diversos códigos de civilidade¹⁶ impostos pela sociedade.

Soares (2000), pauta esta discussão considerando a relação do corpo, história e educação, estabelecidos pela sociedade contrapondo tempo, espaço e grupo social. A autora faz apontamentos sobre os mecanismos utilizados para e pelos indivíduos para se inserir e inserir-se corporalmente em suas posturas e/ou ações, sendo os mesmos apontados por preceitos e prescrições, tudo que fizer referência ao orgânico, natural e espontâneo deve ser eliminado. Discorre sobre elementos presentes nos aspectos e usos atribuídos a ginástica, que influenciam a educação física no Brasil rompendo primordialmente com a ideia básica da ginástica na Europa que era sua ligação muito tênue com os ditos divertimentos populares. A prática sugerida aqui traz em suas proposições práticas e orientações que em sua ação apagam o corpo existente e fazer outro mais adequado a vida social. Como afirma Soares (2000):

É, portanto, a gradativa aceitação dos princípios de ordem e disciplina formulados pela Ginástica e também o gradativo afastamento de seu núcleo primordial que vão, pouco a pouco, afirmá-la como parte da educação dos indivíduos. Uma Ginástica que estará reformulando seus preceitos a partir da ciência, da técnica e das condições políticas de uma Europa que, no século XIX, consolidou-se como centro do Ocidente... (SOARES,2000, p.44)

Considerando o cerne da matriz principal desta questão, pode-se dizer então que a ciência é o ponto de partida para a adesão dos conceitos propostos, visto que esses conceitos são apontados como formas de viver melhor a vida, instrumento de ensino para o indivíduo gerar seu tempo e suas atividades. Tais conceitos tem de acordo com o apontado pela autora o lugar de direcionar, regular sistematicamente a ação dos

¹⁶ O tratado A civilidade pueril, publicado em 1530, foi dedicado a um menino nobre, Henri de Bourgogne, filho do Príncipe de Veere; embora fosse escrito para a educação de crianças, o livro trata de um assunto de interesse geral: “o comportamento de pessoas em sociedade e, acima de tudo, embora não exclusivamente, do decoro corporal. A postura, os gestos, o vestuário, as expressões faciais, este comportamento externo de que cuida o tratado é a manifestação do homem interior por inteiro” (Elias, 1994, p. 69). As regras diziam da apresentação do corpo, do vestir, do andar, do olhar, dos gestos, das refeições e do portar-se à mesa, dos encontros, de como se dirigir aos mais velhos, do dormir e do jogo. Essas regras eram provenientes da cultura oral e foram transformadas em livro escolar, uma compilação de regras de comportamento, de regulações da vida social. Entre os séculos XVI e XVII, essas regras vão sendo modificadas, principalmente por uma nova noção de higiene e pela aceitação de uma nova privacidade, como nos aponta Revel (1991) em suas reflexões sobre os usos da civilidade como uma produção corporal que irá marcar fortemente as formas de privatização e as expectativas que se articulam com as novas formas sociais, notadamente com a burguesia.

indivíduos. O corpo é então apontado como o objeto a ser controlado e a realização efetiva dele é elencada nos diversos “benefícios futuros”. Na maneira como o corpo apresenta-se, busca-se uma retidão que aparentemente não é apenas física, mesmo porque as referências a postura moral estão implícitas o tempo todo em todas as ações e vozes do discurso como pode nas reflexões de Soares (2000):

A afirmação da Ginástica no mundo urbano está fortemente vinculada à instauração da ordem e a ordem militar é, sem dúvida, sua inspiração. Porém, ela reivindica de modo explícito e constante, uma competência científica e afirma-se em seu discurso como prática científica. Vale-se de explicações científicas para diferenciar-se de artistas de rua, de acrobatas, de funâmbulos, do mundo do circo. (SOARES,2000, p.46).

A vinculação com a ciência é um endosso para o discurso de poder que está por traz das ações implementadas. O reforço a uma negação efetiva do que tenha ligação com a cultura, sendo está vista como algo que desvirtua, impede o progresso e o caminho do indivíduo. A ginástica é apontada como um instrumento que iguala, elimina as diferenças, mas classifica os indivíduos.

Soares aponta tais conceitos e posturas como uma maneira explícita de controle das populações urbanas, que analisa e enquadra o corpo do indivíduo é um objeto mensurável e classificável, visto apenas como uma engrenagem produtiva no sistema capitalista

Partindo desta análise e considerando outros olhares e vozes do discurso, nesta narrativa, cabe refletir quais seriam os padrões e posturas se a sociedade fosse regida por valores afrodiaspóricos?

[...] este segmento expressa-se numa relação de tensões e conflitos entre princípios fundamentais advindos de uma ancestralidade africana reinventada no Brasil, cujos valores partem do compartilhamento, interação de linguagens, valorização da corporalidade, entre outros, diferentemente dos valores impostos pelas sociedades ocidentais modernas[...] (CONRADO, 2015, p.218).

Para pensar o corpo na educação, é preciso considerar que ele não é só um instrumento para realizar atividades físicas, rotineiras, mas que, pela sensibilidade humana, as produções são infinitamente mais abrangentes, sendo imensurável o potencial produtivo dos indivíduos e de seus corpos. Cada indivíduo é ímpar em seu ser, fazer e estar, e, embora esteja impregnado por códigos externos que serão apropriados e devolvidos às prováveis linhas de interação, não é possível prevê uma resposta do corpo.

Nessa perspectiva, o corpo do sujeito será analisado com ênfase na construção ativa e não universalista, que tem a intenção de localizar o corpo como parte dos elementos didáticos, tais como currículo, projeto pedagógico, atividades extraclasse, entre outros que compõem o campo educacional, sem estar preso a qualquer categoria fixa. Farah (2010) considera o corpo como elemento didático e considera as instituições escolares e suas práticas um ato de proporcionar vivências e experiências aos alunos. O corpo é o canal pelo qual se tem contato com o mundo e com os outros, e as interações com os outros e o espaço à volta causam alterações em seus sujeitos, sendo que:

[...]diante das inúmeras transformações interdependentes que ocorrem em diferentes situações da vida, a cada informação que nos chega e nos transforma [...] Sendo o corpo nosso acesso ao relacionamento que se altera tanto na função receptiva quanto na expressiva, podemos dizer que estamos no outro e o outro está em nós, como resultado de um espelhamento entre o eu e o outro, traduzindo um jogo simbólico entre as imagens de um e de outro e definindo os papéis, de ambos, a serem desempenhados em um determinado contexto psicossocial. (FARAH, 2010, p. 403)

Farah (2010) ainda aponta a escola e seu currículo, apoiada no projeto pedagógico, como eixo principal que define espaço, ou seja, o lugar do corpo na escola, e que o currículo na escola funciona como determinante do que vai ser vivenciado, sabido e experimentado, cerceando como, onde e o que vai ser ensinado. A autora propõe, conseqüentemente, uma análise no currículo sob dois pontos de vista, o que está sendo disposto na materialidade da língua, considerando o corpo quanto às suas expressões, afeto, cultura e histórias, sem deixar de pensar concomitantemente no currículo oculto, refletindo as diferenças e a heterogeneidade dos sujeitos.

Constata-se, ainda, uma análise do corpo e de suas várias identidades, analisada sob a perspectiva de que os sujeitos são frutos das diversas formas de educação, das experiências e do relacionamento no contato com outros. Essa relação e esses contatos acontecem marcando incisivamente as relações de poder que perpassam as interações e as questões de gênero, por exemplo.

No espaço escolar, as interações são organizadas como algo não pertencente ao currículo e são as chamadas atividades extraclasse. Segundo Farah (2010), “tais experiências acontecem de forma programada e controlada”. Mesmo acontecendo extraclasse, se o espaço não é adequado, dificulta-se o aproveitamento de tais propostas, que aponto como experiências questionáveis, do ponto de vista da organização espacial e do aproveitamento adequado do tempo disponibilizado para tal, visto que o tempo muitas

vezes é um dificultador quando se trata de currículo e os tempos da e na escola para a atividade física.

Nessa perspectiva, percebe-se que o corpo ainda não tem seu espaço bem definido nos tempos e espaços da escola. As pesquisas e relatos observados trazem uma relação conflituosa entre o corpo; o currículo idealizado para ele, suas experimentações, interações e vivências no que se refere ao espaço, os outros e consigo mesmo. São várias as preocupações em torno de como esse corpo ocupa seu espaço, como é este espaço e até mesmo em sua organização do e para uso dele.

É preciso encontrar um caminho para desenvolver um trabalho que considere e faça referência às questões de corporeidade de maneira mais próxima das experimentações e vivências dos indivíduos, considerando suas peculiaridades e usando-as para dar um significado diferente às questões sociais e educativas. O corpo possui uma memória afetiva, e estas memórias marcam a trajetória dos indivíduos, não sendo possível ignorar raça, gênero e espaços sociais de pertencimento, nem a educação que valoriza o corpo; e o indivíduo sabe que tudo está gravado ali de maneira vívida, intensa.

Não há corpo que não esteja investido de sentidos e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos de subjetivação nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais, assim como o modo pelo qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos (ORLANDI, 2001 apud FARAH, 2010, p.403).

Portanto, o corpo possui linguagem e pode ser analisado em diferentes espaços. O corpo é um território a ser explorado e é uma curiosidade, um interesse que perpassa diferentes estágios e momentos da vida, mas que não pode ser definido ou descrito em sua totalidade em nenhum deles. Os discursos existem e funcionam como instrumento de controle, fazendo-se necessário, então, um novo mapeamento dos espaços que possibilite diferentes lugares e outras perspectivas.

Todo esse movimento de aproximação da produção teórica que tenta entender o corpo/sujeito na sua relação com a instituição escolar bem como a minha experiência pessoal de formação humana na escola traz para o centro do debate uma possível lacuna sobre a discussão teórica do corpo negro e seu apagamento/silenciamento no interior desta instituição. É possível dizer que são poucas as referências que tenham em seu foco de pesquisa o corpo negro, a sua relação com o espaço escolar e as atividades físicas oriundas da cultura afro-brasileira, já que ele tem uma trajetória diferenciada no currículo

escolar quando se refere à maneira histórica, social, pessoal e afetiva com os alunos e alunas negras. Assim, é possível salientar que intervenções no currículo que oportunizam ao aluno negro ter contato consigo e com sua identidade são fundamentais para a formação de uma identidade positiva e de seu desenvolvimento escolar, pessoal e social, mas sendo necessários aprofundamentos acadêmicos para investigar e salientar aspectos ímpares da temática. O propósito desta pesquisa é então investigar a produção teórica que debate a temática do corpo negro na escola, a partir de um campo específico de produção de conhecimento conhecido como COPENE e nos GTTS Corpo e Cultura, educação e epistemologia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

Diante da proposta da pesquisa torna-se importante dialogar com uma outra base de valores que considere todos os sentidos e um sentir que passa e fica pela essência do comunitário, do outro, não sou eu somos nós.

Descrito assim a problemática da investigação, apresento então os objetivos que orientaram esta pesquisa.

4.4 – Objetivos

4.4.1 – Objetivo geral:

Identificar e analisar na produção científica da área educacional os artigos que tratam das experiências escolares de crianças e adolescentes negras/os na educação básica, com foco na temática corporal.

4.4.2 – Objetivos específicos:

Identificar e analisar o modus operandi das pesquisas desenvolvidas nos espaços da ABPN e do CBCE, buscando compreender o estágio de desenvolvimento das pesquisas, as temáticas mais presentes, os autores, os tipos de pesquisa e as lacunas do campo.

Identificar, compreender e analisar conhecimentos e saberes sobre o corpo negro e a escola presentes nas produções de pesquisadores que apresentaram trabalhos no CONBRACE e no COPENE;

Identificar e analisar as/os autoras/es, as temáticas, a quantidade e as lacunas desta produção. Apontar caminhos para qualificar a produção e a sua materialização.

4.5 – Justificativa

Sou mulher, negra, professora municipal e aluna do mestrado profissional da UFMG. Todas estas características reunidas me fazem querer entender o caminho, a história e os atravessamentos vividos por corpos diversos no contexto da educação básica. Então, essa pesquisa traz em si traços de minha subjetividade e das experiências vividas por meu corpo em minha trajetória. Percebo tal experiência como uma valiosa oportunidade para uma interlocução com os relatos, sentimentos e impressões de pessoas protagonistas destes processos.

Neste sentido é uma oportunidade de discutir o processo a partir de outro lugar, considerando aqui o histórico da educação, a luta antirracista e as construções em torno de “corpos” como parte de um currículo. Considerando o cenário da luta, ouvir o que dizem outros é valorizar as suas experiências, é permitir conhecer novas formas de aprender e apreender o mundo e dizer da possibilidade de um outro currículo e de um fazer educacional permeado por uma ação, um fazer pedagógico decolonial.

É importante mencionar ainda que a escolha das associações de pesquisadores, Conbrace e Copene tem relação direta à ideia de que a atuação política dos pesquisadores pode/deve alterar o modo de conceber os corpos e, conseqüentemente, estabelecer com estes uma relação educacional emancipadora e libertadora.

Ao compreender a instituição escolar brasileira como espaço de construção e reprodução de culturas, bem como um equipamento onde grande parte de seus usuários são de corpos negros; ao desconfiar que as produções teóricas sobre a temática ainda são incipientes e, por isso mesmo, não dão conta de imprimir um movimento educacional que supere os apagamentos e silenciamentos destes corpos; esta pesquisa se faz extremamente pertinente, pois, poderá mapear as produções teóricas já existentes e trazer para o campo de formação de professores, a necessidade de mais pesquisas sobre o tema, bem como, a materialização dos avanços que tais textos apontam para o agir pedagógico no chão da escola.

5. CAMINHOS DE MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Para dar conta dos objetivos do presente estudo, o método de identificação, leitura e análise de trabalhos científicos sobre o corpo negro e a escola nos pareceu o mais indicado. Caracteriza-se, portanto, como uma revisão sistemática de trabalhos científicos que estudaram a temática, tendo como foco, as narrativas sobre este corpo imerso na instituição escolar.

Castro (2001), vai dizer que, ao viabilizarem, de forma clara e explícita, um resumo de todos os estudos sobre determinada intervenção, as revisões sistemáticas nos permitem incorporar um espectro maior de resultados relevantes, ao invés de limitar as nossas conclusões à leitura de somente alguns artigos.

Segundo o autor, esta modalidade de pesquisa, tem como função primeira, agregar evidências para guiar a prática, auxiliar futuras intervenções no campo pesquisado, sendo essa uma das principais razões para se desenvolverem estudos que sintetizam a literatura, mas não é a única.

Para Castro (2001), as revisões sistemáticas são desenhadas para ser metódicas, explícitas e passíveis de reprodução. Sendo esse tipo de estudo muito útil para nortear o desenvolvimento de projetos, indicando novos rumos para futuras investigações e identificando quais métodos de pesquisa foram utilizados em uma área.

O Método de pesquisa em questão, requer uma pergunta explícita, a definição de uma estratégia de busca, o estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão dos artigos e, acima de tudo, uma análise criteriosa da qualidade da literatura selecionada.

Ainda, segundo Castro (2001), para desenvolver esse tipo de estudo é necessário ter incluído na ação a caracterização e avaliação de cada estudo selecionado, bem como suas qualidades. Faz-se necessário, frente a esta escolha de método de pesquisa, identificar os conceitos mais importantes, comparar as análises apresentadas anteriormente e concluir considerando o que já foi encontrado, o que a literatura informa, em relação a determinada intervenção, apontando ainda problemas/questões que necessitam de novos estudos. Boas revisões sistemáticas são recursos importantes ante o crescimento acelerado da informação científica. Esses estudos

ajudam a sintetizar a evidência disponível na literatura sobre uma intervenção, podendo auxiliar profissionais clínicos e pesquisadores no seu cotidiano de trabalho.

Roever (2017), aponta que, a revisão sistemática é considerada uma maneira, mais racional e menos tendenciosa de organizar, avaliar e integrar as evidências científicas.

Para tanto, escolheu-se duas grandes instituições de socialização do conhecimento nesta área, que faço saber: CONBRACE e COPENE, já identificadas anteriormente.

Neste ponto é importante situar os leitores sobre aspectos relevantes das instituições a serem pesquisadas aqui e, ainda, as possibilidades que elas apresentam no que se refere ao fato de poderem ser, em alguma medida, espaços que possuem uma conexão a princípio improvável, mas que podem vir a ser instrumentos de tensionamento destes espaços de maneira política e formativa, no que se refere às produções e às epistemologias que as regem.

Refiro-me aqui neste espaço, às instituições CONBRACE (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e ao COPENE (Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros) como espaços de produção, de pesquisa que apresentam sobre viés diverso e antagônico sobre o corpo. O primeiro apresenta discussão referente ao corpo e o segundo é um espaço de produção que também apresenta o corpo, mas acrescentando aqui a lente da racialidade.

Segundo site oficial do CONBRACE - Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), a instituição foi criada em 1978, como uma entidade científica que congrega pesquisadores/as ligados/as à área de Educação Física/Ciências do Esporte e é organizada em secretarias estaduais e (GTTs), Grupos de Trabalhos Temáticos¹⁷, além de possuir uma direção nacional com representações em vários órgãos governamentais. Afiliado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o CBCE está presente nas principais discussões relacionadas à área de conhecimento da temática deste trabalho. O seu evento científico nacional, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), realizado a cada dois anos, está entre os principais do país.

Já a COPENE/ABPN, trata-se de um Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as (COPENE), que se caracteriza como um fórum da Associação de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN) e que congrega os/as associados/as em ações de

¹⁷ GTT01- Atividade física e saúde; GTT 02 - Comunicação e Mídia; GTT 03 - Corpo e Cultura; GTT 04 - Epistemologia; GTT 05 - Escola; GTT 06 - Formação Profissional e mundo do Trabalho; GTT 07 - Gênero; GTT 08 - Inclusão e Diferença; GTT 09 - Lazer e Sociedade; GTT 10 - Memórias da Educação Física e do esporte; GTT 11 - Movimentos Sociais; GTT 12 - Políticas Públicas; GTT 13 - Relações Raciais; GTT 14 - Treinamento Esportivo.

articulação, divulgação, promoção, valorização e construção de uma agenda nacional voltada aos estudos africanos e afro-brasileiros. De acordo com o site da instituição, a ABPN é um dos órgãos fundamentais da rede de instituições que atuam no combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação racial, com vistas à formulação, à implementação, ao monitoramento e à avaliação das políticas públicas para uma sociedade justa e equânime. A atuação da ABPN acontece em três grandes áreas: Divulgação acadêmica, Articulação social e Formação de lideranças.

O trabalho de mapeamento e identificação das obras foi realizado então, nos Anais do CONBRACE e do COPENE, devido a aproximação da produção teórica destas instituições com as questões deste trabalho.

5.1 - Estratégias de Busca

Os indicadores de busca utilizados foram: *corpo, corporal, corporeidade, corpo negro, educação física escolar, educação básica, educação das relações étnico raciais, educação física, Lei 10639/2003 e epistemologia*; presentes nos títulos ou nas palavras chave dos artigos. Os artigos encontrados na busca tinham relatos de pesquisa, trabalhos e questionamentos dispostos em áreas diversas, como poderá ser percebido na tabela disposta abaixo. Sequencialmente, dentre as opções encontradas foram selecionados os artigos que se referiam ao corpo no espaço escolar e, por fim, aqueles que tratavam sobre o corpo negro.

Para entender de que forma pesquisadores com publicações nos Anais do CONBRACE e do COPENE, têm tecido suas narrativas em relação ao corpo negro, buscou-se somente artigos em português, realizados no Brasil.

A busca foi realizada em outubro de 2021, tendo como referência para análise, os artigos publicados no período entre 2011 e 2021. Os artigos das publicações dos Anais do CONBRACE estão dispostos a cada dois anos (tempo de realização do evento e de publicações dos artigos). No caso dos Anais do COPENE nacional, as buscas também foram realizadas a cada 2 anos sequencialmente, em anais publicados nos últimos 5 anos.

5.2 - Critérios de Elegibilidade nos Anais do CONBRACE e COPENE

Para a inclusão dos artigos nessa pesquisa, foram utilizados os critérios de originalidade, o corpo negro e a escola como objetivo principal do estudo e a publicação no idioma português. Inicialmente foi lançado no campo de busca dos anais, as palavras-chave separadas e encontrado alguns artigos. Diante da escassez de artigos, realizou-se uma nova busca em cada publicação, a fim de separar os artigos dos periódicos que contemplassem em seu nome e/ou em suas palavras-chave, ao menos uma das palavras-chave dos indicadores de busca.

A seguir serão enumerados os artigos pesquisados nos Anais do COPENE, cuja organização de publicações foi realizada em formatos nomeados de Sessão, Comunicação ou Eixo Temático, que não são permanentes. Os formatos são alterados bianualmente, de acordo com as demandas e proposições de pesquisadores, contemplando as discussões mais importantes, no âmbito das questões étnico raciais. Em função disto foi necessário realizar a busca pela temática na publicação, de modo geral, no entanto, desconsiderando da busca e da contagem, os trabalhos classificados como pôsteres, minicursos, oficinas, conferências e mesas redondas, ainda que relacionadas à temática. Em função disto, foram quantificados apenas os artigos presentes na Sessão, Comunicação ou Eixo Temático, nomenclatura que varia de um ano para o outro. A pesquisa utilizou e preservou como critério as mesmas palavras-chave presentes na estratégia de busca.

6 – PRODUÇÃO CIENTÍFICA DAS INSTITUIÇÕES

6.1 – CONBRACE

Após apontar os critérios, elenco os artigos publicados nos GTTs de Corpo e Cultura, Epistemologia e Escola; assim como as características mais marcantes presentes em cada um desses artigos. Importante mencionar que os GTTS têm a mesma nomenclatura em todos os anos, ocorrendo alterações, apenas nas temáticas propostas bianualmente, para cada um dos eventos. Vale ressaltar que, o foco das discussões nos GTTs do CONBRACE perpassa o campo da Educação Física

Na tabela informativa contendo referências sobre o evento e as publicações nos anais, foram elencados, a quantidade de artigos publicados em cada GTT, bem como, o ano e a localização do evento. Os artigos citados, têm no seu título ou em umas das suas

palavras-chave, uma das palavras estabelecidas como critério de busca. Esses artigos foram quantificados de forma manual, uma vez que, nos Anais do COMBRACE não foram encontradas caixa de busca ou índice:

QUADRO 01 - INFORMAÇÕES BÁSICAS - CONBRACE

ANO	LOCAL DE REALIZAÇÃO	QUANTIDADE PUBLICADA POR GTT		
		Corpo e Cultura	Epistemologia	Escola
2011	ESEF/UFRGS - Porto Alegre/RS	55	22	68
2013	FE/UFG - Brasília/DF	34	24	128
2015	CEFD/UFES - Vitória/ES	36	27	169
2017	Faculdade de Dança e Educação Física/UFG - Goiânia/GO	75	27	190
2019	UFRN- Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal/RN	75	32	341

Fonte: Anais CONBRACE. Tabela elaborada pela pesquisadora

É intenção neste estudo, apontar as temáticas abordadas nos Congressos, a partir da publicação de cada Anal, no período compreendido entre 2011 e 2021, assim como, o quantitativo total de artigos publicados em cada GTT escolhido para a pesquisa.

Em 2011 aconteceu o XVII CONBRACE, na cidade de Porto Alegre, no período de 02 a 07 de agosto. A temática orientadora da escrita foi “Ciência e compromisso social – implicações na/da educação física e ciências do esporte”. Foram apresentados nas

publicações dos GTTS pesquisados o total de 145 artigos, sendo dentre estes 55 artigos pertencentes a Corpo e Cultura; 22 artigos a Epistemologia e 68 artigos no GTT Escola.

O XVIII CONBRACE aconteceu no ano de 2013, na cidade de Brasília – DF, no período compreendido entre 11 e 16 de agosto. A temática orientadora da escrita foi a “Identidade da educação física e ciências do esporte em tempos de megaeventos”. Foram apresentados nas publicações dos GTTS pesquisados o total de 186 artigos, sendo dentre estes 34 pertencentes a Corpo e Cultura; 24 Epistemologia e 128 Escola.

Já em 2015, o XIX CONBRACE, foi realizado em Vitória-Es, no período compreendido entre 08 e 13 de setembro. Nesta ocasião, a temática que direcionou as produções que compõem o Análise do evento foi, “Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a educação física e ciências do esporte”. As publicações que compõem os GTTS somam o total de 232 artigos, sendo 36 Corpo e Cultura, 27 Epistemologia e 169 Escola.

Em seguida, no ano de 2017, realizou-se o XX CONBRACE, em Goiânia-GO, entre os dias 7 e 21 de setembro. O tema escolhido para a condução das produções apresentadas foi “Democracia e emancipação, desafios para a educação física e ciências do esporte na América Latina”. Foram apresentados nas publicações dos GTTS pesquisados, o total de 292 artigos, sendo dentre estes, 75 pertencentes a Corpo e Cultura; 32 Epistemologia e 190 Escola.

E por fim, no ano de 2019, o evento de número XXI, aconteceu em Natal/RN, no período de 16 a 20 de setembro de 2019. A temática foi “O que pode o corpo no contexto atual? Controle, regulação e perda de direitos como desafios para educação física e ciências do esporte”. Foram apresentados nas publicações dos GTTS pesquisados, o total de 448 artigos, sendo dentre estes 75 pertencentes a Corpo e Cultura; 32 Epistemologia e 341 Escola.

6.1.1 – Produções Sobre o Corpo, nos Anais do CONBRACE

As pesquisas realizadas a respeito da temática de corpo na escola, no campo da Educação Física apresentam características distintas. Existe um número relativamente crescente de discussões em torno do corpo, nos diversos espaços e contextos sociais. As pesquisas encontradas em sua maioria questionam o lugar hegemônico da Educação Física, mas ainda são tímidas as discussões que consideram gênero, raça ou outras

interseccionalidades.¹⁸ Para além da crítica a não existência, foi possível perceber durante as buscas, que já existem profissionais do campo, questionando a descaracterização do corpo ou mesmo os fatores que o inter cruzam, mas em número reduzido, frente a quantidade de produções existentes no território da Educação Física. Refiro-me neste ponto, às características nomeáveis ou não, culturas, gênero, religião, raça, enfim a diversidade que abarca ser humano. Somos muitas coisas e, mesmo que seja intenção, não é possível abarcar o todo, mas é preciso considerar que a diversidade existe e pautá-la. Olha-la. A ideia de corpo encontrada nos artigos dispostos aqui vai, em alguma medida, caminhar nesta direção. Eles questionam, denunciam, elucidam as inumeráveis ausências.

Para iniciar o levantamento da produção de conhecimento sobre o tema, tive contato com variados textos, sendo que, inicialmente, debrucei-me sobre a produção de professores da Educação Física em 3 GTTs do Conbrace: Corpo e Cultura, Epistemologia e Escola. Os quais apresentaram um panorama total de 1303 trabalhos publicados, tratando do corpo em espaços diversos no território da educação física. Dentre estes artigos, foram selecionados inicialmente, considerando as palavras-chave, 329 artigos e no final do processo, foram escolhidos apenas 23, o que confirma a pouca produção de artigos que considere o corpo negro ou mesmo, que aponte ou denuncie a sua ausência. Constam na tabela abaixo artigos/resumos expandidos dos GTTs pesquisados entre os anos de 2011 e 2019. É importante informar ainda que nos dois casos, o critério de buscas seguiu considerando as palavras e requisitos de busca já apresentados, como pode ser visto no quadro abaixo:

¹⁸ O conceito de interseccionalidade tem sua origem, nas décadas de 1970 e 1980, junto às feministas negras norte-americanas, que questionaram o suposto universalismo da categoria “mulher”. Entretanto, foi mais recentemente que outra feminista negra norte-americana – Kimberlé Crenshaw (2002; 2006) – apresentou uma formulação mais elaborada deste conceito. O conceito é utilizado para referir-se à forma pela qual o racismo, as relações patriarcais, a opressão de classe e outros eixos possíveis de poder e discriminação criam desigualdades. Crenshaw (2002) enfatiza como a interseccionalidade de raça, classe e gênero produz opressões e desempoderamento. A partir da metáfora de encontro de avenidas, torna-se claro o que essa autora entende por interseccionalidade. Os eixos de poder – raça, etnia, classe, gênero – sobrepõem-se e se cruzam. O indivíduo, sujeito à interseccionalidade, nas descrições da autora, torna-se equivalente a um “pedestre” no encontro destas várias avenidas, sofrendo os danos causados por impactos vindos de outras direções. (COSTA,2015, p.151)

QUADRO 02 - ARTIGOS/RESUMOS EXPANDIDOS CONBRACE - GERAL

ANO	GTTs	ARTIGOS SELECIONADOS	ARTIGOS/RESUMOS EXPANDIDOS TABELADOS ESCOLHIDOS
2011	Corpo e Cultura	30	2
	Epistemologia	18	2
	Escola	29	0
2013	Corpo e Cultura	20	3
	Epistemologia	3	0
	Escola	7	8
2015	Corpo e Cultura	15	2
	Epistemologia	7	0
	Escola	20	2
2017	Corpo e Cultura	47	4
	Epistemologia	3	0
	Escola	16	0
2019	Corpo e Cultura	49	3
	Epistemologia	5	2
	Escola	60	2
↓	↓	↓	↓
QUANTITATIVO TOTAL (2011 A 2019)	Corpo e Cultura + Escola + Epistemologia	329	30

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora

QUADRO 03 - RESUMO QUANTITATIVO POR GTT - LANÇADO NA TABELA

GTT	Corpo e Cultura	Escola	Epistemologia
QUANTIDADE LANÇADA POR GTT	14	12	04

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora

6.1.2 - Produções Teóricas Acerca da Temática Corpo, nos Anais do Conbrace

Como já mencionado, o objeto de investigação deste estudo é a produção teórica a respeito do Corpo, no interior da escola. Apesar da disciplina de Educação Física ser o momento/espço onde tal temática mais se expressa, é imperativo reforçar que as representações de corpo/corporeidade estão presentes em todos os momentos, em todas as áreas de conhecimento e em todos os espaços da escola. Assim, tal investigação não poderia se furtar de investigar os campos de estudo que se dedicam a tal temática. Nesse sentido, apresenta-se a seguir, os artigos científicos produzidos nos últimos dez anos, em duas importantes instituições de produção de conhecimento.

O quadro 6 é uma síntese apontando algumas ideias, discussões e concepções de corpo, presente nos artigos dos anais do Conbrace entre 2011 e 2019, como seus respectivos autores e os pontos principais explanados por eles.

Quadro 04 - síntese das produções de conhecimento sobre Corpo na escola (Anais do Conbrace – GTT Corpo e Cultura, Escola e Epistemologia).

Ano	Título/Autores	Objetivos	Resultados/Considerações dos autores
2011	O corpo na educação física: a epistemologia, a ciência e os desafios pedagógicos Fabio Zoboli; Renato Izidoro da Silva	Apresentar algumas questões epistemológicas presentes no contexto dos estudos do corpo, buscando estabelecer algumas tensões com a Educação Física.	Faz-se necessário o entendimento de que nossas experiências vividas enquanto corpo – eu/meu corpo vivido – deixam como que cravados em nós uma gama de experiências familiares e estranhas que edificam ao mesmo tempo saberes e ignorâncias das existências corporais que é praticamente impossível de ser explicitado através de alguma conceituação científica válida. Eis mais um problema para pensarmos uma epistemologia do corpo no contexto da Educação Física.
2011	Os significados do corpo contemporâneo: limites e desafios para a educação física Priscila Karine Morais de Aguiar; Marise Botti	Investigar, discutir e dialogar com diferentes autores da área os significados do corpo na contemporaneidade; Apontar o papel da Educação Física escolar frente a este cenário.	Necessita-se de entendimento, que o âmbito escolar, bem como a Educação Física, deve conscientizar e esclarecer sobre as determinações sociais dadas ao corpo, na medida em que este espaço pode promover novas propostas de libertação dos significados e sentidos dos sujeitos que compõe a sociedade.

2011	<p>Que corpo é esse que vestimos e que nos veste?</p> <p>Luciano do Amaral Dornelles; Fabiana de Amorim Marcello</p>	<p>Discutir como esta incorporação de elementos não-naturais contribui para compreender a constituição do corpo na educação física;</p> <p>Compreender como a educação física tem se consignado com a utilização das tecnologias no seu dia a dia.</p>	<p>A representação do atleta no cinema como alguém capaz de suportar as adversidades e superar todos os obstáculos é um dos efeitos que o discurso da cultura esportiva provoca, tornando-a a representação naturalizada de atleta de alto rendimento como um super-herói, um ser humano fora do comum, ou então um ser sobre-humano. Um verdadeiro ídolo a ser venerado e cujo corpo é desejado por todos.</p>
2011	<p>Perspectivas epistemológicas da produção do Conhecimento sobre corpo nos Gtts memória, cultura e Corpo (1999, 2003) e corpo e cultura (2011).</p> <p>Tadeu João R Baptista; Letícia Rodrigues Teixeira e Silva; Ana Paula de Melo Silva; Sissilia Vilarinho Neto; Felipe Rey Pereira; Carolina Leocádio Alves; José Pedro Alvarenga</p>	<p>Realizar uma análise comparativa sobre as perspectivas epistemológicas da produção do conhecimento sobre corpo nos GTTs Memória, Cultura e Corpo e Corpo e Cultura do CONBRACE.</p>	<p>Ao finalizar o presente estudo, destaca-se a inexistência de trabalhos na perspectiva positivista, embora seja possível identificar concepções de corpo que se aproximariam desta perspectiva. Provavelmente, o fato de os GTTs terem como uma das referências a aproximação com as ciências humanas, sociais e as artes, de certo modo dificulta a perspectiva que se fundamenta em análises predominantemente quantitativas como é o caso do positivismo. Por outro lado, o estudo permite identificar a presença da fenomenologia e, principalmente, do materialismo dialético como perspectivas predominantes nos trabalhos selecionados que trataram do corpo. Apesar do que os dados deste estudo demonstram, eles ainda são insuficientes para afirmar a perspectiva predominante nos GTTs, em especial a discussão sobre corpo realizada no GTTCC. Isto indica a necessidade de outros estudos que visem analisar todos os anos de publicação do GTTCC nos anais do CONBRACE.</p>
2013	<p>O corpo como vetor semântico na educação física: uma Perspectiva a partir de Le Breton</p> <p>Roberta Jardim Coube; Felipe Lameu dos Santos; Luiz Celso Pinho; Aloisio Jorge de Jesus Monteiro</p>	<p>Discutir a ideia de um corpo que é repleto de sentidos e valores a partir do antropólogo francês David Le Breton (2007). Desvelar as lógicas sociais e culturais que envolvem o corpo a partir da contribuição, do pensamento que vê o corpo vetor semântico.</p> <p>Denunciar os problemas contidos</p>	<p>Podemos sempre instituir novas práticas – educativas ou não – capazes de valorizar um estado de satisfação plena das exigências do corpo/corporeidade. Nesse sentido, entra em cena a sociologia do corpo, área do conhecimento humano que auxilia o homem a desvendar as modalidades sociais e culturais das relações estabelecidas no corpo, ou seja, contribuindo para que este homem – ator social – descubra a si mesmo na extensão de sua relação com o mundo. E por que não dizer também no reconhecimento do outro que o habita.</p>

		em um cotidiano escolar em que o corpo é negado. Contribuir nas discussões e na construção de uma escola e um currículo de fato referenciado na corporeidade.	
2013	Corpo e religião: aproximações possíveis. Ana Carolina Rigoni	Trazer à reflexão algumas análises sobre os “usos do corpo” e suas relações com a religião. Demonstrar como, ao longo da história, a educação do corpo é perpassada por um tipo de educação religiosa. A religião, como outras instituições que agenciam a vida cotidiana do ser humano, tem papel importante na educação corporal de pessoas que compartilham de uma visão religiosa do mundo.	Enfim, o presente texto é uma tentativa de dar visibilidade à algumas reflexões sobre o corpo no mundo contemporâneo. Ainda que as reflexões tenham sido elaboradas com ênfase na educação religiosa elas tratam o corpo como alvo de agenciamento por parte de instituições que pretendem exercer algum tipo de controle sobre ele. Neste caso, a escola e a EF podem ser consideradas igualmente influentes neste processo de educação dos corpos. Mais do que isto, é preciso que os professores e profissionais da área da EF estejam atentos aos processos que interferem e influenciam a educação do corpo enquanto “objetos de estudo”, sujeitos e agentes de nossa intervenção pedagógica.
2013	Corpo e cultura na modernidade: ressonâncias entre Elias e Foucault Carlos José Martins	Neste trabalho, o autor pretendeu circunscrever possíveis ressonâncias entre as contribuições destes autores para pensar a questão da regulação das práticas e pulsões corporais na modernidade. Para tanto, valeu-se da construção de um panorama das problemáticas da gestão política dos corpos dos indivíduos e das populações na modernidade sob a perspectiva do processo de civilização e da	Implanta-se, tanto no nível individual quanto no coletivo, “uma liberação controlada das emoções” que está na base da função do esporte e do lazer na civilização ocidental. Tanto um autor quanto o outro, cada um com a singularidade de seus pensamentos, contribuíram significativamente no diagnóstico crítico do papel de diferentes formas de regulação e autogoverno das funções e práticas corporais na modernidade. Nosso intuito foi estabelecer as possíveis ressonâncias encontradas nas duas obras, tentando articular um panorama mais amplo e complexo de equacionamento dos problemas aqui colocados em questão.

		abordagem genealógica.	
2013	<p>Lei 10.639/2003 e educação física: da problematização desta relação a um relato de experiência.</p> <p>Laura Fernanda Rodrigues da Rocha</p>	<p>Relatar trabalho realizado com a temática das relações étnico-raciais; Trazer à tona a problematização da relação entre a Educação Física e a Lei 10.639/2003</p>	<p>A professora avalia o projeto realizado como um avanço em relação às outras aulas que também tratavam dessa temática, mas apresentavam-se isoladamente. Avalia que conseguiu aprofundar com os alunos ideia complexas e extremamente relevantes para contribuir com o amadurecimento no sentido da valorização da diversidade e do olhar crítico a respeito das relações étnico-raciais, mesmo tendo encerrado o trabalho de uma maneira um tanto quanto abrupta e sem a realização de algumas práticas pensadas. Desta forma, a autora pensa que o relato da experiência vivida, com esta turma pode contribuir para outros professores de Educação Física evidenciarem em suas aulas essa temática que, para além do fato de ser lei, se trata de uma temática extremamente próxima à disciplina.</p>
2015	<p>O que pode um corpo numa escrita e o que pode a escrita de um corpo</p> <p>Vivian Marina Redi Pontin</p>	<p>Trazer à superfície a organicidade dos signos que nelas incidem. História e antropologia do corpo que o implicam em determinações epistemológicas de um corpo como representante das relações de dominação e submissão societárias. Questionar, pois, em quais políticas essas narrativas se entremeiam? Diante das visões totalitárias e universais, aposta-se na potência do fragmento enquanto forma de dar expressão ao corpo, fazendo com que os signos que percorrem suas narrativas atravessem outros territórios, por um deslocamento político-estético que a linguagem é capaz de agenciar, lançando o corpo de testemunho mudo,</p>	<p>Repensar os procedimentos que alinham os fios do corpo e da escrita, e aqueles que mantém as tramas, as partes embaraçadas, outras contínuas, enroladas, enoveladas. Buscando o movimento no qual se colocam, mais do que a explicação das formas e conteúdo. Uma vez que o corpo é interpelado a todo instante por escritas que querem-no dentro de uma classificação (formulários de preenchimento); por tipos de conhecimento que emolduram seus contornos e seu interior; por leis e normas que subjagam seus querereres ou que colocam o querer dentro de um padrão; por hábitos e costumes naturalizados tanto pela continuidade, quanto pela repulsa a outros modos de existência; por coibições que impedem e incomodam, proibições com e sem propósito que ora anulam, ora repreendem expressões do corpo. Ao invés de julgar as narrativas que se debruçam sobre os corpos, no sentido de estabelecer parâmetros de boa ou má relação entre escrita e corpo, fazer existir, dar a ver, expressar, trazer à superfície corpo e escrita que fogem das garras da realização do apenas possível para a pesquisa.</p>

		fiel e aparente para um corpo acontecimento.	
2015	<p>A dimensão estética e simbólica do corpo que dança nas tradições do candomblé.</p> <p>Ingrid Patrícia Barbosa de Oliveira; Rosie Marie Nascimento de Medeiros</p>	<p>Construir saberes para pensar o sagrado, a ancestralidade, a estética, os símbolos nas danças da tradição do Candomblé, as danças dos orixás. Ampliar as discussões sobre o tema, pois reconhecemos que existe uma carência de reflexões sobre o corpo em sua vivência com o sagrado, com a ancestralidade, pois acreditamos que a sacralidade vivida no contexto do Candomblé pode nos conduzir a novos desencadeamentos, no sentido de pensar concretizações no âmbito da Educação Física.</p>	<p>Com as aproximações com os conceitos de corpo, fenomenologia, estética e cultura pudemos investigar este universo em que o corpo se faz valorizado, potente, criativo e que nas experiências estéticas desfrutam da experiência da beleza, da sensibilidade, da descoberta do sentido da vida. Compreender a experiência estética do dançar nas tradições do Candomblé e os simbolismos que se constituem nas diversas atividades do terreiro é, portanto, poder abrir novos caminhos para a compreensão não-fragmentada da existência humana, rompendo com a visão racionalista e dicotomizada que predomina ainda na educação.</p>
2015	<p>O que pode um corpo? Entre a arte-educação e a Educação física: experiências de uma prática pedagógica</p> <p>Gabriela Nobre Bins; Helena Meireles; Silvane Fensterseifer Isse</p>	<p>Em uma perspectiva transdisciplinar, objetivamos a compreensão do mundo presente a partir do que está entre, através e além das disciplinas. Partindo do pressuposto de que ambas as disciplinas têm o corpo como matéria prima e de que, segundo o filósofo Merleau Ponty (1999), o corpo é um cenário em relação ao mundo, entendemos ser fundamental a exploração, na escola, das</p>	<p>Usando o corpo como suporte para trabalhar questões da Arte, da Educação Física e da corporalidade, os alunos puderam confrontar-se com as singularidades e ampliar seu conhecimento sobre seus corpos, seus colegas e suas relações com o mundo. Em uma sociedade visual, o corpo passa a ser objeto de extrema valia na construção do processo de educação [...]</p> <p>E perceber o outro, talvez seja a melhor forma de conhecer-se e aprender. A experiência de transdisciplinaridade nos possibilitou sairmos das caixinhas a que normalmente as disciplinas ficam confinadas e refletirmos sobre nossos alunos e suas experiências como um todo.</p>

		possibilidades desse corpo.	
2015	<p>Mojudara – uma possibilidade de trabalho com as Questões étnico raciais na educação física.</p> <p>Gabriela Nobre Bins; Vicente Molina Neto</p>	<p>Analisar os dados que emergiram através de um estudo de caso etnográfico. Ele relata a experiência de um professor da rede municipal de Porto Alegre que utiliza os valores civilizatórios afro-brasileiros como metodologia de trabalho para estruturar sua prática pedagógica.</p>	<p>Pensar então os valores civilizatórios como metodologia que incorpore nas aulas a filosofia do ubuntu, a circularidade, oralidade, ancestralidade, musicalidade e a corporeidade vai ao encontro ao que está estabelecido nas diretrizes curriculares nacionais para o ensino de história da África e cultura afro-brasileira e africana (CNE/CP no3/2004) [...]. Porém, trabalhar os valores civilizatórios como metodologia que estruture as aulas não impossibilita que se trabalhe também as questões étnicas enquanto conteúdo. Os valores civilizatórios são uma dimensão maior; trabalhando os mesmos como metodologia estamos ampliando e mudando de perspectiva a discussão sobre as questões étnicas, [...]. Muito mais do que simplesmente ser incluída como conteúdo no currículo, as questões étnico-raciais podem e devem, [...] servir de metodologia para a prática pedagógica; possibilitando a vivência de novos valores, construindo novas e diversas visões de mundo.</p>
2017	<p>Análise das concepções de corpo nas comunicações orais no GTT Corpo e Cultura em, 2009.</p> <p>Tadeu João Ribeiro Baptista; Sissilia Vilarinho Neto; Marisa Mello de lima; Augusto César Vilela Gama; Camila Lima de Oliveira; Nathália Cardoso de Souza;</p>	<p>Fazer uma análise sobre as concepções de corpo presentes nas comunicações orais no Gtt de corpo e cultura em 2009.</p>	<p>A produção apresentada nas comunicações orais do GTT Corpo e Cultura em 2009 apresenta uma profusão de temáticas e olhares sobre o corpo. Desde as perspectivas mais tradicionais, tratando das concepções de corpo ou de suas diferentes manifestações na cultura, às diversas possibilidades de análise sobre o corpo em suas relações com o mundo, com ele próprio ou na perspectiva de modelos voltados para o seu hibridismo. Destarte, compreende-se a necessidade de aprofundamento neste tema, considerando que o GTTCC ao longo dos CONBRACE's tem apresentado potencialidades no debate sobre o corpo no Brasil e no exterior.</p>
2017	<p>A corporeidade freireana.</p> <p>Rafael Vieira de Araújo; Teresa Cristina Barbo Siqueira; Rildo Vieira de Araújo</p>	<p>Identificar a formulação do pensamento de Paulo Freire, sobre a temática corpo. Ressaltar a ideia de corpo consciente e a necessidade e a importância de repensar o corpo na educação.</p>	<p>O corpo precisa ser ressignificado em todos os espaços formativos. No caso da instituição escolar, o corpo necessita ser pedagogizado, desvelado, desconstruído, desmitificado com o intuito de superar a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual e a cisão corpo e mente, possivelmente levando o educando a estranhar os sentidos e significados de corpo, de um corpo sequestrado pelo trabalho, ignorado pela escola e pelas dificuldades de vida cotidiana, tomando-os conscientes.</p>

2017	<p>O corpo em evidência: possibilidades de trato pedagógico no âmbito da educação Física escolar.</p> <p>Aline Gomes Machado; Rubia-mar Nunes Pinto</p>	<p>Relatar experiência sobre possibilidades de ensino no âmbito da educação física escolar tendo a discussão e as experiências sobre/com o corpo a principal temática. Perceber que a ideia de um corpo fragmentado e reduzido a sua biologia e utilidade ainda se faz presente nos discursos comprovando a relevância de se discutir o corpo na escola em suas variadas dimensões.</p>	<p>Este estudo possibilitou verificar que a ideia de corpo sob uma perspectiva fragmentada e reducionista, ainda se faz presente no discurso escolar contemporâneo, evidenciando a necessidade da superação de sua visão em seu aspecto instrumental. Para isso, entende-se como necessária a abordagem de temas que revelem o corpo em seu aspecto histórico, cultural, político e social, considerando-o em sua totalidade. [...] É preciso ir além do mero ensino dos conteúdos sistematizados, é preciso compreendê-los e problematizá-los enquanto fenômenos históricos e sociais para assim promover uma reflexão que leve os alunos a uma educação crítica, capaz de formar cidadãos autônomos e conscientes enquanto seres corporais.</p>
2017	<p>Estranhamento e corporeidade de crianças negras e não negras.</p> <p>Valda da Costa Nunes Neide da Silva Campos</p>	<p>compreender pela análise interpretativa à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty, aspectos do caráter étnico, ético e estético das corporeidades de crianças negras e não negras da educação infantil de uma escola pública em Cuiabá, MT evidenciando aspectos diversos da corporeidade infantil que se escondem nas fendas de estereótipos e de jargões vindos de adultos e no momento de suas escolhas e declaração de suas preferências, é preciso olhar com cuidado seus relacionamentos com o todo.</p>	<p>Esta pesquisa indica a necessidade de refletir mais ampla e profundamente a questão da discriminação e do estranhamento por parte das crianças pequenas diante da cor, seja ela relacionada a pessoas ou não e para isto outras leituras de outros escritos de Merleau-Ponty ou de outros teóricos poderão contribuir para o estudo da corporeidade infantil nos aspectos éticos, étnicos e estéticos.</p> <p>Considera-se este estudo concluído naquilo que foi proposto, mas ao mesmo tempo pode estar a caminho por ser significativamente promissor e importante no sentido de que pode contribuir para uma melhor qualidade de leitura e julgamento. É de fundamental valor colocar em evidência, com intencionalidade, aspectos diversos das corporeidades das crianças nas escolas que se escondem nas fendas dos estereótipos e dos jargões adultos existentes. Para compreendermos o que se passa com as crianças no momento de suas escolhas e da declaração das suas preferências, é preciso compreender antes, ou também, o seu relacionamento com o todo.</p>
2019	<p>Corpos e cotidianos: o encontro de Três pesquisadoras com Certeau.</p> <p>Martha Copolillo;</p>	<p>Problematizar o corpo como significante central, a partir de fios teóricos e metodológicos. Tensionar os</p>	<p>Numa posição localizada dentro de lugares do poder instituído, os praticantes fazem usos diferenciados para prosseguir nos processos de burlas, vivendo esses espaços como apropriações. Embora sejam relativas às possibilidades oferecidas pelas circunstâncias,</p>

	Adriana Correia; Amparo cupolillo;	significados dos discursos de um extremo contemporâneo (LE BRETON, 2003) que marcam os sentidos do corpo com configurações de uma máquina biológica.	as táticas desviacionistas não obedecem à lei do lugar. Dessa forma, os sujeitos com distintas maneiras de viver cotidianamente, inventam e criam outras formas de “usos e de consumos sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei” (CERTEAU, 2008, p. 93). Com essa argumentação, nossas pesquisas com os cotidianos vividos enfrentaram mais um desafio. Ou seja, só foi possível perceber as táticas que fazem com que as estruturas de poder tenham que estar sempre atentas às burlas e criações que acontecem em meio a elas, provocando-as constantemente com situações inesperadas. Uma multiplicidade de operações de usuários mostra formas outras de usos que se desviaram de uma racionalidade dominante, tecendo, nessa malha, supostamente regulada pelos fios das redes de dominação, outros trançados não autorizados e, por isso, transgressores. Assim pensando, vamos compreendendo que a intenção de modelizações corporais fixadas em espaços ordenados e hierarquizados se esvai na incapacidade de fixação desse corpo, bem como, de um ponto de fixação no seu significado. O corpo é um significante em aberto, é o corpo do mundo.
2019	Corpo e imagem: a percepção corporal através da criação imagética. Daiana Priscila da Silva; Luciana Silvia Evangelista; Dyana Ferreira da Silva; Mônica Caldas Ehrenberg	Para o presente relato de experiência, objetiva-se narrar o percurso de uma vivência corporal elaborada no contexto de estudos do GEPGEE, ao longo de 2017, suscitadas pela leitura da obra “O Corpo: Pistas para Estudos Indisciplinares”, de Christine Greiner (2005). Intentando delinear como se articulam teoria e prática a partir das ressonâncias corporais despertadas durante as práticas.	A tarefa de transformar o ambiente de estudo e reflexão acerca da obra, em um lugar de possibilidades expressivas palpáveis e perceptíveis ao próprio corpo e ao corpo do outro pela interação mobilizada pelo jogo, favoreceu estabelecer correlação entre os objetos, imagens e as práticas corporais que advém das ideias fomentadas pela projeção imagética daqueles, bem como seus significados, sentidos, e possibilidades comunicativas de compartilhamento dos saberes neles encerrados. A prática do jogo adaptado à proposta de interpretação dos gestos, movimentos e expressões corporais no contexto da leitura da obra de Greiner (2005), tornou-se uma ferramenta que nos permitiu, de maneira atraente e inerente à nossa curiosidade, o estímulo pela captação dos sentidos direcionados pela leitura que pudemos tatear de corpos inteiros. Ao ilustrar a leitura pelo jogo; e, esse pelos gestos, movimentos e expressões do corpo, permitiu-nos a possibilidade do entendimento do si mesmo e do outro na dimensão do espaço em que a história e a memória são construções coletivas e sígnicas.
2019	O poder do corpo no tempo presente: corpos e culturas	Da indagação ‘o que pode o corpo’, o texto apresenta uma	Das constatações possíveis, destaca-se a conclusão que falar de corpo e cultura é falar de formação humana, portanto, de educação, de

	<p>Como potências de afetos e emoções.</p> <p>Maria Cecília de Paula Silva</p>	<p>pesquisa teórica que versa sobre afetos e emoções, na obra de Le Breton, em especial. Parte-se da assertiva de sermos seres corporais e culturais. Considera-se corpo e cultura considerado objetos centrais da educação física/ciência do esporte. Não obstante o vigoroso debate científico sobre o poder do corpo, é nova a discussão dos entrelaces de afetos e emoções. É instigante. O corpo é potência de sentidos, como tal, deve ser pesquisado.</p>	<p>afetos e emoções. Entrelaces de corpos e culturas potencializam afetos e emoções. E se a área de conhecimento se abster de adotar uma visão mais ampla da problemática dos afetos e emoções, ela se distanciará da compreensão do ser humano e sua condição corporal. Em contraponto, as forças sociais e culturais nos apresentam uma diversidade de respostas às questões colocadas no tempo presente, todas intimamente ligadas às emoções e aos afetos. Os afetos e emoções podem se sobrepor à racionalidade. E frequentemente isso acontece. Não podemos como pesquisadores da área continuar num caminho puramente racional em estudos sobre corpos em movimento. Pelo afeto, o ser humano se faz presente no mundo, como um fio condutor que liga a história de cada um à família, ao lugar, aos desejos, à história de vida, à humanidade, às paixões, aos ódios, enfim. O corpo, portanto, é uma potência de sentido e, como tal, deve ser pesquisado.</p>
2019	<p>O corpo negro em pesquisas da educação física.</p> <p>Hudson Pablo de Oliveira Bezerra; José Pereira de Melo</p>	<p>Analisar como as pesquisas da Educação Física desenvolvidas em nível de mestrado e doutorado tem contemplado os saberes do corpo negro como possibilidades didáticas para Educação Física escolar.</p>	<p>É imprescindível reconhecer a importância das contribuições das pesquisas aqui apresentadas, cada uma, ao seu modo e em suas particularidades, no debate de ideias e implementação de ações que oportunizem conhecer, vivenciar e compreender as manifestações do corpo negro. Portanto, assim como as pesquisas investigadas o nosso estudo também não encerra as discussões sobre os saberes do corpo e da cultura negra como possibilidades da Educação Física escolar, ao contrário, esperamos abrir novas possibilidades de investigação e ação para contribuir na superação das desigualdades e discriminações tão sofridas por esses povos, compreendendo a relevância dos seus saberes sem hierarquizações.</p>
2019	<p>Os corpos da diáspora negra nas aulas de educação física.</p> <p>Adriana de Faria Gehres; Ronaldo dos Reis</p>	<p>Produzir processos em aulas de educação física culturalmente orientadas (NEIRA, 2018), numa perspectiva não representacional de corpo (GREINER, 2010, 2008). Nossa pesquisa intervenção teve como objetivo “tectonizar” as</p>	<p>Muitas temáticas foram acionadas nesta pesquisa, mas para este artigo os autores informam ter recortado apenas as que pareceram mais centrais, a noção de corpo ambiente, como processo, insurgente das nossas produções conversadas sobre diáspora negra. A proposta da pesquisa segundo os mesmos teve a intenção de movimentar temáticas e ações que se fazem aulas.</p>

		práticas pedagógicas no currículo cultural em uma escola da educação básica, propondo encontros-acontecimentos-experiências com o corpomídia.	
2019	<p>Cultura afro-brasileira e a Educação Física Escolar: o que diz a produção do conhecimento.</p> <p>Isabela Talita Gonçalves Lima Lívia Tenório Brasileiro</p>	<p>A pesquisa teve como objetivo: analisar os artigos de periódicos científicos da área de Educação Física que tematizam os conteúdos afro-brasileiros na escola, pois entendemos que conhecer o cenário da produção do conhecimento acerca dos Conteúdos Afro-brasileiros nos faz entender como está situada essa discussão dentro da área da Educação Física na escola.</p>	<p>Segundo as autoras, entende-se que a EFE traz a capoeira como principal legado da Cultura Afro-Brasileira dentro da Escola. O que destoa a carência de outros conteúdos como dança, jogo e entre outros. Não apoucando a riqueza da capoeira, mas a realidade nos convida a sair de uma possível zona de conforto. E mesmo a área sem respaldo da Lei.10.639, as relações étnico-raciais se fazem presentes na EFE. Apontando não só uma educação antirracista como um horizonte histórico de uma sociedade de igualdade</p>
2019	<p>Cultura corporal de movimento e história e cultura afro-brasileira: apontamentos para a Educação Física Escolar.</p> <p>Gabriel Pereira Paes Neto Alder Sousa Dias Wilma de Nazaré Baía Coelho</p>	<p>Buscou-se analisar apontamentos da práxis pedagógica em Educação Física a partir da relação entre o paradigma da cultura corporal de movimento e História e Cultura Afro-Brasileira. Inferiu-se ser necessário pensar o corpo e a corporeidade quanto à cultura afro-brasileira e africana e entender o movimento humano como fonte de diálogo e que a Educação Física escolar pode ser o tempo e o espaço de vivências corporais formativas dentro de um programa de conteúdo</p>	<p>Nestas breves considerações reitera-se que o enfrentamento do racismo, da desigualdade, do pré-conceito é imperativo. Inferiu-se que é preciso dar visibilidade a representantes da história e cultura africana e afro-brasileira na EFE; que os conteúdos devem ser abordados; que é preciso pensar o corpo e a corporeidade, quanto à cultura afro-brasileira e africana; que é preciso pensar a ruptura com uma visão eurocêntrica de mundo; que deve-se entender o movimento humano como fonte de diálogo; que a EFE pode ser o tempo e o espaço de vivências corporais formativas, democráticas, plurais e oportunizadas com qualidade para todos; que é preciso pensar uma proposta de Educação Física articulada a um projeto de escola como instituição republicana; que é preciso tratar dos conhecimentos e das possibilidades do se movimentar dos seres humanos, visando práticas corporais sistematizadas de jogos, danças, lutas e diversas práticas corporais de diferentes povos africanos e afro-brasileiros.</p>

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora

6.1.3 - Produções Teóricas Conbrace

Após este trabalho de síntese, acredita-se ser possível afirmar que os estudos realizados pelos atores do campo da Educação Física apresentam uma diversidade de objetivos e características. Existe um número relativamente crescente de discussões em formato de relatos de experiências, revisão bibliográfica, ensaios e outros, abordando a temática, nos diversos espaços e contextos sociais.

Neste contexto apresento os achados no artigo, **O corpo na educação física: a epistemologia, a ciência e os desafios pedagógicos**, de Fabio Zoboli, Renato Izidoro da Silva, de 2011, faz alguns apontamentos em torno do campo da Educação Física, afirmando que este sempre se apresentou como objeto problemático à construção dos saberes humanos, tanto em termos que se referem ao que é visto de alguma forma como o que é geral/universal ou considerando também as epistemes, desconsiderando de alguma forma a produção de conhecimento e variedade existente em torno dela.

Neste artigo o corpo é elencado como um elemento que tem um vínculo muito estreito com a Educação Física, não só por estar ligado ao movimento, mas também por se apresentar no âmbito acadêmico/científico como objeto de estudo a partir das mais variadas problemáticas, abarcando as mais variadas ciências. Os autores consideram que os diversos saberes sobre o corpo apontados pelas ciências e áreas do conhecimento precisam ser vistos como possibilidade e impossibilidades e não como verdades absolutas. O movimento que os autores propõem é de suma importância, mas que também nos alerta sobre um outro fardo, que é a histórica construção do conhecimento em áreas específicas do saber, portanto cresceram e desenvolveram de forma fragmentada. Importante dizer que um dos grandes desafios para a ciência contemporânea é lidar com a multiplicidade de áreas do conhecimento, lembrando que os corpos (infantil e juvenil) que habitam a escola, o fazem em sua plenitude, carregados de histórias sociais/culturais.

Já em **Os significados do corpo contemporâneo: limites e desafios para a educação física**, de Priscila Karine Moraes de Aguiar e Marise Botti, de 2011, discutem a necessidade de estudos que (re)pensem e reflitam sobre o corpo, tanto no seu trato cotidiano escolar, quanto nas referências da área Educação Física.

Aguiar, Botti (2011), afirmam que na escola, o corpo ainda não é percebido como algo a ser pensado, refletido e muito menos sentido e que as sensações desse corpo neste

espaço, são e devem ser cada vez mais camufladas, disciplinadas e submetidas à aparência do bem-estar, retirando do corpo, do indivíduo, o direito de sentir, descobrir, e conseqüentemente de se aceitar, tal como é.

Neste ponto, um aspecto que muito pode contribuir para nosso diálogo é proposto por Dornelles; Marcello (2011) no artigo, **Que corpo é esse que vestimos e que nos veste?** Neste artigo os autores discutem sobre a necessidade de se considerar, “um viés pós-moderno”, que olha para o corpo, com uma lente, que ao entende como que “em mudança permanente”, significado e ressignificado pela linguagem que escolhemos para falar dele. De acordo com os autores:

A nossa linguagem dá sentido ao corpo, nós o inventamos através do que escrevemos, desenhamos, falamos, satirizamos, afinal, como o representamos [...]. E a linguagem educa o corpo, porque diferentes marcas se incorporam nele a partir de distintos processos educativos presentes tanto na escola quanto fora dela. (DORNELLES; MARCELLO,2011, p.2)

Considerando ainda os pesquisadores citados anteriormente, pode-se dizer que a linguagem e sua interferência é uma presença marcante, nos processos educativos e um aspecto relevante a ser considerado nas discussões referentes ao corpo. Como uma linha que de alguma forma alinhava as epistemologias que constroem os significados e narrativas no que se refere ao corpo ou mesmo, o elemento em alguma parte determinante deste corpo contemporâneo, que “vestimos e que nos veste”.

Na busca de entender este corpo, o artigo de Dornelles; Marcello, (2011), teve como objetivo, discutir como a incorporação de elementos não-naturais contribui para compreender a constituição do corpo na educação física. É discutido pelos autores o culto ao corpo, a busca por um “corpo ideal” e realizam uma análise de alguns conceitos de corpo e, por fim apresentam algumas visões de corpo na contemporaneidade.

Pensando ainda nesta linha que alinha as narrativas em torno do corpo e considerando uma outra produção encontrada, que chamou muito a atenção pois, questiona o fenômeno religioso no meio acadêmico e como a sua ação determina, de alguma maneira, a gestão corporal no espaço escolar.

O relato da pesquisa apresentado, brevemente aqui, traz uma reflexão muito pertinente no que refere a importância de uma sensibilização dos atores escolares por meio do esclarecimento sobre algumas determinações dadas ao corpo no âmbito escolar, bem como, na Educação Física, na medida em que estes lugares promovem, novas propostas de libertação dos significados e sentidos dos sujeitos que compõe a sociedade.

Ana Carolina Rigoni (2013), no artigo **Corpo e religião: aproximações possíveis**, traz à reflexão, como ela mesmo diz, os “usos do corpo” e suas relações com a religião e como a religião perpassa a educação corporal das pessoas de acordo com o espaço religioso que estão inseridas.

A autora propõe ser pertinente o pensar de que um corpo que incorpora um certo repertório de representações coletivas, oriundas de determinada cultura, num determinado intervalo de tempo está culturalmente marcado, mas não deliberadamente determinado ao longo do seu desenvolvimento. Sendo assim, o corpo tem uma história, ao mesmo tempo que também conta uma história.

Neste sentido podemos compor o diálogo com o pensado por, Coube; Santos; Pinho e Monteiro (2013), no artigo nomeado, **O corpo como vetor semântico na educação física: uma perspectiva a partir de le breton**¹⁹. Nesse artigo, os autores discutem o corpo a partir das proposições do antropólogo e sociólogo francês, David Le Breton, (2007), utilizando a ideia de que o corpo é repleto de sentidos e valores. O corpo é inserido na discussão estabelecida como o eixo da relação com o mundo, considerando as questões sociais e culturais que estão relacionadas com ele.

A proposta é estabelecida a partir das ideias de Le Breton, que considera o corpo como um vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída e que “antes de qualquer coisa, a existência é corporal”, (Breton, 2007). Os autores denunciam a problemática inserida em um cotidiano escolar em que o corpo é negado, para no final, contribuir nas discussões e na construção de uma escola e um currículo de fato referenciado na corporeidade.

Outro ponto relevante é o fato de que o corpo é apontado como o “elemento de ligação da energia coletiva e, através dele, cada homem é incluído no seio do grupo”. Lançam mão da sociologia do corpo, área do conhecimento humano, para entender e reconhecer o próprio corpo e o corpo dos outros no mundo. A busca também revelou estudos que utilizaram outros teóricos para o enfrentamento das problemáticas oriundas da ação institucional e/ou governamental.

Martins, (2013) em **Corpo e cultura na modernidade: ressonâncias entre Elias e Foucault**, aponta que alguns capítulos da história do corpo na modernidade parecem

¹⁹ Professor de Sociologia na Universidade de Strasbourg. Membro do Instituto Universitário da França. Autor de diversos livros sobre Antropologia do Corpo, alguns dos quais traduzidos para o português, dentre eles: Antropologia do corpo e modernidade (Vozes, 2011), Adeus ao corpo (Papyrus, 2003) e Antropologia dos sentidos (Vozes, 2016).

emblemáticos e dignos de destaque quanto à busca de soluções satisfatórias e socialmente aceitáveis no que diz respeito ao problema do governo, e autocontrole dos diferentes impulsos, forças e conflitos oriundos dos corpos dos indivíduos constituídos em práticas sociais.

O autor destaca neste ponto, os casos da história da emergência das práticas disciplinares e biopolíticas modernas feitas por Michel Foucault, assim como o da sociogênese do esporte moderno realizado por Norbert Elias, enquanto exemplos de duas contribuições teóricas distintas para o problema. O artigo propõe analisar as possíveis ressonâncias entre os pensamentos de Michel Foucault e Norbert Elias tendo em vista a questão da regulação dos impulsos e práticas corporais na modernidade.

Segundo Martins (2013), as práticas de regulação dos impulsos eram consideradas em seu conjunto, técnicas de governo e autogoverno que se estruturaram em consonância com a constituição do Estado moderno, no bojo das práticas de pacificação e regulação das disputas políticas. Foucault caracteriza as relações de poder na modernidade como anátomo-políticas e bio-políticas. Por sua vez, Norbert Elias encontrou na sociogênese do esporte moderno, uma das expressões mais significativas do que ele concebeu em sua teoria do processo civilizador. A conclusão de Martins (2013) frente ao exposto, que tanto um autor quanto o outro, cada um com a singularidade de seus pensamentos, contribuíram significativamente no diagnóstico crítico do papel de diferentes formas de regulação e autogoverno das funções e práticas corporais na modernidade.

Ainda no ano de 2013, o trabalho de Laura Fernanda Rodrigues da Rocha, com título, **Lei 10.639/2003 e educação física: da problematização desta relação a um relato de experiência**, não tem no título ou nas palavras-chave o elemento principal de busca desta pesquisa, mas trata da implementação da lei 10639/2003, no âmbito da educação física escolar. Fica evidenciado no relato, a dificuldade e os desafios de trazer para a prática a discussão e os questionamentos para as ações com os estudantes. A partilha da professora Laura Rocha (2013), evidencia/ elucida bem a dificuldade, com o trato com as questões raciais no espaço escolar, com os estudantes, mas a oportunidade de ler o relato da professora é de alguma forma uma provocação para pensar, como seguir, como vencer, burlar e minimizar as permanências no território da educação física, para os profissionais, os currículos, enfim, para chegar a um volume maior de lugares a discussão, a ação e a intervenção propositiva, que geram mudanças de fato no que refere-se a evidenciar a diversidade e torná-la aparente, pois de acordo com Passos (2014, p.228

apud Natividade, p.8) “quem enuncia tem a possibilidade de escapar do lugar da invisibilidade pela/com a palavra, pelas/com as narrativas”.

Uma outra produção que chamou a atenção, é um trabalho que tem como foco de pesquisa o corpo, sob o título, **perspectivas epistemológicas da produção do conhecimento sobre corpo nos GTTs Memória, Cultura e Corpo (1999, 2003) e Corpo e Cultura (2011)**. Essa pesquisa foi realizada por Baptista; Silva; Silva; Neto; Alves e Alvarenga (ano 2011). O foco não determinava raça ou mesmo gênero dos corpos pesquisados. Segundo os autores, o resultado da pesquisa revela a inexistência de trabalhos na perspectiva positivista, embora seja possível identificar concepções de corpo que se aproximariam desta perspectiva. Ainda segundo os autores, a aproximação dos GTTs com as ciências humanas, sociais e as artes, de certo modo, dificultou a perspectiva de análises quantitativas como é o caso do positivismo.

É um apontamento da conclusão do estudo que permitiu identificar a presença da fenomenologia e, principalmente, do materialismo dialético como perspectivas predominantes nos trabalhos selecionados que trataram do corpo. Também é possível afirmar que apesar do que os dados deste estudo demonstraram, eles ainda são insuficientes para afirmar a perspectiva predominante nos GTTs, em especial a discussão sobre corpo. O que indica, segundo o estudo, a necessidade de outros estudos que visem analisar todos os anos de publicação do GTTCC nos anais do CONBRACE.

Considerando a necessidade de mais estudos devido as mudanças históricas de concepção epistemológica e as tensões sociais propostas e impostas ao campo, é importante mencionar que um aspecto pouco abordado nos trabalhos anteriores foram as discussões a partir do viés da racialidade. Os aspectos relacionados a raça aparecem em maior volume nos GTTs pesquisados a partir do ano de 2015.

O primeiro destes, é relato de Bins; Neto (2015), com título **Mojuodara – uma possibilidade de trabalho com as questões étnico raciais na educação física**. Trata-se de um artigo sobre pesquisa de mestrado em andamento, com o mesmo título. Segundo os autores, o problema de estudo que norteou este trabalho foi “quais os limites e as possibilidades para que o trabalho ou o desenvolvimento das questões étnico-raciais aconteça nas aulas de Educação Física da Rede Municipal Educação de Porto Alegre”. De acordo com os autores, a pesquisa propôs identificar e compreender como os professores de Educação Física das escolas municipais de Porto Alegre abordam as questões étnico-raciais em suas aulas e quais dispositivos político-pedagógicos

Municipais, Estaduais e Federais interferem nessa abordagem. Os autores realizaram um estudo etnográfico que teve como intuito relatar a experiência de um professor da rede municipal citada, que utiliza os valores civilizatórios afro-brasileiros²⁰ como metodologia de trabalho para estruturar sua prática pedagógica.

Os autores trouxeram para realizar sua escrita, os apartes teóricos do significado dos valores civilizatórios africanos e da cosmovisão africana²¹. Bins e Neto (2015), afirmam que os estudos devem, [...] “... servir de metodologia para a prática pedagógica; possibilitando a vivência de novos valores, construindo novas e diversas visões de mundo. De um mundo mais justo, solidário, afetivo e de paz” e concluem apontando a necessidade da inclusão das questões raciais no currículo.

Além de concordar com o que fora apontado pelos autores em sua conclusão, acrescentaria a importância de um currículo que contemple uma formação profissional e que considere, amplie e fortaleça os estudos étnico-raciais dentro da universidade, comprometida com a luta contra uma visão que privilegie o pensamento eurocêntrico e colonial. Gomes (2019), afirma que só é possível descolonizar os currículos e o conhecimento se descolonizarmos o olhar sobre os sujeitos, suas experiências, seus conhecimentos e a forma como os produzem.

Nesta direção, em um movimento de diversificação do olhar e das bases teóricas para se entender as relações entre os corpos encontrou-se a pesquisa de Oliveira e Medeiros (2015), intitulada **A dimensão estética e simbólica do corpo que dança nas tradições do candomblé**, a qual teve como base teórica, os estudos de Merleau-Ponty, alinhado a ideia de fenomenologia, com o entendimento de corpo sensível.

Os autores relatam que uma das justificativas para realizar a pesquisa foi a percepção da necessidade de ampliar as discussões sobre o tema e o fato de reconhecerem que existe uma carência de reflexões sobre o corpo em sua vivência com o sagrado e com a ancestralidade. O ponto desta justificativa é a crença de que a sacralidade vivida no contexto do Candomblé pode conduzir a novos desencadeamentos da ação pedagógica em aulas da Educação Física. O objetivo proposto era refletir sobre corpo nas danças

²⁰ A África e seus descendentes imprimiram e imprimem no Brasil valores civilizatórios, ou seja, princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se constituíram e se constituem num processo histórico, social e cultural (TRINDADE,2010).

²¹ Ao contrário da cosmovisão ocidental, baseada no pensamento por contradição, na cosmovisão africana a vida é sacralizada e ritualizada continuamente no cotidiano da sociedade; o pensamento se dá não pela contradição, mas por analogia e participação; obedecendo a princípios de inclusão, complementariedade, integração, respeito à diversidade e à diferença (OLIVEIRA, 2003).

ritualísticas da cultura do Candomblé e o seu entrelaçamento com os símbolos, a estética e a cultura.

A opção metodológica para a pesquisa, foi a fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty, por considerarem que a metodologia valoriza a experiência vivida, uma vez que permite perceber o fenômeno a partir dele mesmo, ou seja, a partir do seu olhar distanciado que pode vislumbrar o desvelamento do fenômeno, fomentando novos significados, chamada de redução fenomenológica. Para os autores ao pesquisar o corpo, utilizando a metodologia de Merleau-Ponty, oportunizou-se abrir novos caminhos para uma compreensão não-fragmentada da existência humana, rompendo com a visão racionalista e dicotomizada que predomina ainda na educação.

Neste sentido, considerando o corpo e sua multiplicidade de sentidos, Pontin (2015), com o artigo, **O que pode um corpo numa escrita e o que pode a escrita de um corpo**, nos convida a refletir sobre sentidos tecidos e descrições sobre o corpo. A discussão é iniciada a partir de um fragmento do texto *Feridas*, de Clarice Lispector (1988). No seu artigo, a autora, discutir/questionar os signos que incidem sobre o corpo, bem como os fatores da História e Antropologia, que o inserem como parte integrante das relações de dominação e submissão.

Ainda no seu artigo, Pontin (2015) questiona como as ideias totalitárias e universais se apresentam e apostou, no que a autora chamou de “potência do fragmento”. O que para ela seria a forma de dar expressão ao corpo, fazendo com que os signos que percorrem suas narrativas atravessem outros territórios, por um deslocamento político/estético que a linguagem é capaz de agenciar, lançando o corpo de testemunho mudo, fiel e aparente para um corpo acontecimento.

O trabalho da autora é um convite para repensar os procedimentos que alinham os fios do corpo e da escrita, para além de uma explicação das formas, conteúdos, padrões, proibições e molduras que com propósito ou não, anulam e/ou repreendem expressões do corpo.

Bins; Meireles; Isse (2015), relatam a interlocução de uma experiência escolar entre educação física e a arte educação em um projeto nomeado **O que pode um corpo?** A experiência foi realizada em uma escola da Rede Municipal de Porto Alegre/RS e para as autoras, trabalhar questões relacionadas ao corpo dentro de uma sala de aula, foi uma possibilidade de confrontar verdades culturalmente constituídas, com desconhecidas possibilidades. O corpo, na análise das autoras, foi o suporte para trabalhar com os

alunos, questões da Arte, da Educação Física e da corporalidade. Nesta oportunidade, os discentes puderam confrontar-se com as singularidades e ampliar seu conhecimento sobre seus corpos, seus colegas e suas relações com o mundo.

No artigo, as autoras destacam que a experiência pedagógica lhes proporcionou uma reflexão a respeito de como cada pessoa (docente, discente, gestor, porteiro, cantineiro), com as suas singularidades próprias, forjadas por contextos históricos diferentes, se confrontam no interior do universo escolar todos os dias, sem nenhum tipo de controle/consciência desta ação. A escola então pode/deve ser pensada como um microcosmo, dentro de uma sociedade, onde pessoas forjam e são forjadas a todo momento nesta troca de experiência. Essa constatação traz para o universo escolar, uma importância muito grande, pois, ele representa a vida em sociedade, mas de forma institucionalizada. A questão a ser levantada agora, é se tais atores têm a plena consciência desta magnitude e responsabilidade? Questão que voltaremos ao final desta investigação.

Continuando com o trabalho de sistematização dos artigos, destacamos também o texto de Batista; Neto; Lima; Gama; Oliveira; Souza (2017), **Análise das concepções de corpo nas comunicações orais no GTT corpo e cultura em 2009**. Nele temos apresentadas algumas das muitas possibilidades e caminhos para responder a indagação: o que pode um corpo? O objetivo do estudo foi realizar uma análise sobre as concepções de corpo, presentes nas comunicações orais do GTT Corpo e Cultura do CONBRACE, no ano de 2009.

A pesquisa exploratória, de caráter bibliográfico, aponta diversos espaços de pesquisa nas diferentes regiões do Brasil, com concepções de corpo bem diversificadas. A análise faz parte de estudo mais amplo para identificar as principais concepções de corpo, estética e saúde da produção científica presente nos anais do CONBRACE, no período compreendido de 1997 a 2017. Para justificar a escolha dos autores podemos nos valer efetivamente de Nobrega (2006), quando afirma que no campo da Educação Física (EF), o corpo tem se apresentado como objeto de estudo, a partir de suas problemáticas e tendo como consequência a existência de grande número de pesquisas que salientam os argumentos relativos ao corpo.

Os resultados da produção encontrada, nas comunicações orais do GTT Corpo e Cultura em 2009, apontados pelos autores, apresentam uma grande quantidade de temáticas e olhares sobre o corpo. Os autores informam em seu relato, que o encontrado

pode ser classificado, desde as perspectivas mais tradicionais, tratando das concepções de corpo ou de suas diferentes manifestações na cultura, às diversas possibilidades de análise sobre o corpo em suas relações com o mundo, com ele próprio ou na perspectiva de modelos voltados para o seu hibridismo. Deste modo, os autores compreendem a necessidade de aprofundamento neste tema, considerando que este GTT, ao longo dos CONBRACE's tem apresentado potencialidades no debate sobre o corpo no Brasil e no exterior.

Araujo; Siqueira; Araujo (2017), em **A corporeidade freireana**, discutem a compreensão da corporeidade na concepção de Paulo Freire, utilizando como metodologia a pesquisa bibliográfica das obras do pensador. O trabalho teve como base de escrita, a dissertação de mestrado do autor Rafael Vieira de Araújo (2015). Ao caracterizar o estudo, os autores o dividiram em três partes: corpo social/corpo consciente; corpo na educação e a luta por corpos conscientes. Com o objetivo de identificar a formulação do pensamento de Paulo Freire, sobre a temática corpo. Ressaltando a ideia de corpo consciente e a necessidade/importância de repensar o corpo na educação.

Para os autores, escolher dialogar com os pensamentos de Paulo Freire não foi uma opção aleatória, longe disso, optaram uma concepção de educação que é política.

Em **O corpo em evidência: possibilidades de trato pedagógico no âmbito da educação física escolar**, os pesquisadores Machado e Pinto (2017), apresentam um relato de experiência sobre possibilidades de ensino no âmbito da educação física escolar, tendo a discussão e as experiências sobre/com o corpo a principal temática. O relato tem como base, experiências de oficinas realizadas em uma escola pública de Goiânia e possibilitou perceber que a ideia de um corpo fragmentado e reduzido à sua biologia e utilidade, ainda se faz presente nos discursos, comprovando a relevância de se discutir o corpo na escola em suas variadas dimensões.

Os autores apontam a falta de referências consistentes, para pensar, planejar e proporcionar vivências pedagógicas que auxiliem os discentes a compreenderem o corpo em sua totalidade, com atividades práticas que se distanciem da visão mecanicista e reducionista de corpo ainda presente no âmbito da educação física escolar. O estudo tem como justificativa a tentativa de mostrar possibilidades de ensino que visem o reconhecimento do corpo como meio de expressão, comunicação e de atuação nas relações sociais, através de vivências ou práticas corporais que considerem o corpo em sua totalidade.

Segundo a investigação, as aulas de Educação Física são campos férteis para tratar de assuntos do movimento e da cultura corporal, assumindo assim um papel de grande relevância na construção de conceitos e percepções críticas de educação e de corpo. Ainda segundo os autores, faz-se necessário ir além do mero ensino dos conteúdos sistematizados. Para eles, é preciso compreender esses conteúdos e problematizá-los enquanto fenômenos históricos e sociais para assim promover uma reflexão que motivem os alunos a pensarem de forma crítica, capaz de formar cidadãos autônomos e conscientes enquanto seres corporais.

O trabalho nomeado, **Corpos e cotidianos: o encontro de três pesquisadoras com Certeau**, as pesquisadoras Copolillo; Correia; Cupolillo (2019), que veem desenvolvendo estudos com a temática do corpo nos cotidianos vividos, dialogam com o campo da Educação Física a partir do encontro com as teorias do pensador Michel de Certeau. As autoras apresentam uma problematização atravessada por dimensões epistemológicas, políticas e econômicas tendo o Corpo como ponto central.

Nesse processo, elas destacam a criatividade cotidiana das pessoas, tese que marca o pensamento de Certeau, mais especificamente, os corpos que estão nas escolas e nas ruas. Para tanto, elas reconhecem como corpos praticantes que inventam e (re)inventam os seus cotidianos durante o próprio processo do investigar, mergulhando com todos os sentidos nos espaços onde se vive cotidianamente. As autoras dizem compreender que a intenção de modelizações corporais fixadas em espaços ordenados e hierarquizados se esvai na incapacidade de fixação desse corpo, bem como, de um ponto de fixação no seu significado. O corpo é um significante em aberto. É o corpo do mundo.

Considerando a necessidade de ter contato com outras percepções sobre o corpo, a discussão desenvolvida no artigo **Corpo e imagem: a percepção corporal através da criação imagética**, produzido por Silva; Evangelista; Silva; Ehrenberg (2019) é de alguma forma, esta oportunidade, uma vez que as autoras discutem a percepção do corpo a partir da imagem. O resumo simples apresenta a prévia de um relato de experiência, que objetivou narrar o percurso de uma vivência corporal elaborada no contexto de estudos do GEPGEE - o Grupo de Estudos e Pesquisas em Gesto, Expressão e Educação (GEPGEE), da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, ao longo do ano de 2017.

O artigo concentra as ideias elaboradas a partir da leitura da obra “*O Corpo: Pistas para Estudos Indisciplinares*”, de Christine Greiner (2005) e teve como objetivo

central, delinear como se articulam teoria e prática a partir das ressonâncias corporais despertadas durante as práticas. A base utilizada para fazer a discussão pretendida foi o capítulo quatro, *Processos de Criação*, onde as autoras enfatizam a mediação entre gesto e pensamento. De acordo com o relato, foi proposto ao grupo a realização de uma prática corporal mediada por jogo de tabuleiro, chamado “Dixit Odyssey (2011)”, que propõe a leitura das imagens/conceitos formuladas pelos participantes.

A proposição com o jogo foi criar uma aproximação entre o jogo e a experiência em curso, de modo a estabelecer conexão entre gestos, memória e percepção visual, que podem ter seus significados interligados, constituindo certos sentidos entre si, ao estimular e estabelecer uma relação entre a expressão corporal e imagem. As autoras consideraram que ilustrar a leitura pelo jogo, e esse, pelos gestos, movimentos e expressões do corpo, permitiu aos participantes a possibilidade do entendimento de si mesmos e do outro, na dimensão do espaço em que a história e a memória são construções coletivas e repletas de significados. Assim, o indivíduo, a partir de suas experiências com as imagens projetadas é, em alguma, medida afetado.

Pode-se dizer que, em **O poder do corpo no tempo presente: corpos e culturas como potências de afetos e emoções**, de Silva (2019), desenvolve uma pesquisa com a intenção de destacar temas ligados às questões do corpo presente em diversas e complexas culturas. As pessoas pesquisadas por ela mostraram aproximações importantes entre culturas e/ou temas diferenciados, como comunidades tradicionais, relações políticas, sociais, étnico-raciais, de poder, de gênero, aportes tecnológicos, dentre outras.

A autora afirma que uma percepção clara na pesquisa é a presença dos sentimentos como ponto significativo nos estudos, de base antropológica e sociológica. A proposta apresentada pretendeu discutir questões relativas a afetos e emoções, compreendidos como entrelace fundante do ser humano integral, corpo e cultura; considerando as proposições de Le Breton (2018). Para este autor, os conceitos de corpo e cultura não existem isoladamente. Cada cultura, cada época histórica e cada tecnologia constrói e articula suas identidades de forma a atender a diversificação de necessidades e interesses. Corpo e cultura são os fios condutores.

Outro ponto relevante da análise de SILVA (2019), que teve como base os pensamentos de David Le Breton, é a indagação acerca de representações das emoções a partir de visões que comprometem a avaliação de uma produção acadêmica do saber corpo, em modelos até então hegemônicos, ligados às ciências biológicas e da saúde.

Sobretudo, supor os limites de um exercício analítico que considere os afetos e emoções como instâncias de poder do corpo.

A autora afirma, ainda, a necessidade de discutir o dilema polêmico relacionado a questão dos corpos e culturas na área da Educação Física / Ciência do Esporte. Diz ainda que, embora esta seja uma proposta que, tenha uma determinada aceitação no meio acadêmico, ainda precisa de definição conceitual, por ser inovadora, por se diferenciar da lógica instrumental e/ou funcional da área, em sua constituição histórica, de disciplinamento dos corpos, de atividade física, promoção da saúde, rendimento e lazer. Como consideração importante para a discussão, diz ainda que é relevante, por vivermos em uma sociedade de mudanças rápidas e imprevisíveis; pensar em modificações na sociedade, não dispensa na compreensão de corpo e cultura.

As pesquisas encontradas, em sua maioria questionam o lugar hegemônico da Educação Física, no que se refere às experiências que reconheçam a diversidade de corpos, história, com menos ênfase em ideias biologicistas e tecnicistas ou predominância de práticas esportivas. Mas ainda são tímidas as discussões que consideram gênero, raça ou outras interseccionalidades²², para além da crítica da não existência. Neste sentido, vamos encontrar profissionais da área falando sobre o fato das discussões com este foco, acontecendo com pouco volume, mas foi possível analisar durante as buscas que já existem profissionais da área de educação física, questionando a descaracterização do corpo ou mesmo, os fatores que o inter cruzam, ainda que em número reduzido, frente à quantidade de produções existentes no território de Educação Física.

²² O conceito de interseccionalidade tem sua origem, nas décadas de 1970 e 1980, junto às feministas negras norte-americanas, que questionaram o suposto universalismo da categoria “mulher”. Entretanto, foi mais recentemente que outra feminista negra norte-americana – Kimberlé Crenshaw (2002; 2006) – apresentou uma formulação mais elaborada deste conceito. O conceito é utilizado para referir-se à forma pela qual o racismo, as relações patriarcais, a opressão de classe e outros eixos possíveis de poder e discriminação criam desigualdades. Crenshaw (2002) enfatiza como a interseccionalidade de raça, classe e gênero produz opressões e desemperramento. A partir da metáfora de encontro de avenidas, toma-se claro o que essa autora entende por interseccionalidade. Os eixos de poder – raça, etnia, classe, gênero – sobrepõem-se e se cruzam. O indivíduo sujeito à interseccionalidade, nas descrições da autora, toma-se equivalente a um “pedestre” no encontro destas várias avenidas, sofrendo os danos causados por impactos vindos de outras direções. (Costa, 2015, p.151)

6.2 – COPENE

A respeito das publicações bianuais do Congresso de Pesquisadores Negros – COPENE, convém apresentar uma informação muitíssimo relevante que é o fato de que todos os artigos que compõem os Anais de cada COPENE, têm como espinha dorsal da escrita, as discussões relativas às questões étnico raciais, que permeiam a sociedade. O ponto de diálogo, intersecção entre estes dois eventos (CONBRASE e COPENE), assim como a produção teórica, o que nos interessa é o corpo negro.

Em seguida a tabela contendo informações referentes ao evento e às publicações existentes nos anais quantificadas por ano. Foram elencados, a seguinte quantidade de artigos:

QUADRO 05 - INFORMAÇÕES BÁSICAS COPENE

ANO	LOCAL DE REALIZAÇÃO	SESSÃO, COMUNICAÇÃO OU EIXO TEMÁTICO	QUANTIDADE PUBLICADA POR ANO
2012	UFSC-Universidade Federal de Santa Catarina		230
2014	Universidade Federal do Pará		350
2017	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS em Dourados.		273
2018	UFU - Universidade Federal de Uberlândia		477

2020 ²³ /2021 ²⁴	UFPR - Curitiba Paraná	234
--	------------------------	-----

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora

Subsequente a este trabalho de mapeamento da produção é importante apresentar os Anais do COPENE (Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros), suas características e o material a ser analisado. No período demarcado entre 2012 e 2021, compreendendo nesta marcação o XI Congresso, realizado entre 2020/2021, no formato remoto em função da COVID/19 - (Sars-CoV-2).

VII COPENE Nacional, Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as), ocorreu entre 16 e 20 de julho de 2012, na cidade de Florianópolis/Santa Catarina, na UESC. Segundo informações presentes no site da instituição e de memórias de Anais do Copene, a edição do evento que contemplou a temática: “Os desafios da luta antirracista do século XXI”, atingiu um público de aproximadamente 1.000 participantes.

Esta edição do COPENE, foi organizada, pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc); pela Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) – ABPN; Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Instituto de Estudos Culturais Luisa Mahin; União de Negros pela Igualdade de Santa Catarina – Unegro; Coordenadoria de Promoção de Igualdade Racial e Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

As discussões abarcaram, a partir de conferências, mesas redondas, sessões de comunicação, sessões de comunicações de iniciação científica, minicursos e oficinas, temáticas relacionadas à produção e difusão de conhecimentos ligados às lutas históricas empreendidas pelas populações negras, nas mais diversas esferas institucionais e áreas do conhecimento.

²³ O XI Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as – XI COPENE, ocorreu com atividades remotas entre os dias 09 e 12 de novembro de 2020. Nesta edição, tem três atores históricos fundamentais, para sua implementação e execução, sendo estes a Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), o Consórcio Nacional dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros, representado pelo Neab/UFPR, na qualidade de promotores do evento e a Universidade Federal de Paraná (UFPR) na condição de instituição sede do evento com seus respectivos núcleos de pesquisas relacionados à temática. Cada uma dessas entidades possui notória relevância acadêmica brasileiro e no trato das questões ligadas à discussão étnico-racial no Brasil e mesmo no exterior. Copene, 2020.org.abpn.org.br. Disponível em: <<https://copene2020.abpn.org.br>>. Acesso em: 02, outubro de 2021.

²⁴ A segunda etapa do XI COPENE foi realizada inteiramente em formato virtual entre os dias 24 e 28 de maio de 2021. A decisão da Comissão Organizadora levou em consideração a evolução da pandemia provocada pela Covid-19. Disponível em: <<https://copene2020.abpn.org.br>>. Acesso em: 02, outubro de 2021.

O evento em questão homenageou, Vicente Francisco do Espírito Santo²⁵ (in memoriam), os professores Abdias do Nascimento²⁶ (in memoriam), Lélia Gonzalez²⁷ (in memoriam) e Kabengele Munanga²⁸. E contou ainda com atividades comemorativas em alusão aos 150 anos de nascimento do poeta Cruz e Souza²⁹.

O VIII COPENE Nacional, Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as), ocorreu no ano de 2014, foi realizado entre os dias 29 julho à 2 de agosto, na Universidade Federal do Pará, organizado, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA.

De acordo com informações retiradas da página de Anais da ABPN e do site da própria universidade, o congresso teve como tema condutor das proposições do evento,

²⁵ Vicente Francisco do Espírito Santo, militante negro, ativista da luta anti-racista e contra a intolerância religiosa, foi demitido da empresa estatal em que trabalhava, em março de 1992. Ao tomar conhecimento de que a razão de sua demissão estava na cor de sua pele, ajuizou uma ação. Em 1996, conseguiu uma vitória histórica. O Tribunal Superior do Trabalho determinou a reintegração de Vicente ao posto de trabalho. Seu caso teve repercussão nacional e é emblemático, por ser o primeiro caso em que os tribunais reconheceram a prática de racismo no local de trabalho, constituindo, assim, a exceção à regra. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/participacao-popular/1137/morre-em-santa-catarina-o-militante-vice-francisco-do-espirito-santo>. Acesso em: 17, out, 2021.

²⁶ Abdias Nascimento (1914-2011), poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico e ativista panafricanista, fundou o Teatro Experimental do Negro e o projeto Museu de Arte Negra. Suas pinturas, largamente exibidas dentro e fora do Brasil exploram o legado cultural africano no contexto do combate ao racismo. Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York, ele foi deputado federal, senador da República e secretário do governo do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/>. Acesso em: 17, out, 2021.

²⁷ Lélia Gonzales, (1935-1994) foi uma das mais importantes intelectuais brasileiras do século XX, com atuação decisiva na luta antirracista. Formada em geografia, história e filosofia – e dedicada aos estudos da psicanálise, da sociologia e da antropologia –, mobilizou conceitos de áreas diversas. Fundou o Movimento Negro Unificado, participou da formação de partidos de oposição ao regime militar, lecionou na UERJ e no Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, do qual também foi diretora. Publicou diversos artigos em revistas acadêmicas, na imprensa alternativa e em jornais de grande circulação. É autora de Lugar de negro (com Carlos Hasenbalg) e Festas populares no Brasil. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/>. Acesso em: 17, Out, 2021.

²⁸ Kabengele Munanga, nasceu na República Democrática do Congo, antigo Zaire, em 19 de novembro de 1942. Foi o primeiro antropólogo de seu país, saindo pela primeira vez para fazer mestrado na Bélgica. Chegou ao Brasil por convite de um colega, terminou seu doutorado e retornou ao Congo. Em 1980 veio para o Brasil, para assumir a cadeira de Antropologia na Universidade do Rio Grande do Norte. Depois de um ano muda-se definitivamente para São Paulo, tomando como sua casa a Universidade de São Paulo. Tem cinco filhos, dois belgas, dois congoleses um brasileiro. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/pessoa/kabengele-munanga-16796>. Acesso em: 17, out, 2021.

²⁹ João da Cruz e Sousa, (Cruz e Sousa/1861-1898), nasceu em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, Santa Catarina, no dia 24 de novembro de 1861. Filho de escravos alforriados nasceu livre. Foi criado como filho adotivo do Marechal de Campo, Guilherme Xavier de Sousa e Clarinda Fagundes de Sousa. Por ter nascido no dia de São João da Cruz, recebeu o nome do santo, e o sobrenome da família que o criou. Foi o mais importante poeta simbolista brasileiro. Com os livros: Missal (poemas em prosa) e Broquéis (versos) inaugurou oficialmente o Simbolismo no Brasil. Durante toda a sua vida, sofreu com o preconceito racial, mas lutou contra a escravidão e o racismo. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/206-cruz-e-sousa>. Acesso em: 17, out, 2021.

"Ações Afirmativas: cidadania e relações étnico-raciais", que neste sentido, abrangeu todas as áreas do conhecimento e abordagens feitas no evento.

No Congresso foram debatidos temas relevantes e caros à sociedade brasileira atual. No mesmo momento em que a vida brasileira atravessa uma onda de questionamentos, concretizadas em manifestações que mobilizam diversos setores sociais, discutir ações afirmativas consiste em um movimento de fortalecimento a vida democrática e cidadã. O vínculo estabelecido nesta oportunidade, entre ações afirmativas, cidadania e relações étnico-raciais não esgota o tema, como bem sabemos, mas suscita um ponto de partida importante, a partir do qual podemos ampliar a discussão e enfrentar outros pontos com os quais lidamos no nosso cotidiano como pesquisadores/as.

O IX COPENE Nacional, Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as), ocorreu no ano de 2017, foi organizado pelo Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Gênero, Raça e Etnia – CEPEGRE, juntamente com a Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN. Segundo informações da página eletrônica plataforma9, a UEMS (Dourados), recebeu inscrições para participações em Conferências, Mesas Redondas, Grupos de Trabalhos (GT's) e Comunicações de Pesquisas, Sessões de Pôsteres, Minicursos e oficinas, que integraram a programação do evento, que ocorreu de 23 a 28 de janeiro de 2017. Essa que foi a nona edição do evento, teve como temática: “Novas fronteiras da intolerância racial: velhas práticas de discriminação e novos espaços – universo web”.

O encontro teve como objetivo geral propiciar debate e reflexão sobre o uso do universo web como espaço de disseminação de velhas práticas de intolerância racial e as políticas públicas de combate. A escolha do tema deu-se em virtude das situações de ataques racistas que afloram mais a cada dia com uso de recursos do universo midiático, baseados na ideologia da superioridade racial e na lógica da impunidade.

Com relação ao X COPENE Nacional - Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as), ocorreu no ano de 2018, entre os dias 12 e 17 de outubro, na Universidade Federal de Uberlândia – UFU, em Uberlândia/MG. Segundo informações da página eletrônica do Copene, este congresso, apresentou como objetivo constituir-se enquanto espaço de divulgação, circulação e promoção da produção científica dos/as pesquisadores/as negros/as e de estudiosos/as das temáticas vinculadas à população negra. Priorizando, assim o diálogo entre os povos africanos e da Diáspora, com vistas aos debates e reflexões acerca da intelectualidade negra nos diferentes campos

e áreas do conhecimento científico e do saber na perspectiva da resistência, do enfrentamento e do combate às diversas formas de racismo, de forma particular a segregação dos negros e negras nos espaços sociais e na produção acadêmica.

Recebeu inscrições, para publicações em 38 simpósios temáticos, pré-aprovados, que integraram a programação do evento. Esta que foi a décima edição do evento, teve como temática: “(Re) Existência Intelectual Negra e Ancestral: 18 anos de enfrentamento”. Segundo documento orientador do evento, a escolha da temática é oportuna, se considerarmos que a realização de resistência, diante das mazelas sociais, econômicas e políticas que compunham (ainda compõem), o cenário nacional.

Tal posicionamento é apontado na justificativa uma reafirmação de um posicionamento em favor da democracia, tão primordial frente ao cenário político, considerando a manutenção de posturas de luta constante pela equidade sócio racial. Assumindo assim uma posição contrária a neutralidade frente a realidade brasileira que afeta de maneira muito incisiva os negros.

E por último, o XI COPENE Nacional, Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as), ocorreu nos anos de 2020/2021, em função das várias questões, em torno da pandemia de Covid 19 (Sarcov 2), teve sua versão estendida para 2021, ocorrendo em dois períodos distintos. Primeiro entre os dias 09 e 12 de novembro de 2020 e depois entre 23 e 26 de maio de 2021, com a temática, “Negras escrevivências, interseccionalidades e engenhosidades”. O tema escrevivências busca dar destaque para as experiências coletivas dos corpos negros, especialmente das mulheres negras, como foco da dupla discriminação de raça e gênero; articulando-se com a interseccionalidade que remete aos cruzamentos de hierarquizações de raça com outros eixos de desigualdade social, como gênero, identidade de gênero, sexualidade, classe, idade, deficiências, diferenças linguísticas; e com engenhosidades que remete a emergência da criatividade e resistências negras, como caminho para lidar com as ambiguidades do contexto atual, de ataques às políticas públicas e políticas identitárias.

Nesta décima primeira edição, tem três atores históricos fundamentais para sua implementação e execução, sendo estes a Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), o Consórcio Nacional dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros, representado pelo Neab/UFPR, na qualidade de promotores do evento e a Universidade Federal de Paraná (UFPR) na condição de instituição sede do evento com seus respectivos núcleos de pesquisas relacionados à temática. Cada uma dessas entidades

possui notória relevância acadêmica brasileiro e no trato das questões ligadas à discussão étnico-racial no Brasil e mesmo no exterior.

6.2.1 - A Produção Científica nos Anais do Copene

Os artigos, relatos e escritos nos anais do Copene, contemplam assim como o Conbrace, uma diversidade de produções, os pontos que as separam são o fato de serem compostas de pesquisadores(as) negras em sua maioria e de as mesmas não serem localizadas apenas no território da educação física.

Nas propostas de pesquisas apresentadas, encontramos o que de alguma forma, é desejo de um quantitativo considerável de pesquisadores negros: questionar e propor outras epistemologias. Nos anais do Copene, corpos negros produzem e relatam histórias, registros da cultura, história e narrativa do povo negro contada pelo corpo negro, que neste ponto está inserido na narrativa que estabelece.

Os artigos selecionados, presentes no quadro deste órgão apresentam as características raça, gênero, sexualidade e questionam a vida e os espaços em que estão inseridos a partir de suas próprias vivências e realidades. Os pesquisadores, na minha percepção não estão analisando, avaliando de um ponto desconhecido e distante.

Quanto a seleção dos artigos é importante mencionar que nosso diálogo se dará de forma mais profícua, com os pesquisadores da educação física que discutem o corpo negro presentes no espaço e tempo do Copene, que puderam ser identificados, seja por acesso a seus resumos expandidos, artigos originais, dissertações ou teses; que serão analisados em outros tópicos nesta pesquisa.

Para iniciar o levantamento da produção de conhecimento debruicei-me sobre a produção presente nos Anais do Copene, dos anos compreendidos entre 2012 e 2020/2021, em formatos nomeados de Sessão, Comunicação ou Eixo Temático, que não são permanentes. Para essa pesquisa, a característica comum era que os artigos tivessem como assunto, o “corpo negro”. Apresentou-se um panorama total de 1.564 trabalhos publicados, tratando do corpo em espaços diversos. E, nesse caso, não só na Educação Física. A título de conhecimento, segue quadro 05, com as informações de artigos ou resumos encontrados nos Anais do COPENE:

QUADRO 06 - TABELA DE ARTIGOS PUBLICADOS/ESCOLHIDOS - CORPO NEGRO NO COPENE.

INFORMAÇÕES QUANTIFICADAS ANO A ANO	ANO DE REALIZAÇÃO DO EVENTO	ARTIGOS PUBLICADOS POR ANO	ARTIGOS/RESUMOS TABELADOS ESCOLHIDOS
	2012	230	7
	2014	350	7
	2016	273	9
	2018	477	16
	2020/2021	234	11
QUANTITATIVO TOTAL (2012 A 2020/2021)	SOMATÓRIA DOS ANOS	1.564	50

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora

Dentre os artigos relacionados no quadro 05, foram selecionados, inicialmente, considerando as palavras-chave estabelecidas nos critérios de pesquisa; a quantidade de 50 artigos e lançados em uma outra tabela. Esses artigos são a vitrine da escrita e mostram uma pequena parcela de produções do Copene referentes ao corpo negro, como já afirmado por uma maioria de pesquisadores negros. É importante, informar ainda, que nos dois casos, (tanto no quadro 05, quanto no quadro 06), o critério de buscas seguiu considerando as palavras e requisitos de busca já apresentados nesse trabalho.

Nesta perspectiva segue abaixo um quadro síntese constando algumas ideias, discussões e concepções de corpo apontadas nos artigos, presentes nos anais do Copene entre 2012 e 2020/2021, bem como, os nomes de seus respectivos autores e os aspectos principais discutidos nesses artigos.

QUADRO 07 - PRODUÇÃO COPENE

Título/Ano/ Autores	Objetivos	Resultados/Considerações dos autores
<p>Estranhamento públicos com o corpo negro gay: Obliquidades entre Madame Satã e Jorge Lafond</p> <p style="text-align: center;">2012</p> <p>Alecsandro J. Prudêncio Ratts</p>	<p>Apresentar comunicação referente a projeto de pesquisa sobre corporeidades, trajetórias e territorialidades negras esse constitui da justaposição entre a construção e deslocamentos dos corpos de duas personas negras gays.</p>	<p>O autor apresenta como parte de suas considerações, alguns apontamentos sobre o racismo e a homofobia na sociedade brasileira, que se encontram, são vistos e considerados a partir de um olhar “estranhador” para corpos negros e gays que são personas públicas que agenciam sua imagem e práticas corporais[...]. Outro ponto muitíssimo relevante é o fato, dos dois atores sem citados no texto como Figuras Trickster³⁰estranhadas pela fixidez de raça e gênero, afirmados como negros e gays, sem que isto os tomasse aceitáveis.</p>
<p>Escritoras afro-brasileiras: construindo tessituras poéticas para o corpo feminino negro.</p> <p style="text-align: center;">2012</p> <p>Cristian Souza de Sales</p>	<p>Analisar a escrita do corpo feminino negro na produção literária de escritoras afro-brasileiras</p>	<p>Para cumprir com o objetivo apontado foram escolhidas as poesias de Miriam Alves, que com sua escrita tem como redesenhado novas configurações, sentidos, significados para o corpo da mulher negra.</p>
<p>Corpo negro invisível na escola</p> <p style="text-align: center;">2012</p> <p>Célia Regina Reis</p>	<p>Apresentar o lugar da consolidação do pensamento cartesiano legitimado a hegemonia cultural etnocêntrica ao longo da história.</p>	<p>A autora apresenta as muitas experiências de sofrimento, racismo e de sentimento de inadequação do próprio corpo presente em muitos relatos.</p>
<p>Poética e Narrativa do Corpo Feminino em Abdias do Nascimento, Otávio Araújo, Lita Cerqueira e Adriana Medeiros.</p> <p style="text-align: center;">2012</p> <p>Janaina Barros Silva Viana, Wagner Leite Viana</p>	<p>Debater a presença do corpo feminino na arte Brasileira, após os protagonismos de artistas modernistas e a localização histórica de uma autoria feminina negra como produção poética da imagem na contemporaneidade.</p>	<p>Os autores apontam que a estruturação poética de um idioma corporal feminino, negro e adjetivado numa série de tramas conceituais inseridas numa territorialidade contemporânea por meio de articulações e posicionamentos políticos traduzidos em diferentes campos artísticos pelos discursos sobre formas do feminino apresentados pelas obras de Abdias do Nascimento, Otávio Araújo, Lita Cerqueira e Adriana Medeiros.</p>
<p>Jongo: Corpo – Terra – Resistência</p> <p style="text-align: center;">2012</p> <p>Alissan Maria da Silva</p>	<p>Desenhar reflexões acerca da relação do corpo jongueiro com a terra no processo de constituição de sua identidade, visando contribuir para a pesquisa de mestrado em processo junto ao PPAG – UniRio.</p>	<p>A autora tece reflexões sobre a relação do Jongo com a terra na constituição da identidade jongueira e nos diz que embora o faça não tem a intenção de fixar um rótulo identitário para a comunidade, considerando segundo a autora as múltiplas relações que podem ser estabelecidas com o jongo.</p>

³⁰ O arquétipo do Trickster reúne temas com uma função específica, que muito tem a ver com a sombra e com a função de perturbar o balanço da consciência egóica, provocando transformação e mudança, pois perturba o ego “mentindo para as nossas intenções conscientes, pregando peças dolorosas em nossa auto importância grandiosa e, com isso, fornecendo o ímpeto para a transformação e a mudança” (HOPCKE, 2012, p. 140).

<p>Corpo Negro em diáspora: Expressões de cabelo afro como sociabilidade, cultura e resistência em São Paulo</p> <p>2012</p> <p>Célia Regina Reis da Silva</p>	<p>Busca de apreender como os variados penteados e modos de apresentar o cabelo circulam na sociedade brasileira, estabelecendo relações através do visual construído, afirmando a cultura afro-brasileira e enfrentando a rejeição imposta pelo padrão vigente.</p>	<p>O estudo da autora visou problematizar as relações raciais, na perspectiva do corpo afro-diaspórico, destacando as percepções desenvolvidas e criadas sobre o corpo negro, considerando o olhar do sujeito negro e negra nas diversas ações expressivas que dialogam com os valores identitários europeus hegemônicos na sociedade Brasileira. Atuando no campo de resistência à chamada “ideologia do embranquecimento”, como aponta a autora.</p>
<p>Corpo, ritmo e movimentos diaspóricos</p> <p>2012</p> <p>Nadir Nóbrega de Oliveira</p>	<p>Desenvolver reflexões que favoreçam o conhecimento e a compreensão do corpo e de outros corpos.</p>	<p>Conceituação do corpo em diferentes culturas e momentos sócio-históricos enfatizando a importância de saber observar, criar e expressar.</p>
<p>Corporeidade entre mulheres da etnia tembé tenetehara: Articulações entre gênero e etnia no contexto amazônico</p> <p>2014</p> <p>Camille Gouveia Castelo Branco Barata (UFPA/CNPQ)</p> <p>Orientadora: Jane Felipe Beltrão (UFPA)</p>	<p>O trabalho problematiza a dimensão da corporeidade entre indígenas mulheres da etnia Tembê Tenetehara de Santa Maria do Pará, tendo o corpo como chave relevante para o entendimento das relações de gênero estabelecidas entre esse povo. A perspectiva teórica do trabalho é tributária da crítica que questiona o caráter universal, homogêneo e transcultural da categoria “mulher”, assumindo, a partir de um ponto de vista interseccional, que a presença do marcador étnico afeta de forma indelével as trajetórias e lugares de fala das interlocutoras com as quais se dialoga.</p>	<p>Compreende-se, portanto, que a cultura é corporificada e que o corpo é significado e significante, construído e construtor de práticas, discursos e da noção de pessoa. No caso das indígenas mulheres, o corpo vem à cena tanto como território de lutas e afirmações identitárias, quanto como alvo de violências e estigmas. Nesse sentido, os saberes e fazeres em relação ao corpo produzem e deslocam significados sobre o “ser mulher”, o “ser indígena” e vice-versa vivenciados pelas interlocutoras da etnia Tembê Tenetehara, de acordo ou não com a proximidade que mantêm com os não-indígenas.</p>
<p>O Belo e o Sublime em Corpos da diáspora</p> <p>2014</p> <p>Maria Antonieta Martines Antonacci (PUC/SP)</p>	<p>A comunicação propõe uma reflexão acerca do trabalho com artes da memória negra como técnicas mnemônicas em trânsito entre letra, voz, imagem e som: um recorte de tradições orais africanas entre África, Brasil e Caribe, centrando questões em performances corporais.</p>	<p>Em caminho comprometido com a decolonialidade de saberes e poderes, arte e estética, reunimos estudos em torno de experiências históricas do contínuo refazer-se de povos da diáspora, acentuando a subliminar rehumanização de corpos negros no Novo Mundo, com a renovação de sua arquitetura cultural em vibrações corporais.</p>
<p>Do Ato estético ao ato político: uma análise do cabelo e corpo Do negro.</p> <p>2014</p> <p>Pollyanna Fabrini (UFU)</p>	<p>A comunicação apresentada pela autora teve como objetivo, analisar o processo de construção da identidade negra. A análise da autora tem como signos a construção do cabelo e do corpo; abordados no contexto das relações raciais instituídas na sociedade brasileira. A autora aponta a tentativa de corroborar com a assertiva de que a expressão estética negra é inseparável do plano político e dos processos de afirmação étnica, em que o corpo se torna uma carga</p>	<p>A autora traz apontamentos em torno do corpo e da estética negra. Exaltar a negritude também significa uma construção ideológica de um grupo e é uma crítica às relações de poder inseridas nas relações sociais/ interraciais. Os ideários das lutas sociais negras, o movimento antirracista busca uma politização da consciência negra, enfatizando a importância da negritude no intuito de fazer com que os negros promovam ações contestadoras na intenção de diminuir as distâncias sociais. O visual estético negro é utilizado como forma de contestação, que também se molda em uma construção cultural, dentro de um grupo e manuseada politicamente. Por meio</p>

	significativa de ação contra o racismo velado.	dessa politização, alerta os negros sobre a importância da negritude. Entretanto, radicalizar essa conduta pode incidir na atenuação das diferenças ou na imposição de uma visão ideológica da negritude. A autora aponta ainda que não podemos esquecer que a identidade acompanha um dinamismo social e engessá-lo a um padrão hegemônico ou um padrão da negritude é ignorar que o indivíduo negro possa ter consciência de sua pertença enquanto tal, mas ao mesmo tempo usufruir das possibilidades de uma identidade múltipla.
<p>Contadores de Histórias: Literatura, Corporeidade Africanidades na valorização da identidade negra no espaço escolar.</p> <p>2014</p> <p>Carolina dos Santos Bezerra Perez (UFJF)</p> <p>Cleuza Maria Abranches Penna (UFJF)</p>	<p>O artigo em questão teve como objetivo relatar de maneira bem detalhada a justificativa embasada por teóricos anteriores a proposta que já apontavam a importância de ações como as propostas pelas mesmas, tais como Cavalleiro (2000), Candau e Moreira (2003), Gomes (2003), Caputo (2005), Bezerra-Perez, (2010 e 2013), dentre outros. Constam no artigo relatos da realização dos pontos mais relevantes do projeto “Contadores de histórias: Conhecendo a Cultura Brasileira e maneiras do brincar. O mesmo realizou-se em uma instituição de Minas Gerais, inicialmente acontecia no formato extracurricular, fazia parte apenas das comemorações do 20 de novembro, mas com o tempo passou a compor o projeto político pedagógico da escola. As autoras apontam que o projeto cumpre ainda o papel de implementar o Art. 26 da LDB 9394/96 modificado pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08 que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afrobrasileira, Africana e Indígena.</p>	<p>Dentro de suas conclusões as autoras apontam que o projeto pode possibilitar às crianças o contato e o estudo das expressões e manifestações artístico-culturais de origem afro-brasileira e indígena; acreditamos que possam se tornar multiplicadores de uma educação para as relações étnico-raciais, ao identificarem e indagarem por meio da oralidade e na ativação da memória corporal e social, nos diferentes espaços e nas diversas esferas nas quais transitam e se relacionam no âmbito social, cultural e simbólico, atitudes e ações nas quais percebam traços de racismo, preconceito e discriminação tanto no espaço escolar, como na sociedade de forma geral, formando crianças que exercitem sempre colocar-se no lugar do outro, mais sensíveis à diversidade étnico-racial da sociedade brasileira e melhor preparadas para lidar com os desafios que a sociedade contemporânea apresenta[...].</p>
<p>O corpo e a imagem de mulheres negras no Brasil contemporâneo: “Sites” de discriminação racial, de gênero e sexual</p> <p>2014</p> <p>Sônia Beatriz dos Santos – UERJ</p>	<p>Tendo como base de análise uma perspectiva socioantropológica, o trabalho em questão teve o objetivo de examinar alguns dos modos pelos quais os corpos e imagens de mulheres negras têm se tomado “Sites” de discriminação na sociedade brasileira contemporânea, as colocando em grande vulnerabilidade. Para a análise das três categorias, foram utilizados pela autora os conceitos de imagens de controle (“Controlling images”) desenvolvidos pela socióloga e feminista Afro-Americana Patrícia Collins (2000).</p>	<p>O trabalho buscou demonstrar os efeitos do processo de discriminação que é produzido e reproduzido na intersecção das opressões racial, de gênero e sexual nas experiências cotidianas das mulheres negras na sociedade brasileira, que podem apresentar como resultados mais dramáticos, o adoecimento e/ ou morte.</p>
<p>Corporeidade negra: Mediação Entre a arte e o processo de</p>	<p>A comunicação sobre a pesquisa em questão teve o intuito de compreender a utilização do corpo como expressão simbólica para representar os valores</p>	<p>Como apontamento relevante é importante dizer que a pesquisa, Corporeidade negra: Mediação Entre a arte e o processo de reintegração sociocultural, surge a partir da experiência da autora, mulher negra que</p>

<p>reintegração sociocultural</p> <p>2014</p> <p>Kelly Cristina da Silva (UEMG)</p>	<p>culturais, pois a corporeidade negra é um meio de consolidação e propagação da preservação da tradição das populações de raízes negras no Brasil [...].</p>	<p>vivenciou ao longo de sua vida acadêmica e pessoal, o que ela chama de acontecimentos decorrentes de sua etnicidade. A reflexão com foco na capacidade da corporeidade negra, foi realizada a por meio da dança afro e os estereótipos preconceituosos que a atingiram ao tomar pública sua arte.</p>
<p>Corpos Negros e Humor: Discurso, gênero e construção da identidade negra.</p> <p>2014</p> <p>Eliana Sambo Machado (UFOP) Kassandra da Silva Muniz (UFOP)</p>	<p>A comunicação teve como objetivo examinar se os discursos que circulam nas mídias e nas práticas sociais ratificam ou questionam os estereótipos racistas sobre a população negra brasileira, os quais circulam no imaginário coletivo da sociedade.</p>	<p>A partir das análises realizadas, são observações das autoras que os discursos em questão transmitiam questões heteronormativas a respeito do negro, contribuindo com imagens pejorativas sobre os mesmos, essencializando suas identidades ao inseri-las num lugar à margem. As posições fixadas pelos estereótipos são apontadas como dificultadores, impedimentos para a ascensão social da população negra. Existe, portanto, a necessidade de entender questões de gênero e raça na perspectiva de contestar visões que impedem a população preta de intervir e ressignificar o imaginário social sobre ela.</p>
<p>O trato com o conhecimento da cultura Corporal afrobrasileira e indígena: Realidade e possibilidades na formação de Professores de educação física no recôncavo da Bahia</p> <p>2016</p> <p>Josiane Cristina Clímaco</p>	<p>Partindo da premissa de análise da realidade, nosso objetivo é diagnosticar a realidade das escolas estaduais e municipais das cidades do Recôncavo da Bahia ao entorno da FAMAM em termos da implantação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, em como estas tratam pedagogicamente estes conhecimentos e quais as possibilidades de sistematização e trocas de saberes promovam valorização das culturas, das identidades, uma educação antirracista e o desenvolvimento humano. Diante destes desafios, estabelecemos nexos entre a realidade concreta para avançarmos na formação de professores do Recôncavo da Bahia.</p>	<p>Este estudo justifica-se diante do quadro da Educação brasileira, pois desde o período de colonização negou a contribuição do povo africano e indígena para a formação da sociedade brasileira no contexto cultural, histórico e econômico. Historicamente a Educação Brasileira, e não distante a Educação Física, tiveram seus princípios curriculares pautados na Eugenia, que prevaleceram por um modelo excludente, que impacta diretamente no subdesenvolvimento social para uma determinada classe, gênero e raça. Neste sentido, vários embates foram travados por estes grupos, que são a maioria no país, e a minoria que detêm o capital, que foram explorados e são até os dias atuais.</p>
<p>A materialidade do racismo e a construção da Imagem corporal na menina da pele preta no Ambiente escolar.</p> <p>2016</p> <p>Juliana Nascimento da Silva Avelino</p>	<p>Buscamos através deste trabalho refletir, relacionar, apontar como a materialidade do racismo se apresenta na realidade da menina mulher da pele preta.</p>	<p>A cor pode ser um fator determinante nas relações pessoais. A imagem corporal pode ser definida a partir do olhar que o indivíduo tem enquanto SER, pensando suas dimensões perceptiva e atitudinal, fazendo um recorte de suas individualidades, segundo (Cash & Smolack, 2011; Gardner & Brown, 2010).</p>
<p>Qual corpo é humano para a biologia?</p>	<p>Nosso objetivo foi investigar a representação social do corpo humano</p>	<p>A ideia de corpo humano veiculada pelos livros didáticos não se relaciona, ou se relaciona em baixa proporção, com a imagem de corpo negro. Esse</p>

<p>2016</p> <p>Florença Freitas Silvério</p>	<p>em 3 coleções de livros didáticos de Biologia, aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático. Na representação do corpo, a sociedade marca uma série de atributos que julga desejável, sejam eles morais, intelectuais ou mesmo físicos.</p>	<p>afastamento do corpo negro enquanto um corpo humano é bem conhecido pela ciência. Durante os séculos XVIII e XIX o corpo negro foi amplamente desqualificado pela ciência como humano. O que os livros didáticos veiculam é uma representação historicamente construída que enxerga no branco o ser humano universal, o representante da espécie humana.</p>
<p>Purificação do corpo/templo: a manutenção Da saúde entre grupos rastafáris</p> <p>2016</p> <p>David José Silva Santos</p>	<p>Neste trabalho, tem-se como foco principal a realização de uma discussão sobre como a noção de saúde está presente na cultura Rastafári. Essa visão de mundo busca nas culturas africanas, nos livros Essênios e na Bíblia as suas principais fontes de inspiração para manterem-se sãos, em corpo, em mente e em espírito.</p>	<p>O conceito de Ethos é o proposto por Karenga (apud ASANTE, 2014, p.37) que, nas palavras do referido autor, serve “para delinear as características mais salientes da vida de um povo”. Dito de outra forma são as características próprias de um determinado povo ou grupo social que os diferencia de outros grupos.</p>
<p>Corpos negros: a política da colonização e Possibilidades de descolonização da racialização?</p> <p>2016</p> <p>Michele Lopes da Silva Alves</p>	<p>Para tanto, a metodologia recorrente foi à busca do diálogo e de reflexões críticas a partir dos pensadores decoloniais, feministas e brasileiros que compreendem, fazem parte e fortalecem as lutas dos movimentos sociais, sobretudo: negros e de mulheres negras. Isso porque se inter cruzam, se complementam na perspectiva pedagogia decolonial com base em uma educação antirracista, machista e descolonizadora da racialização para alternativas de um viver bem em vicissitudes de humanidades diversas, diferentes, geopolíticas e culturais.</p>	<p>O trabalho se configura como resultado de estudos acerca do pensamento de teóricos denominados como decoloniais, com base no livro Giro Decolonial e demais referências bibliográficas de compreensão epistemológica, por meio da disciplina ofertada no Programa de Pós- graduação: Referenciais de pesquisa: Bases Epistemológicas de la Investigación Educativa. Para tanto, a discussão presente se fez acerca da colonização dos corpos negros (tanto de mulheres quanto de homens) na sociedade brasileira, que se mantém por nuances distintas da colonialidade do poder. Consideram-se as possibilidades de processos de descolonização dos corpos tendo em vista o processo de racialização, a partir da compreensão da colonialidade do ser e brevemente da pedagogia decolonial.</p>
<p>O corpo que transpira conhecimento: o ensino da cultura africana por meio da dança</p> <p>2016</p> <p>Glaucia Maria dias Fontoura</p>	<p>A comunicação apresentada teve como objetivo relatar a experiência de projeto da EMEF Paul Harris que tinha como compromisso contemplar a Lei 10.639/03 através do estudo da mitologia africana e da dança afro, com intuito de desconstruir os preconceitos acerca das religiões de matriz africana do Rio Grande do sul, e também ofertar aos alunos dessa escola a possibilidade de ter contato com a cultura africana por meio de ações progressivas na direção da construção de uma sociedade mais equânime e justa.</p>	<p>A autora aponta que a promoção de tais experiências promove a geração de novos conhecimentos sobre a cultura e a arte africana. Além de uma maior consciência corporal por meio da movimentação corporal – do brincar. São utilizados para respaldar informações apontadas pela autora Garanhan, M. C. e Nadolny (2010). A justificativa da mesma para o afirmado é que a criança necessita agir para compreender e expressar significados presentes no contexto histórico-cultural em que se encontra, ou seja, ao transformar em símbolo aquilo que pode experimentar corporalmente, a criança constrói o seu pensamento primeiramente sob a forma de ação. E de modo lúdico propiciar que a criança através do brincar seja o instrumento para apropriação de um novo conhecimento.</p>
<p>O que fala junto com as xicas da silva das Ficções: uma dialética dos corpos como signos</p>	<p>No trabalho, propomos uma análise dos comentários críticos negativos feitos às formas de construção e representação da personagem histórica Chica da Silva no</p>	<p>O trabalho em questão é anterior a dissertação de mestrado de Nwabasili, que aponta em suas conclusões que para além da importância do corpo negro na centralidade das narrativas ficcionais é</p>

<p>Ideológicos extradiagéticos</p> <p>2016</p> <p>Mariana Queen Nwabasili</p>	<p>cinema e na literatura em 1976, nas obras de Cacá Diegues e João Felício dos Santos respectivamente. A intenção é refletir se os corpos humanos funcionam e são observados na realidade vivida por nós, e, conseqüentemente, nas ficções, como signos ideológicos, que têm sentidos atribuídos aos seus formatos segundo construtos históricos e sociais calcados em discursos hierarquizados numa sociedade de classes, sexista e "racializadora".</p>	<p>necessária a observação de como este corpo é apresentado. A hipótese dissertada é de que os estigmas e estereótipos funcionam semioticamente sobre corpos humanos entendidos como signos ideológicos que tem sentidos atribuídos assim historicamente. O que grupos ditos minoritários como mulheres negras, fazem ao acionar representações positivas sobre os corpos signos e imagens signos com os quais se identificam é uma tentativa de ressignificar esses signos com sentidos historicamente negativados. Isso permite não só a representação desses corpos-signos visibilidades positivas, como também permite aos sujeitos identificados com os discursos sobre esses corpos uma autoimagem positiva e, conseqüentemente uma existência significativamente positiva na realidade. Reordena-se o imaginário as possibilidades do real e o próprio real passível de ser (re)traduzido em representações imbuídas de novos revolucionários significados.</p>
<p>A performatividade dos corpos negros como parâmetros para a implementação da lei 10.639/2003 a partir da educação</p> <p>2016</p> <p>Evaldo Gonçalves Silva</p>	<p>Neste trabalho pretende-se articular os conceitos de performatividade em Butler (2010), Educomunicação em Soares (2011), de forma a discutir a implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura Afro-Brasileira na educação básica.</p>	<p>O autor traz neste contexto diante do que foi possível perceber uma série de questões relativas a como pensar o corpo performativo a partir de Butler e a estratégia de leitura do mesmo a partir da educomunicação. O autor ainda nos diz que, [...] a concretização da Lei permite que as práticas correntes sejam ressignificadas e de certa forma se enraízem na educação básica. Pensando a escola como um lócus das relações sociais, [...] (SOARES, 2011, p.03). [...] refletimos na questão do corpo, e especialmente, dos corpos negros que também são construídos a partir das relações sociais e que se colocam no meio em que estão inseridos como um modo de resistências, um corpo que possui memórias, consciências, ou seja, entender esses corpos como um espaço de conflito, dor e rejeição, mas não só, [...] o corpo como espaço de expressão e resistência (GOMES, 2002, p.04)".</p>
<p>Corpo, movimento e afirmação: percursos do Grupo de dança afro negro no ES.</p> <p>2016</p> <p>Sarita Faustino dos Santos</p>	<p>Neste trabalho a autora procurou apontar a importância dos estudos de etnicidade e racismo a partir das visões de corpo em que as expressões são tomadas pela emoção, mas também dadas ao enfrentamento. Busquei dialogar com os autores Stuart Hall (2015), Pierre Bourdier (2007).</p>	<p>narrativas com fontes históricas (documentos, recortes de jornais, fotos). Dessa forma, apresentamos o grupo de Dança Afro-Negraô, sua composição, seus movimentos identitários, como forma de afirmação, através das oficinas oferecidas na escola de Teatro e Dança Fafi, Mucane e Praça Costa Pereira. Apresentamos a dança-arte como elemento de valorização da cultura negra, a ligação com a bailarina e coreógrafa Mercedes Batista, o movimento no cenário da dança capixaba ao longo dos anos, após sua criação, e o movimento político de seus participantes.</p>

<p>Capoeira Angola como proposta pedagógica para lei 10639/2003</p> <p>2018</p> <p>Cristian Emanuel; Ericeira Lopes (UFMA).</p>	<p>O artigo em questão tem como objetivo discutir as possibilidades de movimentações a partir do trabalho da capoeira na escola, ajudando a sanar as dificuldades da aplicação da Lei 10639/2003. Os autores em questão trazem os apontamentos de professores e gestores, que apresentam a proposta de inserção da Capoeira Angola nas escolas não só como uma prática corporal, associado a educação física. É vista como uma possibilidade a partir de sua Filosofia, utilizada como eixo integrador, entre a capoeira esporte e a capoeira filosofia, integrando as diversas pessoas às suas práticas e teorias.</p>	<p>A capoeira, como metáfora, acompanha a história que queremos contar. Ela é negra. “Assim como o movimento que gira o corpo, fazendo a cabeça tocar a terra e pondo o mundo de ponta-cabeça. A inversão da perspectiva altera a percepção da vida ao redor e cria um outro ponto de vista”. (a capoeira)</p> <p>Essa metáfora pode ser entendida como uma roda de capoeira onde os exímios capoeiras estão sempre em transformações contínuas em seu jogo, buscando alternativas de atacar sem tornar-se vulnerável, ao mesmo tempo que colabora com o companheiro para um bom jogo, sem perder o caráter de luta. Ou como as transformações sociais epistêmicas, fazem nos inverter o globo, colocando o sul ao norte e vice-versa, transformando os diferentes saberes ancestrais do Sul, vendo as múltiplas inteligências contidas nesses locais, muitas das vezes modificando a visão da hegemonia do norte sobre o saber científico.</p>
<p>Poesia e ginga na educação profissional: outros sujeitos, outras epistemologias na produção de conhecimento étnico-racial.</p> <p>2018</p> <p>Adelmo de Souza Xavier (UFBA).</p>	<p>O presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência sobre a construção de conhecimento em coreografar um poema intitulado “Capoeira de Angola”, do poeta afrobaiano Lande Onawale. A experiência aqui descrita apresenta-se como uma atividade interdisciplinar desenvolvida por dois professores, de inglês e educação física, respectivamente, e um grupo de alunos do Ensino Médio integrado, no IFBA campus de Feira de Santana-Ba como parte do evento anual em alusão ao Dia da Consciência Negra.</p>	<p>Entendemos que as linguagens tanto poéticas quanto corporais serviram como instrumento para uma reflexão sobre as (re) construção da identidade/s negra/s e a Autoimagem desses/dessas estudantes em seus processos de formação. Outros sujeitos e outras epistemologias são necessárias para a construção de territórios educativos onde o protagonismo de novos/novas produtores/produtoras de conhecimentos possa assumir num contexto de uma educação antirracista pautada no diálogo de saberes/conhecimentos. Os resultados desta proposta foram positivos, pois confirmaram a possibilidade de serem trabalhados os elementos da cultura negra, das relações étnico-raciais e a diversidade dentro da educação básica, profissional e tecnológica, se utilizando da interdisciplinaridade como mecanismo facilitador no processo ensino aprendizagem, elementos estes que se demonstram cada vez mais relevantes para a formação de cidadãos histórico críticos que realizem intervenções significativas na sociedade em que estão inseridos.</p>
<p>Cor e valor: Territorialidade Científica no debate popular (Indicadores de Qualidade na Educação – Relações Étnico-raciais).</p> <p>2018</p> <p>Maria José Damasceno (Secretaria do Estado de Minas Gerais).</p>	<p>O projeto teve como meta organizar um vídeo (documentário) sobre as bandas de congada, promovendo a pesquisa entre alunos e congadeiros e integrando a educação formal e não formal na luta antirracista dentro e fora do “muro” da escola. Paralelo a isto foi trabalhado em uma escola estadual da região o conteúdo da Cartilha “Indicadores de Qualidade na Educação – Relações Étnico Raciais”, com pesquisa na comunidade escolar, [...]. Além de trazer às memórias, as experiências, o conhecimento e as lutas dos congadeiros para a Escola como uma forma de refletir sobre a questão do</p>	<p>O projeto reúne toda a comunidade escolar e vai além dos muros da escola, chegando às famílias, que serão confrontadas, mas que farão parte do processo em que a educação se propõe, que é de transformar/mudar a realidade e, acima de tudo, conhecer e reconhecer que somos todos educadores, aprendendo e ensinando o tempo todo. Longe de esgotar essa temática, o projeto aponta na direção em que a comunidade escolar e os congadeiros carandaienses têm percepções singulares sobre as africanidades. A Lei 10.639/03 ainda é desconhecida entre o professorado, alunos, congadeiros e, neste sentido, reafirmamos a necessidade de formação continuada sobre a temática africanidades.</p>

	racismo, muitas vezes encontrado em nosso “viés inconsciente” pela educação e valores criados em nossa sociedade, [...].	
<p>A África é logo ali!: vivências, avanços e desafios para a implementação da Lei 10.639/03 em sala de aula.</p> <p>2018</p> <p>Luana Diana dos Santos</p>	o presente artigo busca apresentar as práticas adotadas em uma escola localizada no município de Vespasiano, Minas Gerais, visando promover entre as alunas e os alunos do 6º ano do ensino fundamental o conhecimento da História e da Cultura africana, como também possibilitar a elevação da autoestima, sobretudo, dos/as entre os/as estudantes negros/as. Desse modo, a elaboração do presente artigo se deu a partir dos relatos e das atividades realizadas pelos alunos e alunas com idade entre 11 e 13 anos matriculados em turmas do 6º da referida escola.	O projeto em questão possibilitou repensar o continente africano e a importância de seu estudo em sala de aula como um caminho para a democratização dos saberes difundidos pela escola, [...]. Possibilitou-se uma mudança nas falas dos/as estudantes em relação à África, antes completamente contaminadas pelas imagens veiculadas na mídia que atribuem ao território africano quase sempre somente imagens negativas.
<p>O Impacto das Ações Afirmativas na Estética e na imagem Corporal de Negros e Negras.</p> <p>2018</p> <p>Sebastião Carlos dos Santos Carvalho (UFMG).</p> <p>Educação Física</p>	A pesquisa em em questão teve como objetivo de estudo compreender o processo de ingresso de estudantes negros e negras no Campus XII da UNEB, via Ações Afirmativas e os possíveis impactos em suas percepções estéticas e em suas imagens corporais, assim como compreender os processos de construção e reconstrução da imagem corporal de estudantes negros e negras nas universidades, influenciados pelas Ações Afirmativas.	Como apontamentos mais relevantes sobre a pesquisa é possível elencar que: - A metodologia a ser tratada no referido trabalho fez uso da pesquisa tipo qualitativa, investigativa exploratória, onde a pesquisa etnográfica ocorreu por meio da colheita de narrativas de história de vida, através de entrevistas, com entrevistas semiestruturadas, tendo a transcrição das mesmas como técnicas para coleta e consequente análise de dados sob a ótica da Hermenêutica. A (auto)biografia também será utilizada considerando a relação do pesquisador com tema, assim como rodas de conversas com os participantes da pesquisa. Tentaremos traçar “Mapas Corporais” dos participantes, em uma analogia a técnica de “Mapas Mentais” de Kozel.
<p>A representatividade da mulher negra na educação física escolar.</p> <p>2018</p> <p>Carolina Cristina dos Santos Nobrega (UNIFESP).</p>	O objetivo da experiência didático-pedagógica a ser relatada foi promover a Educação Antirracista, por meio, da representatividade das mulheres negras no contexto escolar. A presente comunicação teve como objetivo descrever as ações do estudo que compreende a Educação Física escolar, no papel de mediadora no projeto educativo na discussão, referente a reconhecimento, resistência e visibilidade da cultura negra. A área para a autora atua no espaço de desenvolvimento e responsabilidade social na construção das identidades (étnico-racial e gênero).	Segundo a autora, os resultados foram significativos para a aprendizagem, pois, as produções culturais (danças, histórias em quadrinhos, jogos teatrais e jogos cooperativos) baseadas na educação, colaboraram na superação da sub-representação das meninas negras, ampliando o papel sociopolítico das mulheres negras, reconhecendo as noções de cidadania que essas protagonistas trazem para a realidade escolar, desnaturalizando o racismo, sexismo, machismo e promovendo a interculturalidade. Assim, a expressão de confiança nas linguagens e atividades criadoras resultou na produção audiovisual, de acordo com o protagonismo dos discentes num processo de intervenção crítica em relação à mídia (com foco no princípio de alteridade), enegrecendo a comunicação e compreendendo a diversidade como eixo central na trajetória curricular.

<p>Entre os olhos de jabuticaba e o canto do Sankofa: Cartografias de corpos pretos visíveis no terreiro dos pés descalços</p> <p>2018</p> <p>Pedro Vitor Guimarães Rodrigues Vieira (Ginásio Carioca Mário Paulo de Brito (SME/RJ)</p>	<p>O autor apresenta a partir de um artigo nomeado como artigo-poesia, a descrição de passos mais relevantes de um projeto realizado com crianças negras no teatro. Ele aponta a necessidade e o desejo de ressaltar aos olhos da Academia, os transbordamentos dos corpos pretos que se percebem livres após a travessia das portas da sala de teatro, que se revela um terreiro onde reencontra-se com a ancestralidade e onde se baila com os pés descalços. O autor aponta como pretensão, assentar suas reflexões; tomando como ponto de partida quatro caminhos entrecruzados para criar uma dimensão pedagógica que permitisse subverter a lógica da invisibilidade e do silenciamento desse Ser Negro, estampado no imaginário racista presente na educação básica, como apontado nos estudos de Rufino, Cavalleiro e Gislene dos Santos.</p>	<p>Assim, após cinco anos de pesquisa, o autor apresenta a partir dos pilares:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Corpo, Pedagogia da Libertação, Pedagogia da Reexistência e Pedagogia do Empoderamento, quatro lugares de paragem que se entrecruzam, criando aqui o que o que foi nomeado como “Cartografias de corpos pretos visíveis”. <p>Essas cartografias segundo o mesmo, possuem objetivos que vão desde identificação e denúncia do racismo, ressignificação e valorização do Ser Negro, até os estudos das relações étnico-raciais e dos valores afro-referenciados, empoderando meninos e meninas pretas para além dos muros da escola.</p>
<p>Mensurando Necropolítica: Corpos Negros (E) LGBTs</p> <p>2018</p> <p>Darlam do Nascimento (UFRGS).</p>	<p>Este trabalho visou debater a realização de indicadores sociais (teoria, definição operacional dos indicadores propriamente ditos e observações/ levantamento de dados) da necropolítica, entendida como a máquina de matar que no limiar entre a vida e a morte opera através do massacre (máxima desse poder), com o objetivo de apreender retratos quantitativos e qualitativos da realidade social no que trata a violência (indicado aqui por discriminação, agressão e morte), em uma perspectiva interseccional, ou seja, a maneira como os corpos atravessados por diferentes marcadores sociais experienciam a realidade dentro das estruturas sociais vigentes.</p>	<p>O presente trabalho de acordo com o autor evidencia as lacunas da apreensão das relações de dominação marcadas pela violência; e as limitações das coletas de dados/informações que prejudica qualquer diagnóstico rigoroso sobre as formas de violência, as vítimas dessas violências e as suas causas. Apresenta nas conclusões a proposta do uso dessas informações, no curto prazo, de maneira agregada e/ou complementar, de forma qualitativa e quantitativa, tendo em vista a alta chance de subnotificação dos levantamentos do GGB; e do método adotado pelo CLAM/UERJ, que tem periodicidade e localidades de coleta e amostragem diversas, como também a limitação do Mapa da Violência que não abrange uma série de marcadores sociais, em destaque a orientação sexual, e por ter distorções na coleta e nas possíveis interpretações; ao mesmo tempo em que se explicita a necessidade do Estado brasileiro de custear ou executar, ele mesmo, o levantamento destes indicadores, assim como faz com a fonte e relatório do Mapa da Violência.</p>
<p>Necropolítica: as estratégias de eliminação do corpo negro</p> <p>2018</p> <p>Eliseu Amaro de Melo Pessanha (Universidade de Brasília)</p>	<p>Este artigo tem a pretensão de analisar a construção de alguns processos conceituais que levaram a justificativa da legitimação da dominação, subjugação e eliminação do corpo de seres humanos de pele escura, especificamente procedentes do continente africano e as respectivas terras para onde foram levados a força para serem escravizados.</p>	<p>Segundo os autores buscou-se aqui, mostrar, através da leitura dos modos como os corpos negros foram e são tratados no decorrer da história colonial racista da modernidade, que a ampliação do horizonte conceitual. O artigo é um convite para que se leia as categorias filosóficas ocidentais desde abordagens críticas, atentas ao risco do eurocentrismo, aliadas a categorias que nos vem sendo oferecidas pelo pensamento filosófico africano. Proporcionando instrumentais mais precisos para buscarmos compreender a experiência da população negra. Essa ampliação conceitual é um gesto político que pressupõe que as vidas em risco da população negra</p>

		exigem que diversas ações sejam feitas, inclusive no âmbito do pensamento, para entender o problema que as ameaça, para, então, buscar soluções.
<p>Reflexões sobre a Filosofia e o estudo do corpo no curso de Educação Física do CFP/UFRB, a partir da ótica da descolonização em Marcién Towa e Muniz Sodré -</p> <p>2018</p> <p>Anália de Jesus Moreira (Centro de Formação de Professores da UFRB), Maria Balbina dos Santos (ACULTEMA), Heráclito dos Santos Barbosa (UFRB)</p>	<p>Objetivo principal debater as possibilidades de descolonização do conhecimento da Filosofia a partir da proposta da componente curricular Dimensões Filosóficas da Educação Física do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Toma como referências as obras “A ideia de uma filosofia negro-africana”, de Marcién Towa, e “Pensar Nagô”, de Muniz Sodré. Parte de reflexões de uma professora regente da referida componente e as leituras extracurriculares sobre as obras que propõem um repensar sobre o existir na perspectiva de uma filosofia não ocidentalizada que contemple as culturas africanas e afro-brasileiras.</p>	<p>Analisando a ementa da componente, percebemos a predominância do estudo do corpo ocidental, talhado física e imagetivamente na filosofia eurocêntrica, em detrimento de uma visão mais diversa de corpo que contemple as práticas corporais de origem africana, indígena e afro-brasileira. Refletindo sobre o recorte admitido no PPC, Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRB, notamos uma predominância total da filosofia brancocêntrica, sem qualquer referência aos chamados “corpos dissonantes” aqueles que divergem da imagem helênica do belo e do produtivo que caracteriza a corporeidade ocidentalizada. A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, é a terceira no país em número de docentes e discentes negros, perdendo apenas para a Palmares (SP) e UNILAB (BA). Sendo o curso de Licenciatura em Educação Física o quarto mais concorrido de todos os campi da universidade, ostentando ainda o grau de curso com menor evasão no Centro de Formação de Professores, localizado no campus da cidade de Amargosa, defendemos que é preciso repensar a formação de professores de Educação Física em outras perspectivas filosóficas além da referência greco-romana.</p>
<p>Forjas Pedagógicas: rupturas e reinvenções artísticas na corporeidade negra -</p> <p>2018</p> <p>Thiago Pirajira Conceição (UFRGS).</p>	<p>As ideias apresentadas neste trabalho compõem uma pesquisa de mestrado acadêmico em fase de desenvolvimento. A investigação, de caráter teórico-prático, possui uma dupla proposição. A primeira, trata da análise do processo de criação de artistas cênicos negros que fazem parte de um bloco de carnaval de rua, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A segunda, visa a formulação de uma epistemologia anti-hegemônica que dê conta das subjetividades dos sujeitos participantes. Parte-se do pressuposto de que o corpo negro na diáspora é atravessado pela simultaneidade: de um estado de dor frente ao genocídio constante do projeto estrutural-racializante; das resistências a essa condição nas quais reinventam modos possíveis de vida.</p>	<p>O termo forja, assentado na mitologia yorubá, assume os sentidos de desestabilização / reinvenção e opera como campo de possibilidades. As forjas pedagógicas tentam abarcar as dimensões subjetivas da criação artística do corpo negro e pressupõem, ainda, a validação do sujeito em suas particularidades, nos seus diversos métodos de agenciamento do corpo e em seus modos de construção de saberes. Se tornam também um instrumento de escuta fiel aos corpos historicamente silenciados, que vem assumindo posturas de enfrentamento artísticas-estéticas-poéticas contra as narrativas dominantes. Visam, ainda, problematizar o campo das artes cênicas a partir do tensionamento das relações étnico- raciais e da construção de uma educação antirracista. A pesquisa é atravessada pelas teorias de Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes, Frantz Fanon, Abdias do Nascimento, Sueli Carneiro, Achille Mbembe, Celina Alcântara, Djamilia Ribeiro, Luiz Rufino, entre outros.</p>
<p>O corpo negro: a estética negra como forma de resistência -</p> <p>2018</p>	<p>O objetivo deste trabalho foi discutir a construção da estética do homem negro, examinando como este corpo foi construído historicamente e a importância de sua ressignificação para o empoderamento negro. No Brasil, estes</p>	<p>Segundo o autor, na historiografia o negro sempre teve seu corpo estereotipado, marcado por uma invenção social. Infelizmente, o pensamento do europeu sobre a África foi disseminado pelo mundo e criou raízes, fazendo com que o racismo se tomasse parte da estrutura que sustenta a sociedade. Mas</p>

<p>Rhauel de Lemos Santos (Universidade Federal do Paraná)</p>	<p>estereótipos criados pelo colonizador branco sobre o negro se perpetuaram e permanecem até os dias de hoje, o corpo negro continua carregando a marca da marginalização e da inferioridade.</p>	<p>mesmo com a intenção de esconder a história africana e o seu passado de país escravocrata, negros/as brasileiros/as resistiram através de sua ancestralidade e foram se afrocentrando, criando um arcabouço de conhecimento, dando-lhes a possibilidade de lutar e de existirem.</p>
<p>Corpo e cabelo negro: significados e interações das crianças de 3 anos de idade em uma Unidade de Educação Infantil de Belo Horizonte - MG -</p> <p>2018</p> <p>Elândia dos Santos (UFMG).</p>	<p>Trata-se de uma pesquisa desenvolvida no mestrado 2018/2019 da linha de pesquisa Infância e Educação Infantil do Programa de Pós-Graduação em Conhecimento e Inclusão Social em Educação da UFMG, cujo tema central é compreender como as crianças de 3 anos de idade constroem os significados sobre o corpo e o cabelo negro nas interações que estabelecem em uma Instituição de Educação Infantil de Belo Horizonte – MG. A pesquisa será realizada em uma Instituição de Educação Infantil de Belo Horizonte com crianças de 3 a 4 anos de idade, segundo recorte etário da PBH, compreendendo o segundo ciclo da educação infantil. Inspirações que tensionaram estes projetos estão pautadas na tese de doutorado em Antropologia Social da professora Nilma Lino Gomes, USP/FFLCH, 2002 que promove discussões sobre aspectos que tematizam este trabalho. Este trabalho ressalta as discussões atuais no campo das Infâncias e Educação Infantil, segundo autores que as tematizam como tais como, Campos (2009), Rosemberg (2012), Kramer (2015), Cerizara (1999).</p>	<p>A ausência de representatividade dos povos negros são experiências sociais que trazem alguns conflitos de identificação nas vivências e na cultura de pares. Percebemos ainda que existe um julgamento das crianças que não se faz ainda por palavras, mas pelo silêncio e pelo distanciamento. Dessa forma, as crianças em suas construções sobre o pertencimento étnico-racial, a seu modo, expressam-se, apontam ou se calam. Por isso, vale ressaltar a importância da escola e da história, o valor e a beleza da estética do negro a partir dos artefatos expostos em seu ambiente, oportunizando que as crianças negras se sintam representadas positivamente no seu meio.</p>
<p>Corpo e corporeidade negra na Educação Física escolar: possibilidades e novas tensões a partir da lei 10.639/03</p> <p>2018</p> <p>Bruno Henrique de Paula (Universidade Federal do Espírito Santo).</p>	<p>A presente proposta de trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento que desenvolve no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Nela busco refletir sobre a prática pedagógica de professores de Educação Física egressos dos cursos de formação continuada em educação para as relações étnico-raciais promovidos pela Prefeitura Municipal de Serra/ES. O principal objetivo dessa investigação é analisar se tais professores e professoras têm suas práticas ressignificadas após a realização do curso e, de forma específica, propõem articulações com análises dos processos de construção social do corpo e corporeidades. As principais questões que norteiam o estudo estão centradas na identificação de possíveis tensionamentos pedagógicos e</p>	<p>Contudo, cabe destacar que apenas o conteúdo da lei não se traduz como solução imediata para os problemas postos ao longo da história, especialmente na colonialidade do ser, do saber, assim como das bases epistemológicas que norteiam os cursos de formação inicial e continuada em educação, especialmente na Educação Física. É de extrema importância, mesmo em âmbito local, acompanhar e analisar os processos de implementação da lei 10.639/03 e suas diretrizes, tendo como ponto de partida a prática docente apontando não só limites e entraves, mas, especialmente, aperfeiçoar aspectos positivos tanto da legislação e seus eixos normativos quanto das ações realizadas no contexto escolar que contemplem de forma satisfatória o propósito da (re)educação para as relações raciais e uma educação escolar verdadeiramente democrática.</p>

	epistemológicos que emergem no campo da Educação Física escolar a partir da lei.	
<p>Narrativas Estudantis Negras: Sentidos da Educação Física escolar para a educação étnico-racial.</p> <p>2018</p> <p>Izaú Veras Gomes (UFMG).</p>	<p>O presente texto busca ampliar tais reflexões e contribuir para a construção de novas possibilidades de aprendizado e percepção do mundo a partir da dos saberes estéticos-corpóreos negros (GOMES, 2017). Retomando o percurso histórico que direcionou as práticas pedagógicas da educação física, compreende-se que ela esteve diretamente ligada à discriminação do corpo negro e de sua cultura. (MATTOS, 2007). Nesse sentido, combater o racismo na escola também perpassa pelo corpo onde recaem práticas históricas das desigualdades e de violência simbólica que provocam inúmeras demarcações negativas com os estudantes negros e negras.</p>	<p>O autor traz apontamentos e provocações muito pertinentes à educação física. Sua narrativa encerra-se sem uma conclusão. Ele se apoia ao final em sua pergunta inicial que perpassa a cultura corporal e um trabalho efetivo voltado e relacionado as questões raciais. Para o autor, “... É preciso migrar do campo da subjetividade para a objetividade...” É apontamento do autor ainda que a Educação Física, enquanto área do conhecimento vinculada à dimensão do corpo e suas diversas práticas socioculturais, estando inserida nesse contexto e com seu histórico eugênico, esportivista e militarista, também necessita se transformar para permitir ao negro (e todos sujeitos não brancos) a tomar essa consciência de novas formas de existir no mundo.</p>
<p>Poder Me Orgulhar: Funk e Educação Física Escolar na Educação para as relações étnico-raciais</p> <p>2018</p> <p>Izaú Veras Gomes (UFMG).</p>	<p>O trabalho teve como objetivo compartilhar experiências, através da narrativa autobiográfica sobre práticas pedagógicas em Educação Física escolar com o Funk, prática cultural muito presente no universo estudantil de meu contexto escolar. O texto constitui-se de um relato de experiência de tais práticas pedagógicas realizadas em dois anos letivos com turmas do 3º ciclo do Ensino Fundamental, nas aulas de um professor de Educação Física em uma escola como possibilidade de ressignificação da disciplina para contribuir na educação para as relações étnico-raciais e superação do racismo</p>	<p>O autor traz em sua conclusão apontamentos relevantes no que tange pensar as questões raciais no espaço escolar. Ele fala da necessidade de romper com as barreiras do conteudismo escolar e com o aspecto de que a valorização da cultura negra é responsabilidade somente dos professores negros ou da professora negra militantes. Essa responsabilidade é de todos os profissionais envolvidos com a educação e em todo o currículo escolar, pois a cultura negra não diz respeito só ao estudante negro, mas a todos os sujeitos sociais e, portanto, educar para as relações étnico-raciais demanda ressignificar os modelos de educação postos. Para o mesmo o que tange à Educação Física, os desafios como a formação de professores e das práticas pedagógicas que se efetivam no chão da escola são enormes, seja pelos currículos dos cursos de formação de professores, pela escassez de pesquisas ou pelo histórico higienista e esportivista da área.</p>
<p>Meu corpo dança: reiteração de Memórias de movimentos ancestrais</p> <p>2020/2021</p> <p>Tatiana Maria Damasceno</p>	<p>Esta comunicação pretende apresentar recortes da pesquisa cênica e apresentação do solo Fé no Corpo ou Corpo em Fé? sem perder de vista, procedimentos artísticos que venho desenvolvendo na Universidade Federal do Rio de Janeiro a mais de 20 anos. A ideia é rememorar o caminho trilhado, confirmando e afirmando escolhas de pensamentos, pesquisas artísticas e práticas pedagógicas. Procedimentos que mobilizam conceitos e saberes afro-urbano-ancestral ancorados na cosmovisão africana, afro-brasileira e</p>	<p>A autora aponta que “... o que foi experiência e se configurou como memória corporal, é revivida e sentida novamente no espaço do acontecer, onde o sujeito da experiência, como bem sublinha Bondía (2002), é tomado de paixão, de receptividade, de paciência, de disponibilidade e de abertura essencial.” Ela diz ainda que a repetição do gesto assim como lugar de apropriação de uma fala que se transforma na medida em que os ensaios iam acontecendo, propiciaram uma mudança do corpo e da cena. A memória, aos poucos, foi se tornando um discurso alterado pela construção do movimento do corpo. [...] As tradições afro- brasileiras revelam e afirmam uma cultura do corpo-oral. Um corpo que</p>

	afroameríndia, entendidos aqui como ações performáticas contra hegemônica.	funcionou para os negros como lócus de alteridade. [...]Assim, podemos pensar no corpo como local da inscrita de textos de movimentos que guardam a memória de um grupo no processo de travessia. [...] o corpo, expressão maior de mediações cultura/natureza, imbuído de saberes orientados pelos ritos e pela tradição, constitui-se e se organiza como um arquivo vivo ambulante, que transita por muitos lugares disseminando saberes.
<p>Corpo negro e educação: discutindo Questões étnico-raciais em um projeto Político-pedagógico-participativo</p> <p>2020/2021</p> <p>Angela Maris Murillo Araujo</p>	<p>A pesquisa aqui apresentada teve como objetivo investigar como se dá a inserção das questões étnico-raciais nas instituições de educação num projeto político pedagógico participativo. Este trabalho é fruto de pesquisa de mestrado (ARAÚJO, 2020), que teve como tema o corpo negro e educação: discutindo questões étnico-raciais em um projeto político pedagógico-participativo (PPPP). O ponto de partida se deu da parceria entre Universidade1(grupo de pesquisa ECOFAM) e território da zona oeste de São Paulo, que ocorre há mais de duas décadas, envolvendo um trabalho de intervenção e participação de Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional à família, escola e comunidade. O referencial teórico foi composto principalmente por estudos orientados pela abordagem fenomenológica, perpassando pelo entendimento do método investigativo (CRITELLI, 2006) para compreensão do fenômeno que se apresenta numa perspectiva que supere um olhar focado na racionalidade técnica de pensar o ser.</p>	<p>Apesar dos quase 20 anos da Lei 10.639/2003, as orientações para uma educação antirracista continuam ausentes em muitas instituições educativas brasileiras, tanto nas práticas pedagógicas quanto na intencionalidade expressa nos Projetos Políticos-Pedagógicos. [...] Compreendendo que é direito dos bebês, crianças e adolescente a educação que valorize a cultura e história do povo negro. [...] Evidenciou-se a necessidade de discutir quem é o negro no Brasil, decorrentes da construção de ideologias de embranquecimento, teorias racistas e imaginários equivocados para segregar e inferiorizar o negro. No atual momento histórico é fundamental, para manter a esperança, buscarmos caminhos possíveis de transformação, ainda que não ignoremos os desafios a enfrentar</p>
<p>Formação continuada de professoras/es da educação infantil, na perspectiva da corporeidade e da literatura afro-brasileira e africana</p> <p>2020/2021</p> <p>Sarita Faustino dos Santos</p> <p>André da Silva Mello</p>	<p>O presente estudo apresenta-se como um projeto de mestrado em desenvolvimento e pretende fomentar a discussão étnico-racial para potencializar a desconstrução do racismo, uma vez que na Educação Infantil de Vitória/ES existem práticas e comportamentos sociais que necessitam de enfrentamento. Há relatos de professores que evidenciam a angústia de famílias negras ao não declararem o seu pertencimento racial no ato da matrícula; famílias de mães e de pais negros que negam tal pertencimento na ficha de matrícula dos seus filhos, declarando-os como “brancos ou pardos”, gerando, com isso, falsos indicadores na promoção de políticas públicas do município.</p>	<p>Encontra-se neste texto um conjunto relevante de apontamentos. Os autores pontuam que consideram a importância do estudo sobre as infâncias, as relações raciais, a corporeidade e a literatura como dimensões constituintes do processo formativo docente, na perspectiva de situar a afro-brasilidade não em uma data específica e comemorativa, mas dentro do cotidiano escolar ao longo de todo o ano letivo, se faz necessário. Vão apontar ainda que, pensado no contexto de globalização, as diversas culturas que caracterizam as várias infâncias transitam entre as noções de identidade e diferença como uma relação social. Diante dessa conjuntura, propor uma pesquisa colaborativa, em que os professores são convidados a refletir sobre sua prática, a partir de uma abordagem das questões étnico-raciais e do combate ao racismo, corresponde à mobilização de pressupostos teóricos que permitem a formação do/a</p>

		professor/a que avança para além do campo dos discursos.
<p>Desumanização do corpo negro: a influência das imagens de controle no Processo de subalternização da mulher negra.</p> <p>2020/2021</p> <p>Aline Alves Aleluia Eduarda Gonçalves Marengo</p>	<p>O presente trabalho tem por objetivo analisar as formas de desenvolvimento e mudança em torno do processo de desumanização dos corpos negros femininos, que se refaz por meio das imagens de controle, tornando-se instrumento para a subalternização de mulheres negras, o tema encontra sua importância, em compreender como as imagens de controle contribuem para essa subalternização.</p>	<p>As imagens de controle foram instituídas como uma nova forma de manutenção de poder sobre os corpos negros após o fim do período escravocrata, sendo esta uma política muito mais difundida entre a população branca como algo natural, visto que o pensamento de que os grupos não brancos precisavam ser ensinados e “domesticados” ainda no período de escravidão era tido como justificativa para diversos atos dos povos colonizadores, o que acarretou a inferiorização destes grupos, principalmente a negritude escravizada. A sobrevivência destas mulheres negras à todas as violências que silenciam suas experiências custam estratégias de resistências, estas que se renovam ao ponto que a matriz de dominação também se inova; desta forma, a autodefinição possui uma grande importância, visto que essa envolve desafiar o processo de validação</p>
<p>Educação e relações étnico-raciais na escola</p> <p>2020/2021</p> <p>Sueli Melo</p>	<p>Nessa perspectiva, este texto teve a intenção de verificar, nos depoimentos dos(as) estudantes negros(as) do turno matutino do Colégio Estadual Camilo de Jesus Lima, em Vitória da Conquista na Bahia, a importância da autoimagem e da autoestima na construção do autoconceito positivo e na constituição de relações interpessoais saudáveis e afetuosas, criando, no contexto escolar, um clima adequado e favorável ao processo de ensino e de aprendizagem. Procurando compreender como ocorrem os processos de autoimagem, autoestima e autoconceito entre os(as) estudantes negros(as) do colégio pesquisado, foram feitos alguns questionamentos relacionados a esta temática.</p>	<p>Conclui-se que são necessárias ações consistentes por parte das secretarias de educação e das escolas para formação dos profissionais da educação sobre o trabalho relacionado, a temática das relações étnico raciais de forma adequada, pois, além de uma legislação específica, é preciso fornecer o suporte para que os(as) profissionais tenham condições concretas de trabalhar um tema que interfere, tanto no aprendizado, quanto no autoconceito de crianças e jovens estudantes negros(as) inseridos no contexto escolar. Precisa-se escutar crianças e jovens negros(as) que constituem um dos segmentos do sistema educacional; precisa-se refletir sobre a função social da escola na formação de agentes críticos e reflexivos sobre a própria realidade e que, principalmente, se percebam como sujeitos de sua história, que tenham orgulho da etnia e da história de resistência dos ancestrais, o que, certamente, contribuirá para a elevação da autoestima e construção de autoconceito positivo.</p>
<p>Educação para as relações étnico-raciais: a autoformação como estratégia de formação do professor e da professora na perspectiva de uma educação antirracista</p> <p>2020/2021</p> <p>Jussara Santana De Araújo</p>	<p>O texto, das autoras tenta relatar as vivências das mulheres no momento da escrita. Propomos um debate sobre autoformação como estratégia de formação em exercício, que trata das relações étnico-raciais na escola e aciona a autobiografia como dispositivo formativo a partir da escrita de si, trazendo para o centro do debate autores/as que dialogam com as possibilidades de formação de professores/as. Carvalho (2008), Pereira (1996).</p>	<p>As autoras propõem a autoformação como formação em exercício para uma educação antirracista através da autobiografia, tentamos entrelaçar os fios narrativos para tecer uma trama do processo formativo dos/as professores/as. Como nos alertou Anzaldúa em sua carta, escrever não é fácil, porque narrar a si mesmo para outra pessoa exige de cada um/a o exercício de estar se constituindo durante o processo desta narrativa. Nos vários fios que formaram essa trama, percebemos que na possibilidade de uma proposta formativa que nos aproxime das questões étnico-raciais, as narrativas pressupõem um encontro consigo mesmo a partir das</p>

Iris Verena Oliveira		memórias de suas trajetórias, sejam pessoais ou profissionais.
<p>Tem lei? E daí? Jogos tradicionais africanos como possibilidade para uma educação das relações étnico-raciais</p> <p>2020/2021</p> <p>Elizabeth De Jesus Da Silva</p>	<p>O propósito desse texto é iniciar uma discussão a respeito de possibilidades para o ensino da história no espírito da Lei 10.639/03 e dos pareceres que a acompanha, principalmente estimulando estudos, pesquisas e escritos daqueles com olhar de dentro da África. Desta forma, apresentar os jogos tradicionais africanos denota uma das inúmeras alternativas pedagógicas que possam aproximar os jovens estudantes de temáticas necessárias para a construção de uma educação emancipadora e antirracista.</p>	<p>A visibilidade identitárias e direito a uma educação que estimule conquistas, a necessidade de evidenciar a história de nossos ascendentes africanos se torna importante para compreensão dialética de nossas vidas. A originalidade do trabalho se encontra na utilização dos jogos tradicionais africanos pensados como elementos de mediação no ensino da história e cultura africana e da educação das relações étnico-raciais, para a construção de escolas plurais. A ideia é que os jogos sejam uma espécie de elo condutor de estímulo ao conhecimento da história e cultura africana, uma aproximação, um redimensionar a história que foi negatizada, silenciada. O salto, portanto, é a descoberta da existência de culturas importantíssimas fora do mundo ocidental, culturas mais próximas da realidade brasileira e, sobretudo, baiana. Portanto, em um esforço de localizar um resultado essencial, seria a legitimidade do reconhecimento histórico, social político e cultural dos povos africanos, refletindo na questão identitária. Foi neste contexto que surgiu a ideia de trabalhar com jogos a partir da necessidade em proporcionar outra movimentação corporal, evidenciar outros lugares, com culturas, ações e comportamentos diferenciados.</p>
<p>Ensino em história e as relações étnico-raciais: pensando a inserção dos negros na sociedade brasileira após a abolição.</p> <p>2020/2021</p> <p>Gisele Cristina Da Câmara</p>	<p>Essa pesquisa leva para a sala de aula o debate sobre diversidade e desigualdades sociais, racismo e reparação histórica. Não como mera obrigação da aplicação da lei 10.639/033, mas consciente do papel transformador da educação, formadora de cidadãos críticos, e que por meio da reflexão histórica entenderão a sociedade contemporânea e a importância do respeito à diversidade cultural e étnico-racial do país.</p>	<p>Esse artigo é resultado de uma pesquisa alinhada a uma prática pedagógica que priorizou as relações étnico-raciais na disciplina de História no contexto da pós-abolição. Conclui-se que esse trabalho desenvolveu uma estratégia de ensino antirracista pautado na educação para as relações étnico-raciais na disciplina de História, Literatura e Arte, que possibilitou a criticidade dos alunos nas questões raciais e na compreensão histórica da sociedade brasileira</p>
<p>Um debate sobre as epistemologias africanas e afro-diaspóricas e a importância para a educação das relações étnico-raciais (Erer)</p> <p>2020/2021</p> <p>André Vinicio Bialeski Vieira Maria Helena Tomaz</p>	<p>Portanto, nosso intuito com esse trabalho é levantar algumas visões epistemológicas e filosóficas do pensamento africano e afro-diaspórico para uma breve reflexão. Ressaltamos a impossibilidade de discutir todas as epistemologias e filosofias deste continente tão múltiplo e tão rico, mas trouxemos alguns aspectos importantes do estudo, recortes promovidos através do estudo realizado para a escrita deste texto. Sendo assim, apresentamos nesse</p>	<p>O ato de superar o pensamento eurocêntrico e de valorização dos mundos africanos é uma ideia bem-vinda à educação das relações étnico-raciais, pois ela vem no encontro de ser um dos passos para superar os privilégios do mundo eurocêntrico e de valorização exclusiva desses se faz muito presente no mundo contemporâneo. Entender as epistemologias e as filosofias africanas não é necessário apenas para a aplicação da lei 10639/2003, mas para também fundamentar concepções de mundo pautadas na diversidade, com muitas culturas e mentalidades, e que não existe apenas uma que seja a certa ou</p>

<p>Marcos Rodrigues Silva</p>	<p>texto um rápido olhar sobre o colonialismo e como ele afeta a vida dos colonizados e ataca suas epistemologias e visões de mundo.</p>	<p>verdadeira: todas elas podem dialogar, sendo isso auxiliador na construção de um mundo melhor, um mundo que supere os pensamentos raciais e que não valorize exclusivamente os valores eurocêntricos.</p>
<p>Letramento de corpos negros surdos Para decolonizar a linguagem</p> <p>2020/2021</p> <p>Ícaro Augusto Santos</p> <p>Tânia Ferreira Rezende</p>	<p>O objetivo central desta discussão é problematizar sobre como os corpos de pessoas negras surdas, situados no universo branco-ouvintista, são lidos, enunciam sentidos e tensionam as relações de poder. O espaço branco-ouvintista é opressor e subalternizante, pois impõe às pessoas negras surdas normas e valores de um mundo supremacista branco e ouvinte, aos quais as surdas negras não conseguem corresponder, sentindo-se, assim, inferiores e desvalorizadas.</p>	<p>A partir das referências selecionadas, foram sintetizadas reflexões teóricas que possibilitam evidenciar a colisão das estruturas de cultura/linguagem/epistemologia, raça/cor, gênero/sexualidade, classe e outras categorias de classificação de identificação sociais. No final, foi possível constatar que a opressão e marginalização dos corpos das pessoas negras surdas são resultantes das colisões criadas pelo racismo estrutural, criado pela colonialidade e mantido pelo capitalismo globalizado, reverberando, assim, a negação dos direitos linguísticos e existenciais de pessoas negras surdas.</p>
<p>Reverberações acerca da capoeira enquanto objeto de pesquisa</p> <p>2020/2021</p> <p>Lindinalvo Natividade</p>	<p>O objetivo é apresentar alguns apontamentos da pesquisa de doutoramento ainda em andamento – A Capoeira e os cotidianos de uma educação antirracista, desenvolvida no Programa de Pós- Graduação em Educação – PROPED da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Parto do princípio que a Capoeira é uma das manifestações mais dinâmicas das culturas de matrizes africanas e nela identifico segundo Dias (2011, p.1) “o corpo como um lugar de observação da vida coletiva, da projeção do simbólico, da inscrição da cultura e da reinvenção da tradição”.</p>	<p>Esse agir/pensar permite que os meus personagens conceituais (ALVES, 2019) com suas múltiplas falas “não sejam alegorias ou apenas dados de pesquisa, mas uma voz presente que dê a pensar e a pensar-se em nossas ações investigativas” (REIS, 2017). A partir dessa dinâmica proponho para o trabalho de campo “rodas de conversas” na qual vejo o diálogo como um momento de trocas e de exercícios de escuta atenta (PASSOS, 2014) e de fala compartilhando e dividindo histórias. Espero ao final da pesquisa ter colaborado na organização de movimentos insurgentes, pensamentos decoloniais e atitudes antirracistas através da Capoeira, das experiências e das vivências do corpo negro.</p>

Fonte: quadro elaborado pela pesquisadora.

6.2.2.- Produções Teóricas Encontradas nos Anais do COPENE

Importante destacar que as produções teóricas presentes nos anais do COPENE sobre a temática em questão, foram produzidas por autores em sua maioria negros que estão fomentando e apresentando discussões com a intencionalidade clara e explícita de qualificar a intervenção social, bem como pedagógica escolar e, conseqüentemente, a

Educação Física, na perspectiva de uma educação antirracista, insurgente e que considera em suas ações não a diferença, mas a diversidade.

Para tanto, foram identificados e analisados os trabalhos presentes nos Anais do Copene dos últimos 10 anos de produção. Ou seja, de 2012 até os dias atuais (2021). Importante destacar que tal período foi de intenso debate acadêmico, onde a existência desta instituição esteve muito atrelada ao debate sobre o racismo estrutural existente na sociedade brasileira e por isso, surge a necessidade de aprofundar as discussões sobre raça e educação antirracista. Para organizar o conhecimento encontrado e, ao contrário de como foi a apresentação da produção do CONBRACE, criou-se categorias de discussão, muito em função das especificidades desta instituição.

Importante destacar que a produção teórica sobre a temática do corpo negro realizado por homens e mulheres negras tem uma importância estrutural/simbólica muito grande, pois, não se trata somente de uma investigação/escrita de autores que se sensibilizam com a temática, mas de pessoas que estão imersos na cultura de povos negros e vivenciando os comportamentos sociais de uma sociedade racista. É, exatamente neste sentido, que tomo emprestado o conceito de *escrivivências*³¹, cunhado por Conceição Evaristo, para dar uma conotação central na produção desta instituição acadêmica, identificadas entre 2012 e 2020/2021.

6.2.3 - Corpo Negro, Gênero e Sexualidade

Nesta categoria enumera-se o trabalho intitulado **Estranhamentos Públicos com o Corpo Negro Gay: obliquidades entre Madame Satã e Jorge Lafond**, de autoria do Alecsandro José Prudêncio Ratts³², bem como, a produção de Camille Gouveia Castelo Branco Barata (UFPA/CNPQ) e de sua orientadora: Jane Felipe Beltrão (UFPA),

³¹ Transcrevo, na sequência, o fragmento de uma entrevista em que a escritora, Conceição Evaristo conceitua o termo *escrevivência*: quando eu usei o termo ... *escrevivência* [...] se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória, a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa *escrevivência*, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (EVARISTO, 2017)

³² O professor Alecsandro J.P.Ratts, tem importantes produções sobre a temática, que faz-se importante destacar o texto produzido em parceria com a pesquisadora Talita Cabral Machado.

intitulada, **Corporeidade entre mulheres da etnia tembé tenetehara: articulações entre gênero e etnia no contexto amazônico**. A pesquisadora seguiu nesta vertente, pesquisando gênero, corporeidade e mulheres indígenas, inclusive possui seu trabalho de conclusão do curso de antropologia, dissertação de mestrado e doutoramento em curso, bem como, artigo premiado sobre o mesmo tema. O artigo foi contemplado com o segundo lugar do Prêmio Lévi-Strauss 2016 (modalidade B), promovido pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA³³).

Além dessas duas produções, encontra-se também o trabalho da pesquisadora Cristian Souza de Sales (2012), intitulado, **Escritoras Afro-brasileiras: construindo tessituras poéticas para o corpo feminino negro**. O artigo trata em alguma medida, desta nova visão da mulher negra através da poesia de Miriam Alves.³⁴ Segundo Sales (2012), a autora, em seus versos, tem inscrito outras formas de discutir este(s) corpo(s) que se distanciam das representações estereotipadas, etnocêntricas e falocêntricas construídas, historicamente, por uma tradição cultural no Brasil. Já o conjunto de autores Otávio Araújo, Lita Cerqueira e Adriana Medeiros - Janaina Barros Silva Viana, Wagner Leite Viana também participaram do COPENE em 2012, mas não foi possível ter acesso a produção, nomeada, **poética e Narrativa do Corpo Feminino em Abdias do Nascimento**. Ainda assim, considerou-se importante que o título tivesse sido registrado aqui, visto que, naquele ano, a instituição homenageou o autor. Importante informar que alguns dos artigos presentes naquele ano foram alocados em outra categoria conforme pertinência.

6.2.4 - Corpo Negro e Diáspora

Na categoria que se apresenta com a intenção de evidenciar corpos negros na diáspora e suas experiências, a autora Alissan Maria da Silva, (2012) apresenta-nos uma

³³ O projeto mencionado foi realizado sob orientação da professora doutora Jane Felipe Beltrão e contou com apoio e financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), associado à bolsa de produtividade em pesquisa (nível 1C) do CNPq, processo n.º 303027/2013-4/CNPq. Parte dos resultados da pesquisa pode ser conferida em Barata e Beltrão (2014).

³⁴ Miriam Alves é autora de um trabalho intelectual em pleno processo de produção até a primeira década do século XXI, formado por um amplo e variado repertório sobre temas e questões ligadas à afrodescendência. Militante do movimento negro, afro feminista e professora, considerada uma das primeiras mulheres negras a fazer parte do Grupo Quilombhoje Literatura (1982), responsável pela edição e publicação dos Cadernos Negros (1978) até 2012. Alves tem publicado e divulgado seus poemas, contos, ensaios, artigos, no Brasil e no exterior, tendo iniciado a sua carreira nos finais dos anos setenta do século XX. (SALES, 2012).

discussão de diáspora a partir do Jongo. Em um artigo nomeado, **Jongo: corpo – terra-resistência**, aponta-nos reflexões no sentido de pensar a diáspora como um espaço que evidencia as experiências de dançar algo que é do indivíduo, mas que ajuda a compor o coletivo. Segundo a autora, há uma circulação de valores culturais africanos disseminados pela diáspora que se refletem intensamente na experiência estética e cognitiva dos corpos afrodescendentes.

Também neste sentido a pesquisadora Nadir Nóbrega de Oliveira nos apresenta sua produção intitulada, **Corpo, Ritmo e Movimentos Diaspóricos**. Embora nos falte acesso a esta produção em questão, é relevante mencionar que a autora hoje pós-doutora aposentada pela UFBA, é uma grande referência para pensar corpo e diáspora. Oliveira (2012) entende que “... corpo que realiza suas danças como manifestação de si, de seus desejos e de suas ancestralidades, expressões culturais que são incorporadas como parte legítima de constituição integral desse sujeito, em si e em suas comunidades”. Nessa percepção cabe bem aqui o diálogo com Alissan, a respeito da diáspora e às várias experiências a que ela é associada. Ao afirmar que “...não tratam nem de início e origens, nem exatamente de um produto final, mas do processo, do “entre”, do que está neste “meio termo” que “pulsa” (2012). O lugar de multiplicidade de caminhos e experiências, não concebo neste espaço, a ideia do pronto, do acabado e acrescenta-nos o seguinte: “...Isto quer dizer que as ações não são vazias de significado, e que cada uma delas forma um conjunto, um bloco que, mesmo com aparência de dispersão, há de ser entendido, em um contexto macro. Considerando este espaço múltiplo de caminhos e significados, interessa dialogar com a historiadora Maria Antonieta Martines Antonacci, que em sua produção, **O Belo e o Sublime em Corpos da Diáspora**, fala-nos do corpo negro, suas experimentações e construções a partir do canto, do batuque, da religiosidade e da dança. A autora refere-se ao corpo como “...expressão maior de mediações cultura/natureza - como "arquivo vivo" de memórias sem fronteiras”. O corpo negro é apontado para a autora como aquele que desafia verdades.

A produção referente à diáspora apresenta dois trabalhos que discutem sobre mulher negra e o homem negro, ambos os autores, Sônia Beatriz dos Santos (2014), com **O Corpo e a Imagem de Mulheres Negras no Brasil Contemporâneo: “sites” de discriminação racial, de gênero e sexual**, e Rhaul de Lemos Santos, com **O Corpo Negro: a estética negra como forma de resistência**, querem desafiar, desconstruir e repensar visões sobre o corpo negro feminino e masculino. Neste último trabalho o autor

discute a construção de um modelo de estética pautado no homem branco. Ele nos aponta que a sociedade pautada no racismo faz com que negros e negras busquem, ainda que de forma inconsciente “... estarem mais perto do ideal branco, a fim de conseguirem ascensão social...” (2018). O autor embora tenha como foco o homem negro, não se furta de mencionar as condições de opressão que vivem mulheres negras e para tal, utiliza como referência de sua discussão, as autoras Gomes (2002) e Mattos (2015), que vão discutir, dentre outras questões, as questões referentes a estética e identidade negra, somando a elas o dito por Crenshaw (2012), que trata da universalização dos direitos humanos que visibilizam as opressões que diferenciam e excluem mulheres negras do lugar de humanidade.

6.2.5 -Corpo Negro e Biologia.

Embora em outra categoria, mas pensando ainda este lugar de humanidade, temos a discussão proposta por Florença Freitas Silvério (2016)³⁵, intitulada, **Qual Corpo é Humano para a Biologia?** A autora questiona a pouca presença de temas relativas às questões raciais, no sentido de desfazer questões de estereótipos e hierarquização de corpos. A autora localiza a discussão no período compreendido durante os séculos XVIII e XIX. O artigo original foi escrito em parceria com o pesquisador, Marcelo Tadeu Motokane.

Encontrou-se também a produção nomeada, **Purificação do Corpo/Templo: a manutenção da Saúde Entre Grupos Rastafáris**, do autor David José Silva Santos. Ainda que não tenhamos tido, neste caso, acesso ao artigo original, mas ainda assim, segue na tabela e elencado nesta categoria, por se tratar de uma produção científica que esteve presente na edição 2016 do COPENE e, de acordo com a pesquisa eletrônica realizada, é a vertente de interesse deste pesquisador.

6.2.6 -Corpo Negro e Necropolítica.

³⁵ SILVÉRIO, F. F.; MOTOKANE, M. T. O Corpo Humano e o Negro em Livros Didáticos de Biologia. Revista Contexto & Educação, [S. l.], v. 34, n. 108, p. 26–41, 2019. DOI: 10.21527/2179-1309.2019.108.26-41. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/8773>>. Acesso em: 5 mar. 2022.

Os artigos classificados nesta categoria se dispõem a trazer para discussão o conceito de necropolítica e de que forma ela atravessa, corpos negros. Encontrou-se a produção de quatro pesquisadores:

Michele Lopes da Silva Alves (2016) com artigo, **Corpos Negros: a política da colonização e possibilidades de descolonização da racialização?**; Darlam do Nascimento, com a produção, **Mensurando Necropolítica: corpos negros (e) LGBTQs**, as pesquisadoras Aline Alves Aleluia e Eduarda Gonçalves Marengo, com o artigo, **Desumanização do Corpo Negro: a influência das imagens de controle no processo de subalternização da mulher negra** e, por fim, o pesquisador Eliseu Amaro de Melo Pessanha, com o artigo, **Necropolítica: as estratégias de eliminação do corpo negro**.

Este último artigo estabeleceu um diálogo com o conceito de necropolítica do filósofo camaronês Achille Mbembe (2011), que entende que tal expressão serve “para se referir a uma política de extermínio institucionalizada, na qual o Estado, exercendo o biopoder que lhe foi conferido por definição, escolhe quem deve viver e quem deve morrer”. A intenção entre outras coisas, foi analisar o processo escravagista e sua contribuição no processo que legitima a morte de corpos negros, no que os autores chamam de atualização de técnicas coloniais. Discute-se aqui a diferença no modo de olhar para o corpo e sua “morte”. O racismo é apontado nesta obra como um mecanismo para matar no contexto de política e dominação que sustenta duas ideias complementares: uma que diz que existem diferentes raças humanas e a outra que entende a existência de inferioridade entre as raças. O corpo é apresentado por eles, a partir de algumas epistemologias tais como: o corpo na concepção filosófica grega; o corpo em uma concepção filosófica africana; o corpo e os mecanismos de dominação (Foucault); o corpo encarcerado (escravidão). No entendimento de Pessanha & Nascimento (2018), a necropolítica é algo diferente do que já se viveu no passado, como evidencia o fragmento a seguir:

Esta morte da necropolítica é completamente distinta desta transição para outros modos de existir, nos quais acreditam os povos tradicionais africanos. Não é aquela morte que permite seguir vivendo de outros modos, mas uma morte que aniquila, que extermina, que fere um povo inteiro. PESSANHA & NASCIMENTO (2018, p. 168)

Neste ponto considero pertinente nomear o texto de “aposta-convite”, a aposta contempla o lugar da esperança, do desejo de poder dizer e o convite é o convocar outros

para que também ocupem este lugar da fala, qualquer que seja o espaço de inserção. É de alguma maneira caminhar de forma a não permitir a morte, a escrita aqui é a ação política o grito de quem diz eu existo. Considerando, em minha percepção, a construção feita pelos autores é importante para pensar o corpo negro se considerarmos o quantitativo de lentes (Pessanha & Nascimento, 2018)³⁶, que foram utilizadas por eles para tecerem o pensamento/sentimento apresentado.

A produção de Aleluia e Marengo (2020), exemplifica a atuação de um braço da necropolítica, a subalternização, aqui especificamente tratada em contextos que envolvem mulheres negras. As autoras traçam um panorama histórico em torno do processo de subalternização de mulheres negras, analisando as formas de desenvolvimento e mudança, neste contexto, indicando a presença de luta das mulheres, no sentido de mudar o cenário em que viviam, como evidencia o trecho a seguir:

houve insurgência e luta por parte dessas mulheres a fim de livrarem-se das violências e opressões sofridas, há na história nomes de grandes mulheres, como por exemplo Dandara dos Palmares, Luiza Mahin, Tereza de Benguela, entre outras mulheres que foram símbolo de luta e irrisignação, que lutaram bravamente contra um sistema tirano.” (ALELUIA; MARENGO 2020 p.)

Segundo ainda tais autoras, as mulheres escravizadas são personagens históricos que representa bem a luta por mudar, o que elas nomeiam no trabalho de *imagens de controle*. Neste ponto é tecido um diálogo com Patricia Hill Collins (2019) que afirma que “...são as representações que fazem parte das relações de poder que influenciam a forma como as mulheres são vistas e tratadas em todas as esferas sociais (relações afetivas, no mercado de trabalho e etc”. Considerando então, as situações de apagamentos das histórias destas personagens negras, uma questão que se apresenta imperativa é a urgência pedagógica de contar essas histórias e desconstruir essas imagens de controle, muito presente na educação básica bem como, na produção do conhecimento, principalmente quando identificamos a pouca apropriação das produções de mulheres negras na Educação Física.

36 <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4327>

6.2.7 - Corpo Negro e Arte - Formas de Reexistir

Nas produções presentes nesta categoria estão dispostas experiências corporais que perpassam o corpo negro deslocando-o para um espaço novo. E é neste contexto que, a obra de Mariana Queen Nwabasili (2016), intitulada, **O Que Fala Junto Com as Xicas da Silva das Ficções: uma dialética dos corpos como signos ideológicos extradiagéticos**, trata-se de uma dissertação de mestrado, onde a pesquisadora faz análise da imagem ficcional que circunda Chica da Silva, a partir das representações presentes no filme “Xica da Silva, de Cacá Diegues de 1976 e no livro homônimo de João Felício dos Santos.

A discussão da autora perpassa a maneira como a mulher negra (pessoas negras), são representadas em produções audiovisuais, a partir de um olhar branco. A autora chama a atenção para a presença de permanências tanto nas produções, como nos lugares de representatividade que pessoas negras estão inseridas. A pesquisa utiliza como fundamentação o pensamento presente na obra de bell hooks (1992), a qual destaca a desigualdade das disputas discursivas e a grande quantidade de discursos negativos em torno de corpos negros, que faz com que pessoas negras compactuem com imagens negativas de corpos negros próximos, como evidencia o fragmento a seguir:

A importância social e política do imaginário (que é possível ser criado a partir de ficções) se mostra justamente a partir da reivindicação das formas de existência das representações ficcionais. O poder político e simbólico (Stricto sensu) do imaginário está justamente em ser uma forma de ordenação o *real* (comumente entendido como realidade) que poderia ser e então é passível de alguma existência ou entendido como possível de vir a existir. (NWABASILI,2016, p.213)

Assim sendo, o que é apontado por Nwabasili (2016) e Rosa (2019), como o valor político e simbólico do corpo que vemos e o que se apresenta nas construções e rupturas com conhecimentos já apreendidos pelo corpo, neste caso considerando os lugares e trânsitos do corpo, Thiago Pirajira Conceição, discute em sua dissertação de mestrado “Forjas³⁷ Pedagógicas: rupturas e reinvenções artísticas na corporeidade negra”.

³⁷A forja do orixá Ogum, senhor das batalhas, das tecnologias e da ciência, traz em seu sentido a ruptura com o sentido da palavra na língua portuguesa. O substantivo carrega em si o que seria o sentido figurado do verbo em português. Os sentidos figurado e literal da palavra, na língua portuguesa, se fundem no sentido do termo africano. Nessa composição, é possível perceber uma não dicotomia entre o sentido literal e o figurado, as duas conotações são simultâneas. Isso abre um campo para pensar que a metáfora, o sentido figurado, ou, a poesia, não se separam do literal. Ainda poderia se dizer que o próprio sentido é reinventado, forjado. [...] Apresenta-se a noção de forjas pedagógicas como uma possível

O corpo político em um espaço político que é o carnaval, não só como uma festa, mas como um espaço em que a experiência individual é parte da vivenciada por um coletivo, como afirma Conceição (2019):

[...] o carnaval para além de um olhar unidimensional e de uma temática. Ele pode ser visto como uma perspectiva-encruzilhada na qual se encontram o passado, o presente e o futuro em pleno movimento. [...] um fértil território no qual se poderiam desenvolver epistemologias suficientemente consistentes para pensar a educação, a arte, a filosofia e as demais áreas do conhecimento em uma perspectiva decolonial e diaspórica desde a América do Sul. (CONCEIÇÃO 2019, p.75)

A produção intitulada, **meu corpo dança: reiteração de memórias de movimentos ancestrais**, de Tatiana Maria Damasceno (2020), trata de uma experiência corporal. A artista também pauta, de alguma forma, o coletivo considerando as experiências que a diáspora pode proporcionar e a reexistência a partir da arte. Segundo Damasceno (2020), essa produção “pode ser compreendida como um movimento social e político em que os sujeitos organizam práticas, expressam vontades e valores, afirmam identidades, articulam discursos abrindo espaço para novos significados e uma maior interação dos indivíduos”. Para nos ajudar a compor o pensamento que nos é elucidado por Gomes (2017), quando afirma que:

[...] vozes e corpos negros anônimos que atuaram e ainda atuam na superação do racismo e na afirmação da identidade, dos valores, do trabalho, da cultura e da vida da população negra, presentes no cotidiano da sociedade brasileira. São as negras e os negros em movimento: artistas, intelectuais, operários e operárias, educadoras e educadores, dentre outros, ou seja, cidadãos e cidadãos que possuem uma consciência racial afirmativa e lutam contra o racismo e pela democracia, mas não atuam necessariamente em uma entidade ou organização específica. (GOMES, 2017, p. 18).

O que se destaca nas produções presentes nesta categoria é o seu caráter e olhar mais abrangente para experiências e corpos que não se colocam, nem se apresentam inicialmente a partir dos espaços tidos como formais. Parafraseando Gomes (2017), sem hierarquização de lugares e saberes, considerando antes de qualquer coisa, uma consciência racial afirmativa, que direciona o olhar e as proposições a partir de onde se está socialmente inserido.

epistemologia reivindicadora que pensaria, sob novos ângulos, as experiências negras nos processos cênicos de criação. Discute-se o termo forja, assentado na mitologia yorubá, como desestabilização, como reinvenção e como campo de possibilidades. (CONCEIÇÃO 2019)

6.2.8 -Corpo Negro e a LEI 10.639/2003

Toda Lei ordinária traz para as suas respectivas áreas de estudo uma avalanche de citações para fundamentar ações e reflexões teóricas. Isso não foi diferente com Lei 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos da Educação Básica no Brasil.

Assim sendo, os trabalhos elencados são exemplos de produções teóricas que de alguma forma utilizaram a Lei para sustentar suas afirmações. Importante lembrar que estes trabalhos citados a seguir foram aprovados pela COPENE no período ora relatado e que, em alguns momentos, não foi possível ter contato com o trabalho completo. Neste sentido, apresento-os em forma de lista contendo o título do artigo, a autoria, o ano de publicação, bem como, o nome da instituição de ensino dos respectivos autores: **Corpos Negros e Humor: discurso, gênero e construção da identidade negra**, das autoras Eliana Sambo Machado e Kassandra da Silva Muniz (2014), ambas da UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto; **Corporeidade negra: mediação entre a arte e o processo de reintegração sociocultural**, de Kelly Cristina da Silva (2014), da UEMG - Universidade Estadual de Minas Gerais; **Do Ato estético ao ato político: uma análise do cabelo e corpo do negro**, de autoria da pesquisadora, Pollyanna Fabrini (2014), da UFU - Universidade Federal de Uberlândia; **O corpo que transpira conhecimento: o ensino da cultura africana por meio da dança**, de autoria da pesquisadora, Gláucia Maria dias Fontoura (2016), sem identificação de universidade pertencente; **A performatividade dos corpos negros como parâmetros para a implementação da lei 10.639/2003 a partir da educomunicação**, de Evaldo Gonçalves Silva (2016), sem identificação de universidade pertencente; **Entre os olhos de jabuticaba e o canto do Sankofa: cartografias de corpos pretos visíveis no terreiro dos pés descalços**, de autoria de Pedro Vitor Guimarães Rodrigues Vieira (2018), do Ginásio Carioca Mário Paulo de Brito - SME/RJ; **Cor e valor: territorialidade científica no debate popular (indicadores de qualidade na Educação – Relações Étnico Raciais)**, de Maria José Damasceno 2018 da Secretaria do Estado de Minas Gerais; **A África é logo ali!: vivências, avanços e desafios para a implementação da Lei 10.639/03 em sala de aula**, de Luana Diana dos Santos (2018), da UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto.

Para além destas produções destaca-se outras com maior profundidade no diálogo com a Lei. A primeira destas é a da professora Elizabeth de Jesus da Silva, com título, **Tem Lei? E Daí?!: jogos tradicionais africanos como possibilidade para uma educação das relações étnico-raciais**. A autora inicia seu texto falando sobre as permanências no que se refere às narrativas utilizadas no espaço escolar, com livros didáticos que se mantêm focadas em ideias eurocêntricas. A autora principia uma discussão a respeito de possibilidades para o ensino da história no espírito da Lei 10.639/03 e dos pareceres que a acompanha, principalmente estimulando estudos, pesquisas e escritos daqueles com olhar de dentro da África. Assim sendo, a proposta da autora de apresentar os jogos pedagógicos compõe muitas das tentativas dela de aproximar os jovens da temática. O texto, em alguma medida, é propositivo pois, traz exemplos interessantes para o trabalho do tema nas aulas. Mas em alguns momentos, o trabalho também traz exemplos para denunciar os estereótipos criados por meio de aulas que perpetuam situações que ela chama de uma África precarizada.

Outro trabalho que segue a mesma perspectiva, é o artigo referente a pesquisa da professora Gisele Cristina da Câmara com o título, **Ensino em História e as Relações Étnicoraciais: pensando a inserção dos negros na sociedade brasileira após a abolição**. Pesquisa realizada com estudantes do 9º ano do ensino fundamental, com o objetivo de levar para a sala de aula, o debate sobre a diversidade e desigualdades sociais, o racismo e a reparação histórica. Destaca-se aqui, a importância dada pela professora para a implementação da Lei, não como uma obrigação, mas por entender a importância de fazê-lo. A autora utilizou de recursos diversos e realizou parte do trabalho com uma docente de outra disciplina. A proposta contemplou escrita, debate, pesquisa e tecnologia (lapbook), etc.

Foi notório perceber que ainda existem muitos desafios para efetivação da Lei em sua plenitude. O rompimento com a estrutura social instalada (por meio de muitas décadas), depende ainda de muitos atos de resistência por parte de docentes e grupos sociais. Foi possível perceber no relato da pesquisadora que, apesar sua da experiência pedagógica, não conseguiu atender todos os pontos da Lei. No entanto, o fato de poder contar com outro colega foi primordial para a realização do trabalho. Outro aspecto muito importante aqui, é o registro e a escrita destas profissionais da educação, sobre seu fazer pedagógico. A leitura dos seus relatos é uma leitura que me envolve e que me contempla, visto que enquanto professora da educação básica e pesquisadora, ete também é o meu

lugar de fala e entendo bem as dificuldades e desafios apontados por elas. Então, neste ponto, me atrevo a tomar emprestado os versos de Anzaldúa³⁸ (2000), que em suas palavras conecta as ações realizadas na educação básica e no espaço acadêmico:

O significado e o valor da minha escrita são medidos pela maneira como me coloco no texto e pelo nível de nudez revelada. [...] Nunca vi tanto poder para motivar e transformar os outros como aquele presente na escrita das mulheres de cor. (ANZALDÚA, 2000).³⁹

As pesquisadoras, Araújo e Oliveira (2020), apresentam um artigo intitulado de **Educação para as Relações Étnicorraciais: a autoformação como estratégia de formação do professor e da professora na perspectiva de uma educação antirracista**, que trata do resultado do movimento de pesquisa construído no Mestrado Profissional em Educação – MPED/UNEB. O trabalho aciona narrativas de professoras e professores como possibilidade de formação. É proposto um debate sobre autoformação como estratégia do movimento de formação em exercício e que trata das relações étnico-raciais na escola. Para tanto o trabalho utiliza a autobiografia como dispositivo formativo, a partir da escrita de si, trazendo para o centro do debate autores/as que dialogam com as possibilidades de formação de professores/as. Destaca-se a passagem do texto em que as autoras justificam a abordagem utilizada:

propomos a autoformação como formação em exercício para uma educação antirracista através da autobiografia, tentamos entrelaçar os fios narrativos para tecer uma trama do processo formativo dos/as professores/as.[...], compreendemos que o diálogo com as de narrativas tem amplas possibilidades no campo da formação docente, para a compreensão acerca da urgência de uma educação antirracista. (ARAÚJO; OLIVEIRA 2020)

³⁸ . Filha de camponeses do sul do Texas, que tiveram suas famílias separadas por uma fronteira imposta, Anzaldúa fazia da leitura o descanso de suas jornadas de trabalho nas plantações. Ativista desde jovem, nos anos 1950 participou dos protestos de camponeses do sul do Texas. No fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, teve contato com a literatura feminista, mas é nos anos 1970 que inicia sua produção literária, quando escreve peças de teatro, poemas, contos, romances e autobiografias. No começo dos anos 1980 defende a posição de que as mulheres de cor deveriam buscar meios para expressar suas ideias, transformando-se em criadoras de suas teorias e não mais em meros objetos de estudo. Publicamos este ensaio, inédito em português, em homenagem aos vinte anos da antologia *This bridge called my back* (MORAGA & ANZALDÚA, 1981) que foi uma das referências obrigatórias nos debates sobre diferença dentro do feminismo norte-americano dos anos 1980 (NT)

³⁹ A escrita/convite de Anzaldúa chega até mim pelas mãos das pesquisadoras Jussara Santana de Araújo e Iris Verena Oliveira, que iniciam sua narrativa a partir dela e como elas me senti convidada a escrever, tecer e bordar palavras e pensamentos. A escrita é um desafio exige certo esforço e entrega, assim como a construção de uma educação antirracista.

Na mesma trilha do movimento de uma educação antirracista, temos o artigo, **Um Debate Sobre as Epistemologias Africanas e Afro- Diaspóricas e a Importância para a Educação das Relações Étnico-Raciais(erer)**, de André Vinicio Bialeski Vieira, Maria Helena Tomaz e Marcos Rodrigues Silva. Segundo os autores esta produção faz parte de um conjunto de ações promovidas pelo Observatório Educação das Relações Étnico-Raciais, dentro do Núcleo de Estudos Afro- Brasileiro (NEAB/UDESC). Espaço constituído por acadêmicos, professores e pesquisadores associados que estão presentes na luta antirracista e assim buscam levantar diversos debates em defesa da igualdade racial, da luta antirracista, da exaltação dos (as)afro-brasileiros (as) e dos (as) africanos (as). Para tanto, eles utilizam como apoio e fundamentação as Leis Federais 10639/2003 e 11645/2009, e contou com parcerias entre a universidade, prefeituras e escolas em Santa Catarina.

De acordo com grupo, entender as epistemologias e as filosofias africanas não é necessário apenas para a aplicação da Lei 10639/2003, mas também para fundamentar concepções de mundo pautadas na diversidade, com muitas culturas e mentalidades, e que não existe apenas uma que seja a certa ou verdadeira: todas elas podem dialogar, sendo isso auxiliador na construção de um mundo melhor, um mundo que supere os pensamentos raciais e que não valorize exclusivamente os valores eurocêntricos.

6.2.9 -Corpo Negro e Educação Básica

Nesta categoria descreve-se as produções que tiveram como foco o corpo negro na educação básica. Para iniciar destaca-se o trabalho da pesquisadora Célia Regina Reis, que possui dois artigos no COPENE de 2012, com os seguintes títulos: **Corpo Negro Invisível na Escola e Corpo Negro em Diáspora: expressões de cabelo afro como sociabilidade, cultura e resistência em São Paulo**. Ambos os artigos antecedem a tese de doutorado em história desenvolvida na PUC/SP, no ano de 2016. A tese traz como título *“Crespos insurgentes, estética revolta memória e corporeidade negra paulistana, hoje e sempre* e traz como ponto central de análise as questões relacionadas a cabelo crespo, entendido enquanto território de insurgências em estéticas de reexistência na decolonialidade de corpos, seres e saberes invisibilizados por padrão cultural hegemônico

eurocêntrico (Reis, 2016, pág. 8) A produção de Mattos (2021) corrobora em grande medida com as proposições deste trabalho. A autora nos aponta caminhos para pensar o corpo, a escolha estética para o corpo negro, como podemos perceber no fragmento abaixo:

No Brasil, o corpo negro é essencialmente o protagonista de um fenômeno que se inscreve na diáspora insurgente e resistente. Esses corpos têm causado um diálogo muito rico em torno de si: seus usos e recursos contra estereótipos, estigmas, violência, objetificação e racismo. São suas estéticas afrodiáspóricas que assumem o campo da luta antirracista. (MATTOS 2021, p.2)

Considerando que a estética e as ações empreendidas no entorno dela são parte da luta antirracista, considerando aqui a escolha estética como um ato político, Reis (2016), nos apresenta a seguinte percepção,

[...] atentamos aos movimentos de coletivos culturais, nos quais jovens afro-brasileiros manifestam-se através de narrativas literárias e performáticas negras e periféricas, produzindo saraus, músicas, teatro, blogs, revistas, adornos, vestuário, grafite, tatuagens, em especial penteados crespos em relações interculturais, intertextuais e midiáticos expressando sua negritude, na perspectiva de uma “semiologia corpórea”. Trata-se de práticas culturais identitárias atuais em diálogo profícuo com passado, em luta contínua afro-diaspórica pela cultura e (auto) representação nas relações raciais da modernidade. (REIS, 2016, p.8)

Ao analisar os dois artigos acima citados é possível identificar ideias presentes nos estudos de Gomes (2017), quando faz referência as formas de resistência herdeiras das primeiras ações coletivas da população escravizada fazem menção às questões em pautas apresentadas pelos dois autores. Segue abaixo transcrição do afirmado:

Então as organizações do que vem a se constituir esse movimento negro contemporâneo, que hoje nós vivemos no séc xx e XXI, essas organizações desempenham vários papéis interior da população negra, nós podemos dizer que eles são e elas são polos de agregação e assim poderão funcionar desde clubes recreativos, associações culturais, grupos religiosos, grupo de preservação de valores afro-brasileiros até mesmo as formas mais contemporâneas como os blocos afros grupos hip hop o próprio funk a organização dos jovens no funk e hoje a gente tem ainda uma outra profusão de formas de organizações dos negros e das negras, quer seja como movimento negro do século 21, como eu costumo dizer ou quer seja negros e negras em movimento não necessariamente vinculados a uma forma organizativa ou uma associação as que estão sujeitos que fazem a luta anti-racista e fazem essa luta nos mais diversos lugares onde estão.(GOMES, 2019)

O apontado por Gomes (2019), no trecho acima, está de alguma forma, exemplificado no pensamento de Célia Regina Reis e Ivanilde Guedes Mattos no que se refere a ampliação do sentido de resistência, luta e educação que pode ser em muito uma aliada na luta antirracista.

Os artigos a seguir tratam de práticas na educação básica que se somam a este lugar de resistência. Evidencia-se os pontos mais relevantes de cada uma das práticas e sua contribuição para o fio condutor desta pesquisa sobre o corpo negro.

As pesquisadoras Carolina dos Santos Bezerra Perez e Cleuza Maria Abranches Penna (UFJF - 2014), com artigo, **Contadores de Histórias: literatura, corporeidade africanidades na valorização da identidade negra no espaço escolar**, relatam uma prática pedagógica, realizada no ensino fundamental com Contação de histórias, jongo e capoeira dentre outras ações com o objetivo de evidenciar outras histórias sobre a estética negra.

Já a pesquisadora Elândia dos Santos (UFMG), sintetiza sua dissertação de mestrado defendida no ano de 2020, no artigo com o título, **Corpo e Cabelo Negro: significados e interações das crianças de 3 anos de idade em uma unidade de educação infantil, de Belo Horizonte – MG**. O trabalho também teve como foco de discussão e análise as questões relativas à estética negra no espaço escolar. De acordo com a autora, a pesquisa teve o objetivo de compreender como as crianças de 3 e 4 anos (re)significam o corpo e o cabelo negro nas relações que estabelecem [...] e, por conseguinte, analisar como se estabelece entre elas a estética, os cabelos e os corpos negros como definidoras ou não, de seus percursos identitários. A autora faz importantes apontamentos para repensarmos o corpo negro, no território da disciplina de Educação Física.

Santos (2020), apresenta em sua conclusão elementos que apontam o caminho em termos de lutas e tensionamentos nos currículos, ações e práticas pedagógicas. Considera-se relevante registrar que:

a construção identitária, a priori reconhecida, passará por alterações e serão agregadas a novos saberes. Santos, 2020, pág 122 [...], a ausência de representatividade dos povos negros são experiências sociais que trazem alguns conflitos de identificação nas vivências e na cultura de pares. E que, [...], por isso, vale ressaltar a importância da escola e da história, o valor e a beleza da estética do negro a partir dos artefatos expostos em seu ambiente, oportunizando que as crianças negras se sintam representadas positivamente no seu meio. (SANTOS, 2020, p.124).

As questões que se referem a representatividade, são as que acompanham pessoas negras para o resto da vida. Trata-se de uma linha que atravessa e conduz o processo de ser uma pessoa negra.

A professora Sueli Melo (2020) traz de forma muito explícita no artigo **Educação e Relações Étnico Raciais na Escola**, a questão da estética e as representações do corpo negro que os estudantes acessam no interior do universo escolar.

De acordo com Melo (2020), [...], verifica, nos depoimentos dos (as) estudantes negros (as) [...] a importância da autoimagem e da autoestima na construção do autoconceito positivo e na constituição de relações interpessoais saudáveis e afetuosas, [...]. Os questionários utilizados revelam os sentimentos dos estudantes em relação a como são retratados seus corpos na escola. Segundo Melo (2020),

Não se sentirem representados(as) de forma positiva nos murais, cartazes e livros didáticos, não fazerem parte do padrão de beleza imposto pela mídia e não serem alvo de demonstrações de afetividade no ambiente escolar são alguns dos motivos que fazem com que esses(as) estudantes não se sintam à vontade com as características que os(as) remetem à ancestralidade e ao fenótipo negro, por isso a vontade, externada nos depoimentos, de modificar essas características com procedimentos estéticos e cirúrgicos (MELO,2020, p. 231).

Esta é apenas uma das questões que a pesquisa apresentou, mas remete ao apontado por Elândia (2020), sobre a importância de ressaltar entre outras coisas, “[...] o valor e a beleza estética do negro a partir dos artefatos expostos em seu ambiente [...]”

A produção de Ícaro Augusto Santos e Tânia Ferreira Rezende, apresentam um artigo nomeado, **Letramento De Corpos Negros Surdos Para Decolonizar A Linguagem**, onde é acrescida um outro aspecto ainda não abordado que é o corpo negro com alguma deficiência. A discussão que os autores levantam aumenta ainda mais a complexidade dos fatos, pois, acresce a questão do corpo negro um outro preconceito que é em relação as pessoas com deficiência.

O artigo apresenta como objetivo principal refletir [...], sobre como os corpos de pessoas negras surdas, situados no sistema - mundo⁴⁰, estruturado pela colonialidade e pelo capitalismo neoliberal, enunciam sentidos, tencionando, assim, as relações de poder

⁴⁰ O conceito de “sistema mundo” é uma alternativa ao conceito de “sociedade”. Ele é utilizado para romper com a ideia moderna que reduz “sociedade” às fronteiras geográficas e jurídico políticas de um “Estado-nação”. Em um sentido comum eurocêntrico moderno, o conceito de “sociedade é utilizado como um equivalente à “Estado-nações” no mundo. (GROSGUÉL,2020, p.55)

nas quais se envolvem. Santos Rezende (2021) anuncia que foi possível constatar que a opressão e marginalização dos corpos das pessoas negras surdas são resultantes das colisões criadas pelo racismo estrutural, mantido pela colonialidade e sustentado pelo capitalismo globalizado, reverberando, assim, a negação dos direitos linguísticos e existenciais de pessoas negras surdas.

7 - CORPO NEGRO E EDUCAÇÃO FÍSICA: PRODUÇÕES PRESENTES EM AMBAS AS INSTITUIÇÕES (CONBRACE E COPENE)

7.1 -Produções Teóricas Acerca da Temática Corpo Negro nos Anais do CONBRACE

Ano	Título/Autores	Objetivos	Resultados/Considerações dos autores
2015	Mojudara – uma possibilidade de trabalho com as Questões étnico raciais na educação física Gabriela Nobre Bins; Vicente Molina Neto	Analisar os dados que emergiram através de um estudo de caso etnográfico. Ele relata a experiência de um professor da rede municipal de Porto Alegre que utiliza os valores civilizatórios afro-brasileiros como metodologia de trabalho para estruturar sua prática pedagógica.	Pensar então os valores civilizatórios como metodologia que incorpore nas aulas a filosofia do ubuntu, a circularidade, oralidade, ancestralidade, musicalidade e a corporeidade vai ao encontro ao que está estabelecido nas diretrizes curriculares nacionais para o ensino de história da África e cultura afro-brasileira e africana (CNE/CP no3/2004) [...]. Porém, trabalhar os valores civilizatórios como metodologia que estruture as aulas não impossibilita que se trabalhe também as questões étnicas enquanto conteúdo. Os valores civilizatórios são uma dimensão maior; trabalhando os mesmos como metodologia estamos ampliando e mudando de perspectiva a discussão sobre as questões étnicas, [...]. Muito mais do que simplesmente ser incluída como conteúdo no currículo, as questões étnico-raciais podem e devem, [...] servir de metodologia para a prática pedagógica; possibilitando a vivência de novos valores, construindo novas e diversas visões de mundo.
2017	Estranhamento e corporeidade de crianças Negras e não negras Valda da Costa Nunes Neide da Silva Campos	compreender pela análise interpretativa à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty, aspectos do caráter étnico, ético e estético das corporeidades de	Esta pesquisa indica a necessidade de refletir mais ampla e profundamente a questão da discriminação e do estranhamento por parte das crianças pequenas diante da cor, seja ela relacionada a pessoas ou não e para isto outras leituras de outros escritos de Merleau-Ponty ou de outros teóricos poderão contribuir para o estudo da corporeidade infantil nos aspectos éticos, étnicos e estéticos.

		crianças negras e não negras da educação infantil de uma escola pública em Cuiabá, MT evidenciando aspectos diversos da corporeidade infantil que se escondem nas fendas de estereótipos e de jargões vindos de adultos e no momento de suas escolhas e declaração de suas preferências, é preciso olhar com cuidado seus relacionamentos com o todo.	Considera-se este estudo concluído naquilo que foi proposto, mas ao mesmo tempo pode estar a caminho por ser significativamente promissor e importante no sentido de que pode contribuir para uma melhor qualidade de leitura e julgamento. É de fundamental valor colocar em evidência, com intencionalidade, aspectos diversos das corporeidades das crianças nas escolas que se escondem nas fendas dos estereótipos e dos jargões adultos existentes. Para compreendermos o que se passa com as crianças no momento de suas escolhas e da declaração das suas preferências, é preciso compreender antes, ou também, o seu relacionamento com o todo.
2019	O corpo negro em pesquisas da educação física Hudson Pablo de Oliveira Bezerra; José Pereira de Melo	Analisar como as pesquisas da Educação Física desenvolvidas em nível de mestrado e doutorado tem contemplado os saberes do corpo negro como possibilidades didáticas para Educação Física escolar.	É imprescindível reconhecer a importância das contribuições das pesquisas aqui apresentadas, cada uma, ao seu modo e em suas particularidades, no debate de ideias e implementação de ações que oportunizem conhecer, vivenciar e compreender as manifestações do corpo negro. Portanto, assim como as pesquisas investigadas o nosso estudo também não encerra as discussões sobre os saberes do corpo e da cultura negra como possibilidades da Educação Física escolar, ao contrário, esperamos abrir novas possibilidades de investigação e ação para contribuir na superação das desigualdades e discriminações tão sofridas por esses povos, compreendendo a relevância dos seus saberes sem hierarquizações.
2019	Os corpos da diáspora negra nas aulas de educação física Adriana de Faria Gehres; Ronaldo dos Reis	Produzir processos em aulas de educação física culturalmente orientadas (NEIRA, 2018), numa perspectiva não representacional de corpo (GREINER, 2010, 2008). Nossa pesquisa intervenção teve como objetivo “tectonizar” as práticas pedagógicas no currículo cultural em uma escola da educação básica, propondo	Muitas temáticas foram acionadas nesta pesquisa, mas para este artigo os autores informam ter recortado apenas as que pareceram mais centrais, a noção de corpo ambiente, como processo, insurgente das nossas produções conversadas sobre diáspora negra. A proposta da pesquisa segundo os mesmos teve a intenção de movimentar temáticas e ações que se fazem aulas.

		encontros-acontecimentos-experiências com o corpomídia.	
2019	<p>Cultura afro-brasileira e a Educação Física Escolar: O Que Diz A Produção Do Conhecimento*</p> <p>Isabela Talita Gonçalves Lima Lívia Tenório Brasileiro</p>	Assim, a pesquisa teve como objetivo: analisar os artigos de periódicos científicos da área de Educação Física que tematizam os conteúdos afro-brasileiros na escola, pois entendemos que conhecer o cenário da produção do conhecimento acerca dos Conteúdos Afro-brasileiros nos faz entender como está situada essa discussão dentro da área da Educação Física na escola.	Segundo as autoras, entende-se que a EFE traz a capoeira como principal legado da Cultura Afro-Brasileira dentro da Escola. O que destoa a carência de outros conteúdos como dança, jogo e entre outros. Não apoucando a riqueza da capoeira, mas a realidade nos convida a sair de uma possível zona de conforto. E mesmo a área sem respaldo da Lei.10.639, as relações étnico-raciais se fazem presentes na EFE. Apontando não só uma educação antirracista como um horizonte histórico de uma sociedade de igualdade
2019	<p>Cultura corporal de movimento E história e cultura afro-brasileira: apontamentos para a Educação Física Escolar</p> <p>Gabriel Pereira Paes Neto Alder Sousa Dias Wílma de Nazaré Baía Coelho</p>	Buscou-se analisar apontamentos da práxis pedagógica em Educação Física a partir da relação entre o paradigma da cultura corporal de movimento e História e Cultura Afro-Brasileira. Inferiu-se ser necessário pensar o corpo e a corporeidade quanto à cultura afro-brasileira e africana e entender o movimento humano como fonte de diálogo e que a Educação Física escolar pode ser o tempo e o espaço de vivências corporais formativas dentro de um programa de conteúdo	Nestas breves considerações reitera-se que o enfrentamento do racismo, da desigualdade, do pré-conceito é imperativo. Inferiu-se que é preciso dar visibilidade a representantes da história e cultura africana e afro-brasileira na EFE; que os conteúdos devem ser abordados; que é preciso pensar o corpo e a corporeidade, quanto à cultura afro-brasileira e africana; que é preciso pensar a ruptura com uma visão eurocêntrica de mundo; que deve-se entender o movimento humano como fonte de diálogo; que a EFE pode ser o tempo e o espaço de vivências corporais formativas, democráticas, plurais e oportunizadas com qualidade para todos; que é preciso pensar uma proposta de Educação Física articulada a um projeto de escola como instituição republicana; que é preciso tratar dos conhecimentos e das possibilidades do se movimentar dos seres humanos, visando práticas corporais sistematizadas de jogos, danças, lutas e diversas práticas corporais de diferentes povos africanos e afro-brasileiros.

Fonte: tabela elaborado pela pesquisadora

Nesta perspectiva, inicio o diálogo com os autores a partir do relato da pesquisa de Nunes; Campos (2017) **Estranhamento e Corporeidade de Crianças Negras e Não**

Negras. As autoras relatam uma experiência com teatro de bonecos na disciplina Jogos e Recreação de um curso de pedagogia em Cuiabá, Mato Grosso com foco na educação infantil e ensino fundamental. A percepção do apresentado no resumo expandido, mostra que o corpo negro é no estudo em questão objeto de estudo, percebe-se na narrativa apresentada uma análise, a partir de observação do comportamento das crianças. Embora elas tenham poder de decisão e escolha, elas não são as protagonistas na produção. Suas ações são apenas utilizadas para gerar um resultado.

Neste ponto considerando o avanço de pesquisas e a diversidade de percepções sobre vivências no campo da racialidade no espaço escolar, pessoas pretas e brancas olham para estes fatos, para os comportamentos das crianças, neste caso e algumas coisas talvez passem despercebidas, existem neste espaço situações que empatia nenhuma, fará a pessoa não preta entender e perceber.

Nunes; Campos (2017), em suas conclusões trazem para as suas considerações finais aspectos que considero muito importantes para pensar a corporeidade infantil. Segundo as autoras, embora o estudo esteja concluído considerando a proposta, elas deixam em aberto pontos a serem investigados e uma necessidade de olhar para a corporeidade infantil a partir de outros autores e considerando o que as autoras nomearam de “relacionamento com o todo”, quando dizem sobre as razões e motivos das crianças na escolha dos bonecos. Considero importante dialogar com autores que discutam as questões referentes a corporeidade infantil e contemplando o caráter referente a racialidade.

Em consonância com o exposto, considero relevante, dialogar com Bento (2002). A autora vai dizer que, o fato de a sociedade ser preconceituosa e racista faz com que as crianças se tornem também racistas e preconceituosas “[...] o racismo é constituído nas relações que estabelecemos na sociedade. Uma vez que a escola é uma das instituições que faz parte de nossa sociedade, ela também reproduz o racismo”. Assim sendo a escolha dos bonecos pelas crianças também está contaminada por todas as experiências e percepções deste relacionamento estabelecido com o todo, até mesmo o de considerar ações e escolhas que elas percebem que socialmente são mais bem vistas.

Considerando ainda as pesquisas relacionadas ao corpo negro, é possível dizer, conforme já apontado por Bezerra;Melo (2019)⁴¹, que existe um ambiente efervescente de

⁴¹ <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/13626/6534>
https://repositorio.ufm.br/bitstream/123456789/32902/1/Corpoculturaeducacao_Bezerra_2021.pdf

pesquisadores na educação física, questionando como o corpo negro é apresentado, visto, lido no território da educação física. Bezerra; Melo (2019), são autores de um resumo expandido nomeado, **O Corpo Negro em Pesquisas da Educação Física**. Os autores, fazem um levantamento de pesquisas na área da educação física e trazem como resultado de sua pesquisa, apontamentos que corroboram o afirmado anteriormente quanto ao que é privilegiado nas produções que contemplam o corpo negro na educação física. Assim sendo fica evidenciado que no espaço da educação física além de termos permanências, no que diz respeito a não termos pessoas pretas, referenciando a produção, temos também uma produção sobre corpos pretos que ocupam o espaço do tubo de ensaio, falam sobre as experiências de fora delas. Temos presentes aqui neste resumo expandido utilizado como referência algumas pesquisas apresentadas em torno do corpo negro, olhando de maneira mais distante poderia se dizer que a Lei 10639/2003, importante referencial, esteja sendo implementada, mas como já apontado pelos autores em seu até substancial estado da arte, o que se constatou é que este não era o objetivo principal destas pesquisas.

Assistindo recentemente a defesa do agora Professor Doutor Sebastião Carlos, escutei de uma das professoras pesquisadora, referência muito importante, nas discussões que envolvem o tema corpo negro na educação física, a Professora Doutora Ivanildes Mattos, que fazia parte da banca de avaliação, fez a seguinte afirmação: “[...] quando se fala sobre a necessidade de sair do campo da denúncia e ocupar o lugar do tornar público é que a maioria dos clássicos da Educação Física, que professores da área tem que ler durante a formação, nos invisibilizam.”⁴² A professora aponta que a perspectiva do corpo negro, está neste contexto na subjetividade, sendo ele o corpo que trouxe as doenças que é estigmatizado, estereotipado como agressivo, feio, aqueles que não têm capacidade para outras modalidades esportivas que não sejam por exemplo correr...”

E se pudesse dizer algo aqui seria, ouçam, leiam o que os pesquisadores negros têm produzido. Tal afirmação é realizada a partir de minha percepção de que a maioria das conclusões encontradas, nos anais do Conbrace, estão, em alguma medida, privadas de algo complexo, mas primordial, que é o sentimento de quem veste a pele preta. E ao realizar este apontamento, não é intenção alegar uma uniformidade no pensamento de

⁴² Carvalho, Sebastião Carlos dos Santos. “Defesa de Tese de Sebastião Carlos dos Santos Carvalho.” Tião Carvalho, 25 maio 2021. 1 Vídeo (4:19:18). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0b0QSUPL-0M&t=5001s>. Acessado 09 janeiro 2022.

peças pretas; mesmo, porque existe neste contexto, uma diversidade de pessoas e de produção de conhecimento. E, sobre esse fato, Gomes, (2011), faz um relevante apontamento neste sentido:

É nesse contexto histórico, político, social e cultural que os negros (e as negras) brasileiros constroem sua identidade e, entre ela, a identidade negra. Como toda identidade, a identidade negra é uma construção pessoal e social e é elaborada individual e socialmente de forma diversa. (GOMES,2011, .109).

A produção de Nilma Lino Gomes, pode auxiliar-nos no entendimento e na percepção das muitas questões que perpassam pela identidade e sua construção. Neusa Santos Souza outra importante intelectual negra, tem uma percepção da construção de identidade que muito pode nos acrescentar. Para a autora,

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se conhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. (SOUZA, 1983, p. 77)

Neste sentido, a pesquisa de Bezerra; Melo (2019) é, em minha compreensão, esta oportunidade, visto que apresenta uma diversidade de estudos em torno do corpo negro, que são também objeto da pesquisa que realizo. Problematizar o cenário de realização das mesmas e as peculiaridades que as envolvem, neste ponto, caminha para além da denúncia. É intenção ser propositiva. Não tenho respostas para as lacunas ou para que falta até aqui ou no que a partir daqui possa vir a descobrir, mas encontrar, propor a partir do encontrado, caminhos novos, jeitos novos, saberes novos que derrubem o que a psicóloga Neusa Santos Souza chama de “estrutura de desconhecimento”. Para que, ainda segundo Souza (1983), possa viver, “a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” e apontar outros caminhos.

As pesquisas analisadas por Bezerra; Melo (2019), buscam, no meu entendimento, um trabalho, uma ação que rompa com epistemologias vigentes, através do cenário esportivo do futebol, da prática da capoeira das danças de matizes africanas. Algumas das análises realizadas em produções que estão localizadas no território da educação do modo geral, e da educação física em especial, segundo os pesquisadores, são análises que:

investigaram as situações do corpo em movimento com as danças Afro-brasileiras. [...] ficaram evidentes o caráter descritivo de algumas, a compressão das contribuições das mesmas para a formação das identidades negras, a importância da expressividade do corpo como memória e linguagem, a ancestralidade, os saberes, as práticas e as comunicações. Embora possam contribuir para o fazer pedagógico no contexto da Educação Física, as mesmas não colocam esse objetivo como sendo o principal. (BEZERRA; MELO, 2019, p. 2)

O apresentado acima poderia ser motivo de paralisia, frente ao objetivo de construção, tensionamento e reformulação de novas epistemologias, mas pode-se dizer que as pesquisas que encerram a análise dos referidos autores, apresentam um indicativo para novos caminhos uma vez que, os autores selecionados por eles neste espaço, oportunizam um diálogo direto da Educação Física com os saberes dos negros. Essas possibilitam compreender e conhecer situações específicas da área, propor ações e intervenções com os saberes dos corpos negros, dialogar com a perspectiva legal da Lei 10.639/03, entre outros.

Enfim, acredito ser possível dizer que o apontado pelos autores em sua conclusão, deu-se de alguma forma, visto que abre aqui algumas outras possibilidades para pensar saberes negros, produzidos por negros, ao dizer que:

esperamos abrir novas possibilidades de investigação e ação para contribuir na superação das desigualdades e discriminações tão sofridas por esses povos, compreendendo a relevância dos seus saberes sem hierarquizações. (BEZERRA; MELO, 2019, p.3)

O que fora afirmado pelos autores ecoa em mim de maneira propositiva, uma vez que o desejo deles de abrir novas possibilidades conversa bem com a proposta do filósofo Muniz Sodré (2017), em *Pensar Nagô*. O autor nos apresenta questionamentos em torno desta hierarquização de saberes e propõe não só o aceite de um pensamento negro, mas a incorporação de uma filosofia negra, que Sodré (2017), nomeia e entende como:

[...] o pensamento nagô - um construto teórico que se estende a outras formações étnicas presentes na diáspora escrava no Brasil - mantém a particularidade de ter aqui reinterpretado um milenar patrimônio simbólico africano, dando lugar a instituições e formas de agir originais. Essa reinterpretação é a uma filosofia que, neste texto, apresentamos como resultante de uma diátese média, isto é, uma modulação sustentada pela corporeidade característica da Arkhé⁴³ e diversa da diátese ativa, que

⁴³ A totemização do corpo como um arquivo de memórias, nos remete a ideia de ancestralidade, não como uma ideia genealógica consanguínea, mas sim como uma continuidade memorial com o continente africano, na noção do conceito de *Arkhé* de Muniz Sodré (1988), que evoca uma ideia de

caracteriza os sistemas filosóficos ocidentais. Formulamos aqui a hipótese de uma filosofia que começa na cozinha da casa em vez de nos desvãos celestes da metafísica. (SODRÉ, 2017, p.21).

Considerando aqui as muitas proposições de Sodré (2017), o que ilustra o resumo expandido de Adriana de Faria Gehres⁴⁴ e Ronaldo dos Reis⁴⁵ (2019), com o título, **Os Corpos da Diáspora Negra nas Aulas de Educação Física**, o mesmo   uma produção que antecede e compõe o pós-doutorado da autora e um livro intitulado, *Dançar com o currículo Cultural da Educação Física: história, imagens e performances* e uma dissertação de mestrado sob o título, *Educação Física Cultural e Africanidades: entre decolonialidades, Exu e encruzilhadas*, de acordo com as informações cedidas pelos autores e anexadas nos links para os referidos documentos nas notas de rodapé já indicadas.

A produção dos autores ilustra bem esta nova perspectiva e considerações a serem acrescentadas para olhar a produção de novas epistemologias e constam no mesmo, diálogos estabelecidos a partir da percepção dos estudantes a respeito de práticas corporais de matriz afro-brasileira.

Os termos filosóficos inseridos por Sodré (2017) e o conceito de Ark , no que diz respeito às perguntas estabelecidas pelo sujeito envolvido na atividade e este não saber, mesmo porque, aqui estão as impressões dos ritmos e sobre os ritmos, de quem os vivenciou, de quem os registrou e as minhas impressões, quando leio o relato dos fatos posteriormente. Os autores relatam uma pesquisa-intervenção que privilegiou a

origem para as sociedades africanas. Sodré usa o termo grego *arkh * para caracterizar as culturas que, tais como a negra, se fundam na vivência e no reconhecimento da ancestralidade. As culturas de *arkh * cultuam a Origem, não como um simples início histórico, mas como o “eterno impulso inaugural da força de continuidade do grupo. A *arkh * está no passado e no futuro, é tanto origem como destino” (1988:153). A *arkh * admite conviver com várias temporalidades, mas não promove “a mudança acelerada de estado” como quer a Modernidade. Essa visão da ancestralidade estabelece uma continuidade entre deuses, ancestrais e descendentes, continuidade essa que se manifesta através dos ritos e dos mitos, sempre reiterados, mas, com lugar para variações (como no eterno retorno tratado por Nietzsche). (PETIT; CRUZ, 2008, p. 2)

⁴⁴ http://www.gpef.fe.usp.br/livros/gehres_neira_01.pdf

⁴⁵ <http://www.gpef.fe.usp.br/index.php/teses-dissertacoes-monografias-e-relatorios-de-pesquisa/>

esquizoanálise⁴⁶, considerando o ambiente de pesquisa e campo de circulação: currículo cultural e corpomídia. Os encontros da pesquisa foram realizados pelos dois professores com alunos e alunas de uma turma do 7º ano de uma escola de educação básica.

A pesquisa de Adriana de Faria Gehres e Ronaldo dos Reis, trouxe para o trabalho que pretendiam a ideia de experiência de Larossa (2018). Segundo os pesquisadores e para o autor, a experiência é diferente do experimento porque é singular, única, não dogmática e vivida com paixão. Segundo os autores a busca visou produzir uma “língua da experiência”⁴⁷. Larossa (2018), Gehres e Reis são professores membros do grupo de pesquisa do GPEF e a percepção de que esta linguagem da experiência pudesse, de fato estar sendo criada, levou os pesquisadores a registrarem áudios e vídeos do encontro com os estudantes.

A leitura do resumo expandido dos autores levou-me ao que, a experiência que os atravessou, produziu. E me levou ao encontro, a coincidências e conexões entre o produzido por eles e o que eu tenho a intenção de produzir. As várias referências sobre o pensamento, sobre o corpo negro encontradas na produção de Bezerra; Melo (2019) se repetem também no trabalho de Reis (2020) em sua dissertação de mestrado e serão estes também os teóricos que me auxiliarão no tecer de minhas indagações. Serão eles as lentes complementares desta pesquisa, considerando especificamente a produção e o pensamento de profissionais, educadores, professores em algum espaço de atuação da Educação Física e que propõem nos seus temas, o foco nas relações étnico raciais e a Educação Física.

⁴⁶ Todo centro de poder tem efetivamente estes três aspectos ou estas três zonas: 1) sua zona de potência, relacionada com os segmentos de uma linha sólida dura; 2) sua zona de indiscernibilidade, relacionada com sua difusão num tecido microfísico; 3) sua zona de impotência, relacionada com os fluxos e quanta que ele só consegue converter, e não controlar nem determinar. [...] O estudo dos perigos em cada linha é o objeto da pragmática ou da esquizoanálise, visto que ela não se propõe a representar, interpretar nem simbolizar, mas apenas a fazer mapas e traçar linhas, marcando suas misturas tanto quanto suas distinções. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, pp. 99-100).

⁴⁷ - O conceito de experiência se expressa como raridade e deve ser pensado como acontecimento capaz de trazer novos sentidos. Para Larossa (2018), pensar novos sentidos é pensar novas realidades, tendo como base os sentidos gerados pelos mecanismos de subjetivação que existem em cada indivíduo. Sendo o sentido individual e subjetivo, é responsável por mostrar a cada indivíduo uma forma de experiência. Assim, a aposta diz respeito à necessidade de se repensar as linguagens, das quais emergem o mundo de cada indivíduo, e, além disso, de pensar a pedagogia como transformadora do que já existe por meio da linguagem. A linguagem possibilita a compreensão de si e do outro, em uma realidade abstrata que se perdeu das palavras e se distanciou da verdadeira experiência e do mundo real, enquanto acontecimento. [...] como necessidade de fortalecimento da potência que habita entre aqueles que escutam e aqueles que falam, dos que não desejam colocar fim à identidade do sujeito, destruí-la, mas dar possibilidades para que a identidade se abra a novas significações, a fim de construir o acontecimento, a abertura e o conhecimento. (MENDONÇA, SAMUEL; VENTUROSO, AMANDA TAVARES.2019).

7.2 - Atravessamentos Corpo Negro X Questões Raciais – para além dos Anais Do CONBRACE – Novas Lentes.

Neste bloco serão apresentados os artigos, dissertações e teses presentes nos estudos dos pesquisadores encontrados nos anais do Conbrace que pesquisam o corpo negro. Estão presentes aqui produções de pesquisadores da educação física presentes no estado da arte de Bezerra; Melo (2019) e Reis (2020).

Dito isto trago à baila autores que são importantes para as análises desta pesquisa, que foram referência descrita e mencionada, na produção de Ronaldo Reis (2020), em sua dissertação, Hudson Pablo de Oliveira Bezerra (2019), no relato de seu estado da arte apresentado em seu resumo expandido no Conbrace. É opção desta pesquisa dialogar ainda neste espaço, com as produções de profissionais da educação física que se repetem no estado da arte das duas produções, considerando que essas mesmas produções também atravessaram, em algum momento o diálogo referente ao corpo negro. É relevante informar ainda que elas são pertinentes nesta pesquisa pois, embora os autores não tenham sido encontrados nos GTTS pesquisados, suas produções foram citadas por autores que estavam e, porque estão compreendidas no período analisado, de 2011 a 2021. Elas serão elencadas aqui assim como a categoria em que foram alojadas pelos autores.

Iniciarei a apresentação das produções tendo como ponto de partida a autora Isabela Talita Gonçalves de Lima (2018)⁴⁸, com pesquisa intitulada, **A inserção dos conteúdos Afrobrasileiros nas aulas de Educação Física escolar: limites e possibilidades na rede estadual de Pernambuco**, analisando se os professores de Pernambuco contemplam os saberes dispostos na Lei 10.639/03, em suas práticas escolares cotidianas. A autora em questão, não trata em sua pesquisa especificamente do corpo negro. E, embora não os faça diretamente, o fato de fazer apontamentos importantes no trato com as questões raciais no território da Educação Física, sua pesquisa torna-se então, um importante referencial teórico para esta pesquisa. A autora tem ainda outra pesquisa que dialoga com a implementação da Lei 10639/2003 no currículo da educação física que é um estado da arte realizado com Livia Tenório Brasileiro no ano 2020. Nesse estudo, as pesquisadoras Brasileiro; Lima (2020), analisam artigos científicos provenientes de periódicos da área da educação física.

⁴⁸ <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.93164>

Segundo as autoras, esses trabalhos tematizam a respeito da cultura afro-brasileira, a partir de um recorte temporal (2001 a 2017), sendo que as autoras encontraram, em oito periódicos da área, 92 artigos. Os dados indicam que as produções se concentram em dois temas: estudos sobre capoeira e estudos sobre o racismo no futebol.

As autoras concluíram que, embora a cultura afro-brasileira seja amplamente rica, é necessário acrescer seu lastro na produção de conhecimento da área, tornando-se palco de pesquisas que aprofundem seu arcabouço teórico, principalmente em um país ainda com marcas de racismo, como é o Brasil. Neste sentido, a pesquisadora Gabriela Nobre Bins, já mencionada neste estudo, com sua dissertação de mestrado, “Mojuara: a educação física e as relações étnico-raciais na rede municipal de ensino de Porto Alegre/RS”, buscou identificar as possibilidades e os limites de um trabalho com questões raciais na educação física em Porto Alegre.

Em diálogo com o que já fora apresentado até então, por outros autores presentes nesta produção, é que as possibilidades para realização do trabalho com as questões raciais, necessitam contar com um arcabouço teórico e uma pedagogia, que considere as marcas do racismo, nas escolhas educacionais no território da educação física. Importante colocação neste sentido, que muito pode nos auxiliar de forma a complementar o apontado por Bins, são os apontamentos presentes em Neto; Dias; Coelho (2019), que discutem **Cultura Corporal de Movimento e História e Cultura Afro-brasileira: apontamentos para a educação física escolar**, eles dialogam com a presença da história e cultura afro-brasileira como presença importante na maneira de pensar a cultura corporal de movimento.

É entendimento dos autores que “... a educação escolar deve ser vista como um direito social, lugar e espaço de formação, da formação do sujeito para exercer a cidadania, para viver em democracia. Considerando o exposto é de primordial importância rever o que se refere a inclusão no currículo da educação física, as prerrogativas importantes da LDB que diz respeito a implementação da Lei 10639/2003. É sabido que, embora esta seja uma ação importante no que se refere a garantia de direitos apontados na LDB; ainda temos estudiosos da área, que apontem a existência de dificuldades que impedem a efetivação deste direito. Bins e Neto (2015), afirmam que o preconceito racial ainda se apresenta na EFE. Assim sendo é relevante considerar Neto, Dias, Coelho (2019), que em suas conclusões apontam que:

o enfrentamento do racismo, da desigualdade, do pré-conceito é imperativo. [...] que é preciso dar visibilidade a representantes da história e cultura africana e afro-brasileira na EFE; que os conteúdos devem ser abordados; que é preciso pensar o corpo e a corporeidade, quanto à cultura afro-brasileira e africana; que é preciso pensar a ruptura com uma visão eurocêntrica de mundo[...] (NETO; DIAS; COELHO, 2019, p.4)

Nesta perspectiva, em se tratando de romper com uma visão eurocêntrica de mundo e de dar visibilidade a representantes da história e cultura africana e afro-brasileira em qualquer área, mas vou falar da educação física porque é dela que se trata. É rever posturas conceitos e atuação a partir e com aqueles estudiosos presentes. Falo de neste sentido, considerando a dificuldade existente de romper com epistemologias até então estabelecidas. Bento (2002) faz-nos acréscimos muito importantes para pensar a ausência e dificuldades apontadas, quando nos diz que;

Alianças inter-grupais entre brancos são forjadas e caracterizam-se pela ambigüidade, pela negação de um problema racial, pelo silenciamento, pela interdição de negros em espaço de poder, pelo permanente esforço de exclusão moral, afetiva, econômica, política do negros, no universo social. Neste contexto é que se caracteriza a branquitude como um lugar de privilégio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade. Branquitude como preservação de hierarquias raciais, como pacto entre iguais, encontra um território particularmente fecundo nas Organizações, as quais são essencialmente reprodutoras e conservadoras. (BENTO,2002, p. 7)

A pesquisadora Carolina Santos Nobrega (2019), com produção muito pertinente e relevante para a discussão levantada em seus estudos, como já apontado por Reis (2020), lança na direção de ações que produzam uma perspectiva antirracista. A pesquisadora realizou seus estudos com docentes e coordenadoras/es pedagógicas/os de escolas da rede municipal de São Paulo, com o objetivo de analisar as intervenções pedagógicas produzidas na perspectiva de uma Educação Física antirracista. Considerando a ausência de ações direcionadas às relações raciais na legislação a respeito da formação de professores(as) de educação física, tal como o desconhecimento dos(as) mesmos(as) sobre a especificidade da cultura negra.

Em suas conclusões a autora apresenta alguns pontos importantes, se considerarmos aqui que outras epistemologias no campo da educação física, serão ferramentas para subsidiar a produção da cultura negra no processo de ressignificação da área. O que se propõe, segundo a pesquisadora, são possibilidades para repensar a estrutura excludente da rede pública de ensino e assim vestir politicamente a pele negra e,

nesse sentido, denunciar o racismo e anunciar iniciativas de combatê-lo, enfatizando o sentido e significado de ser “antirracista”, principalmente no contexto da educação física.

No entanto, a pesquisa de Izaú Veras Gomes (2019), também presente no estado da arte de Reis (2020) é apontada pelo mesmo, como uma pesquisa que vai tratar da compreensão das crianças na educação física escolar. Segundo Gomes (2019), sua pesquisa ancorou-se numa perspectiva narrativa a partir de (Benjamin, 1994) e foi inspirada no ateliê biográfico de projetos (Delory-Momberger, 2006). As narrativas foram produzidas no biênio 2018-2019, em Belo Horizonte, narrativas autobiográficas (Suárez, 2007), de um grupo de 05 estudantes negras que a partir de suas escrituras (Evaristo, 2017) sobre a educação física escolar – compuseram, junto de narrativas docentes autobiográficas do autor, um livro sobre a educação das relações étnico-raciais na educação física escolar, trazendo indícios (Ginzburg, 1989) de reflexões possíveis para ressignificação de práticas docentes para uma educação antirracista.

Tendo acesso a pesquisa de Gomes (2019), percebe-se que a pesquisa do autor ocupa um espaço no campo das insurgências, visto que questiona, interpela e dialoga com que de alguma forma, já está posto no campo de pesquisas acadêmicas. A maneira como o autor se posiciona frente aos conceitos é como aponta Mattos (2021), e tenta em alguma medida assumir “... o debate sobre as ideologias colonialistas que impuseram um olhar nocivo nos corpos negros, entendidos como sujos, brutos, selvagens e não humanos”. E ilustrando o que já fora afirmado, Gomes (2019,) diz o seguinte:

Conta-se por aí que existe uma cultura corporal, mas nosso corpo nunca foi considerado, pelo contrário, foi açoitado, estuprado, desumanizado, vendido, transportado, explorado, alienado, favelado, fudido e mal pago...nosso corpo nunca foi legal, no máximo quando estávamos no canavial, cortando a cana pra alva brancura ter sua rapadura que de doce não tinha nada porque o sal do suor salgava na cara...ardia meu amigo e a foíce era ferro frio. Já a foíce socialista pra gente não chegava, só na Europa que o boato rolava. A foíce socialista não chegava e a carne mais barata era a que se rasgava, cortava e até hoje se retalha, mas se segura que agora sou a própria navalha. (GOMES 2019, p.10)

A Navalha, como aponta a autora é o lugar da resistência, do desejo de mudança, pela ação, pelo movimento deste corpo em campo e para o campo. O corpo negro é para Gomes (2019), aquele que usa toda história registrada em si para cortar “o mal pela raiz”. Ler o fragmento de texto do autor, me trouxe à memória, uma produção teatral nomeada “Navalha na Carne Negra”, a peça com mais de 50 anos, dirigida por José Fernando

Peixoto de Azevedo⁴⁹”, pode, de alguma forma, ser irmanada em profundidade ao que Gomes (2019) diz, no fragmento que se refere aos personagens da trama:

não são apenas vítimas ou imagens de uma destituição absoluta. Elas são sobretudo figuras em luta: em cena como na vida, a luta pela vida revela o quão portadoras de vida ainda são. A problemática do corpo preto e seus históricos processos de marginalização social servem de mote central para nossa montagem, que pretende lançar luzes sobre algumas questões relativas à hierarquização social vigente nas sociedades contemporâneas. (AZEVEDO 2018).

Acrescento que, sob meu ponto de vista, a produção que retrata o cenário da não valorização e percepção do nosso corpo, que não ocupa o lugar de estar e de ser legitimado. Uma educação física insurgente, antirracista, pode em alguma medida, evidenciar as narrativas apagadas, esquecidas no território da educação física. Ivanilde Mattos (2021) faz-nos um convite neste sentido, quando diz ser urgente “... protagonizar autoras que se debrucem sobre essa problemática de forma pertinente e legítima, fortalecendo o compromisso com o campo da educação física e o da educação das relações étnico-raciais...” A autora diz que é necessário promover novas discussões e políticas para a mudança desse cenário.

Considerando o exposto, sinto-me convidada e já pertencente a esta luta. Sendo eu no caso, uma autora iniciante, ao menos no campo da escrita acadêmica, em campo. E, embora eu seja uma estrangeira neste lugar, mas ao pensar no protagonismo “das autoras” e ao traz para a discussão a pouca existência de mulheres pretas da educação física e referenciando produções; quero eu compor esta luta. Neste sentido, encerro por hora minhas indagações nas produções encontradas no Conbrace para ir em busca da linha que costura este tapete de ideias, onde Conbrace e Copene se encontram, convergem, subvertem, insurgem e dialogam.

7.3 Produções Teóricas Acerca da Temática Corpo Negro nos Anais do Copene

⁴⁹ Possui graduação e doutorado em Filosofia, pelo Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-USP, onde defendeu tese sobre o teatro do dramaturgo alemão Bertolt Brecht. Atua como pesquisador nas áreas de história e estética do teatro brasileiro e do teatro negro, estética teatral contemporânea, além de estética e filosofia contemporâneas. É professor de Estudos de Dramaturgia e História do Teatro Brasileiro, Análise do texto e da cena (teorias do teatro) e Oficinas de Montagem na Escola de Arte Dramática-EAD da Escola de Comunicações e Artes da USP. É professor-orientador no Programa de Artes Cênicas (PPGAC) da ECA-USP, na área de Práticas e Teorias do Teatro. É dramaturgo, diretor de teatro e cinema. Foi fundador, dramaturgo e diretor do Teatro de Narradores e é colaborador de coletivos como Os Crespos. Atua também como curador. [e-mail contato: josefpa@usp.br]
(Fonte: Currículo Lattes)

Dando sequência a apresentação dos pesquisadores negros da Educação Física e suas produções identificadas no Copene, dialogaremos neste espaço com aquelas e aqueles que foi possível acessar. Neste contexto constam um total de 13 produções, 4 destas não possível acessar, a produção original. Assim serão apresentadas na sequência as 9 restantes.

QUADRO 07 - O CORPO NEGRO NO COPENE - O QUE DIZEM OS PESQUISADORES DA EDUCAÇÃO FÍSICA.

PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA		
ANO NOME DA PRODUÇÃO/ AUTOR(ES)/ INSTITUIÇÃO DE ORIGEM	TIPO DE PRODUÇÃO/ TEOR DA ESCRITA ⁵⁰ A - D - P	TEÓRICOS
2016 O Trato com o Conhecimento da Cultura Corporal Afro-Brasileira e Indígena: realidade e possibilidades na formação de professores de educação física no recôncavo da Bahia. Josiane Cristina Clímaco Faculdade Maria Milza- (FAMAM)	Sem Acesso à Produção Original	TRINDADE (2010) Monique Nayara Pantoja da Trindade -
2016 A Materialidade do Racismo e a Construção da Imagem Corporal na Menina da Pele Preta no Ambiente escolar. Juliana Nascimento da Silva Avelino Universidade do Estado do Rio de Janeiro- (UFRJ)	Sem Acesso à Produção Original	(CASH & SMOLACK, 2011); GARDNER & BROWN, 2010). -
2018 Corpo e Corporeidade Negra na Educação Física Escolar: possibilidades e novas tensões a partir da Lei 10.639/03. Bruno Henrique de Paula Universidade Federal de Minas Gerais-(UFMG)	Artigo Original A - D - P	MARLI ANDRÉ (2013) REGIS; BASÍLIO, 2018 COELHO, 2018; BINS, 2017 SANTOS, 2007; PIRES, 2013; GOMES, 2012; ARROYO, 2016) NILMA LINO GOMES (2012B,2003, 2017); (MUNANGA, 2004; QUIJANO, 2005; ANÍBAL QUIJANO (1992 APUD RAMALHO; LEITE; MENDONÇA, 2017; (MUNANGA, 2009, P. 20 APUD GOMES, 2017; ALVES; PINTO, 2011;

⁵⁰ TEOR DA ESCRITA: A – APRESENTAÇÃO D - DENÚNCIA P - PROPOSIÇÃO

		CARVALHO, 2018 BRACHT, 1999; COELHO; COELHO, 2018; HERINGER; FIGUEIREDO, 2009; AZEVEDO ET AL, 2010
2018 Narrativas Estudantis Negras: sentidos da educação física escolar para a educação étnico-racial Izaú Veras Gomes Universidade Federal de Minas Gerais- (UFMG)	Artigo Original A - D - P	GOMES, 2017; MATTOS, 2007 BENJAMIN, 1994; DELORY-MOMBERGER, 2006; SUÁREZ, 2007; EVARISTO, 2017 GINZBURG, 1989; VAGO, 2007 GONZÁLES E FENSTERSEIFER (2010); COLETIVO DE AUTORES (1992); MARANHÃO (2016) CRENSHAW, 2004; LINS RODRIGUES, 2010; SANTOS, 2007; FREIRE, 1996; GINZBURG, 1989
2018 Poder me Orgulhar: funk e educação física escolar na educação para as relações étnico-raciais. Izaú Veras Gomes Universidade Federal de Minas Gerais- (UFMG)	Artigo Original A - D - P	BRACHT, 1999; VAGO, 2007) GONZÁLES; FENSTERSEIFER, 2010); MARANHÃO (2016) CRENSHAW, 2004), HALL (2015), LINS RODRIGUES, (2010), GOMES, 2003;2017 MATTOS, 2007; BENJAMIN, (1994); (SUÁREZ, 2007); BONDÍA, 2002); (EVARISTO, (2017)
2018 Capoeira Angola Como Proposta Pedagógica Para Lei 10639/2003. Cristian Emanuel; Ericeira Lopes Universidade Federal do Maranhão-(UFMA)	Artigo Original A - D - P	(GOMES E JESUS, 2013) VIANA, 2015 SOARES, 2001; MOREIRA; MOREIRA, 2007)
2018 Poesia e Ginga na Educação Profissional: outros sujeitos, outras epistemologias na produção de conhecimento étnico-racial Adelmo de Souza Xavier Universidade Federal da Bahia- (UFBA)	Sem Acesso à Produção Original	-----
2018 O Impacto das Ações Afirmativas na Estética e na Imagem Corporal de Negros e Negras. Sebastião Carlos dos Santos Universidade Federal de Minas Gerais- (UFMG)	Artigo Original A - D - P	(GOMES, 2003, 2017) MOEHLECKE (2002), (HALL, 2001), (SANTOS E SANTOS), (MATTOS, 2015); FAZENDA (2000); (MOURA E LIMA, 2014)
2018 A Representatividade da Mulher Negra na Educação Física Escolar. Carolina Cristina dos Santos Nobrega	Artigo Original A - D - P	GUIMARÃES (2004), MUNANGA (2006), SILVA (2007, 2010), SANTOS (2010, 2016), CANDAU (2012), ARTES E UNBEHAUM (2015), PASSADOR (2017), SILVA E NOBREGA (2017) (GONZÁLES; FENSTERSEIFER, 2010); (BARBOSA, 2011) ARTES E UNBEHAUM (2015) SCOTT (1995); (GUILLAUMIN, 1995, APUD

Universidade Federal de São Paulo - (UNIFESP)		BORRILLO VIRGÍNIA LEONE BICUDO E NEUSA SANTOS SOUZA (BETTI; ZULIANI, 2002). VERA CANDAU (2012, (PASSADOR, 2017)
2018 Reflexões Sobre a Filosofia a o Estudo do Corpo no Curso de Educação Física do CFP/UFRB, a Partir da Ótica da Descolonização em Marcien Towa e Muniz Sodré. Anália de Jesus Moreira, Maria Balbina dos Santos, Heráclito dos Santos Barbosa Centro de formação de professores da UFRB (Acultema), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,	Sem Acesso à Produção Original	-----
2020/2021 Formação Continuada de Professoras/es da Educação Infantil na Perspectiva da Corporeidade e da Literatura Afro-brasileira e África Sarita Faustino dos Santos e André da Silva Mello Universidade Federal do Espírito Santo-(UFES)	Artigo Original A - D - P	VITÓRIA, 2007; VITÓRIA, 2006 CIDA BENTO 2012, STUART HALL 2015; CAVALLEIRO, 2001; ARAÚJO, 2017; TAVARES, 2012; OLIVEIRA, 2009; TOMÁS 2017; IBIAPINA 2008; BARDIN 2011.
2020/2021 Corpo Negro e Educação: discutindo questões étnico-raciais em um projeto político-pedagógico-participativo Ângela Maris Murillo Araújo Pontifícia Universidade Federal de São Paulo-PUC/SP	Artigo Original A - D - P	ARAÚJO, 2020; CRITELLI, 2006,2019 FANON (1952/2008), MUNANGA, 2019; ALMEIDA, 2018; GOMES, 2005; BRASIL, 2003, 2005; SAUL E SAUL, 2013; FOUCAULT (1975/2010); FONTES,2006; MERLEAU-PONTY ,1945/2018; FANON, 1952/2008; FREIRE, 1969/1983; NÓBREGA,2020; ALMEIDA, 2018; CARMO 2011; SZYMANSKI; SZYMANSKI, 2014; BENTO, 2002; MUNANGA 2019; ALMEIDA, 2018; FREIRE, 1979; FREIRE 1996; PAULO FREIRE (1993/2008); MUNANGA, 2019; GOMES, 2003, BRASIL, 2003, 2005)
2020/2021 Reverberações Acerca da Capoeira Enquanto Objeto de Pesquisa Lindinalvo Natividade Universidade do Estado do Rio de Janeiro -(UERJ)	Artigo Original A - D - P	NATIVIDADE 2014; HUIZINGA, 2007; OLIVEIRA, 2006; ALVES 2001; ANDRADE; CALDAS; ALVES 2019; CERTEAU, 1998 PASSOS, 2009; DARIDO, 2015 GROSFÓGUEL, 2016; BENJAMIN, 1987; BONDÍA, 2002 E TAVARES 2012; MIGNOLO, 2008; OSWALD ANDRADE (2003); FRANTZ FANON ,2008; M PASSOS,2014; SILVA, 2007

Fonte: tabela elaborado pela pesquisadora

Assim sendo e considerando as produções acessadas, cabe dialogar com o artigo **Corpo e Corporeidade Negra na Educação Física Escolar: possibilidades e novas tensões a partir da lei 10.639/03**, do pesquisador Bruno Henrique de Paula.

O autor destacou como objetivo principal, a intenção de analisar a prática pedagógica de professores de Educação Física egressos dos cursos de formação continuada em educação para as relações raciais promovidos pela Prefeitura Municipal de Serra/ES. Considerando se a participação deste espaço de formação, promoveu ressignificação à prática docente especificamente, no que se refere às conexões estabelecidas nos processos de construção social do corpo e corporeidades.

Segundo o autor, sua pesquisa pode, em alguma medida contribuir com o debate sobre o papel da escola e, especificamente, da Educação Física, quanto ao reconhecimento e valorização das identidades, história e cultura afro-brasileira e promoção de uma educação antirracista.

Considerando neste ponto que a educação antirracista é uma construção feita a muitas mãos, tensionamentos, mudanças e rupturas, ao realizar a pesquisa, pensando a corporeidade a partir da formação de professores, assume em minha percepção o lugar de evidenciar de expor a necessidade de propor mudanças na maneira de olhar para o próprio corpo e para o corpo dos outros.

Nas teses e dissertações com foco na formação docente enumeradas pelo pesquisador Bruno Henrique de Paula, aparecem dois pontos relevantes para pensar o corpo e seu lugar no espaço escolar que, segundo o autor

foi possível concluir que os cursos de fato possibilitaram ressignificações e reflexões, entretanto, observou-se a necessidade de ampliar tais formações a todo o corpo docente e à gestão, aliado ao compromisso das instituições públicas com as políticas antirracistas. [...], que os cursos realizados [...], são importantes mecanismos para se pensar uma educação que contemple os anseios da lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. [...]. Contudo, tem se mostrado insuficientes na implementação da lei, assim como a superação do racismo até mesmo no contexto escolar. (PAULA,2018, p. 4).

Neste ponto, o componente histórico evidenciado por Izaú Veras Gomes (2018) nos auxilia no entendimento do contexto exposto acima. De acordo com o autor no que se refere à educação física que,

[...] se constituiu no Brasil como um espaço de muita disputa e diferentes legitimidades, sendo ocupada por boa parte dessa história como espaço de “atividade” dentro da escola, crescendo com as influências dos pensamentos europeus sobre o corpo e movimento. Perpassando nesse caminho por

influências médicas higienista e produção de corpos saudáveis para o trabalho, pela a esportivização e produção de atletas de rendimento, pelo militarismo. [...] (GOMES,2018, p.1).

Retomando os achados do pesquisador Bruno Henrique de Paula, é importante mencionar que os estudos encontrados pelo autor corroboram o afirmado por Izaú Gomes Veras (2018). Em um dos estudos encontrou apontamentos acerca de “... marginalização e ocultamento das discussões acerca das relações étnico-raciais, do ensino da história e cultura afrobrasileira e africana...”; [...]. E o sentimento de naturalização da invisibilidade pelo próprio discente negro; [...] e no outro “... uma concepção limitada acerca da disciplina, vista pelo prisma da hegemonia dos esportes competitivos, logo, acabam sendo desconsiderados tantos outros elementos que compõem o vasto repertório da cultura corporal, inclusive aqueles ligados a cultura afro-brasileira e africana

Considerando a necessidade de mudanças e o fato delas se fazerem presentes necessitam da atuação e presença dos profissionais com consciência racial, conhecimento das legislações e desejo de mudanças efetivas, para além de denunciar, apontar tais dificuldades, assumindo neste ponto outra vertente da luta que é a proposição.

Os artigos de Izaú Veras Gomes, evidenciam em alguns pontos uma prática, um caminho de ação que pode realizar um enfrentamento real a este contexto hegemônico.

Na primeira produção **Poder me Orgulhar: funk e educação física escolar na educação para as relações étnico-raciais**, o pesquisador nos apresenta uma experiência pedagógica implementada com estudantes do 3º ciclo do ensino fundamental, com o Funk, prática cultural muito presente no universo estudantil desse segmento de ensino. Segundo o autor, com o objetivo compartilhar experiências, através da narrativa autobiográfica sobre práticas pedagógicas em Educação Física escolar e como possibilidade de ressignificação da disciplina para contribuir na educação para as relações étnico-raciais e superação do racismo. Para o autor realizar trabalhos pautados em uma vertente que saia do eixo esportivo ou do caráter biológico é um desafio que propõe colocar o professor no lugar da escuta, do olhar que podem auxiliar neste diálogo com a realidade dos estudantes.

Observando a experiência posta por Izaú Veras Gomes, em sua experiência com funk na escola em que atuava como docente, para além das tensões dialéticas, ou discriminação que são em alguma medida, o único lugar que o gênero musical, consegue ocupar nas construções do espaço escolar. Vejo que propostas neste eixo e com

protagonismo do proponente, pode ser uma possibilidade de oportunizar aos estudantes e até mesmo, os professores, em um contexto que abrange todo o pedagógico sobre; pensar (neste caso o funk), no que não escapa a estrutura social estabelecida, representações do racismo, objetificações do feminino e do masculino, entre outras.

As pesquisadoras Mattos; Monteiro (2021), em diálogo com a experiência apresentada aqui, nos acrescentam o seguinte pensamento:

No Brasil, o corpo negro é essencialmente o protagonista de um fenômeno que se inscreve na diáspora insurgente e resistente. Esses corpos têm causado um diálogo muito rico em torno de si: seus usos e recursos contra estereótipos, estigmas, violência, objetificação e racismo. São suas ⁵¹estéticas afrodiáspóricas que assumem o campo da luta antirracista. (MATTOS; MONTEIRO, 2021, p.2).

Outra perspectiva a ser considerada aqui é a de Gomes (2017), quando nos fala sobre as novas faces do movimento negro, que hoje ocupa outras vertentes e se apresenta no campo e na luta de outras formas. O movimento educador ganhou o mundo, colocou muitos de nós na rua (e me coloco aqui também nesse lugar) e Gomes (2017), diz ainda que, o movimento negro:

...Visa, ainda promover um processo, social, cultural, pedagógico e político de reeducação do negro e da negra sobre si mesmos e sobre o lugar de direito da sociedade brasileira. E reeduca os outros segmentos étnico-raciais e sociais na sua relação com o segmento negro da população, suas lutas por direito e conquistas... (GOMES, 2017, p. 130).

Considerando a perspectiva dos direitos e conquistas o silêncio, não é uma opção, a omissão não é uma opção segura para os corpos que habitam a diáspora. Existe uma porção na história que é minha, o movimento de falar me conecta a outras muitas histórias que se assemelham a minha. Logo, a oportunidade de perceber neste contexto diaspórico que existem porções que atravessam mais, outras menos, mas muito da dor, muito da luta, só se dá quando me disponho ao coletivo, não no sentido de anulação de existência e pertença, mas no que diz respeito a existir mesmo.

⁵¹ . São essas novas composições estéticas da juventude negra (crianças, homens, mulheres e LGBTQ+) que ressignificam o uso dos cabelos crespos por meio da utilização de tranças (nagô, coloridas, brox braids, dreadlocks, boxeadoras), cortes estilizados (na régua), mega hair, black power, cacheados, crespos, dredados, carecas e até alisados, acompanhados de outros artefatos da moda, como maquiagens coloridas, iluminadas, bocas destacadas por batons de cores fortes, brincos, colares, pulseiras, alargadores, piercings e muitos anéis. Também compõem essa estética as roupas, em sua maioria, garimpadas em brechós, recicladas, sobrepostas com calçados e meias, concorrendo a um despojamento do tradicional e apresentando uma moda performática/ criativa de matriz africana, insurgindo-se contra normas, valores e comportamentos hegemônicos anteriormente impostos como padrão socialmente aceito. (MATTOS;MONTEIRO 2021,p.2)

Neste sentido, a segunda experiência relatada por Izaú Veras Gomes em **Narrativas Estudantis Negras: sentidos da educação física escolar para a educação étnico-racial**, traça um panorama dentro do histórico da educação física, tensionando e questionando dentro do histórico da própria história da educação física, as permanências e o que elas impedem ou dificultam no que diz respeito a educação étnico racial.

Considerando neste ponto as tensões geradas neste movimento de garantir a implementação da lei de maneira efetiva, inclusive no território da educação física, Cristian Emanuel Ericeira Lopes, estabelece em sua produção discussão em torno dos dificultadores da implementação da prática da capoeira no ambiente escolar. Considerando aqui o que é apresentado por ele e pelos professores de Educação Física, Izaú Veras Gomes, e Lindinalvo Natividade refletindo sobre dificuldades, podemos localizá-las em três instâncias: a primeira é a que circunda uma ideia eurocentrada em torno do que deve ser ensinado; a segunda é a que se refere ao apoio da gestão e da comunidade escolar e a terceira é a que diz respeito ao viés religioso, que seguem exemplificadas nos fragmentos de texto abaixo. Assim, apontados em fatos do cotidiano no espaço escolar, no que se refere ao trabalho com as questões raciais, como afirma Gomes (2018) quando diz que:

Recebi também alguns elogios de colegas, mas, para além da palavra de apoio, pouca ação: parcerias que seriam ideais para trabalhar interdisciplinarmente foram — e são — escassas. [...] Por vezes, tive vontade de desistir, descreditei de mim mesmo, chorei em alguns momentos e a sensação de estar sozinho ainda me acompanha cotidianamente. (GOMES, 2018, p. 6)

Lopes (2018), acrescenta:

a escola ainda é um local ao qual privilegia e valoriza os saberes ditos como científicos ou acadêmicos, geralmente os saberes vindos da parte do norte global, esses saberes que suprem com a necessidades dessas partes do globo, quase sempre as ciências exatas e biológicas, além de valorizar, funcionam na tentativa invalidar outros saberes que não se encaixam nessas exigências e a apropriação forçada do que vos interessam. (LOPES, 2018, p. 7).

E Natividade (2020), amplia:

Entretanto, coincidência ou não, com a mudança da equipe diretiva da escola começaram aparecer algumas resistências às aulas de Capoeira e ao projeto desenvolvido. [...] Nos anos que seguiram percebi muitas mudanças na receptividade com a Capoeira nas aulas. Não dos alunos, mas de uma parte da comunidade escolar e de muitos dirigentes de religiões neopentecostais, principalmente pelas aulas práticas, ou seja, a dimensão procedimental dos conteúdos. (NATIVIDADE, 2020, p.8).

Considerando neste ponto as realidades apresentadas pelos três professores pesquisadores, para que a implementação da lei 10639/2003, seja efetivada de fato, para que tenhamos outras epistemologias e/ou uma educação que contemple uma educação antirracista, vamos precisar tensionar em alguma medida não da crença religiosa dos profissionais no espaço escolar, mas como estes fazem uso desta, para dificultar, impedir e inviabilizar que conhecimentos vistos por eles, como menores estejam ou sejam contemplados.

Pensar a capoeira na escola é alguma medida pensar o funk, jongo, o maracatu, as cirandas. São práticas corporais que tem histórias distintas, que podem auxiliar nas discussões em torno da corporeidade negra no espaço escolar e para além disto, podem vir a ser oportunidades para os profissionais, sejam eles da educação física ou não, reverem suas escolhas no currículo e a sua aplicação, como aponta Mattos (2021):

sem uma reflexão sobre essas práticas, ela será apenas mais um conteúdo, que não atenderá nem ao cumprimento da lei, nem a uma participação contextualizada dos estudantes, para se repensar as relações entre os diferentes nas escolas. (MATTOS, 2021, p.117)

Levando em consideração a reflexão de Mattos (2021), torna-se relevante perguntar. Que cultura corporal de movimento é esta? A quem ela serve? Que objetivos tem? Que corpo contempla com sua proposição? Ainda sem respostas às indagações e, considerando neste ponto, o lugar das permanências na Educação Física, que Gomes (2018) expõe, podemos encontrar algumas “pistas” no pensamento que o autor desenvolve, quanto ao:

olhar pautado numa perspectiva biológica ainda se faz presente na educação física escolar e, muito embora a compreensão biológica do corpo seja importante, pensar o corpo somente nessa ótica é empobrecedor. [...]. Nesse percurso histórico apresentado, a disciplina foi e continua sendo espaço de reproduções estruturais, excluindo em maior ou menor escala indivíduos que não estejam dentro de uma formatação social masculina, branca, heteronormativa, cis e magra. Retomando tais pressupostos históricos que direcionaram as práticas pedagógicas da educação física, compreende-se que a mesma esteve diretamente ligada a discriminação do corpo negro e de sua cultura, vinculada a ideia de uma superioridade branca. (GOMES,2018,p.3).

A implementação da lei 10639/2003 tomando como referência discursiva o já exposto é de alguma forma o que afirmam Gomes; Jesus (2013), é possível dizer ainda “... que não há uma uniformidade no processo de implementação da Lei 10.639/2003, nos sistemas de ensino[...]. Trata-se de um contexto ainda marcado por tensões, avanços e

limites”, nas palavras dos autores. Assim sendo e considerando todos os passos e caminhos que nos são possíveis; existe uma ideia que me ocorre ao pensar sobre as tensões e limites: a busca por caminhos para avançar, considerando minha história pessoal e, olhando para as vertentes e vivências do movimento negro, que dentre outros espaços, formou uma parte importante de mim, que segue em busca por encontrar estas novas faces nas quais esses caminhos se apresentam.

Tomo como referência a discussão proposta pelo professor Carvalho (2018). O pesquisador em seu artigo original, intitulado **O Impacto das Ações Afirmativas na Estética e na imagem Corporal de Negros e Negras**, nos apresenta uma destas vertentes, nomeada em sua exposição de “geração tombamento⁵²”, esta discussão retrata, segundo Carvalho (2018, p. 1) “uma parcela da juventude negra urbana, e com acesso às tecnologias, este movimento está diretamente associado a um movimento de politização da estética...”. A estética aqui é este lugar da segurança e do fortalecimento da estima, das escolhas dos indivíduos que não são aleatórias, uma vez que o corpo é político e se coloca de maneira política.

A busca por estar, ocupar os espaços, relaciona-se diretamente com um objetivo que é maior, que não é individual. Esta estética é o braço histórico do movimento negro e das inúmeras faces que ele assumiu e assume diariamente. Ratificando o que já fora afirmado, Gomes (2019), nos empresta seu pensamento, na seguinte afirmação:

Hoje nós podemos encontrar redes sociais páginas na internet blogs Facebook que divulgam trabalhos tanto de entidades negras quanto de negras e negros em movimento e que lutam contra o racismo. também nós vamos encontrar inspirações individuais como YouTubers e as YouTubers negras páginas femininas que falam sobre a questão da estética do cuidado com a beleza das fases do corte dos seus cabelos crespos e o processo da transição e a dureza do processo da transição que são fases constituintes de processos identitários de jovens negros e negras que muitas vezes não sabem que a sua inspiração de uma afirmação identitária, ela está enraizada em lutas negras em movimentos negros em ativistas e ativistas negras do passado e do presente que enraízam e nós uma luta e uma resistência identitária. (GOMES 2019.p 17)

Neste ponto, dialogando com a afirmativa de Gomes (2017, p.130) “o projeto educativo e emancipatório do movimento negro, do ponto de vista institucional que tem

⁵² Geração Tombamento é o termo utilizado para classificar jovens negros brasileiros urbanos que fazem uso da estética como ferramenta de ativismo e, conseqüentemente, forma de empoderamento. Essa estética é carregada de referências da cultura periférica na qual esses agentes estão inseridos, assim como no contexto globalizado de outras manifestações que se relacionam com suas vivências, estas acessadas majoritariamente pela internet. Cabelos afro em sua forma natural ou tingidos com cores vivas, bem como aplicações de tranças, turbantes e roupas, que fazem referência à ancestralidade africana, são marcas dessa nova tendência. (NOGUEIRA e DOMINGOS, 2017, p.6-7).

foco na educação básica e o ensino superior...” A investigação realizada por Carvalho (2018) nos apresenta pontos importantes a se pensar. Segundo o pesquisador, suas buscas possibilitaram relacionar o racismo brasileiro e suas implicações dentro do processo educacional nas universidades brasileiras com as novas dinâmicas associadas à politização da estética negra.

Neste sentido, reflete a tensão que habita esta descoberta e encontro com a própria estética, o impacto e a interferência das questões de natureza afirmativa na trajetória dos sujeitos, considerando que

a autoafirmação de estudantes negros e negras, cotistas ou não, pode revelar o que está além das políticas afirmativas dentro da universidade. As manifestações através da estética corporal destes estudantes, pode revelar algo além do que os olhos podem ver. (CARVALHO,2018, p.2).

Ocorre-me neste ponto, considerando o que escapa os olhos, buscar elementos para entender as manifestações de afirmação e identidade presentes na trajetória destes estudantes, que tem história de infância que os habitam, mas que também vão compor em algum momento o caminho de outros. Parece em um primeiro momento confuso, mas a questão que me habita aqui é, quanto da criança negra que fui, tem na mulher que sou hoje? Quanto da infância de jovens professores habita o profissional da Educação Física ou de outras áreas? Na verdade, não tem nenhuma resposta acertada para isto, mas o que se espera, considerando uma educação antirracista é que este profissional, pessoa, que está constituindo-se profissional e pessoalmente em sua negritude, possa munir-se de força suficiente para lutar por esta educação.

Neste ponto retomo às questões relativas à identidade e estética no campo das questões étnicas e raciais no território da infância, das construções e as questões políticas que a circundam; considerando que nem todos os profissionais em formação tem a oportunidade oferecida pelo pertencimento, gerado por estar inserido no movimento afirmativo social, político e/ou estético.

Reflexionando então o apresentado, dialogaremos mais uma vez, com a produção da professora, Sarita Faustino dos Santos que divide, desta vez, a autoria do artigo presente no Copene 2020, com o pesquisador André da Silva Mello. O artigo com título, **formação continuada de professoras/es da educação infantil na perspectiva da corporeidade e da literatura afro-brasileira e africana.**

Segundo os autores o estudo apresenta-se como um projeto de mestrado em desenvolvimento e pretende fomentar a discussão étnico-racial para potencializar a desconstrução do racismo, uma vez que na Educação Infantil de Vitória/ES, existem práticas e comportamentos sociais que necessitam de enfrentamento. Como pode ser percebido no trecho destacado a seguir:

crianças negras têm o cabelo ruim e não aprendem” ou “as famílias negras são relaxadas”. Os territórios, na sua maioria de negras/os, que não tem “jeito”, territórios de “bandidos”, crianças “fedorentas”, estigmas que revelam a cor da pele como algo pejorativo e que estão associados a um grupo racial inferiorizado. (SANTOS; MELO 2020)

Demarco aqui, que relatos como estes, ainda compõe o pensamento, aparecem na fala e na ação dirigida às pessoas negras em situações cotidianas e marcarão a história e a estima desta criança, de maneira muito dolorosa. Pensar no cenário educacional, nas realidades com as quais já me deparo enquanto professora da educação básica, compõe minha ação um rebate constante, deste tipo de reprodução. O olhar que dirijo aos meus alunos em situações como estas, me coloca, de alguma forma, e em alguns momentos, no lugar desta criança. Sei bem como dói. Assim sendo e sabendo o quanto isto me impediu, por muito tempo de me olhar, considero relevante, imprescindível e urgente, como demanda Gomes (2010, p.104) “posturas, valores, conhecimentos, currículos na perspectiva da diversidade étnico-racial”, sejam revisadas pelas instituições.

Na perspectiva da diversidade e considerando as mudanças que as experiências do currículo que contempla saberes da comunidade negra, neste ponto recordo-me do sentimento de pertencimento e a importância das experiências afirmativas, relatadas pela pesquisadora Sarita Faustino dos Santos, apresentada em um momento anterior, nesta pesquisa, ao falar do grupo de dança Negra ô, que foi objeto de pesquisa no seu trabalho de conclusão de curso.

Em minha percepção, parte do olhar que compõe o desejo de ação e de mudança da pesquisadora, frente às questões denunciadas à Comissão de Estudos Afro-Brasileiros (CEAFRO), da Secretária de Municipal de Educação de Vitória/ES, é composto, em alguma medida, pelo sentimento de que estudantes negros tenham experiências que os façam sentir pertencentes e vistos em lugares que não são muitas vezes atribuídos às pessoas negras.

Tendo como assertivo considerar o pensamento de como pessoas negras absorvem as experiências que compõe e formam a identidade, percebo (seriam necessárias pesquisas para comprovar), que as experiências que envolvam vertentes do movimento negro culturais, artísticas ou políticas ampliam o olhar para este além do que se pode ver. Os relatos presentes na citação anterior estão repletos do racismo dirigido aos corpos negros que ocupam este espaço.

Nesta perspectiva e considerando a necessidade de buscar alternativas para romper com este cenário apresentado. Santos; Melo (2020), apresentam uma investigação que tem como objetivo geral de pesquisa, ainda em estágio inicial, articular a literatura e a corporeidade afro-brasileira e africana na formação continuada de professoras/es, pedagogas/os, gestoras/es, assistentes da educação infantil e na produção de conhecimentos para a mediação pedagógica na Educação Infantil.

É importante dizer que a experiência que inicia o trabalho com a corporeidade negra a partir de histórias é uma prática comum no trabalho com crianças na educação infantil. Então a investigação proposta oportuniza entender de que forma tal ação tem sido implementada. Se as proposições servem, em alguma medida, como oportunidade para se verem e pertencerem assim como, a geração tombamento presente na universidade, a dança, o funk ou a capoeira. E, neste sentido, as histórias utilizadas sem a preocupação com o que suscitam, ocupam o mesmo lugar já apontado por Mattos (2021), ao se referir à necessidade de reflexão em torno da prática escolhida, para utilização com estudantes.

Considerando ainda a necessidade de rever práticas a fim de gerar proposições, o artigo **Corpo negro e educação: discutindo questões étnico-raciais em um projeto político-pedagógico-participativo**, da pesquisadora Ângela Maris Murillo Araújo (2020), referente neste caso, a uma pesquisa de mestrado concluída, objetivou investigar como se dá a inserção das questões étnico-raciais nas instituições de educação, num PPP - projeto político pedagógico participativo.

De acordo com a autora, o ponto de partida da investigação se deu com a parceria entre Universidade⁵³ (grupo de pesquisa ECOFAM) e território da zona oeste de São Paulo, que ocorre há mais de duas décadas, envolvendo um trabalho de intervenção e participação de práticas educativas e atenção psicoeducacional à família escola e comunidade.

⁵³ Esta parceria ocorre entre Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no programa de pós-graduação de Educação do curso Psicologia da Educação pelo Grupo de Pesquisa ECOFAM, correspondente a linha de pesquisa Fenomenologia e o território da Brasilândia. (ARAÚJO, 2020).

Os diálogos aconteceram dentro do grupo de pesquisa, em torno das necessidades, possibilidades e demandas da comunidade. A construção do PPPP, no caso, foi elencada como uma delas. Durante as conversas estabelecidas entre as categorias que compunham a discussão ficou evidente como aponta, Araújo (2020), a invisibilidade acerca das questões étnico-raciais, considerando que é uma população majoritariamente negra. A investigação de Araújo (2020), junto ao grupo, a fim de entender as questões que se referem a invisibilidade, trouxeram como resultado o fato de que,

o não entendimento de quem, de fato, pode ser considerado negra ou negro no Brasil; que há uma compreensão equivocada de que uma das causas do racismo no Brasil está relacionada ao fato de supostamente os próprios negros não se aceitarem como tal; a formação docente inicial e permanente sobre o tema é insuficiente. (ARAÚJO,2020, p. 221).

O apontado no fragmento de texto pode ser também justificado pelo pensamento de Gomes (2010), quando elucida que:

Essa situação revela mais um aspecto da ambiguidade do racismo brasileiro e sua expressão na educação: é somente por força da lei 10639/2003 que a questão racial começa a ser pedagógica e politicamente assumida pelo estado, pelas escolas, pelos currículos e pelos processos de formação docente no Brasil. E mesmo assim com inúmeras resistências. (GOMES,2010, p.104).

Tendo em mente a infinidade de resistências, para a implementação da lei, Araújo (2020), apresenta resultados, que mostram no sentido de permanências, no que diz respeito ao cumprimento de forma efetiva da lei no espaço escolar, e no que se refere contemplar documentos oficiais e a formação do corpo docente, de forma constante. A autora ainda evidência a necessidade de discutir mais detidamente as questões referentes, ao que é ser negro de fato, considerando que estamos no Brasil e somos marcados por ideias em torno da existência da democracia racial, com foco no fenótipo, na questão de identidade focada apenas no indivíduo, sem foco no coletivo. Percebe-se então, que os avanços são pouco expressivos se considerarmos o tempo de aprovação da lei 10639/2003.

Encerrando os achados teóricos das edições do Copene, dialogaremos com as proposições e indagações da pesquisadora, Carolina Cristina dos Santos Nóbrega (2018), com o trabalho pedagógico refletido em seu artigo, **A representatividade da mulher negra na educação física escolar**. A professora relata a experiência de um projeto realizado com a participação de crianças do ensino Fundamental I, do ciclo

interdisciplinar (4^{os} anos), de uma escola municipal de ensino fundamental, localizada na cidade de São Paulo e com base no PPP da instituição.

Segundo a pesquisadora, a experiência didático-pedagógica teve como objetivo promover a representatividade das mulheres negras no contexto escolar, por meio da educação física antirracista e como estratégia para a aproximação dos estudantes nas discussões que foram realizadas em três momentos distintos⁵⁴.

Ainda segundo a autora, o primeiro momento que contemplou o projeto “Leituras afrobrasileiras” foi desenvolvido nas aulas de educação física, propondo resgatar historicamente o protagonismo negro, a partir da história escolhida pela professora, oportunizando diálogo com os estudantes sobre o conto ‘Madiba: o menino africano, de Barbosa (2011). A história conta a trajetória de Nelson Mandela e destacando nesta experiência as práticas corporais da infância do ativista negro, a dança afro e a luta (capoeira), presentes na educação física. Os estudantes pesquisaram sobre estas práticas e sequencialmente, construíram histórias em quadrinhos sobre elas e a percepção que eles mesmos tiveram nas pesquisas que realizaram. De acordo com a professora, este primeiro momento deu aos estudantes, a oportunidade de perceberem a ausência de protagonismo feminino.

No segundo momento, de acordo com a autora, os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer a história de Virgínia Leone Bicudo⁵⁵ e de Neusa Santos Souza⁵⁶, duas intelectuais negras muito importantes para pesquisa e para o pensamento negro. Neste ponto, muitas questões são contempladas e, considerando uma educação antirracista, pode-se a partir de Nóbrega (2018), que:

⁵⁴ A presente experiência didático-pedagógica foi construída em três momentos: o primeiro momento apresenta a vivência no projeto “Leituras afrobrasileiras”; o segundo momento evidencia a trajetória de duas professoras negras, Virgínia Leone Bicudo e Neusa Santos Souza, expondo as noções de cidadania que se destacam nos estudos a respeito da representatividade da menina negra, da mulher negra. E, por fim, o terceiro momento relata a relevância da interculturalidade na construção das identidades e exemplifica a produção audiovisual, na qualidade de registro avaliativo final do processo de superação da sub-representação das meninas 3 negras nas aulas de educação física, bem como a importância da construção da comunicação. Em função disso, é importante ressaltar que os três momentos são construídos por pesquisas da realidade vivida pelas educandas e educandos. NOBREGA 2018, p. 2

⁵⁵ De acordo com o embranquecimento físico e cultural, Virgínia Leone Bicudo teve sua cor invisibilizada ao ponto de a maioria dos estudiosos e pesquisadores da educação brasileira desconhecer sua história, principalmente, como professora negra no ensino primário, além das suas contribuições na luta social. Ela iniciou sua carreira nos Grupos Escolares Carandiru e Consolação, após terminar os estudos de normalista na Escola Normal Caetano de Campos, posteriormente, ingressou na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) onde graduou-se em Ciências Sociais e Políticas, sendo a única mulher da turma. Depois, nessa mesma instituição, defendeu o mestrado com o título “Estudos de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”. (SILVA; NOBREGA, 2017, p. 92).

⁵⁶ Já identificada anteriormente nesta pesquisa.

estudar a representatividade das mulheres negras é construir com as educandas a superação do papel de sub-representação nas aulas de educação física, ou seja, o processo de romper o silêncio. (NOBREGA, 2018, p.5).

Neste sentido, no que se refere aos efeitos nocivos do silenciamento feminino, Maranhão (2009), acrescenta que,

O silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola e em diferentes espaços sociais. [...]. Os pensamentos racistas e discriminatórios são oriundos de omissões seculares na história, que ainda hoje refletem no imaginário coletivo da sociedade brasileira. (MARANHÃO 2009, p. 68).

Assim, a proposta de trabalho, na perspectiva de romper com o silêncio, oportuniza aos estudantes, outras vivências em torno da construção de sua identidade individual e de suas intervenções nos espaços em que estiverem inseridos coletivamente. Pensando que esta ação pedagógica, que foi realizada com base no PPP da instituição é um apontamento sobre possibilidades presentes no território da Educação Física que tornam possível o diálogo das leis, dos documentos oficiais e de uma prática feita para e com os estudantes, considerando suas vivências e experiências. Uma prática afetuosa e sensível que escute, que olhe, que afete.

8 - CONSIDERAÇÕES DO MOMENTO

“...*Eu sou um corpo*
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte
E Je suis ici⁵⁷, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que eu não queria mais
Je suis ici, agora...”
 (Um corpo no mundo-Luedji Luna)

A epígrafe é a letra de uma das músicas de uma mulher negra, que pretende por meio da arte ocupar um lugar na sociedade para dizer “Je suis ici” – eu estou aqui. Corpos

⁵⁷ Eu estou aqui. Fonte de tradução: <https://dicionario.reverso.net/frances-portugues/je+suis+ici>.

pretos estão aqui, acolá e em qualquer lugar para contar as suas histórias/memórias. Essa foi a tônica desta investigação, essa tem sido a tônica da minha história profissional e o que tem feito sentido para a minha vida e de muitas outras pessoas negras. A música de Luedji Luna me toca/tocou, quando ela me possibilitou entender as várias camadas de não ser, do não pertencimento, do corpo que ocupa o espaço, remetendo à travessia e ao deslocamento, um corpo com cor, com dor, com suor, um corpo humanizado.

Considera-se importante neste momento de conclusões parciais retomar, de forma sintética, os motivos que me trouxeram aqui e os objetivos deste trabalho visando responder as questões levantadas durante o processo de pesquisa. Assim, é fundamental recuperar que foram as minhas experiências de criança, adolescente, mulher, negra e professora da rede pública, que vivendo em uma sociedade desigual, eurocêntrica, racista e machista, experimentando os mais diversos dilemas éticos e estéticos, bem como, os mais diversos preconceitos, que me formaram e que me trouxeram aqui. O ponto central foi a relação dos agentes escolares com os corpos negros e com ela a necessidade de compreender por que as instituições escolares por onde eu passei, ainda reproduziam estas práticas de apagamento das histórias e subalternização dos corpos negros. Importante ressaltar que a proposição inicial para a entrada no mestrado foi o desenvolvimento de práticas pedagógicas emancipatórias e transformadoras que superassem o silêncio em relação a riqueza cultural de povos negros e o objeto de estudo e desenvolvimento seria a Capoeira. Todavia, a pandemia do COVID-19 inviabilizou tal caminho. Na escolha de outra trilha possível a proposta foi de identificar e discutir os trabalhos teóricos que estudaram/investigaram as experiências de corpos negros na escola, com intuito de conhecer o tamanho, diversidade e profundidade desta produção, buscando sensibilizar os agentes escolares da importância destes trabalhos para fundamentar, com urgência, outras proposições pedagógicas, que possam superar as práticas preconceituosas, discriminatórias e de subalternização destes corpos.

Destaca-se que tal pesquisa me aventou descobertas e me proporcionou encontros preciosos com uma parte de meu corpo, minha existência neste mundo. Foi possível entender muito mais sobre o lugar do meu corpo preto, perceber heranças, processos e desmistificar, de alguma forma, a ideia de unicidade. Ser negro é um processo que contempla a diversidade e carrega uma simbologia histórica muito importante para os povos de todo o mundo.

Ao ler as produções expostas inseridas nesse trabalho foi possível compreender como os processos de apagamento da história dos povos negros são imperiosos na construção de uma identidade de subalternização. Mas ao mesmo tempo encontrei/cavei espaços e coletivos que despertaram em mim e em muitos colegas, o sentimento de resistência e de superação e, por isso mesmo, cheguei até aqui. Enfim, entender que meu corpo é político, e que nada neste contexto é apenas sobre mim ou para mim, mas para um projeto maior de efetivação de uma educação antirracista. Eu sou uma mulher negra partilhando a diáspora, aprendendo a diáspora e lutando por um lugar nela.

Iniciei a discussão, a partir de minha própria história e vivências enquanto criança negra, estudante negra, professora negra e mulher negra. Na sequência foi apresentado um panorama sobre a LDB e a Lei 10639/2003, falando sobre a importância da implementação da Lei no espaço escolar, no que se refere às questões raciais e um panorama sobre algumas concepções de corpo.

A pesquisa realizada nos Anais do CONBRACE e do COPENE (duas importantes instituições de socialização do conhecimento acadêmico) sobre produções apresentadas no período compreendido entre 2011 e 2021, encontrou uma considerável diversidade e profundidade na temática do corpo negro e a escola, dentre elas as dissertações de mestrado e teses de doutorado de Mattos (2007), Bins (2014), Lima (2018), Gomes (2019), Nobrega (2019), Paula (2020), Carvalho (2021), Bezerra (2021), Reis (2021), dentre outros.

No sentido de organizar as análises possíveis sobre esse levantamento partiu-se de alguns aspectos que se apresentaram imperiosos, tais como: o gênero e o fenótipo na produção teórica; a quantidade e diversidade temática; as referências teóricas utilizadas; os tipos de produções (relatos, pesquisas de campo, ensaios etc.) e as lacunas temáticas.

Em relação ao gênero e fenótipo⁵⁸ foi possível perceber que existe dentre os artigos selecionados um número maior de mulheres brancas⁵⁹, como autoras, levando em consideração as características fenotípicas. Nas publicações selecionadas, as mulheres são a maioria nas pesquisas relacionadas ao corpo, mesmo nas situações que escrevem em parceria com homens. Neste contexto de maioria de autoras brancas, o quantitativo de

⁵⁸ Quando nos referimos ao fenótipo nas discussões sobre relações raciais, estamos nos referindo às características observáveis de um indivíduo, como cor da pele tipo de cabelo estrutura corporal etc. O fenótipo resulta da expressão dos genes do organismo, da influência de fatores ambientais e da possível interação entre os dois. O genótipo, por sua vez é composto pelas informações hereditárias que uma pessoa herda e que estão contidas em seu Genoma. A interação entre genótipo e fenótipo pode ser resumida da seguinte forma: (genótipo + ambiente - fenótipo). (JESUS 2021, p. 37)

⁵⁹ Percepção a partir de consulta a fotos presentes no currículo Lattes.

mulheres negras ainda é muito pequeno. Essa situação nos remete a uma necessidade de políticas públicas de incentivo à produção teórica por corpos negros, entendendo que tais escritas estarão em profundo diálogo com as experiências de vida de autoras/es que vivenciaram de fato o que é ser negro na sociedade brasileira.

Tenho consciência do quão político é estar neste espaço e entendendo o valor de ter mulheres negras referenciando produções futuras. Evidencio algumas destas pesquisadoras que tive acesso às suas produções e cito para ilustrar, duas publicações: *Mulheres Negras, professoras da Educação Física*, organizado pelas professoras Luciana Venâncio e Carolina dos Santos Nobrega. O livro lançado no ano de 2020 e possui artigos de 18 professoras pesquisadoras da Educação Física. A segunda publicação é o livro da professora Ivanilde (Ivy) Guedes de Mattos, *Estética Afirmativa - Corpo Negro e Educação Física*, publicado em segunda edição, no ano de 2021.

Sobre a quantidade de produções teóricas, a respeito do tema é possível especular que, apesar de ainda incipiente, os artigos identificados são suficientes para motivar e iniciar o processo de reformulações das práticas pedagógicas no interior das escolas, o que com certeza poderá gerar e impulsionar novas questões de pesquisas, oportunizando novos objetos de investigação. Percebe-se que os trabalhos apresentam também uma profundidade de análises e discussões muito pertinente e importante para fundamentar os agentes escolares.

Em relação às referências teóricas utilizadas ainda predominam alguns referenciais que são externos aos contextos brasileiros. Acredita-se na necessidade de um movimento de maior investimento de pesquisa nos contextos internos que podem auxiliar ainda mais na pertinência dos estudos e na relação com as práticas pedagógicas. Sobre os tipos de produções é possível afirmar que existe uma diversidade muito grande e foram encontrados trabalhos de pesquisa de campo, etnografias, pesquisa-ação, relatos de experiências, pesquisas autobiográficas e outros, o que é muito interessante, pois, o campo torna-se mais eclético e mais acolhedor para novas produções, sem falar é claro, nas várias possibilidades de apreensão do conhecimento por parte dos agentes escolares.

Pode-se considerar que a pesquisa apresenta algumas lacunas importantes que poderão ser preenchidas com outros estudos dessa natureza, no sentido de ampliar os debates relativos às questões étnico-raciais, em busca de uma educação antirracista. Seguem enumeradas questões que, em minha percepção necessitam de mais aprofundamento na área e que podem qualificar ainda mais a discussão do tema:

1. Questões que dizem respeito a solidão das/os professoras/es que se propõe a implementação da Lei 10639/2003, (considerando aqui que este é algumas vezes um lugar com poucos aliados);
2. O número reduzido de mulheres pesquisadoras negras, como referência de escrita;
3. As questões relativas aos corpos negros surdos na Educação Física;
4. Discussões relativas à organização do Projeto Político Pedagógico das escolas, explicitando com muita clareza a composição étnica dos estudantes de cada unidade, bem como as práticas pedagógicas antirracistas;
5. As questões relacionadas ao pertencimento dos profissionais da área atuando como um impedimento em torno da implementação da Lei 10639/2003;
6. O interesse do grupo de mulheres da Educação Física em torno de pesquisas que tem como foco o corpo;

Todas, os apontamentos aqui têm a intenção de proporcionar diálogos que oportunizem rever as práticas racistas presentes na estrutura da comunidade escolar e nas relações que se estabelecem nela. Neste ponto é importante mencionar ainda que as pesquisas nos Anais do CONBRACE, evidenciaram um tensionamento no campo, pois, muitos trabalhos destacaram a pouca adesão dos professores de Educação Física no processo de implementação da Lei 10639/2003. Foi apresentado uma parcela pequena, porém importante, de professores/as que materializam práticas pedagógicas de excelência no espaço escolar, voltado para esta temática.

Outro aspecto de destaque é a pouca visibilidade das/os autoras/os que discutem corpo negro nas aulas de EF. Percebe-se que as discussões sobre a temática não têm seu pensamento discutido de forma aprofundada. É como se todo corpo apresentasse a mesma história. Não se trata aqui de discutir “preferência”, mas de uma manutenção de epistemologia e do corpo que ela representa: o branco.

O exposto acima é relevante, pois ainda existem muitas pesquisas utilizando as ideias de teóricos ocidentais, europeus, mesmo quando as temáticas fazem referência ao corpo negro em experiências diaspóricas brasileiras, tais como a capoeira, jongo, quilombos etc. O campo possui referências, pesquisas nesta área, que podem ser utilizadas, a fim de dar maior legitimidade a estas discussões.

Assim sendo, considerando a necessidade de eliminar permanências de racismo, no que se refere a visibilizar teóricos negros, torna-se muito importante mencionar, que o campo está em luta por mudanças nas discussões acadêmicas sobre a temática racial no âmbito da Educação Física. Importante celebrar a criação do GTT 13⁶⁰ - Relações Étnico Raciais no CONBRACE, no dia 17 de setembro de 2021. São coordenadoras do GTT a Dra. Vilma Aparecida de Pinho (UFPA) e a Dra. Ivanilde Guedes Mattos (UEFS). O GTT é um dos 14 existentes e tem como objetivo (de acordo com informações presentes na página do congresso), o estudo das relações étnico raciais identificadas em cenários da Educação Física, considerando aspectos históricos, políticos e sociais, por meio de distintas vias metodológicas e de análise.

A criação deste GTT marca um lugar político/pedagógico muito importante para a discussão acadêmica do tema. Tem-se neste sentido a oportunidade de ampliar os espaços de produção, socialização e práticas pedagógicas relativas aos corpos negros na EF, mobilizando assim questões, temas, autores que vão certamente proporcionar interessantes produções teóricas que serão futuramente geradores de mudanças expressivas no fazer pedagógico, pesquisadores com discussões muito relevantes no que se refere às questões raciais e o corpo negro, presentes inclusive, como referências na pesquisa aqui realizada.

Considerando as discussões presentes no COPENE foi possível identificar uma diversidade nas temáticas encontradas. Em que pese a crítica da dispersão do campo, fica a possibilidade de ampliação dos espaços de publicação dos trabalhos acadêmicos. Outro ponto relevante a ser destacado são as características dos pesquisadores presentes no órgão, uma vez que a maioria das publicações foi realizada por indivíduos fenotipicamente identificados como negras e negros, contemplando aqui apenas os professores de Educação Física presentes no COPENE. Destaca-se que ainda aqui, mulheres negras são minoria, mesmo se considerarmos os artigos publicados em parcerias.

Importante mencionar que os diálogos apresentados, contemplam uma noção de racialidade que a mim, enquanto pesquisadora e mulher negra, muito interessa. Críticas relativas ao exercício de evidenciar um olhar biológico para corpo, a arte apresenta-se como um lugar de denúncia do olhar dirigido ao corpo negro, mas também como espaço de fortalecimento dos indivíduos, onde pode-se perceber uma diversidade de fazeres

⁶⁰ <https://www.cbce.org.br/gtt/gtt13-relacoes-etnico-raciais>

negros, pensamentos negros e versões distintas de viver a coletividade, comunidade negra.

Permito-me afirmar que o corpo no COPENE é como o corpo de Luedji, ou seja, “tem cor, corte, tem história”. A insistência nas escritas presentes neste espaço é o exercício pleno que é proposto pela “escrevivência” de Conceição Evaristo, é o espaço político de resistência onde pode-se ser, ouvir, gritar, enfim, dizer sem interrupções.

Foi possível perceber a existência de muitos aspectos em torno do processo de implementação da Lei 10639/2003. Revelações quanto a não efetivação dos ordenamentos legais brasileiros como um todo, mas principalmente desta e pelo seu ano de promulgação. Pesquisadores que destacam a implementação e outros que relatam sobre o movimento de tensionamento dos documentos oficiais com possíveis reforma do PPP da instituição. Outro aspecto mencionado nos artigos, como fator que dificulta o cumprimento efetivo da Lei é a presença de grupos religiosos no espaço escolar, que tendem a resistir a implementação, julgando algumas ações de forma preconceituosa, pois, entendem pertencerem às religiões de matriz africana.

Tendo consciência de como nosso corpo é político e que enquanto pessoa negra é preciso ocupar este lugar, estejamos onde estivermos. Dentro das discussões presentes no COPENE destaca-se as questões referentes à necropolítica, tema que não fez parte do universo de discussões da Educação Física. Este tema se apresenta como fundamental, pois, nos alerta para um momento crítico e atual na sociedade brasileira e a letra da música de Luedji Luna, continua a retratar-nos a importância do tema:

Cada rua dessa cidade cinza
Sou eu
Olhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
E eu falo mais de três línguas (LUNA, 2017).

A música nos aponta o perigo que ameaça os corpos negros todos os dias, seja na cidade cinza ou na cidade dos bares. São espaços inseguros para pessoas negras, olhares brancos nos fitam o tempo todo, mas não nos veem, enxergam, somos a “carne mais barata do mercado”⁶¹, como bem cantou Elza Soares ou as vozes mulheres⁶², que fazem eco na poesia de Conceição Evaristo. Considero importante pensar na morte da juventude negra, que precisa ser uma pauta para os diálogos no interior da Educação Física. E a

⁶¹ Canção “A carne - Elza Soares. <https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>

⁶² Poesia “Vozes Mulheres” - Conceição Evaristo. <https://www.youtube.com/watch?v=pNuwgBXTunI>

intenção com tal apontamento, para além do que a crítica contempla, é tencionar e problematizar a área e a professora(o) de Educação Física sobre a potencialidade do tema na formação das crianças e jovens negros. Será que a Educação Física não tem nada a contribuir neste debate? É evidente que sim.

Que pautas podem constar em um planejamento de um professor de Educação Física, para pensar as dificuldades enfrentadas por meninas em relação a identidade e aceitação de si, que se revelam com muita intensidade neste espaço, no que se refere às descobertas e encontros com seu próprio corpo e identidade? O que você profissional da educação consegue ver quando olha para seu aluno(a) negro(a)? Que futuro imagina, deseja para ele? Todas estas perguntas aparecem aqui motivadas pela pesquisa, que apesar de apresentar o que objetivou encontrar, deixa ainda muitos questionamentos.

Neste sentido, penso que falar de educação, falar de mudança de epistemologia ou de considerar a escrita e o pensamento de mulheres e homens negros e falar de projeto de vida, de sonhos é, em grande medida, iniciar um movimento de resistência e ruptura com o ciclo de morte proposto pela política racista instaurada na sociedade brasileira.

Para mim a questão que alinhava esta discussão é pensarmos o quanto nos implicamos com nosso fazer. O quanto a educação que promovo e as experiências que proporciono (enquanto educador e agente social) de fato são transformadoras, agregam valor ao espaço e meus educandos. Pensar o corpo na escola é em alguma medida considerar todas estas coisas. É fato que ainda encontraremos nas instituições escolares atores que não sabem da existência desta Lei 10639/2003, do que ela trata e ainda, pessoas que não reconhecem a dívida histórica contraída junto aos escravizados ou aqueles que não desejam sair do lugar de privilégio, dos benefícios que lhe atribuíram. Mas também é fato que, a construção histórica está em constante movimento de transformação e que é urgente as alterações do *status quo*, no que diz respeito aos preconceitos em relação à população negra.

Assim, o movimento da pesquisa aqui apresentado impõe-me o dever de discutir e analisar tais aspectos como os que foram apresentados, mas também de pensar em ações efetivas que auxiliem na erradicação de tais práticas. O levantamento das produções nos territórios do **CONBRACE** e **COPENE**, evidenciou a presença ainda muito insistente de práticas racistas no espaço escolar, bem como, um quantitativo de pensadores/professores em busca de combatê-las. Em muitas questões apontadas foi possível me enxergar, no esforço de uma prática antirracista que superem de forma

exitosa, o status quo. A realização deste mapeamento nos dois espaços intensificou meu movimento, meu desejo de compreender não só o cenário, mas também que atuação tenho empreendido neles. Me vi atravessando pontes, entre e-mails enviados e retornados, pude caminhar pelo pensamento de outros pesquisadores Brasil afora, minha rede segue ampliada. O movimento de buscar os profissionais negros que discutem o corpo me apresentou as novas referências e potencializou em mim, o desejo de me fortalecer ainda mais. É possível acrescentar ainda, a importância do coletivo para endossar o que foi relatado.

O Movimento Negro é para mim este espaço, nas novas configurações políticas⁶³ (considerando aqui a produção teórica da professor Nilma Lino Gomes) e espaços que se tem feito para continuar a luta, o enfrentamento diário do racismo presente na estrutura deste país, um mal a ser combatido por muitas mãos. E muito embora, estejamos vivendo momentos de insegurança, política, social e educacional, é possível dizer que estas outras roupagens do movimento negro têm nos mantido de pé, tem nos fortalecido.

Quando penso no Movimento Negro, em sua ação e nas maneiras como ele atuou/atua na minha vida; ainda que não tenha uma resposta plenamente acertada, consigo dizer que as ações empreendidas em meu fazer pedagógico são movidas e alimentadas por esta formação na militância. A mulher negra e a professora caminham juntas. Por vezes, o conflito entre o exigido e o necessário aparece, mas em se tratando de ser combativa, de ser efetivamente uma professora que promove uma educação antirracista, tenho ido mais ao *front*, não quero mais o silêncio, não quero mais o que está posto, aprendi a ser mais propositiva. Considerando o movimento negro um espaço com grandes estrategistas, sigo cavando as brechas, as frestas que se fazem. Esta outra educação possível⁶⁴, dá trabalho, deixa a gente às vezes cansado e triste, mas considerar fazer isto junto de outros, não diminui as questões, mas fortalece o processo. E

⁶³ O movimento negro é um educador, um ator coletivo e político que reeduca e emancipa a sociedade, a si próprio e ao Estado, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a Diáspora africana. Articulados às práticas e intervenções do Movimento Negro e sendo reeducados direta ou indiretamente por ele, também é possível encontrar, no Brasil, vozes e corpos negros anônimos que atuaram e ainda atuam na superação do racismo e na afirmação da identidade, dos valores, do trabalho, da cultura e da vida da população negra, no Brasil. São as negras e os negros em movimento: artistas, intelectuais, operários e operárias, educadoras e educadores, dentre outros, ou seja, cidadãs e cidadãos que possuem uma consciência racial afirmativa e lutam contra o racismo e pela democracia, mas não atuam necessariamente em uma entidade ou organização específica. Todos são, de alguma forma, herdeiros da sabedoria e dos ensinamentos do Movimento Negro. (Gomes, 2018, p.116).

⁶⁴ Livro Outra educação possível - Luana Tolentino. Feminismo, Anti Racismo e inclusão em sala de aula.

considerando que “Há perigo nas esquinas” e que estamos em alguma medida, à nossa própria sorte, a gente se encontra na luta.

“...Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra...”⁶⁵
(Samba Enredo Mangueira – 2019)

⁶⁵ Enredo: História Pra Ninar Gente Grande. Mangueira - Samba-Enredo 2019

9 - RECURSO DIDÁTICO

Creio que o texto apresentado já tenha dado conta de muitas proposições (formação continuada, impactos na realidade escolar, de ações pedagógicas e outros), que o Mestrado Profissional da FaE se responsabiliza em desenvolver. Para além disso tudo se faz necessário um produto/recurso didático com a intenção de que os conhecimentos construídos ao longo da pesquisa encontrem a comunidade escolar de forma mais “impactante”. Dentro das condições de pesquisa que o atual contexto proporcionou apresenta-se então, a ideia de um vídeo/texto discricional, quase uma pílula do conhecimento, onde é possível, de forma oral, expor uma síntese deste trabalho. A ideia foi gravar um vídeo de 12 a 15 minutos sobre a minha história de vida (pessoal e profissional) e os meus caminhos de pesquisa, com a intenção de sensibilizar gestores, professores, técnicos enfim, todas/os que, de alguma forma, atuam no contexto da educação básica; sobre a importância de se pensar/refletir os corpos negros nas escolas, bem como, propor ações afirmativas, transformadoras e emancipatórias, ou seja, uma política educacional antirracista.

O vídeo piloto será gravado a partir de um celular e transformado em um vídeo de plataforma digital onde poderá ser acessado a partir de link que será gerado posteriormente. Pretende-se que tal recurso faça parte de futuras reuniões/discussões no interior das secretarias educacionais e escolas públicas/particulares, sendo acessado por professores e gestores da educação básica a fim de orientar as leituras, discussões e ações a respeito do tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA URQUIZA, A. H.; CALDERONI, V. A. M. de O. A Interculturalidade Como Ferramenta Para (Des) Colonizar. *Prim Facie*, [S. l.], v. 16, n. 33, p. 01–29, 2017. DOI:10.22478/ufpb.1678-2593.2017v16n33.35658. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/primafacie/article/view/35658>> Acesso em: 8 mar. 2022.
- ALEXANDRE, Gilberto. Ôrí e as Vozes e o Olhar da Diáspora: cartografia de emoções políticas. *Cadernos Pagu* [online]. 2020, n. 60. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449202000600002>>. Epub 21 Dez 2020. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/18094449202000600002>. Acesso em 4 março 2022.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, v.8, n.1, p. 229-236. Florianópolis, 2000.
- BARBOSA, L. M. de A. MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. A Cor da Escola: imagens da Primeira República. Cuiabá: EDUFMT/Entrelinhas, 2008. *Revista de Educação Pública*, [S. l.], v. 18, n. 38, p. 587-589, 2012. DOI: 10.29286/rep. v18i38.400. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/400>>. Acesso em: 29 set. 2021.
- BARCELLOS, D. *Etnografia, Educação e Relações Raciais*. movimento-revista de educação, n. 12, 18 dez. 2013.
- BASTHI, Angélica. “Azoilda Loretto da Trindade: uma intelectual das brechas”. Disponível em: <http://www.portalafricas.com.br/v1/azoilda-loretto-da-trindade-uma-intelectual-das-brechas/> Acesso em: 15 de junho. 2021.
- BELO HORIZONTE, *Desafios da Formação: proposições curriculares ensino fundamental educação Física*, Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (2011) Belo Horizonte Secretaria Municipal de Educação, 2010.
- BELO HORIZONTE. *Proposições Curriculares Ensino Fundamental Textos Introdutórios* Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. (2010) - Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Educação – 2010.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*". 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.47.2019.tde-18062019-181514. Acesso em: 15

set 2020.

BENJAMIN, Walter. Passagens. Tradução do alemão Irene Aron; Tradução do francês BARRETO, Cleonice Paes. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!. *Civitas - Revista de Ciências Sociais* [online]. 2016, v. 16, n. 3, pp. 504-521. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.3.22915>>. ISSN 1984-7289. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.3.22915>. Acesso 17 fevereiro 2022

BERNARDINO, J; MALDONADO, N; GROSGOUEL, R (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BERND, Zilá (org). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

BINS, Gabriela Nobre. *Mojuodara: a educação física e as relações étnico-raciais na rede municipal de ensino de Porto Alegre*. 2014. 189f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2014.

BHABHA, Homi K. (1998). *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. E. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

BORGES, Roberto. *O Movimento Negro Educador*. *Educação em Revista* [online]. 2018, v. 34 192237. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698192237>>. Epub 23 nov 2018. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/0102-4698192237>. Acesso 22 fevereiro 2022.

BRASIL, Presidência da República. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acessado em: 01 ago. 2020.

BRASIL, Presidência da República. Lei nº 1.1645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira

e Indígena". Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html> . Acesso em: 04 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, 26 jun. 2014. Acesso em: 06 set. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. MEC, 1996. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 30/09/2020

CABRAL, Cléber; BORGES, Diogo. Rizoma: uma introdução aos Mil Platôs de Deleuze e Guattari. Revista Crítério. 2006. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=DELEUZE+e+GUATTARI%2C+2004%2C+p.+3233&oq=DELEUZE+e+GUATTARI%2C+2004%2C+p.+3233&aqs=chrome..69i57.1906j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, p.96 – 124.

CARVALHO, S. M. C.; PIO, P. M. A categoria da práxis em pedagogia do oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 98, n. 249, p. 428-445, maio/ago. 2017.

CORREA, Marco Aurélio. Cinemas Afro-Atlânticos: corporeidade, trabalho e musicalidade dos cinemas negros nas tessituras das redes educativas. Revista Periferia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Brasil, v. 11, n. 4, set./dez. 2019. Disponível em: < <https://publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/view/41850>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2022.

COSTA, J. B. Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. Sociedade e Estado, [S. L.], v. 30, n. 1, p. 147–163, 2015. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5955>. Acesso em: 30 out. 2021.

CONRADO, A. V. S.; MIRANDA, Joseania Freitas; ARAUJO, R. C.; OLIVEIRA, E. . capoeira Angola e seus princípios educativos. In: FREITAS, Joseania Miranda (Org.).

Uma Coleção Biográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA. 1ªed. Salvador: Edufba, v. 01, p. 213-223, 2015.

_____.; BIRIBA, R. A Roda de capoeira e sua contribuição para a identidade cultural brasileira. *Nuevamérica* (Buenos Aires), v. 1, p. 58-63, 2016.

COSTA, LUCIANO B. da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *revista digital do lav. santa maria, ufsm*. v. 7, n. 2 (maio/ago. 2014), p. 65-76, 2014.

COSTA, Thiago Augusto Pestana da. Para além da escravidão e da forçosa diáspora africana. *Contemporâneos – Revista de Artes e Humanidades*. São Paulo, Edição Especial, número, 3, Africanidades e a construção de uma Educação étnico Racial, p.42 (42 -52), Jun-Out, 2020.

CRELIER, Cátia Malaquias; SILVA Carlos Alberto Figueiredo da. Africanidade e afrobrasilidade em educação física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1307-1320, out./dez. de 2018. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/81656>. Acesso em 11 dez. 2021.

CRUZ, Eliane Almeida de Souza; ROBERT, Joanna de Ângelis. Lima. A Educação no/ do Corpo: Negro e Feminino. *Vozes, Pretérito e Devir. Dossiê Temático Gênero e diversidade*. Ano IV, Vol. VII, Nº I (2017).

da nova LDB ao Fundeb: por uma outra política educacional. Dermeval Saviani. Campinas: Autores Associados, 2007, 336 p.

DE FAVERE, J.; LUNARDI Mendes, G. M. Resenha do livro “Tremores: escritos sobre experiência”. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 416 - 421, 2016. Disponível em: < <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817352016416>. Acesso em: 20 fev. 2022.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

DIAS, Lucimar Rosa. Quantos passos já foram dados? A questão de raça nas leis educacionais – da LDB de 1961 à lei 10.639/03 de 2003. In: Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Educação do negro e outras histórias*. Brasília, SECAD/ UNESCO, 2005, p. 49- 62.

DOS SANTOS, A. P. M. T.; DOS SANTOS, M. R. Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil. *dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.]*, v. 11, n. 23, p. 157–181, 2018. DOI: 10.26563/dobras.v11i23.716. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/716>. Acesso em: 9 mar. 2022.

EVARISTO, Conceição. Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017a. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em 15 dez. 2021.

FARAH, Maria Helena Silva. O corpo na escola: mapeamentos necessários. Universidade de São Paulo, Set-Dez. 2010. Vol. 20, N°47,401-410. Disponível em <<http://www.scielo.br/Paidéia>>. Acesso em 04 de junho.2018.

FARIA, Durval Luiz de. O trickster malandro nas canções de Chico Buarque: um complexo cultural. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei, v. 14, n. 4, p. 1-11, dez. 2019. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1809-890820190>

FERNANDES, S.; BERNARDINO C. R. A Alfabetização Como Meta para a Educação de Qualidade: status quo e proposições de aprimoramento. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 11, n. 2, 30 mar. 2020.

FIGUEIREDO, Ângela. Apresentação e Comentários à Entrevista de Ochy Curiel. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 102–105, 2017. DOI: 10.9771/cgd.v3i4.25199. Disponível em:< <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/25199>. Acesso em: 25 fev. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GABANI, Michelle Suzana de Almeida; SERBENA, Carlos Augusto. Exu: um trickster solto no “terreiro” psíquico. *Revista Relegens Thréskeia*, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 52-70, jul. 2015. ISSN 2317-3688. Disponível em:< <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/42260/25690>>. Acesso em: 30 dez. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rt.v4i1.42260.00400010&lng=pt&nrm=iso>>. acessos em 30 dez. 2021.

GARANHANI, Marynelma Camargo · Naldony, Lorena de F. ... São Paulo: Cultura Acadêmica, Unesp - Pró-Reitoria de Graduação, Univesp, 2011. p. 65-74. v. 3.

GEHRES, A. F.; NEIRA, M. G. Dançar com o currículo cultural da Educação Física: histórias, imagens e performances. Recife: EDUPE, 2021

GOMES, Izaú Veras. *Negro Drama: narrativas estudantis negras, Educação Física escolar e educação étnico-racial*. 2019, 118f. Dissertação (Mestrado) Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte- MG. 2019.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a interculturalidade negra: descolonizando os currículos. In: BERNADINO C. Joaze; MALDONADO T. Nelson. Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 6/7, p. 67-82, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862>. Acesso em: 1 ago. 2021.

_____. Por uma Indignação Antirracista e Diaspórica: negritude e afrobrasilidade em tempos de Incertezas. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 10, n. 26, p. 111-124, out. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/642>>. Acesso em: 11 dez. 2021.

GONÇALVES, Luiz A. O.; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GUIMARÃES, A. S. A.; RIOS, F.; SOTERO, E. Coletivos Negros e Novas Identidades Raciais. Novos estudos CEBRAP [online]. 2020, v. 39, n. 2, pp. 309-327. Disponível em: <<https://doi.org/10.25091/s01013300202000020004>>. Epub 12 out 2020. ISSN 1980-5403. <https://doi.org/10.25091/s01013300202000020004>. Acesso 9 março 2022.

GREIVE Veiga, Cynthia. Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial. Revista Brasileira de Educação, vol. 13, núm. 39, setembro-dezembro, 2008. Acesso em 25 de janeiro 2021.

IPHAN - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Dossiê inventário para registro e salvaguarda da Capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília 2007. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=22&busca=&pagina=2>>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

JESUS, Rodrigo Edinilson de. Quem quer (pode) ser negro no Brasil? 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

KASTRUP, V. (2007) A invenção de si e do mundo. Belo Horizonte: Autêntica.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda R.; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 37, n. 1, p. 69-85, Apr. 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a05.pdf>>. Acesso em 27 de julho.2018.

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 04/09/2021.

LE BRETON, D. Antropologia da Face: alguns fragmentos. *Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho*, [S. L.], v. 1, n. 47, p. 153–169, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1517-5901.2017v1n47.36708. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/36708>. Acesso em: 30 out. 2021.

LIMA, Isabela Talita Gonçalves de; BRASILEIRO, Livia Tenório. A Cultura Afro-Brasileira e a Educação Física: um retrato da produção do conhecimento. *Movimento (Esefid/ufrgs)*, [S.L.], v. 26, p. 26022. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.93164>. Acesso 27 mar. 2020.

LISPECTOR, C. A bela e a fera ou a ferida grande demais. In: *A paixão segundo G. H.*. Edição crítica. Paris: Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe. siècle; Brasília: 1988. p. 151-157

LOPES, Luiz Paulo da Mota. Performances Identitárias. In: SIGNORINI Inês; FIAD, Raquel Salek. (Org.). *Ensino de língua das reformas, das inquietações e dos desafios*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, p. 214-216, 2012.

MARANHÃO, Fabiano. Relações étnico-raciais no contexto da Educação Física Brasileira. *Educação física escolar e relações étnico-raciais: subsídios para a implementação das leis*, v.10, n. 03, p. 59-70, 2016.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. *A Negação do Corpo Negro: representações sobre o corpo no ensino da educação física*' 01/03/2007 196 f. Mestrado em Educação e Contemporaneidade, Instituição de Ensino: Universidade do Estado da Bahia, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Luiz Henrique Dias Tavares

MENDONÇA, Samuel; VENTUROSO, Amanda Tavares. Experiência como acontecimento: a necessidade de uma nova língua para a educação em Jorge Larossa. *Conjectura: Filosofia e Educação*. Piracicaba, v. 26, n. 3, p. 151-165, set./dez. 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude – usos e sentidos*. 4ª ed. 2. reimp. Coleção Cultura Negra e Identidades, Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. *Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania*. movimento-revista de educação, n. 12, 18 dez. 2013.

NASCIMENTO, Beatriz. "Um retrato". In: RATTTS, Alex; GOMES, Bethânia (Org.). *Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015. p. 36.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. 20 de novembro. Jornal do MNU, n. 17, set-nov. de 1989, p. 12. set. 2021. Disponível em: <<http://porfalaremliberdade.blogspot.com/2016/11/20-de-novembro-poema-de-beatriz.html>>. Acesso em 30 set. 2021.

NEVES, V. F. A.; GOUVÊA, M. C. S de; CASTANHEIRA, M. L. A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas. Universidade Federal de Minas Gerais, Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 121-140, jan./abr. 2011.

NEVES, V. F. A. Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: Alguns apontamentos, Revista Anped, novembro, 2016.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Educação antirracista no município de São Paulo: análise das experiências pedagógicas na área de educação física escolar. 2019, 216f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos-SP, 2019.

_____. Por uma educação física antirracista. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, [S. l.], v. 34, n. Esp., p. 51-61, 2020. DOI: 10.11606/1807-5509202000034nesp051. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/173145>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do Nosso corpo na Educação? Notas sobre conhecimento, Processos cognitivos e currículo. In: Educ. Soc., Campinas, Vol.26, n.91, p.599-615, maio/agosto.2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 18 de junho. 2018.

NOGUEIRA, M. A. F.; DOMINGOS, João Pedro. Geração Tombamento e Mercado: a popularização do jovem negro na cultura do consumo. revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 11, n. 23, p. 157-181, 2018. DOI: 10.26563/dobras.v11i23.716. Disponível em: <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/716>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

NUNES, Valda da Costa. Educação, prazer e corporeidade a partir da análise de experiências em Filosofia para Crianças. 1999. Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Educação, UFMT. Cuiabá, MT, 1999. (Dissertação de Mestrado)

OLIVEIRA, David E. de. Cosmovisão africana no Brasil – elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. (Org). Educação do corpo na escola brasileira.

Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

OLIVEIRA, B. T. de; FERRARI, A. Quando se marca, não há volta? Revista Digital do LAV, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 098–121, 2018. DOI: 10.5902/1983734831718. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/31718>. Acesso em: 20 fev. 2022.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. Manuais de Civilidade, Modelos de Civilização. In: História em Revista. Vol. 9. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Dezembro 2003. Pp. 01-21.

PINAZZA, Mônica Appezzato; FOCHI, Paulo Sérgio. Documentação Pedagógica: observar, registrar e (re)criar significados. Revista Linhas. Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 184-199, maio/ago. 2018. Polis, 1987. Tempo Social [online]. 1991, v. 3, n. 1-2, pp. 93-107. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/ts.v3i1/2.84821>>. ISSN 1809-4554. <https://doi.org/10.1590/ts.v3i1/2.84821>. Acesso 30 dezembro 2021.

QUEIROZ, R. da S. (1991). O herói-trapaceiro: reflexões sobre a figura do trickster. *Tempo Social*, 3(1/2), 93-107. <https://doi.org/10.1590/ts.v3i1/2.84>.

QUIANGALA, Anne Caroline; RAZIA, Daniela; COSTA, Alessandra; FERREIRA, Denise. Branco não é uma cor (entrevista com Grada Kilomba). Distrito Federal: Preta, Nerd & Burning Hell, 2015.

RATTS, Alex. Eu sou Atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

REGIS, Kátia; BASÍLIO, Guilherme. Currículo e Relações Étnico-Raciais: o estado da arte. Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), Fundação Araucária e Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI/MEC). Educar em Revista [online]. 2018, v. 34, n. 69, pp. 33-60. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.57229>>. ISSN 0104-4060. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.57229>. Acesso 27 fevereiro 2022.

REIS, R. Educação Física cultural e africanidades: entre decolonialidade, Exu e encruzilhadas. 2021. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

RIBEIRO, Ivanir e Silva, Vera Lucia Gaspar da. Das materialidades da escola: o uniforme escolar. *Educação e Pesquisa* [online]. 2012, v. 38, n. 3, pp. 575-588. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022012000300003>>. Epub 03 Out 2012. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012000300003>. Acesso 12 março 2022.

RICHTER, Leonice Matilde. Movimento corporal da criança na educação infantil: expressão, comunicação e interação. 2006. 176 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em< <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13991>. Acesso em 12 março 2022.

ROCHA, Solange; SILVA, José Antônio Novaes da. À Luz da Lei 10.639/03, Avanços e Desafios: movimentos sociais negros, legislação educacional e experiências pedagógicas. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 5, n. 11, p. 55-82, out. 2013. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/189>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ROSA, Allan da. *Pedagogia, autonomia e mocambagem*. São Paulo: Pólen, 2019.

RUFINO, L. O que pode Elegbara? Filosofias do corpo e sabedorias de fresta. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, [S. l.], v. 10, p. 65–82, 2019. DOI: 10.5902/2179378639951. Disponível em:< <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39951>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SALES, C. S. de. Pensamentos da Mulher Negra na Diáspora: escrita do corpo, poesia e história. *Sankofa* (São Paulo), [S. l.], v. 5, n. 9, p. 91-110, 2012. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2012.88889. Disponível em:< <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88889>. Acesso em: 4 mar. 2022.

SANTOS, I. A.; REZENDE, T. F. Letramentos dos corpos: direitos linguísticos e existenciais das pessoas negras surdas. *Educação*, [S. l.], v. 46, n. 1, p. e104/ 1–23, 2021. DOI: 10.5902/1984644464791. Disponível em:< <https://periodicos.ufsm.br/periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/64791>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SANTOS, E.F. dos; PINTO, E. A.T.; CHIRINÉA, A. M. A Lei nº 10.639/03 e o epistemicídio: relações e embates. *Educação & Realidade* [online]. 2018, v. 43, n. 3, pp. 949-967. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623665332>>. Epub 09 abr 2018. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/2175-623665332>. Acesso em 21 de abril de 2021.

SANTOS, C. E. A música percussiva: uma experiência sociocultural dos jovens do bloco

oficina tambolelê. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação-Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2003.

SANTOS, I. A.; REZENDE, T. F. Letramentos dos corpos: direitos linguísticos e existenciais das pessoas negras surdas. *Educação*, [S. l.], v. 46, n. 1, p. e104/ 1–23, 2021. DOI: 10.5902/1984644464791. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/64791>>. Acesso em: 6 mar. 2022.

SANTOS, A. B. [Nêgo Bispo]. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: UnB, 2015.

SANTOS Jr, Renato Nogueira dos. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. In: *Revista África e Africanidades*, ano 3, n.11, nov./2010. Disponível em:< http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_02.pdf>. Acesso em: 02/set./2021.

SARMENTO, M. J. Infâncias, Tempos e Espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmento. [Entrevista concedida a Ana Cristina Cool Delgado, Fernanda Muller]. *Currículo sem Fronteiras*. Rio Grande, v.6, n.1, pp.15-24, Jan/Jun 2006.

SILVA, Maria; NOBREGA, Carolina. Virgínia Leone Bicudo e Neusa Santos Souza: professoras negras e suas valiosas trajetórias na educação. In: SILVA, Neide Cristina da; LIMA, Francisca Mônica Rodrigues de; SILVA, Maria Lúcia da (Org.). *Educação e o empoderamento da mulher negra*. São Paulo: Casa Flutuante, 2017. p. 91-107.

SILVA, M. F. G. Silva; NETO, S. S; BENITESS, L. C. A capoeira como escola de ofício, *Motriz*, Rio Claro, v.15 n.4 p.871-882, out./dez. 2009.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*. Petrópolis: Vozes. 1988.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TOLENTINO, Luana. L. D. *Outra Educação é possível: Feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

_____. *Valores Civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira*. In: BRANDA\ O, P.; TRINDADE, A. L. da. (orgs.). *Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

WERNECK, J. *O livro da saúde das mulheres: nossos passos vêm de longe!* Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2006

VITORIO, R. B. DA S. Raça, Corpo e Existência: uma leitura pós-colonial em Fanon. *Anãnsi: Revista de Filosofia*, v. 1, n. 2, p. 14-26, 30 dez. 2020.

XAVIER, Cristiane Fernanda. História e historiografia da Educação de Jovens e Adultos no Brasil - inteligibilidades, apagamentos, necessidades, possibilidades. *Revista Brasileira de História da Educação* [online]. 2019, v. 19 [Acessado 12 março 2022], e068. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e068>>. Epub 29 Jul 2019. ISSN 2238-0094. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e068>.

XXI CONBRACE - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. O Corpo Negro em Pesquisas da Educação Física. 2019, Natal. Anais eletrônicos. Campinas:Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/conbrace-2019/papers/o-corpo-negro-em-pesquisas-da-educacao-fisica>> Acesso em: 13 fev. 2022.